


DANIEL QUINN

AUTOR DO PREMIADO *ISMAEL*

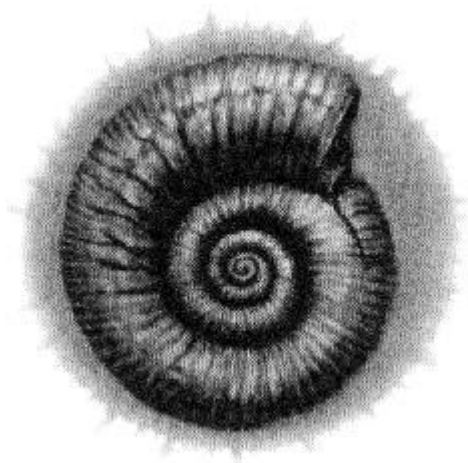


A HISTÓRIA DE B

Uma Aventura da Mente e do Espírito

 editora fundação
Peirópolis

DANIEL QUINN



**A HISTÓRIA
DE B**

Uma Aventura da Mente e do Espírito

Tradução
Dinah de Abreu Azevedo

Advertência sobre a digitalização desta obra:

Esta obra foi digitalizada devido à sua incomensurável importância para a humanidade visando proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

[Distribua este livro livremente!](#)

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

[Incentive o autor e a publicação de novas obras!](#)

Largadores Virtuais

Agradecemos e valorizamos a Editora Peirópolis pela corajosa publicação desta e demais obras do autor.

A Editora Fundação Peirópolis tem como missão contribuir na divulgação dos valores humanos e publicar livros cujos temas estejam afinados com o propósito de construir um mundo mais justo, ético e harmônico.

Se você tiver dificuldade para encontrar nossos livros em sua cidade, entre em contato diretamente com a Editora Fundação Peirópolis pelo telefone (5511) 3816 0699, fax (55 11) 3816-6718, escrevendo para a Rua Girassol, 128 — Vila Madalena CEP 05433-000, São Paulo — SP ou pelo e-mail: vendas@editorapeiropolis.com.br

Visite o *site* da Fundação Peirópolis:

www.peiropolis.org.br

E o *site* da Editora:

www.editorapeiropolis.com.br

Para aqueles que sentiram afinidade com esta obra e suas idéias poderão visitar na Internet o único site brasileiro que trata de temas aqui relacionados:

<http://www.largue.cjb.net>

ORELHA DO LIVRO:

“As pessoas estão *lhe dando ouvidos*, Jared. É *isso* que o torna perigoso”.

Assim começa a missão do padre Jared Osborne na Europa, onde deve encontrar um pregador peripatético cuja mensagem radical está atraindo um número crescente de seguidores.

O padre Osborne tem a obrigação moral de cumprir uma missão secreta de sua ordem religiosa: saber antes de todos os outros se o Anticristo está entre nós — e tentar destruí-lo e eliminá-lo. A cada cinquenta anos mais ou menos, um novo candidato aparece e é investigado.

O alvo da investigação de Osborne é um norte-americano conhecido por seus seguidores somente por B. Ele não está ensinando meditação, nem culto à deusa, cura pela fé ou espiritualidade da Nova Era. Não está a fim de ganhar dinheiro, nem de constituir um grupo de seguidores fanáticos. Em vez disso,

está revelando discretamente a história oculta do nosso planeta, redefinindo a decadência do homem e redesenhando o caminho da espiritualidade humana.

Osborne segue a pista fugidia de B, desde Salzburgo até um cabaré existencialista em Munique, e depois a um retiro iluminado a velas no porão de um teatro decadente, onde se encontra pela primeira vez com o misterioso B e com Shirin, sua fascinante colega. Desde o começo, Osborne fica chocado, enfurecido e espantado com a originalidade e o poder dos ensinamentos de B. Será que B não passa de um herege — ou será o Anticristo enviado para seduzir a humanidade, não com o mal, mas com idéias mais atraentes que as da religião tradicional? Pressionado por seus superiores a dar sua opinião, Osborne é levado a penetrar no círculo mais íntimo de B. Ali, como discípulo eleito, ele logo se surpreende como um colaborador angustiado no desmantelamento de suas próprias convicções religiosas.

A História de B combina as idéias provocantes e visionárias de Daniel Quinn com uma história magistral de aventura e suspense que vai prender sua atenção até a última página. Uma seção especial reúne os controvertidos ensinamentos públicos de B, uma leitura fascinante para toda pessoa interessada no futuro do nosso mundo — e na sobrevivência da humanidade.

O Autor

Daniel Quinn nasceu em Omaha, Nebraska, em 1935. Estudou na Universidade de St. Louis, na Universidade de Viena e na Universidade Loyola de Chicago. Em 1975, Quinn abandonou uma longa carreira de editor para tornar-se *escritor free lance*.

A primeira versão do livro que veio a ser *Ismael* — seu livro premiado — foi escrita em 1977. Seguiram-se seis outras versões até o livro encontrar sua forma final, como ficção, em 1990. Quinn passou a aprofundar as origens e experiências de Ismael numa autobiografia altamente inovadora, com o título: *Providence — The Story of a Fifty Year Vision Quest*.

A respeito de sua nova obra de ficção, Quinn escreveu: “Durante anos, preocupei-me com a possibilidade de jamais igualar — muito menos ultrapassar — o que consegui em *Ismael*. Essa dúvida apagou-se, para mim, com *A História de B*. Ismael certamente aprovaria esse livro”.



“Um interessante relato sobre o ser humano, capaz de desfazer, abismar, chocar e nos fazer rever tudo o que aprendemos e presumimos sobre a civilização ocidental e o nosso futuro”.

Paul Hawken, autor de *The Ecology of Commerce*

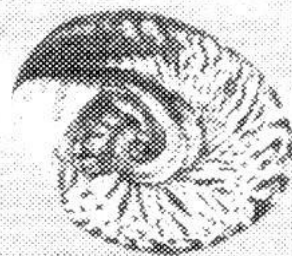
“Um dos mais importantes contadores de histórias de nossa época, Daniel Quinn, em *A História de B*, continua a deslumbrante jornada que iniciou com *Ismael*”.

Peter M. Senge, autor de *The Fifth Discipline*

*Para Goody Cable e,
Evidentemente, Rennie, sempre.*

*Quando a pessoa não sabe que não vê,
Não sabe que é cega.
- Paul Veyne*

parte
UM



Sexta-feira, 10 de maio

Um diário

Hoje entrei numa loja e comprei um caderno — exatamente este caderno em que estou escrevendo. Um acontecimento e tanto!

Nunca tive (e nunca tive vontade de ter) diário nenhum e nem estou *certo* de que vou manter este aqui, mas achei que seria melhor tentar. Acho um negócio estranho porque, embora eu esteja supostamente escrevendo só para mim, sinto-me impelido a explicar quem sou e o que estou fazendo aqui. Isso me faz imaginar que todos os que escrevem diários não estão de fato escrevendo para si, mas para a posteridade.

Pergunto-me se existe alguma criança, seja ela de onde for, que nunca tenha, em algum estágio do despertar da consciência, incorporado a seu endereço “O Mundo” e “O Universo”. Como já fiz isso (há quase três décadas), começo este diário escrevendo:

Sou Jared Osborne, sacerdote, assistente da paróquia de St. Edward, ordenado padre pela Ordem de São Lourenço, Igreja Católica Romana. Depois de escrever isso, sinto-me obrigado a acrescentar: não um padre muito bom. (Caramba, esse negócio de diário é quentíssimo! Essas são palavras que nunca ousei murmurar, nem para mim!). Sem examinar a lógica disso mais atentamente, posso dizer que é precisamente *porque* não sou um padre muito bom é que sinto necessidade de começar este diário a essa altura de minha vida.

Ótimo. É exatamente aqui que tenho de começar. Antes de passar para qualquer outra coisa, tenho de pôr aqui, preto no branco, quem sou e como

cheguei aqui, embora dê graças a Deus por não ter de voltar até a minha infância ou algo do gênero. Só tenho de voltar o suficiente para entender como foi que me envolvi com uma das investigações mais estranhas dos tempos modernos.

Descrição do recrutamento: por que sou Laurenciano

Devido a uma longa tradição, nós, os laurencianos, temos sido definidos em termos da nossa diferença em relação aos jesuítas. Alguns historiadores dizem que não somos tão ruins quanto eles, alguns dizem que somos piores e alguns dizem que a única diferença entre nós é que eles têm instinto mais apurado para as relações públicas. Ambas as ordens foram fundadas mais ou menos na mesma época para combater a Reforma e, quando perdemos essa batalha (ou pelo menos quando ela acabou), ambas as ordens se redefiniram como educadores de elite. E de onde vêm os jesuitazinhos e os laurencianinhos? Os noviços jesuítas vêm de escolas jesuítas e os noviços laurencianos vêm de escolas laurencianas.

Entrei para a ordem dos laurencianos depois de cursar a St. Jerome's University, o berço intelectual da ordem nos Estados Unidos. Isso explica por que me tornei laurenciano, mas, evidentemente, não explica por que me tornei padre. Tudo quanto posso dizer sobre esse ponto neste exato momento é que as razões que apresentei quando tinha meus vinte e poucos anos não me parecem mais muito persuasivas.

O importante a notar aqui é que, antes de me firmar na universidade, achavam que eu tinha um futuro muito promissor. Esperava-se que eu viesse a ser mais uma jóia da coroa — mas, na época do pós-doutorado, eu era visto como um diamante falso — muito brilhante, mas puro vidro. Fui uma grande

decepção para todos, sobretudo para mim, é claro. Meus superiores foram tão corretos quanto puderam nessa questão. Eu nunca ia ser convidado para cursar a St. Jerome's ou qualquer outra das universidades da ordem, mas eles se prontificaram a conseguir um lugar para mim em uma de suas escolas preparatórias. Se eu não me importasse de ser humilhado desse jeito, poderia ser emprestado à diocese para trabalhar nas trincheiras paroquiais. Preferi a segunda alternativa e foi por isso que acabei na St. Ed.

Eu disse que não sou um padre muito bom. Suponho que isso seja um pouco como um cavalo que puxa carroça dizer que não é um cavalo muito bom porque esperavam que ele vencesse corridas, mas não teve êxito. A verdade nua e crua é que você não *tem de* ser um padre muito bom para ter êxito no nível paroquial. Essa observação não é tão cínica quanto parece — afinal de contas, o padre é só um mediador da graça, não a fonte da graça. Claro, você tem de ser equilibrado, paciente e tolerante com as fraquezas humanas (que são muitas), mas ninguém espera que você seja um São Paulo ou um São Francisco, e um sacramento que lhe vem das mãos de um rematado suíno tem exatamente a mesma eficácia daquele que lhe vem das mãos de um modelo de perfeição. Do jeito que as coisas estão hoje em dia, você vai ser considerado um tesouro fantástico se não se transformar num molestador de crianças ou num bêbado notório.

O padre Lulfre

Há seis dias recebi um bilhete educado do secretário do reitor perguntando se eu poderia ter a bondade de me apresentar na próxima quarta-feira (anteontem) no escritório do padre Bernard Lulfre às três horas da tarde. Pois bem, *isso* era interessante.

Querido Diário, sou capaz de apostar que você não sabe quem é esse Bernard Lulfre e, por isso, vou ter de lhe explicar. Em resumo, Pierre Teilhard de Chardin foi o superastro dos jesuítas, e Bernard Lulfre é o nosso. Teilhard de Chardin era geólogo e paleontólogo, e Bernard Lulfre é arqueólogo e psiquiatra. A diferença, muito típica, é que Teilhard de Chardin tem fama mundial, ao passo que Bernard Lulfre é conhecido por dez pessoas (mas são nomes como Karl Popper, Marshall McLuhan, Roland Barthes, Noam Chomsky e Jacques Derrida). Não importa. Para aqueles que respiram o ar rarefeito dos Alpes acadêmicos, Bernard Lulfre é um peso pesado.

Quando fazia o curso de graduação na St. Jerome, escrevi uma dissertação afirmando que, embora a crença na vida após a morte possa ter levado à prática de enterrar os mortos com seus pertences, é igualmente plausível supor que a prática de enterrar os mortos com seus pertences tenha levado a uma crença na vida após a morte. Um professor do curso enviou meu trabalho para Bernard Lulfre, achando que poderia ser publicado em uma das revistas com as quais o padre tinha contato. É claro que não foi publicado, mas chamou a atenção do grande homem sobre mim e, durante algum tempo, fui apresentado como um jovem promissor na hora do chá da faculdade. Quando comecei o noviciado, um ano depois, alguns imaginavam que eu era uma espécie de *protégé*, um equívoco que eu bobamente não procurei desfazer. O padre Lulfre talvez tenha acompanhado meus progressos nos anos que se seguiram, mas, se acompanhou realmente, foi a uma distância muito grande e, quando minha carreira acadêmica começou a tropeçar, essa distância começou a ser vista (com a mesma capacidade de imaginação) como uma retirada.

Nos cinco anos que se passaram desde minha ordenação até aquele convite educado chegar do escritório do reitor, não tive notícias dele nem uma única vez (e não esperava ter). Eu estava curioso, é claro, mas não chegava a ficar

exatamente sem fôlego. Ele não ia se oferecer para me mandar ao baile numa carruagem puxada por quatro cavalos. Provavelmente ia me pedir um favorzinho qualquer. Talvez algumas pessoas da St. Jerome quisessem saber algo a respeito de alguém da St. Ed e pensaram: “Por que não pedimos ao padre Lulfre que entre em contato com aquele jovem padre Osborne que trabalha lá?” Ninguém hesitaria em me pedir que fizesse uma espionagemzinha para a ordem se houvesse necessidade de espionar. Tivemos nossa própria rede de espionagem durante séculos e não pense que ela tenha sido um pouquinho que seja menos respeitável do que a rede do MI16 ou da CIA. (Temos muito orgulho de nossas intrigas — de uma forma discreta, evidentemente. Durante as últimas décadas do reinado de Elizabeth, por exemplo, o nosso “English College” em Rheims infiltrou dezenas de padres espiões na Inglaterra para manter vivo o espírito de insurreição entre os católicos ingleses. A nossa maior proeza ocorreu em 1773, quando o papa Clemente XIV estava tendo alguns escrúpulos para destruir seus velhos amigos, os jesuítas; foi um dos nossos que lhe mostrou como vender sua consciência melindrosa e conseguir que a tarefa fosse levada a bom termo.) Afinal de contas, a ordem é nossa pátria e era considerado ponto pacífico que, mesmo no exílio, eu nunca permitiria que um reles interesse diocesano ou paroquial suplantasse minha lealdade para com ela. Por outro lado, se fosse uma coisa tão simples como essa, um telefonema teria sido suficiente. Quanto mais eu pensava no problema, tanto mais intrigado ficava.

No escritório do padre Lulfre

Nada mudara no escritório do padre Lulfre desde que eu o visitara havia dez anos: ficava do mesmo lado do mesmo andar do mesmo edifício. O padre

Lulfre também não mudara: 1,98 metro de altura, largo como uma porta, com uma cabeça maciça de traços grosseiros que poderia pertencer a um estivador ou a um caminhoneiro. Homens como ele não mudam muito até chegarem a uma idade como setenta ou oitenta, quando então desmoronam da noite para o dia e partem desta para melhor.

Já conheci um número suficiente de homens brilhantes para saber que eles raramente são brilhantes o tempo todo, e o padre Lulfre não era exceção. Cumprimentou-me com uma cordialidade pouco convincente, disse um pouco de trivialidades e parecia disposto a fazer rodeios durante horas a fio. Infelizmente, eu não estava com vontade de colaborar com ele nessa tarefa e, depois de cinco minutos, fez-se um silêncio constrangedor.

Com o ar inconfundível de alguém que está segurando o rojão, ele disse:

— Gostaria que soubesse, Jared, que há muitos homens na ordem que sabem que você é capaz de fazer mais do que lhe têm pedido para fazer.

Grande coisa, tive vontade de dizer, mas não disse. Murmurei alguma coisa no sentido de que eu estava feliz por ouvir isso, mas duvido que tenha conseguido eliminar inteiramente o tom de ironia da minha voz.

O padre Lulfre suspirou, percebendo, evidentemente, que ainda estava segurando aquele rojão. Resolvendo dar-lhe uma trégua, eu disse:

— Se tiver outra missão para mim, padre, certamente não precisa relutar em propô-la. Tem aqui um ouvinte atento.

— Obrigado, Jared, sou-lhe grato por isso — disse ele, mas ainda parecia hesitar em continuar. Por fim, disse, com uma certa formalidade, como se não esperasse que eu acreditasse nele: — Você se lembra da missão especial da nossa ordem.

Por um momento, encarei-o confuso. Depois, me lembrei dela, claro.

A missão acerca do Anticristo.

A “missão especial”

Todo noviço, ao estudar a história dos laurencianos, descobre que a declaração de princípios da nossa ordem inclui uma missão muito especial em relação ao Anticristo, que nos aconselha a estar na vanguarda da vigilância. Devemos saber, antes de todos, que o Anticristo está entre nós — e devemos suprimi-lo ou destruí-lo, caso essa tarefa se mostre possível.

Na época em que a missão foi redigida, era ponto pacífico, evidentemente, que a identidade do Anticristo era uma questão assente: era Lutero e sua horda infernal. À medida que esse critério seguro foi se tornando confuso, os laurencianos começaram a discutir entre si os meios pelos quais a missão devia ser concretizada. Se tínhamos de manter a vigilância, em *relação a que* seria? Em meados do século XVII, todos os habitantes da Europa haviam ouvido falar de tanta gente acusada de ser o Anticristo, que estavam absolutamente fartos daquela história toda e a especulação desse fato tornou-se mais ou menos o que é hoje, o domínio de excêntricos ou maníacos religiosos — exceto entre os laurencianos, que desenvolveram discretamente sua própria teologia (e não sancionada) a respeito do Anticristo.

O Anticristo chegou até nós a partir de uma profecia de João, que escreveu em sua primeira carta: “Filhos, é a hora final. Disseram-lhes que o Anticristo está chegando e agora não um, mas uma multidão de Anticristos apareceu, de modo que não pode mais haver dúvidas de que a hora final chegou”. Como essa “hora final” não chegou durante a vida dos contemporâneos de João, os cristãos de cada geração que lhe sucedeu procuraram os sinais do Anticristo em sua própria época. No começo, procuravam perseguidores da Igreja, principalmente Nero, que se esperava que voltasse de entre os mortos para continuar sua guerra contra Cristo. Quando a perseguição romana se tornou

coisa do passado, o Anticristo degenerou numa espécie de monstro folclórico, um bicho papão imenso, de olhos raiados de sangue, orelhas de burro e dentes de ferro. À medida que a Idade Média foi acabando e um número cada vez maior de pessoas passou a sentir repugnância pela corrupção eclesiástica, o próprio papado começou a ser identificado com o Anticristo. Por fim, papas e reformadores passaram um século desancando uns aos outros com palavrões. Quando os laurencianos, com sua missão especial, principiaram a repensar a questão nos séculos que se seguiram, refizeram todo o caminho até as origens e levaram em conta o fato de que as profecias raramente são previsões literais de eventos futuros. Muitas vezes não são sequer reconhecidas como profecias, enquanto não se realizam. Existem numerosos exemplos disso no Novo Testamento, em que os eventos da vida de Jesus são descritos como realizações de antigas profecias que não eram necessariamente consideradas profecias por aqueles que as enunciaram. Os teólogos laurencianos raciocinaram assim: se as profecias sobre Cristo têm de esperar sua realização para serem compreendidas, por que isso não se daria também com as profecias sobre o Anticristo? Em outras palavras, não temos realmente como saber o que João estava falando até que aconteça de fato, de modo que é quase certo que o Anticristo seja diferente de qualquer coisa que imaginamos.

Se alguém lhe disser que Sadam Hussein é o Anticristo (e ele de fato tem sido forte candidato a essa honraria), você vai estar absolutamente certo se começar a rir. O Anticristo não será um tipo pior que Hitler ou Stalin, porque pior que eles é ser apenas a mesma coisa num grau maior — sessenta milhões de mortos em vez de seis milhões. Se você pretende ficar em guarda contra o Anticristo e não apenas contra um vilão comum tem de ficar em guarda contra alguém que representa uma ordem inteiramente nova de periculosidade.

E esse era o estado de coisas no final do segundo milênio. Mas não

exatamente. Esse é somente o mundo “oficial”, e a impressão que você tem ao tomar conhecimento dele durante o noviciado laurenciano é que esse negócio de Anticristo é letra morta e tem sido assim há quase dois séculos.

O que eu fiquei sabendo então pelo padre Lulfre era que essa impressão é falsa, engendrada nos noviços como política deliberada, principalmente para evitar rumores que poderiam acabar como uma história constrangedora na imprensa sensacionalista. Essa política funciona. Entre os rústicos da ordem, a questão do Anticristo nunca vem à tona. Entretanto, nos níveis da cúpula, uma vigilância discreta ainda é mantida. Muito ocasionalmente — talvez uma vez a cada cinquenta anos — aparece um indivíduo inquietante, e alguém da ordem é mandado para dar uma olhada.

Alguém como eu. Alguém *exatamente* como eu.

O candidato

O candidato era Charles Atterley, um americano de quarenta anos, uma espécie de pregador itinerante que andara circulando pelas regiões centrais da Europa durante uma década, reunindo um grupo grande, mas desorganizado de seguidores, que parecia desafiar todo e qualquer sentido ou critério demográfico. Ele era composto de jovens e velhos, e de todas as outras idades intermediárias, homens e mulheres em números aproximadamente iguais, em sua maior parte cristãos e judeus, sacerdotes de uma dúzia de religiões diferentes (até mesmo católicos romanos), ateus, humanistas, rabinos, budistas, ambientalistas radicais, capitalistas e socialistas, defensores da lei e anarquistas, liberais e conservadores. Os únicos grupos notoriamente sem representação naquela massa eram os *skinheads*, os beatos que queriam pregar suas próprias convicções cristãs e os marxistas contumazes.

A mensagem de Atterley parecia difícil de resumir e era caracterizada de maneira típica como “algo que vira a cabeça” por aqueles que tinham uma impressão favorável dela e como “incompreensível” por aqueles a quem desagradava. Eu disse ao padre Lulfre que não entendia o que é que o tornava tão perigoso.

— O que o torna tão perigoso — disse ele — é o fato de que ninguém consegue identificá-lo, nem ele, nem seu produto. Ele não está vendendo meditação ou satanismo, ou o culto à deusa, ou a cura pela fé, espiritismo ou umbanda, nem falando várias línguas ou qualquer tipo de sandice da Nova Era. Aparentemente, não está ganhando dinheiro nenhum — e isso é inquietante. Você sempre sabe quem é uma pessoa quando ela está nadando em dinheiro. Atterley não é mais um exemplar de um modelo conhecido, como David Koresh, o reverendo Moon, Madame Blavatsky ou Uri Geller. Na verdade, sua aparência e modo de vida lembram mais Jesus de Nazaré do que qualquer outro, e isso também é inquietante.

Inquietante, eu entendo — disse eu. — Perigoso, não.

— As pessoas estão *lhe dando ouvidos, Jared*, possivelmente a algo bem novo. É *isso* que o torna perigoso.

Isso eu conseguia entender.

Qualquer pessoa que pense que a igreja está aberta a idéias novas vive no mundo da lua.

O serviço

Atterley estava em Salzburgo, disse o padre Lulfre. Eu devia ir até lá ouvir, observar, não me envolver e voltar para contar tudo. Quando perguntei quem seria o meu contato europeu, a resposta foi que não havia nenhum. Eu não

devia contatar ninguém da ordem, em hipótese nenhuma. Viajaria com meu próprio nome, sem fazer segredo de minha condição de padre, mas também sem fazer alarde dela. Viajaria à paisana, como se estivesse de férias.

— Por que um europeu não trata disso? — perguntei.

— Porque Atterley é americano.

— Mas ele está pregando para europeus.

— Não seja ingênuo, Jared. A Europa é só um ensaio. Seja o que for que os Estados Unidos tenham perdido nas três ou quatro últimas décadas, ainda dita a moda para o mundo todo, e nada vai dar certo em lugar nenhum se não der certo aqui primeiro. Atterley sabe disso, se é que tem metade da inteligência que as pessoas acham que ele tem, e, quando estiver preparado para nos enfrentar, vai estar aqui, pode apostar. E é por isso que você está indo para a Europa: queremos estar prontos para enfrentá-lo antes de ele estar preparado para nos enfrentar.

— O senhor parece levá-lo muito a sério.

O padre Lulfre deu de ombros.

— Se não o levarmos a sério, não conseguiremos pegá-lo.

Depois de discutir alguns assuntos mundanos, como agências de viagem e cartões de crédito, levantei-me para ir embora, com uma questão difícil na cabeça fazendo-me arrastar os pés. À porta, eu finalmente a deixei vir à tona:

— E o que vai acontecer depois? Quero dizer, comigo.

Ele ficou ruminando a pergunta durante algum tempo; depois, me perguntou o que eu *gostaria* que acontecesse.

— Não sei — disse eu. — Se acha que estou sendo desperdiçado na St. Ed, que projeto tem para mim? O senhor acha que eu voltaria e me desgastaria mais um pouco?

— A sua pergunta é procedente — disse ele, como se eu já não soubesse

disso. Não tenho nenhum projeto desse tipo, mas acho que está implícito que isso significa o começo de algo novo para você.

— Preferia que fosse algo explícito, padre Lulfre.

— Eu já o explicitarei, Jared. Não basta?

Eu não teria me importado de ouvir a questão explicitada por algumas outras pessoas, mas ele não se ofereceu para me conseguir esse tipo de coisa e eu não queria ser grosseiro a esse respeito, por isso respondi: “Claro”.

O fim do começo

Isso aconteceu anteontem. Ontem e hoje passei cancelando compromissos, redistribuindo minhas obrigações na St. Ed, tomando providências para viajar e começando este diário. Há mais uma coisa na minha cabeça que eu devia pôr aqui (talvez um monte), mas não sei muito bem o que é e não vou ter tempo de descobrir o que é enquanto não estiver no avião para atravessar o Atlântico.

Terça-feira, 14 de maio

Salzburgo

Se um mestre da espionagem de Len Deighton ou John Le Carré mandar você dar uma olhada num sujeito em Salzburgo, pode apostar que o sujeito vai ser encontrado em Salzburgo. Os mestres da espionagem da vida real não são tão infalíveis assim. Charles Atterley não está em Salzburgo. Tanto quanto consegui descobrir em dois dias, ele *nunca* esteve aqui e não *se espera* que venha a estar. Na verdade, ninguém nunca ouviu falar dele.

Mas Salzburgo é muito linda e impregnada do Charme do Velho Mundo, e seus habitantes me disseram muitas e muitas vezes: “É provável que seu amigo esteja à sua espera em Munique”. Dão a impressão de que Munique tem sólidas relações com amigos americanos que se extraviam e vão parar em Salzburgo, e um deles deve ser o meu.

Posso muito bem ir lá para verificar.

Quinta-feira, 16 de maio

Munique

Não consegui descobrir nenhuma pista de Atterley aqui e estou começando a me sentir uma besta. Não vim à Europa preparado para bancar o detetive e não dei nenhuma “dentro” em parte alguma.

Mas descobri uma amável bibliotecária que tinha um computador, e ela dedicou meia hora ao problema, mas você não pode ser muito criativo quando não acerta nenhum número na loteria. Que você faz depois de checar todos os arquivos de jornais desde o *Beer Hall Putsch?**. Faz perguntas ao *concierge****, suponho. O *concierge* sabe tudo. Mas que você faz depois que o *concierge* o observa com um olhar vago?

Suponho que deva telefonar para o padre Lulfre e conferir as coisas com ele, mas essa idéia não me atrai.

Até agora me comportei compulsivamente (embora essa talvez não seja a palavra que esteja procurando). Tenho agido como se pudesse encontrar Charles Atterley graças a uma determinação absoluta, interminável. Essa estratégia não funcionou nem um pouco e procurar levá-la a cabo deixou sentindo-me ridículo e incompetente

Os fatos são os seguintes: não me deram nenhum prazo, nenhuma urgência especial está ligada à minha missão e não tenho a menor idéia do que fazer a seguir. Portanto (portanto!), eu bem que poderia relaxar e me deixar levar pela correnteza durante algum tempo.

Adieu.

Um convite

Saí para dar uma caminhada.

Não sou, na verdade, um viajante intrépido. Como estava dizendo, saí para dar uma caminhada nas proximidades do hotel em que estava hospedado e olhar as vitrines das lojas. Parei aqui e ali para apreciar um cardápio na vitrine de um restaurante como se entendesse o que algum deles dizia. Passei assim uma hora, desperdiçada como se eu fosse um vagabundo despreocupado. Voltei furtivamente ao hotel e fiquei fazendo hora perto do balcão, com a esperança absurda de que alguém me dissesse que chegara um recado durante minha ausência. Finalmente, perdidas todas as esperanças, dirigi-me discretamente ao bar, sentei-me a uma mesa e pedi uma cerveja. Depois de alguns minutos, o *barman* trouxe um pratinho de amendoins salgados e disse que o cavalheiro que estava ao balcão havia perguntado se eu era americano e, se fosse, será que eu me oporia a que ele se sentasse à minha mesa?

O cavalheiro que estava ao balcão era um sujeito magro e de olhos brilhantes, de seus sessenta anos, europeu, a julgar pelo seu velho, mas muito respeitável terno. Perguntei-me por que ele queria se sentar à minha mesa se eu fosse americano, mas provavelmente não queria se eu não fosse, mas fiz-lhe um sinal de assentimento com a cabeça, junto com um sorriso de boas-vindas; ele trouxe seu drinque e sentou-se, depois de se apresentar com uma formalidade tectônica. Eu estava preparado para lhe mostrar uma certa simpatia e lhe dar algumas sugestões, mas Her Reichmann não precisou de muita conversa para me fazer falar a respeito da minha procura por um homem chamado Charles Atterley (embora, claro, nenhuma sílaba da palavra *Anticristo* tenha saído dos meus lábios). Eu havia inventado uma história trivial, mas aparentemente adequada, para acobertar e explicar o meu

interesse: um escritor *freelance* investigando um homem que dizem estar liderando um novo movimento religioso.

— Um novo movimento religioso? — indagou Herr Reichmann com uma incredulidade divertida. — Sabe, nós, europeus, não somos tão ingênuos quanto vocês americanos, com seus anjos e seus cristais mágicos.

— Exatamente por isso — repliquei afavelmente. — É exatamente por isso que Atterley parece tão importante.

Conversamos educadamente sobre amenidades durante alguns minutos; então, Reichmann parou e ficou olhando pensativamente para um canto distante da sala.

— Posso colocar você em contato com alguém muito mais importante do que esse Atterley — disse ele. — E é possível que um membro do círculo dele tenha condições de lhe dar informações.

— Eu lhe seria eternamente grato por isso — disse eu, sério.

Ele escreveu um nome no descanso do copo de cerveja e passou-o para mim.

— Der Bau, às nove da noite. O *concierge* pode lhe dizer como chegar lá.

Ele se levantou e começou a se afastar, mas virou-se de repente e inclinou-se para se despedir.

— Peça-lhe que faça um mapa — disse ele.

Alguns minutos depois levei obedientemente o descanso do copo de cerveja para o *concierge* e lhe pedi que me fizesse um mapa. Ele achou o mapa desnecessário, mas me fez um com má vontade, quando insisti. Perguntei-lhe o que era um *Bau*.

— *Bau* é um túnel — disse ele e, depois de pensar um minuto, corrigiu-se: — Não, não é bem isso. Um *Bau* é como... como um esconderijo subterrâneo.

— Uma catacumba?

- Não, um esconderijo de bicho.
- Uma toca?
- Isso. Uma toca.

Na toca

Não consigo imaginar a existência de um lugar como Der Bau em alguma parte do Novo Mundo, embora possa haver lugares criados para se parecerem com ele. Quando foi construído, não muito longe de Karlstor, em cerca de 1330, era a adega do palácio de um nobre. O nível das ruas que circundavam o palácio subiu com o passar dos séculos, transformando aos poucos o andar térreo numa adega e a adega original numa adega que ficava num andar mais baixo que a oficial. Durante a Segunda Guerra Mundial, a adega do subsolo guardou tesouros das igrejas e museus próximos. O palácio permaneceu em ruínas até 1958, quando foi demolido e substituído por um edifício comercial. A adega do subsolo foi preservada como Der Bau, um cabaré de linhas clássicas, mais um laboratório de experimentos artísticos e intelectuais de embriaguez do que um local de entretenimento popular. Chegava-se a ele passando pelo saguão do novo edifício e por uma escada de caracol que parecia descer às entranhas da Terra.

Na entrada, uma jovem cordial tentou me convencer de que eu havia ido ao lugar errado e de que me divertiria muito mais se fosse para qualquer outro lugar de Munique. Insisti em que sabia onde estava e que havia sido especialmente convidado para a apresentação daquela noite. O nome Reichmann não lhe causou impressão nenhuma, mas ela me deixou passar com o maior entusiasmo quando percebeu que eu não ia desistir.

A sala propriamente dita era, claro, abissalmente escura, mas, felizmente,

sem o toque boêmio habitual das mesas iluminadas por velas. O teto, de surpreendentes cinco ou seis metros de altura, pululava de luzinhas minúsculas, naquele momento tão amortecidas que pareciam quase apagadas, mas eram capazes de produzir o esplendor do meio-dia. Era difícil avaliar o tamanho da sala, pois seus limites desapareciam na penumbra, mas provavelmente não tinha mais de trinta metros quadrados.

Um palco circular baixo girava lentamente no centro da sala sob um toldo fixo de quatro lados, formado por telas de vídeo. No centro do palco havia uma espécie de atril combinado com um teclado de computador. Fui em frente Tateando, até encontrar um lugar numa mesa pouco maior que meu caderno de anotações. Um dos motivos do meu sucesso inicial na vida acadêmica era a capacidade de ouvir uma palestra ao mesmo tempo em que a taquigrafava na íntegra. Aperfeiçoei a tal ponto esse truque que conseguia taquigrafar no escuro (como eu teria de fazer esta noite), sem pensar no que estava fazendo. Mas, depois de fazer os preparativos, ocorreu-me de súbito perguntar a mim mesmo se eu não estaria perdendo tempo. Herr Reichmann não me dera nenhum indício de que a palestra desta noite seria em inglês. Na verdade, por que haveria de ser? Olhei à minha volta procurando alguém a quem perguntar, mas logo descobri que não me importava revelar que era tolo o bastante para assistir a uma palestra numa língua que eu não entendia. Pelo amor de Deus, eu não sabia nem mesmo o nome do orador!

Esses pensamentos inquietantes foram abruptamente interrompidos quando as luzes debaixo do toldo se intensificaram, indicando a chegada do homem — a chegada de um homem e de uma mulher, como descobri. Eles subiram ao palco, o homem tomou seu lugar no atril e ligou o teclado. Enquanto trabalhava na mesa com uma concentração silenciosa, esquecido do público, lembrou-me uma grande ave de rapina, com seu terno preto, os olhos

penetrantes e o nariz adunco. Também me lembrou uma gárgula, com seus grandes malares e a boca larga, e um gângster parisiense desengonçado que conheci certa vez num coquetel, que citava Agostinho e Schopenhauer e mostrava no rosto as sombras de um passado terrível. Ele parecia ter quarenta e poucos anos.

A mulher — alta, de constituição atlética, de uns trinta e poucos anos — ocupou um lugar do outro lado do palco, de frente para o público. Usava *jeans* enfiados dentro das botas, camisa de seda preta e jaqueta de couro cru amarelo-castanho que combinava com a cor dos cabelos, puxados para trás num rabo-de-cavalo, e olhava solenemente para a multidão. Quando o palco giratório a trouxe lentamente para o lado da sala onde eu estava, notei uma tatuagem extraordinária no rosto — uma borboleta vermelha. Por causa de sua constituição rija e dos traços exóticos, tive certeza de que um dos pais ou avós lhe deixara de herança uma infusão da África, da Ásia ou da América pré-colombiana.

De repente, as telas de vídeo estalaram dando à luz o título:

O GRANDE ESQUECIMENTO

O homem esperou por um momento que o público olhasse a tela e depois começou a falar (1). Senti os olhos da mulher nos meus quando ela também começou a falar... por sinais.

Quase a partir das primeiras palavras que saíram de sua boca, eu sabia que seria enganado — misteriosa e gratuitamente. Ele só poderia ser Charles Atterley. Eu não chegava a essa conclusão por causa de nenhum processo rigorosamente lógico, embora a lógica certamente tivesse uma parte nisso. Não havia sombra de dúvida de que ele era americano. Era o que bastava. Não

era possível que dois oradores dos Estados Unidos pudessem estar disseminando idéias incendiárias na Europa central ao mesmo tempo.

Parece-me estranho agora, depois do acontecido, que essa revelação me tivesse perturbado tanto. Eu simplesmente não conseguia entender por que Herr Reichmann se dera ao trabalho de me induzir ao erro. Isso parecia completamente sem sentido, e era essa falta de sentido que me atordoava. Felizmente, meu aprendizado não me decepcionou. Mesmo que o cérebro ficasse bloqueado, a mão continuaria trabalhando. As palavras de Atterley avançavam pela página como que despertadas pela magia, como se tivessem sido escritas com tinta invisível e estivessem aparecendo no papel devido à atividade de minha caneta. Percebi que estava olhando para minha mão quando ela parou de repente — porque Atterley havia parado. Levantei os olhos e vi um novo conjunto de palavras formando-se na tela:

EM VERDADE VOS DIGO...
MUITAS E MUITAS E MUITAS VEZES

Por um motivo qualquer, isso conseguiu me arrancar do transe. Eu tinha perdido os quatro ou cinco primeiros minutos da palestra de Atterley, mas, evidentemente, não por completo. Os minutos estavam ali como uma espécie de eco que eu era capaz de fazer voltar e ouvir de novo para recuperar a essência de sua mensagem.

Atterley estava falando sobre questões que diziam respeito à minha vida intimamente e mais intimamente ainda a respeito de meu trabalho — e não gostei do que ouvi. Não porque não fosse verdade, mas exatamente pela razão oposta: porque era verdade e eu não a tinha percebido. Ele estava fazendo observações argutas sobre fenômenos que eu testemunhara mil vezes e aos

quais nunca havia prestado atenção. Eu estava vivendo como um cavalo que dá a volta olímpica em Ascot: o cavalo não fica nem um pouco impressionado quando recebe a visita do rei, não por ser republicano, mas só por ser uma besta.

Tudo o que Atterley estava falando era óbvio e tudo o que estava falando era novo. Isso tornava as coisas enlouquecedoras, porque o que é óbvio deve ser *velho* — e, por conseguinte, bem conhecido, tedioso, sem necessidade de explicações. Olhei de relance para os ouvintes que se espalhavam ao meu redor e vi que estavam concentrados nas palavras de Atterley. Tive vontade de chutar a canela deles, puxar o cabelo e sacudi-los, gritando:

“Por que estão prestando atenção a isso? Vocês sabem disso! Vocês mesmos poderiam ter descoberto tudo isso sozinhos!”

Mas eles não tinham descoberto aquilo tudo sozinhos — nem eu.

O palco continuava a girar, trazendo-me primeiro Atterley e depois a mulher que falava com as mãos. A coisa me impressionou de tal maneira que eu estava começando a detestar vê-los indo e vindo — os dois juntos sendo de alguma forma pior do que o dobro de cada um deles sozinho.

Estava detestando vê-los indo e vindo — mas também detestei os dois pelo que estavam fazendo: me mostrando que eu era exatamente igual àquele maldito cavalo que dá a volta olímpica em Ascot. Posso rneñar a cabeça e andar arrogantemente como um campeão, mas, quando chega a hora H, não percebo nenhuma diferença entre a rainha da Inglaterra e o encarregado da estrebaria.

Eles tinham encontrado um ponto sensível em mim que eu nem sabia que existia — e os detestei por isso. Continuaram durante mais uns quarenta minutos. Escutei tudo e fechei os ouvidos a cada palavra — embora minha mão continuasse pondo tudo no papel. E então, de repente, as telas se

apagaram, as luzes do palco se amorteceram e Atterley e sua companheira desceram do palco e sumiram na escuridão.

Saí dali como um bêbado que só se lembrava de onde tinha escondido uma garrafa. Na verdade, eu precisava de um drinque, mas não queria tomar nada ali, nem no hotel, onde poderia muito bem me encontrar com Herr Reichmann outra vez.

Sem problema. Munique é uma cidade muito, muito grande com montes de drinques por toda parte.

*Tentativa de golpe de Estado de Hitler na Alemanha em 8 e 9 de novembro de 1923. (N. do E.)

** Porteiro. Em francês no original. (N. do E.)

(1) – O texto dessa palestra está no último capítulo: **Os ensinamentos públicos** – (1 - O Grande Esquecimento)

Sexta-feira, 17 de maio

Tremores menores depois do terremoto

Muito provavelmente perdi a coragem, embora eu não ache que a tenha perdido para sempre. Vim, vi, fugi. É óbvio que não vou fazer questão de contar isso ao padre Lulfre.

Também é óbvio que tenho de reencontrar a pista de Atterley.

Mais tarde

Herr Reichmann não está registrado no hotel e o *barman* que nos apresentou diz que nunca o viu antes. Eu não esperava realmente que as coisas fossem muito fáceis. O *concierge* procurou informar-se sobre Der Bau e descobriu que o lugar abre às três da tarde, informação que se revelou falsa ou obsoleta. Abria — bem relutantemente, foi a impressão que tive — por volta das cinco e meia. A equipe destacada para esse evento não dispunha de inglês suficiente para servir de qualquer valia, mas conseguiram deixar claro que me mandariam alguém chamado Harry se eu me sentasse e esperasse durante mais ou menos uma hora.

Sentei-me e esperei durante mais ou menos uma hora e, para surpresa minha, mandaram-me alguém chamado Harry, que acabei descobrindo ser um inglês ou talvez um alemão que havia estudado na Inglaterra. Disse a ele que estava tentando encontrar Charles Atterley.

— Receio que o nome não me seja familiar — disse Harry.

— O homem que falou aqui a noite passada — retruquei.

— Ah, é esse o nome dele?

Olhei para ele, incrédulo:

— Não sabe qual o nome dele?

— Não conhecia *esse*.

— Como assim?

Harry deu de ombros.

— **O** nome que conheço talvez nem seja bem um nome. Ele é conhecido como B.

— B? B de *barco*?

— Isso mesmo.

— Por que ele se chama assim?

Harry deu-me o tipo de sorriso que você dá a uma criancinha de colo que faz perguntas sobre as renas do Papai Noel. Perguntei-lhe onde poderia encontrá-lo.

— Não tenho a menor idéia.

— Sabe aonde ele vai falar na próxima vez

— Não.

Pensei por um momento.

— Como foi que conseguiu trazê-lo para falar na Der Bau?

Ele fechou a cara ao ouvir essa pergunta como se eu estivesse me aproximando da fronteira entre a curiosidade e a insolência.

— Aqui não é um hotel cinco estrelas, meu amigo. Os contatos são feitos das mais variadas formas e, em geral, de improviso. Não passamos por nenhum processo que você reconheceria como “arranjos contratuais”.

— Mas você deve ter tido um jeito de chegar até ele...

— Pode ser que a gente tenha tido e, se você puser um revólver na minha cabeça, eu talvez consiga me lembrar; mas, sem isso, é provável que não me

lembre.

Deu de ombros de novo.

— As coisas são assim. Isso aqui não é uma repartição especializada em procurar pessoas desaparecidas, e eu tenho mais o que fazer.

Disse a ele que entendia, agradeci-lhe assim mesmo e levantei-me para ir embora.

— Volte mais tarde — disse Harry. — Você sempre pode encontrar gente para conversar se pagar as bebidas e qualquer pessoa da multidão pode saber mais do que eu sobre esse cara.

Agradeci-lhe de novo e voltei para o hotel.

Sentado aqui no meu quarto — sentado, andando de lá para cá, olhando pela janela —, subitamente me veio à lembrança que, quando os heróis dos contos de fadas não sabem o que fazer, eles simplesmente sentam e choram. Nas mesmas circunstâncias, um herói moderno pode pagar um drinque para alguém ou sair e encher a cara, mas ele nunca vai simplesmente sentar e chorar.

Sentado aqui, olhando para este caderno, finalmente me ocorreu que há algo que tenho *evitado fazer*: ler a palestra que transcrevi em meu outro caderno ontem à noite na Der Bau. Confesso estar relutando bastante em fazer isso.

Interessante: lembro-me do título da palestra (“O Grande Esquecimento”), mas esqueci o que é O Grande Esquecimento. Não que eu tenha realmente me esquecido, claro, mas fechei a porta da memória para ele, o que significa que...

Salvo pela campainha do telefone. Como devia ter sido. Quando o herói senta e chora porque não sabe o que fazer, o universo dos contos de fadas manda auxiliares mágicos. O meu não era muito mágico, mas certamente

misterioso. Acho que consigo pôr no papel a conversa inteirinha.

EU: Alô.

ELE: Padre Osborne?

EU: Sim. Quem é?

ELE: Que diabos pensa que está fazendo?

EU: Quê?

ELE: Sabe o que devia estar fazendo aqui?

EU: Quem está falando?

ELE: Fui convencido a esperar alguém com um mínimo de competência.

Era impossível não perceber o sentido da conversa e eu certamente estava do lado difícil dela. Tentei reunir um mínimo de forças para a autodefesa.

EU: Não sei quem está falando, nem quem o contratou como bedel da minha classe, mas eu sei quem sou. Sou um padre. Se você estava esperando um James Bond, foi enganado ou enganou a si mesmo.

ELE: Será que ser padre significa viver em estado de letargia?

EU: Sinto muito ter sido uma fonte de frustração para você.

Depois dessa frase de arrebentar, desliguei o telefone na cara dele, algo que acho que não faço desde os tempos do ginásio. Não há nada para bater quando suas costas estão contra a parede. Como esperava, ele voltou a ligar imediatamente.

— A moça está doente — disse-me num tom de voz que dava a impressão de que nada havia acontecido. — A moça está morrendo.

— Quê? — Por um segundo pensei que ele estava me dando uma senha qualquer. Talvez eu tivesse que responder algo do tipo: “Mas, seja como for,

as andorinhas voltarão a Capistrano”. Felizmente me controlei e disse:

— Está falando daquela moça que fazia sinais?

— Evidentemente. Não viu o rosto dela?

— Vi. Só não me dei conta do que era... Que é aquilo? *Lupus? Lupus* não é fatal, é?

— E esclerodermia, ou talvez uma doença múltipla do tecido conectivo. Todas elas fazem parte da mesma família, até mesmo o *lupus*. É uma doença auto-imune do colágeno, degenerativa, incurável.

— Certo. E que devo fazer com essa informação?

— Radenau tem um centro de pesquisa dedicado ao estudo e tratamento de doenças do colágeno. É isso que os dois estão fazendo na Europa central. Radenau é o centro do círculo, noventa quilômetros ao sul de Hamburgo.

— Mas que está dizendo: quando estiver em dúvida, vá para Radenau?

— Quando estiver em dúvida, lembre-se de que Radenau é o centro do círculo.

— Alguém poderia ter-me dito isso desde o início.

Meu interlocutor suspirou, o que o fez parecer mais humano.

— Alguém poderia ter-me dito isso também, mas ninguém disse. Desencavei tudo sozinho.

Essa notícia não me deixou feliz, mas consegui guardar o sentimento só para mim, e disse:

— Isso me traz de volta minha questão original. Quem diabos é você? E, se já está cuidando disso que é que eu devo fazer?

— Deve liderar, e eu devo segui-lo. Você não deve saber que eu estou aqui.

— Por que não posso saber que está aqui?

— Não sei. Talvez a intenção seja não sobrecarregar sua capacidade de

dissimulação. Ou talvez a intenção seja obrigá-lo a tomar alguma iniciativa.

— Vá se foder, Charlie — disse eu. Algumas pessoas ficam chocadas quando ouvem um sacerdote usar uma linguagem chula como os alunos da terceira série, mas esse só ficou esperando. — Ouça — continue, —, não sou detetive. Admito isso. Qualquer ajuda seria bem-vinda.

— Não de minha parte. Saia daí e faça alguma coisa.

A linha ficou muda.

Trabalho de detetive

Peguei meu mapa, o que ajudou um bocado. Num círculo em torno de Radenau existem cinquenta cidades importantes onde B poderia estar falando — Nuremberg, Dresden, Berlim, Kiel, Hamburgo, Bremen, Essen, Colônia, Frankfurt, Heidelberg e Stuttgart, para citar apenas algumas. Não haveria nada de estranho se Billy Graham* estivesse por ali fazendo uma *tourné*, mas como, diabos, eu poderia descobrir as palestras que um sujeito praticamente desconhecido chamado B tinha se comprometido a fazer?

Não encontrando inspiração nenhuma na geografia, passei algum tempo me perguntando quem é Charlie. Um civil, com certeza. Como fazem as pessoas em geral, evoquei um visual que combinasse com a voz. Coloquei-o na faixa dos trinta e cinco anos, magro, mas rijo, de altura e peso medianos, uma espécie de militar ou paramilitar com cara de rato e roupas baratas da década de 50. Como fica evidente a partir de tudo isso, Charlie não conseguiu ganhar minha afeição. Brinquei por pouco tempo com a idéia de telefonar para o padre Lulfre e perguntar qual era a dele, mas não consegui descobrir nem sombra de argumento para justificar a ligação.

Se Charlie sabe onde B está, o que ganha não me passando essa

informação? Se quer que eu faça um papelão, por que me telefonar e me dar essas pistas? No telefone, ele tentou me impingir uma explicação para esses mistérios. Estava tratando com um estudante preguiçoso; tinha feito mal meu dever de casa e ele não estava ali para me dar as respostas certas, mas para me fazer ver o que era bom para a tosse. O que faz sentido se ele for realmente um tipo militar. Está me tratando como um recruta.

Tanto quanto consigo entender, há somente um fato em tudo o que ele me disse que é ao mesmo tempo duro e relevante: não importa para onde B e “a moça” tenham ido, acabarão voltando a Radenau. Tenho de reconhecer que é a melhor informação que Charlie tem. Se ele soubesse com certeza que B vai passar o verão em Spitzbergen, por exemplo, por certo não viria com essa história toda sobre Radenau. Se estou certo a respeito disso, então o próprio Charlie está indo para Radenau.

E sou obrigado a concluir que foi para me dizer isso que ele me telefonou.

Não é maravilhoso ser educado?

* Evangelista americano (1918-) conhecido pelas suas excursões de pregação em grande escala. (N.do E.).

Sábado, 18 de maio

Radenau

Partindo depois de um café da manhã que tomei tarde e lentamente, cheguei a Hamburgo à tardinha. A Alemanha é menor do que Montana e viajar de uma ponta a outra do país num expresso intermunicipal de alta velocidade faz com que pareça menor ainda. Tendo algumas horas para matar antes de pegar a conexão para Radenau, fui até a Secretaria de Turismo da Hauptbahnhof, onde me aconselharam enfaticamente a não perder a *Jungfernstieg*, uma leve caminhada que me levaria ao magnífico lago artificial da cidade, de um lado, e a suas lojas mais chiques, do outro. Segui o conselho e lá estava eu, por Deus, exatamente como me recomendaram.

Não há muita coisa em Radenau anterior à década de 40. Albert Speer, o arquiteto e tecnocrata-chefe de Hitler, pensou numa coisinha ou outra para a cidade durante os últimos estágios da guerra, mas certamente não se tratava de um centro de belas-artes. Acho que seria um lugar onde as fábricas se sentissem realmente em casa durante o Reinado de Mil Anos. Agora é um parque industrial disperso, sarapintado de conjuntos residenciais impossíveis de distinguir de um quartel. A única coisa boa que o guia turístico conseguia dizer sobre o hotel era que eu estava registrado, era que era moderno e escrupulosamente limpo, e era mesmo. Ele ficava no centro, o que significa que se localizava na parte mais antiga da cidade. A Radenau antiga nem pretende ser exoticamente velha.

Passei o tempo no trem fazendo uma cópia à mão de “O Grande Esquecimento” para mandar para o padre Lulfre. Quando me registrei no

hotel, perguntei ao recepcionista que me atendeu se tinha um aparelho de fax e ele se levantou com tanta indignação como se eu tivesse perguntado se havia encanamento interno. Foi bom ter um fax para mandar-lhe notícias e, com isso, apaziguá-lo.

Vou tomar um banho, querer um jantar longo e cheio de meditações (meditando sobre o menor número de coisas possível) e talvez dar uma volta antes de ir para a cama. Nada mais que isso. Nada de trabalho até amanhã.

Uma longa noite começa

Como eu disse, saí para dar uma caminhada depois do jantar. A noite estava agradável, as ruas, tranqüilas. Não sou um grande explorador. Uns três quarteirões depois (em outras palavras, perto do limite da minha ousadia), ouvi um certo burburinho em algum lugar à frente. Se eu estivesse em Beirute, teria naturalmente dado a volta e retornado ao hotel, mas, como estava em Radenau, fiquei curioso. Deixei o ruído me guiar até uma rua lateral próxima, onde um teatrinho estava sendo cercado por quarenta ou cinquenta cidadãos que pareciam perplexos por se encontrarem envolvidos num tipo tão vulgar de arruaça. Circulavam por ali de maneira desorganizada, exibindo cartazes cobertos de garranchos grosseiros para um público inexistente e gritando *slogans* cuja redação final ainda estava sendo elaborada.

Levei três segundos para me dar conta de que havia encontrado B ou, pelo menos, o local de sua próxima apresentação. Uma das atividades favoritas dos criadores de cartazes era divulgar o suposto significado do nome B. Portanto, ele era chamado de blasfemador, bastardo, boca de barril, bocarra, bico doce, bruto, *le badaud, le bête, le bobard, le boucher, le bruit, der Beerdigung, der Bettler, e die Blattern**, entre outras palavras de que não me lembro mais.

Outros ainda o identificavam como Belzebu, a Besta, Belial e Barrabás, e mais dois ou três, ignorando por completo o problema inicial, chamavam-no confiantemente de Anticristo, que, devo confessar, me surpreendeu pelo que eu sabia até então, Na verdade, a coisa toda me surpreendeu.

A entrada do teatro estava sendo guardada por um policial uniformizado que parecia mais feroz e mais preocupado do que eu acharia necessário naquelas circunstâncias. A única condição que ele parecia estar impondo para permitir que alguém entrasse era deixar os cartazes de protesto do lado de fora. Observando o entra-e-sai pela porta, logo vi que a intenção era protestar durante algum tempo, depois entrar e importunar o orador com perguntas e apartes insistentes e então sair e protestar mais um pouco. Abri caminho à força.

Primeiro, notei que a sala de conferências não era muito grande — devia ter uns trezentos ou quatrocentos lugares — e depois um fato muito mais importante: era evidente que os manifestantes não estavam pondo toda a alma no trabalho. Talvez seja verdade que os alemães se sentem à vontade desafiando a autoridade. As vinte primeiras filas estavam claramente tomadas por adeptos de B, que pareciam sombrios e tensos, enquanto atrás deles e por todo o resto da sala — se encontravam as hostes dos antagonistas de olhar ameaçador (embora em geral silenciosos). Havia um lugar vazio na frente e me dirigi para lá depois de pegar um monte de panfletos para usar como bloco de anotações. Fiquei decepcionado ao ver que, afora B, o palco estava vazio.

B levantou os olhos para mim enquanto eu me sentava e uma faísca de reconhecimento fulgurou entre nós, ou, ao menos, foi o que imaginei.

Ele estava de lado em relação ao público, curvado sobre a tribuna e inclinado para a frente a fim de que os lábios ficassem a um milímetro do microfone. Estou descrevendo todos esses detalhes porque a minha intenção é

recriar a impressão que ele transmitia de ser absolutamente indiferente às condições que teriam silenciado ou intimidado outros oradores, pois, embora os manifestantes não fossem muito ruidosos, sua hostilidade era palpável. Suas mãos estavam imóveis e relaxadas e ele parecia inteiramente concentrado nos próprios pensamentos, que estava dividindo com o público de maneira tão íntima e espontânea quanto numa conversa particular.

Eu não sabia há quanto tempo ele estava falando, mas, ao prestar atenção às palavras, comecei a reconhecer o terreno familiar que constava de “O Grande Esquecimento”. No entanto, embora o terreno fosse familiar, era menos extenso. Em outras palavras, era apenas um resumo. Ele acabou fazendo uma pausa e passou deliberadamente os olhos pelo auditório.

Esta noite — disse ele —, gostaria de conversar com vocês sobre a maneira de cozinhar uma rã.

Tirei a tampa da caneta e comecei a anotar (2).

Um convite

Até agora nunca tive motivos para examinar a questão (ou sequer para percebê-la), mas entro numa espécie de transe quando começo a transcrever uma palestra. Tenho uma sensação muito agradável (agora que estou pensando nisso) de que as palavras que saem da ponta da caneta são minhas. Tenho a ilusão de que minha mão está antecipando o que os ouvidos escutam — que conheço as palavras antes de serem pronunciadas e que poderia transcrever a palestra mesmo que o orador parasse de falar. Experimento uma estranha sensação de intimidade com o orador. Talvez eu não compreenda exatamente o que ele está dizendo, mas acho que tenho uma percepção profunda de seu significado. Quando ele pára de falar, talvez eu não consiga responder à mais

simples das perguntas sobre seu tema, mas isso não me preocupa porque sei que tudo está trancado na segurança de minha transcrição.

Como nessa ocasião B não estava utilizando nenhum recurso visual, fechei os olhos, o que em geral ajuda a me concentrar. No entanto cerca de meia hora depois, eles se abriram involuntariamente. Ergui os olhos para B, ele abaixou os dele para mim e nossos olhos se encontraram por um breve momento, sem nenhum reconhecimento ou sinal especial. Sem fazer qualquer pausa entre as palavras, ele varria a multidão com os olhos, sem perceber nenhuma diferença, tanto quanto eu conseguia notar, entre amigos e inimigos. Então, num gesto que não tinha correlação evidente com nada do que estivesse falando, ele ergueu o indicador da mão esquerda no ar, manteve-o nessa posição por um momento e depois fez com ele um ângulo para o lado direito. Era, sem dúvida alguma, um sinal, mas não notei ninguém que o tivesse percebido ou parecesse estar reagindo a ele de alguma forma. Considerei a idéia de que o sinal só fora percebido por mim porque fora *feito* somente para mim.

Ele continuou falando. Fechei os olhos para deixar lá fora o ruído incessante da multidão e continuei escrevendo. Passaram-se alguns minutos. De repente, notei que minha mão havia parado de mexer e eu me perguntei por quê. Abrindo os olhos, vi que B havia terminado a palestra. Mesmo assim, foi somente depois que ele juntou seus papéis e desceu da tribuna que o público parece ter acordado para o fato de que a palestra tinha terminado. Os manifestantes trocaram animadas congratulações por um trabalho bem feito, enquanto os adeptos de B apressavam-se em organizar alguns aplausos. Enquanto caminhava, B fez um cumprimento indiferente com a cabeça e desapareceu nos bastidores.

A peregrinação

No momento em que saí, o protesto havia se transformado em festa, com abraços e beijos e copos de papel cheios de vinho para todos os que tinham participado do grande feito. Os adeptos de B dispersaram-se na noite sem serem molestados, exceto por algumas vaias e chacotas provocadoras. Observando-os do outro lado da rua, logo percebi que os manifestantes estavam fazendo a mesma coisa que eu: de olho na porta do palco que ficava do lado do teatro, esperavam B sair. Depois de alguns minutos, um automóvel arrancou — nada que se parecesse com uma limusine, apenas um sedã Mercedes já meio velho. Um segundo depois, outro veículo forçou a passagem entre a multidão, fazendo com que seu passageiro fosse lançado contra o banco traseiro, e ficou montando guarda até o sedã ganhar velocidade e virar à direita.

Após perder a chance de um último *coup d'éclat****, a multidão desanimou e começou a se dispersar. As garrafas foram arrolhadas, os copos recolhidos e naturalmente todos apertaram as mãos de todos antes de partir. Enquanto isso, o guarda uniformizado reapareceu na entrada do teatro escoltando um último espectador e depois trancou a porta atrás de si. O espectador agradeceu ao guarda com um aceno de cabeça e levantou a gola do sobretudo para se proteger do ar da noite; em seguida, tomou à esquerda e abriu caminho no meio da multidão até a escuridão que se estendia além dela. Teria sido facilmente reconhecido se alguém tivesse se dado ao trabalho de olhar. Esperei-o se distanciar uns cinqüenta metros e depois passei a segui-lo.

Obviamente, eu não tinha a menor idéia do lugar para onde ele estava indo — se é que estava indo para algum lugar. Menos obviamente, eu não tinha a menor idéia do porquê o estava seguindo, exceto que eu imaginava ter sido

convidado. No começo, pensei que o Mercedes daria uma volta no quarteirão para pegá-lo, mas me enganei. Depois, imaginei que ele estivesse se dirigindo para alguma taverna ou café dos arredores, mas estava errado de novo. Ele continuou caminhando — e caminhou e caminhou — até que começou a deixar para trás a área do centro da cidade.

Comecei a pensar melhor e depois melhor ainda sobre essa aventura. Se eu fosse abandonado de repente, passaria por maus bocados para encontrar meu caminho de volta ao hotel. Os ônibus não estavam mais circulando — pelo menos por ali — e eu não tinha visto nenhum táxi na última meia hora. Pior ainda, do meu ponto de vista, foi que entramos numa região da cidade que supus pudesse ser chamada de indústria leve. Não havia prédios de apartamentos, nem lojas ou cafés, nenhuma drogaria que ficasse aberta a noite toda com telefones convenientes e funcionários possivelmente solícitos. Esse era o centro das fábricas, das lojas de máquinas, olarias e depósitos de mercadorias, habitado a essa hora apenas por vigilantes noturnos e cães de guarda.

Uma pergunta razoável seria: “Por que não me aproximo dele e lhe pergunto para onde está indo?” Refleti sobre ela. Seria a coisa esperada a fazer — ou a coisa extraordinária? A coisa normal ou a coisa estranha?

Pensar naquilo não adiantou nada, é claro. A coisa natural sempre é a coisa não estudada, a coisa sem idéia de si mesma. Essa coisa em particular era algo que, se fosse feita, devia sê-lo naquele exato momento. Que sentido fazia seguir cegamente alguém durante uma hora e depois alcançar o sujeito e exigir que me dissesse para onde estava me levando? Era uma situação absurda que eu — sendo maior de idade, vacinado, etc., etc, — devia ter resolvido de alguma outra forma, de uma forma melhor (embora até agora eu não saiba que forma poderia ter sido).

Despertando de meus pensamentos sombrios, vi B entrar num prediozinho de aspecto duvidoso bem na minha frente. Parecia ser o que restava de uma espécie de galpão, espremido entre um depósito de mercadorias e a área onde ficavam estacionados os vagões de um trem. Apertei o passo, esperando ser ali o destino de B. Fiquei espantado, mas achei graça ao chegar porta e descobrir acima dela um cartaz engenhosamente rústico que dizia: “LITTLE BOHEMIA”.

(2) O resumo dessa palestra está no último capítulo: **Os ensinamentos públicos** – (2-As Formas de Cozinhar uma Rã).

* Inútil, besta, mentiroso, carnicheiro, arruaceiro, enterro, pedinte, varíola. Em Francês e alemão no original (N. do E.).

** Ação brilhante. Em francês no original. (N. do E.)

Sábado, 18 de maio (cont.)

LITTLE BOHEMIA!

Quando abri a porta e entrei, soltei uma gargalhada parecida com o piado de um pássaro assustado. A Little Bohemia era uma taverna, mas uma taverna diferente de tudo quanto eu já tinha visto, exceto talvez em sonhos ou devaneios. Poderia ter sido o cenário criado por um arquiteto para um filme sobre a vida de Amedeo Modigliani. O teto era baixo e o ambiente, cheio de teias de aranha e fumaça, seria escuro como breu se não fossem algumas velas enfiadas na boca de garrafas de vinho. As paredes estavam cobertas de esboços de desenhos, caricaturas e pinturas, tão escurecidos pela fumaça que pareciam pouco mais que borrões impressionistas. Por mais incongruente que fosse — e, apesar disso, de certa forma perfeito —, uma vitrola automática com todas as cores do arco-íris, instalada ao lado da porta, assobiava ao tocar um antigo disco arranhado de Piaf, que tinha de ser, que só podia ser, e era mesmo... *La Vie en Rose*. Gastando um milhão de dólares, Disney não teria feito nada melhor, nem mais arquetípico, embora a poeira e as teias de aranha fossem fabricadas com plástico anti-séptico e a canção estivesse sendo cantada por um clone da própria Piaf, usando uma reprodução perfeita do famoso suéter velho da Sparrow.

Mas a clientela não estava *en rôle*, pelo menos não de forma consciente. Não havia boinas, nem camisetas de malha de pescadores bascos, nem cavanhaques artísticos. Aquelas pessoas, murmurando nas mesas ou debruçadas sobre os tabuleiros de xadrez, poderiam ser qualquer coisa — poetas, romancistas, dramaturgos, atores, artistas, modelos —, mas quem é que pode saber? Hoje em dia, os membros da vanguarda das relações públicas parecem artistas, os artistas parecem caminhoneiros e os caminhoneiros

parecem campeões de futebol em dia de folga.

B estava sentado a uma mesa do fundo e imaginei que ele devia ser um cliente antigo, e um cliente de hábitos arraigados, pois uma garçonete já estava pronta para servi-lo e não tinham se passado nem sessenta segundos desde a sua chegada. Assim que me viu convidou-me com um aceno de cabeça a me sentar na cadeira à sua direita. Enquanto me aproximava, ouvi-o dizer à garçonete:

— Theda, poderia trazer mais um desse para o meu amigo, por favor? Ele fez uma longa caminhada.

E depois, voltando-se para mim:

— É, um uísque escocês puro malte, um Lagavulin de dezesseis anos de idade que ressuscita os mortos se for administrado em um período razoável de tempo.

Sentei-me e olhei, provavelmente com um ar confuso, para aquele estranho rosto que lembrava uma gárgula.

— Bem, que achou de minha palestra? — perguntou ele.

— Não sei — disse eu, e depois acrescentei: — Não estou sendo tímido. Ainda estou pensando nela.

— Você estava na Der Bau.

— Estava.

— Mas não em Stuttgart, ou antes?

— Não.

— Que bom! Por acaso, ou deliberadamente, começou no começo do ciclo.

— Foi por acaso — disse eu, e ele sorriu educadamente, como se não fizesse muita diferença.

— A propósito, como se chama?

Disse-lhe e Theda escolheu aquele momento para chegar com o meu

drinque, uma pequena quantidade de um líquido âmbar-escuro num copo extragrande. Tomei um golinho e pisquei, surpreso com sua natureza pesada, carregada.

— Maravilhoso, não?

Concordei com um aceno de cabeça, sentindo-me de repente estranhamente distante, como uma página arrancada de um livro e inserida em outro.

— “B”? — perguntei. — Por que o chamam de B?

Ele me deu um sorriso enviesado.

— Sabe, não sei muito bem! Foi o nome que as multidões escolheram para mim, em resposta a alguma percepção inconsciente profunda. Quando o nome pegou, pesquisei um pouco sobre algo desse gênero. Se nos tempos antigos você conhecesse um homem ou uma mulher marcados com ferro em brasa com a letra A, saberia que seu pecado era...

— Adulterio.

— Claro. Não foi pura invenção de Hawthorne para *A Letra Escarlate*, você sabe. Se você conhecesse alguém marcado com ferro em brasa com a letra B, saberia que seu pecado era blasfêmia.

— E é esse o seu pecado?

— É, sim. Mas não posso acreditar que as multidões tenham escolhido a letra por essa razão, pelo menos não deliberadamente.

— Por que então?

Ele deu de ombros.

— Simplesmente não sei.

— Posso perguntar qual é o seu verdadeiro nome?

— Prefiro que não. Não o uso mais, exceto nos registros de hotel.

— Tudo bem. Por que me fez um sinal para segui-lo?

Ele sorriu de uma forma diferente, como se sentisse um prazer verdadeiro.

— Você conhece um antigo romance chinês traduzido para o inglês como *Monkey*? É a história de um malandro macaco de pedra chocado como uma espécie de acidente divino a partir de um ovo de pedra no topo de uma montanha. Depois de viver uma vida despreocupada durante muitos anos, ele de repente tomou consciência de que havia um monte de coisas para aprender e partiu disposto a atravessar o mundo em busca de um mestre. Por fim, chegou a um mosteiro dirigido por um sábio famoso, que lhe permitiu freqüentar as aulas com os outros noviços enquanto prestava serviços como uma espécie de empregado doméstico. Um dia, depois de vários anos, o mestre perguntou ao Macaco que tipo de saber ele estava procurando. O Macaco, por sua vez, perguntou que tipos havia e passou a descartar um por um depois de ouvir sua descrição. O mestre enfureceu-se, golpeou o Macaco três vezes na cabeça com o nó dos dedos e saiu pisando duro. Os outros discípulos também ficaram furiosos, mas o Macaco não desanimou, pois compreendia a linguagem dos sinais secretos e sabia que o mestre lhe tinha ordenado que fosse a seus aposentos no terceiro período da vigília. Quando chegou, o sábio elogiou-o por insistir em conhecer uma sabedoria além da que os outros aceitavam e fez uma revelação mágica tão poderosa que o Macaco recebeu a Iluminação na hora.

Os ensinamentos: públicos e secretos

Dei a B um minuto para ele continuar e, como não o fez, perguntei-lhe se eu era um macaco que ele havia selecionado para uma instrução especial.

— Possivelmente — disse ele —, mas não foi por isso que lhe contei a história.

— Continue.

— Por que o sábio tem dois tipos de ensinamentos: o público e o secreto?

— Não sei.

B abaixou o queixo até encostá-lo no peito e me lançou um olhar irônico de “baixo para cima”.

— Pense um pouco — disse ele. — Coopere comigo.

— Por que o sábio tem dois tipos de ensinamentos? Eu diria que é porque ele não seria muito sábio se não tivesse. Os ensinamentos públicos são aqueles que todo mundo conhece, porque são os que podem ser formulados. Os ensinamentos secretos são aqueles que não há como formular — porque não existem.

B concordou pensativamente com um aceno de cabeça.

— Uma resposta muito boa, moderna. A resposta de um cínico.

— Não acho que eu seja cínico.

— Mas parece ter bastante certeza de que não existem ensinamentos secretos.

— Certeza absoluta.

— Jesus não deu nada de especial a seus discípulos.

— Não.

— Nem Gautama Buda ou Maomé para os deles.

— Não.

— Você pode estar certo, claro, mas passa ao largo do sentido da minha história.

— Está bem. Por que o sábio *tem* dois tipos diferentes de ensinamentos?

— Um deles é uma série de ensinamentos que é fácil de revelar, o outro é uma série de ensinamentos difícil de revelar. O primeiro é a série de ensinamentos públicos, evidentemente — a série que todos os noviços

conhecem. O segundo tipo é a série de ensinamentos secretos — a série a que só discípulos excepcionais podem aspirar... ou aceitar.

— Em outras palavras...

— Em outras palavras, os ensinamentos secretos não são aqueles que os mestres guardam para si mesmos. Os ensinamentos secretos são aqueles que os mestres passam maus bocados para transmitir.

Discordei com um movimento da cabeça. Eu *tinha* de discordar, droga! Nunca tinha visto aquilo enunciado, mas está implícito em todo texto que — exceto os conhecimentos proibidos (e provavelmente ilusórios), como os da feitiçaria e da necromancia — não existem segredos *relevantes*. Há muitíssimas coisas que não conhecemos e nunca conheceremos, mas tudo quanto *precisamos* saber é revelado. Se não fosse assim, se Moisés, o Buda, Jesus ou Maomé tivessem guardado alguma coisa para um círculo íntimo, então a revelação seria incompleta — e, por definição, inútil.

Eu disse:

— Não estou muito certo de que isso responde à minha pergunta inicial. Por que me convidou para vir aqui?

— Convidei-o pela mesma razão pela qual o sábio convidou o Macaco. Tenho esperanças de fazer você entender alguns dos ensinamentos dos quais nunca posso falar na tribuna.

— Não entendo. Por que você “nunca pode falar deles” na tribuna?

Parece que a minha pergunta o derrotou. Ele suspirou, desmoronou sobre si mesmo e olhou vagamente ao seu redor com uma espécie de pantomima de desespero pedagógico.

— Pensei que você tivesse entendido o que está se passando aqui.

— Desculpe. Eu também pensei.

— Toda vez que Jesus se levantava para falar a um grupo, ele o fazia para mil anos de história comum a todos, de visão de mundo comum a todos, de um entendimento comum a todos. Os membros de seu público eram judeus, afinal de contas. Eles não falavam apenas a mesma língua. Seus pensamentos tinham sido moldados pelas mesmas escrituras, pelas mesmas lendas, pela mesma visão de mundo. Ele não tinha de lhes explicar quem era Deus, quem era Abraão, quem era Moisés. Ele não tinha de explicar conceitos como *profeta, demônio, arrependimento, batismo, escritura, sabá, mandamento, réu, inferno e messias*. Todos esses conceitos eram já conhecidos em sua cultura. Sempre que falava a eles, sabia com certeza absoluta que seus ouvintes vinham até ele preparados para compreender o que ele tinha a dizer.

— Sim, isso eu entendo.

— Jesus não precisava lançar as bases toda vez que falava. Outros haviam feito isso por ele durante cem gerações, literalmente, desde o tempo de Abraão. Mas eu *tenho de* fazer isso — com todo o público diante do qual estou. Você me ouviu em Munique e aqui em Radenau, mas não ouviu o que eu tenho para ensinar. Tudo quanto você ouviu até agora é o alicerce — e ele está longe de estar pronto.

— Mas um dia...

— Sim, vou chegar lá um dia e é por isso que as multidões me chamam de Blasfemador, Besta e Anticristo. Mas nunca chego ao *fim* do que tenho para ensinar... não em público.

— Por que não?

— Porque não há uma unidade entre meus ouvintes de um auditório e os do seguinte. Isso significa que, a cada público que se sucede, um número cada vez menor de pessoas tem estado comigo desde o início e um número cada vez maior delas está se confundindo. Depois de cinco ou seis palestras, não faz

sentido continuar. O fim ainda está ali, mas não tenho esperanças de atingi-lo com esse público, e menos ainda de atingi-lo com o público seguinte. Preciso voltar e começar tudo de novo, que foi o que fiz em Munique.

Então B acenou com a cabeça em minha direção e disse:

— E tenho de esperar a chegada de alguém como você.

Senti uma pontada de medo ao ouvir essas palavras, a mesma pontada que sinto quando me imagino caindo de um prédio alto.

O desmascaramento

Tomamos aos golinhos aquela bebida que restaurava a vida. Ouvimos Piaf e outros cantores de sua época, todos franceses ou alemães. Inspiramos por tabela enormes quantidades de fumaça de cigarro. Depois de alguns minutos, eu disse:

— Isso ainda não explica por que você escolheu a mim em particular. B franziu a testa e coçou vagamente o canto do olho direito — um gesto que eu logo me acostumaria a ver.

— É evidente que isso o incomoda — disse ele por fim — e estou tentando descobrir por quê.

Abri a boca para negar, mas ele me interrompeu com um aceno de cabeça.

— Você *não* sabe mentir, entende?

Olhei para ele, perplexo.

— Eu diria que não tem muita prática.

— O que o leva a pensar que estou mentindo?

Ele repetiu o mesmo gesto com a cabeça.

— Não faça isso, Jared, você é realmente péssimo nisso. Ou você mente com convicção ou fala a verdade.

— Você está certo — confessei — Não sei mentir e não tenho muita prática. Mas, mesmo assim, o que o levou a concluir que eu estava mentindo?

— O tipo de suas perguntas — sua insistência em dizer que meu convite precisa ser explicado. É óbvio que você está se perguntando como foi que consegui me enganar.

Eu não estava certo de que ele tivesse razão a respeito disso, mas eu era burro demais — estava entupido de fumaça e álcool — para pensar naquilo com clareza.

De repente havia uma terceira pessoa sentada à mesa. Percebi na seguinte ordem: primeiro, que era uma pessoa; segundo, que era uma mulher; terceiro, que era uma mulher que eu já tinha visto. Era a mulher da Der Bau — a mulher que traduzia a palestra de B para a linguagem dos surdos-mudos, a mulher da jaqueta de couro cru com a estranha borboleta desenhada no meio do rosto. A mulher (dei-me conta de repente) que tinha exercido uma enorme atração sobre mim desde o instante em que a vi com seus largos ombros atléticos, as roupas de vaqueiro e os cabelos fulvos e rebeldes.

Ela estava conversando com B — com as mãos. Ele estava “ouvindo” atentamente. De súbito, um grande sorriso tomou conta do seu rosto e ele olhou para mim... e riu:

— Um padre?

Eu disse:

— Quê?

— Você é padre?

Olhei para a mulher e ela retribuiu meu olhar sem qualquer expressão, como se eu fosse um lagarto ou um peixe.

B disse:

— Ela encontrou seu breviário.

Olhei para ele sem compreender, até ele acrescentar:

— Em seu quarto de hotel.

Mesmo assim, levei quase um minuto para entender. Ele havia me convidado para uma longa caminhada por Radenau para que sua assistente tivesse tempo de descobrir o meu hotel, o meu quarto e entrar. Senti-me aliviado por ela não ter encontrado meu diário: ele anda comigo.

Eu não sabia o que dizer. Senti-me profundamente estúpido e incompetente, tal qual um garoto que tivesse escolhido a Tiffany's como um lugar fantástico para fazer sua estréia como ladrão de lojas.

— Você é um assassino — perguntou B — ou somente um espião?

A mulher riu, não com sarcasmo, foi a impressão que tive, mas por achar graça realmente. Fiquei surpreso quando ela falou — fiquei surpreso com o fato de ela *conseguir* falar.

— Não é um assassino — disse ela, olhando agora para mim como se eu fosse um *cocker spaniel* que alguém havia tomado por um *pit Bull*.

— Não, tenho certeza de que você tem razão — disse B. — Não é um assassino. E então?

Quase chegava a ser engraçado. Justo naquele momento, Piaf começou a cantar: “*Non, Je Ne Regrette Rien*” — não, não me arrependo de nada! Não consegui pensar numa única palavra para dizer.

Os minutos seguintes passaram-se (como dizem) como se fosse um sonho. Theda recebeu o pagamento das despesas. B e a mulher levantaram-se para ir embora e pareceram surpresos quando não segui seu exemplo.

— Vai passar a noite aqui? — perguntou B.

— Não.

— Então, vamos. Nós damos uma carona até seu hotel.

Sentindo-me mais idiota ainda, vim sentado no banco de trás do Mercedes

que vira antes do lado de fora do teatro. A mulher dirigia.

— A propósito, esta é Shirin — disse B.

Acenei mudamente com a cabeça.

Quinze minutos depois paramos em frente do hotel. Lutei para sair do banco de trás e agradeci-lhes pela carona.

Shirin sacudiu a cabeça e sorriu, penalizada de mim; depois, foi embora.

Arrastei-me penosamente até o hotel.

* - A caráter. Em francês no original (N. do E.).

Sábado, 18 de maio (cont.)

A noite devia ter terminado ali...

Mas não terminou.

Quando passei pela mesa da recepção do hotel, o funcionário parou-me para me entregar um recado, caprichosamente colocado num envelope. Alguém mais experiente o teria enfiado num dos bolsos e esquecido, mas não estou acostumado a receber recados em hotéis. Abri o envelope e li:

“Jared:

Telefone-me imediatamente depois de receber este recado, de dia ou de noite. Imediatamente.

Bernard Lulfre”.

Amassei-o até virar uma bola e enfiei-o no bolso. Enquanto me virava para retomar minha jornada em direção aos elevadores, o recepcionista disse:

— Ele foi muito insistente, senhor.

Virei-me e fiquei surpreso ao ver que era o mesmo funcionário que se ofendera quando perguntei se o hotel tinha fax. Talvez fosse um *cyborg*, um ser parte homem e parte máquina, incansável e eficiente.

— Muito insistente, é? — perguntei.

— Muito insistente, senhor.

— Gostaria que mandasse uma garrafa de uísque para o quarto.

Uma ruga minúscula apareceu-lhe no meio da testa.

— Receio que o bar já esteja fechado, senhor.

— Não quero o bar, quero um pouco de uísque no quarto. Meio litro, ou a

quantidade que vocês costumam ter nas garrafas aqui.

Passei-lhe cem marcos e fui embora.

Eu ia telefonar para Bernard Lulfre naquele estado? Não fazia sentido, realmente, mas eu queria beber alguma coisa, dormir e acordar sem essa questão pendente, de modo que fiz a ligação. O próprio padre Lulfre atendeu o telefone.

— Jared! — disse ele. — Deve ser madrugada aí.

— É, sim.

— Que está acontecendo? Conte o que houve até agora.

— Assisti a duas palestras de B, e eu...

— Duas palestras de quem?

— De B. Ele não é conhecido como Atterley aqui. Para o público, ele é B.

— B de *barco*?

— B de *blasfemador*.

— Entendi. Você assistiu a duas palestras dele e...

— E passei uma hora conversando com ele.

— Verdade? Como o quê, um fã? Um discípulo?

— Sim, talvez — repliquei vagamente.

— E qual foi sua impressão?

— De que é brilhante. Completamente sincero.

— Não quero saber qual foi sua impressão dele, quero saber qual foi sua impressão do que ele diz.

Eu estava cansado demais para pensar naquilo.

— Não sei. Parece inofensivo.

— Inofensivo? Não pode ser.

Dei de ombros a essa observação, feita a quase seis mil e quinhentos quilômetros de distância.

— Você gravou o que ele disse?

— É impraticável. Mesmo que ele estivesse usando um microfone, eu só pegaria ruídos da multidão.

— Você pelo menos tomou notas?

— Melhor ainda — disse eu brusca e secamente. — Anotei literalmente tudo, taquigrafado. Não recebeu meu fax?

— Não estive no escritório hoje. Está tudo lá?

— Só a primeira palestra. Vou ter de fazer uma cópia à mão da segunda. Vai levar algumas horas.

— Não é nenhum tipo de taquigrafia pessoal e exótica, é?

— Não, é taquigrafia normal.

— Então minha secretária pode resolver. Dê um jeito de mandá-la por fax.

Comecei a fazer objeções afirmando que o caderno teria de ser xerografado primeiro, pois não era possível colocá-lo diretamente no fax, mas logo percebi que só estava sendo infantil. Resignando-me ao inevitável, descii as escadas e fiz o que ele tinha me pedido.

Uma garrafa de Cutty Sark estava à minha espera quando voltei ao quarto.

Comecei a beber e ao mesmo tempo a escrever. Não sei que diabos está acontecendo, mas tenho certeza de que esse diário vai ser inútil se eu não o atualizar à medida que for em frente.

Terminei de escrever tudo o que aconteceu até o presente momento justo a tempo de fechar as cortinas para me proteger do sol nascente.

Espero lembrar-me de colocar o cartaz “*Disturben Verboten**” na porta, antes de apagar.

Perguntas perigosas

O fax dessa espelunca funciona vinte e quatro horas por dia, mas o almoço só é servido até as duas da tarde, e eu mal conseguia manter-me sentado. Agora são 2:47 horas da tarde. Suponho que anoto a hora como uma forma de adiar as coisas. Não quero pensar, não quero escrever e, por isso, anoto meticulosamente a hora.

São 2:50 horas e me pergunto o que há de errado comigo.

São 2:52 horas e acho que a minha vida está desmoronando.

Desmoronando sob que tipo de pressão? Não consigo entender muito bem. Ou talvez eu não *queira* entender. Com certeza, a maior parte é B, mas não entendo por quê. Estou extremamente relutante em reler suas palestras. Sua mensagem é como um vulto escuro em meu ombro. Consigo vê-lo com o canto dos olhos e ele me incomoda, pois não consigo vê-lo claramente. Sei que poderia virar o rosto e encará-lo diretamente, mas, como disse, estou relutante em fazer isso.

Disse ao padre Lulfre que os ensinamentos de B são inofensivos. O que eu quis dizer com isso? Acho que algo do gênero: B é inofensivo porque só está questionando todos os fundamentos do cristianismo — para não falar do judaísmo, do islamismo e do budismo.

Nada há nada de mau nisso, há?

Mal nenhum, padre Lulfre, porque o senhor mesmo me ensinou que nenhuma questão é perigosa — para *nós*. Temos todas as respostas — é só perguntar. Podemos responder a qualquer coisa. A absolutamente qualquer coisa. Para *nós*, as questões não são obstáculos, as questões são oportunidades.

Não está certo, padre Lulfre?

Portanto, qual *é* seu problema, padre Lulfre?

No telefone eu lhe disse: “Os ensinamentos de B são inofensivos”, e o senhor disse em resposta: “Não pode ser”.

Quê?

Que isso significa, padre Lulfre? Será que significa que, afinal de contas, algumas questões são perigosas?

O bom soldado Jared

O fato de eu achar aqui alguma coisa que me incomoda... me incomoda. Nada deveria me incomodar. Quero dizer, sou um bom soldado, não sou? Inteligente paca, mas basicamente um cara simples, sem complicações. Como é o nome do pastor atormentado de *A Letra Escarlate*? Dimmesdale? Não sou nenhum Arthur Dimmesdale, nem de longe. Não sou nenhuma alma atormentada. Você quer que eu espione um sujeito que tem sido chamado de Anticristo? Certo, por que não, com todos os diabos? Onde está a minha passagem de avião? Qual é o limite do meu cartão de crédito?

Ei, é por isso que as grandes cabeças dos laurencianos me escolheram, não é? Queriam alguém inteligente, controlável e leal — não necessariamente com muita fé, mas talvez apenas com pouca imaginação.

Mas o engraçado é (engraçadíssimo, na verdade) que, por eu ser apenas um bom soldado, simples e sem complicações, *dou ouvidos* ao sujeito que devia estar espionando. E, depois de lhe dar ouvidos, digo:

“É, entendo o que ele está dizendo. É algo novo. É algo *realmente* novo. O que esse sujeito diz faz sentido. Faz mais sentido do que qualquer coisa que *qualquer outra pessoa* tenha dito e que eu já tenha ouvido. Qual é o problema?”

Então o sujeito me chama de lado e diz:

Então o sujeito me faz andar metade da cidade a pé e diz:

Então o sujeito me paga um uísque de dezesseis anos e diz:

“Existem alguns ensinamentos que só discípulos excepcionais podem entender. Espero poder transmitir alguns desses ensinamentos a você”.

Acho que talvez as grandes cabeças dos laurencianos deviam ter encontrado um soldado que não fosse tão bom — ou que talvez fosse muito melhor.

Claro, não tenho certeza absoluta de como estão minhas relações com B a essa altura. Olhando para trás agora, vejo que fiquei muito mais incomodado com a revelação de Shirin do que ele. A verdade é que eu estava apenas projetando. Depois de ser descoberto, tomei como ponto pacífico que ele sentiria repulsa ou decepção. Na verdade, não senti uma coisa nem outra. Ele *achou engraçado*.

Certo, ainda não tenho certeza de como estão minhas relações com ele, mas não acho que eu esteja exatamente na lata de lixo. Não me saí de maneira muito brilhante, mas tenho certeza de que não me saí como se fosse um mero rebotalho.

* “Não perturbe”. Em Alemão no original. (N. do E.).

Domingo, 19 de maio

Radenau: segunda noite

Quando cheguei ao Schauspielhaus Wahnfried às nove da noite, quase pensei que tinha ido na noite errada ou para o lugar errado, porque os manifestantes haviam desaparecido. Talvez essa segunda noite de palestras não estivesse no programa deles, ou talvez tenham achado que uma noite nas barricadas era suficiente; talvez houvesse falta de pessoas para importunar oradores em outro lugar. Apesar disso, a porta estava sendo guardada pelo que restava de um grupo, e uma mulher que parecia irritada distribuía panfletos que pareciam irritados. Peguei um folheto, mas não entendi nada — estava escrito em alemão.

Na noite anterior, as luzes do auditório haviam sido acesas como que para uma evacuação rápida. Hoje estavam amortecidas como que para uma leitura silenciosa. O palco estava mal iluminado e vazio, com exceção da tribuna do orador. Havia talvez umas cem pessoas no auditório. Para evitar ser reconhecido do palco, ocupei um lugar bem do fundo. Era um público silencioso, paciente, cativo — um público de estrangeiros e, em sua maior parte, de solitários.

Depois de alguns minutos, B entrou no palco, ocupou a tribuna e começou a arrumar seus papéis. Para um orador, trata-se de uma técnica. Após alguns momentos, o auditório registrou sua presença e foi se calando, B começou, como achei que faria, do começo, resumindo não só a palestra da noite anterior, como também a que havia proferido em Munique, dando continuidade ao processo de retornos decrescentes que ele descrevera na Little

Bohemia. A cada palestra seu resumo tornava-se mais abrangente — e diminuía proporcionalmente em eficiência.

Quando finalmente estava pronto para entrar em território inexplorado, fez uma pausa e olhou em volta, chamando a atenção de todos, e eu peguei minha caneta (3).

Acho que me dei conta da minha verdadeira situação durante os quarenta minutos que se seguiram, enquanto escrevia depressa, fervorosamente concentrado em ouvir e entender as palavras (pois você não consegue realmente ouvir quando não entende as palavras — tudo se transforma numa algaravia). As almas piedosas imaginam muitas vezes que ser padre põe você automaticamente muitos quilômetros à frente de todos os outros no caminho da sabedoria. Ouvindo B, percebi que não estou nem um único centímetro à frente de ninguém nesse caminho. Estou no escuro. Estou no começo. Para todos os efeitos, ainda tenho dezenove anos. A certa altura, minha mão hesitou e eu disse para mim mesmo: “Não preciso anotar isso. Tudo o que tenho a fazer é ouvir”. Mas não estava certo se conseguiria continuar. Estou satisfeito de ter continuado, agora, é claro. Naquele momento, me senti como um homem ao leme de um navio que está afundando — sem propósito, pois qualquer navio consegue ir para o fundo sozinho.

Depois de meia hora, me senti também como um boxeador que está perdendo no oitavo ou nono *round* de uma luta de dez *rounds*. Já tinha sido golpeado em todos os lugares em que a lei permite — em todos os centímetros quadrados. As frases afluíam-me como socos e eu as lia e absorvia como se fossem socos. “Oh, sim, foi mais no rim. Lembro-me de um parecido no terceiro *round*”. “Oh, sim, e esse no bíceps — não devia doer, mas dói como o diabo!”. “E então vem mais um que eu tinha certeza de que ia pegar no ombro, mas, em vez disso, me acertou bem na orelha”.

Quando a palestra terminou, saí cambaleando junto com todos os outros e plantei-me do outro lado da rua, supondo que B fosse aparecer dali a alguns minutos. Isso me deu algum tempo para pensar, e aqui está o que pensei:

Tenho vivido numa espécie de cápsula do tempo, ou talvez na ala especial de um hospital que não mudou desde, digamos, a década de 50. Era uma ala em que meus pais e seus amigos teriam se sentido felizes. Não sei bem o que quero dizer com isso, só estou andando às apalpadelas. Nessa ala, Glenn Miller ainda e o máximo, não enquanto um símbolo de nostalgia, mas tal como era para meus pais quando eles estavam na faculdade. Nessa ala, os filhos têm casamentos incríveis e passam a lua-de-mel tentando descobrir o que é aquilo tudo. Nessa ala não existem crianças defeituosas, nem cultos de lunáticos, nem terroristas. Nessa ala, quando alguém por acaso sintoniza uma estação de rádio que está transmitindo uma palestra de B, a tal pessoa muda de estação à procura de outra coisa — algo relevante para a vida da ala.

Não acho que tenham sido exatamente esses pensamentos que me passaram pela cabeça enquanto eu estava lá do lado de fora do teatro. Não tenho certeza de que uma única idéia coerente tenha me passado pela cabeça. Eu só estava ali de pé me sentindo condenado. Em algum momento que me passou despercebido, alguém apagou as luzes da marquise e do saguão. Talvez tenham se passado uns dez minutos. Finalmente voltei a mim e percebi que o esquema da noite anterior não ia se repetir. B ainda estava lá dentro e, se eu quisesse falar com ele, teria de me encontrar com ele lá. Tomei furtivamente o caminho para a porta mal iluminada do palco e descobri que estava arrumada como um esconderijo para fumantes, uma caixa de fósforos com uma fresta aberta. Entrei, joguei os fósforos fora e deixei a porta fechar e trancar-se atrás de mim.

Ouvi vozes ao longe, muito longe. Não havia nada de estranho nelas. Não

pareciam particularmente alegres ou tristes, excitadas ou calmas. Poderiam pertencer a pessoas que estivessem discutindo questões domésticas ou o fim do mundo. Não havia como saber, embora eu ficasse ali de pé ouvindo durante um minuto inteiro enquanto os olhos tentavam encontrar uma réstia de luz que me orientasse.

O palco estava mais ou menos diretamente na minha frente, do outro lado de um número desconhecido de corredores, camarins, salas de espera e, finalmente, dos bastidores que davam para a área do palco propriamente dito. Como nenhum anjo protetor estava ali para me guiar, comecei a tatear o caminho e, depois de alguns minutos, fui recompensado com o vislumbre de uma luz cinza à minha direita. Era a luz de uma lâmpada sem globo que pendia sobre um palco vazio e iluminava vagamente o auditório vazio.

Rumo ao mundo subterrâneo

O murmúrio das vozes estava muito distante, como sempre. Segui-o pelos bastidores até o poço de uma escada circular de ferro e descí para a escuridão. Não precisava dos olhos; os degraus eram regulares, o corrimão, sólido. Vi um dia, em algum lugar, o diagrama de um corte transversal de um teatro, mostrando um primeiro subsolo embaixo do palco, um segundo, um terceiro e um quarto, e lembro-me de ter me perguntado o que poderia ser bem guardado em tal profundidade. Logo o ruído dos meus passos foi ouvido lá embaixo e o murmúrio parou. O quarto subsolo, onde as escadas desembocavam, era grande e tinha um pé-direito alto. Numa extremidade distante do aposento, em cima de caixas, mesas e prateleiras, cem velas iluminavam uma área que parecia uma sala de visitas retirada de uma loja de antiguidades.

B estava sentado numa cadeira de braços e me olhava. Acenou e gritou:

“Não tenha medo! Não há ratos!”, como que me encorajando a seguir em frente. De repente, uma dúzia de rostos apareceu ao mesmo tempo no meio dos destroços e olhou para mim indistintamente de trás da mobília antiga e maltratada, de tapetes enrolados, de antiquados manequins de costureira, espécimes apodrecidos de animais empalhados, guarda-roupas imensos, pilhas de livros e revistas e prateleiras de roupas desbotadas. Parece que B percebeu meu constrangimento e tornou minha chegada menos desajeitada falando sobre a ausência de ratos.

— A diretoria do teatro nunca deixa de montar *O Rei Lear* pelo menos uma vez a cada dois anos — disse ele. Quando todos os olhos se voltaram para ele, continuou: — “Ratos e camundongos e outros bichinhos pequenos foram o alimento de Tom durante sete longos anos”. *O Rei Lear*, ato III, cena 4 — como se isso esclarecesse tudo.

Indicou com um gesto uma cadeira à sua direita, uma maravilhosa poltrona Biedermeier antiga, com almofadas de veludo verde-claro desbotado. Ele próprio ocupava uma *bergère* da Regência mais maravilhosa ainda, em ouro e ébano, de pés em forma de garra e apoio para as mãos em forma de cabeça de leão. Sentei-me e olhei o ambiente ao meu redor.

Havia uma extravagante otomana Directoire a minha direita e Shirin estava enrodilhada numa das pontas, vestida como sempre de *jeans* surrados, camisa de seda (dessa vez verde-escura em vez de preta) e botas. Olhava para mim com um interesse educado e eu não tinha certeza absoluta de que ela havia me reconhecido. A outra ponta da otomana estava ocupada por uma adolescente de olhar intenso que usava *blue jeans* e um suéter cinza.

— Este é Jared Osborne — disse B aos outros, que me fizeram um aceno de cabeça, sem qualquer sinal de entusiasmo, pensei. — Vou deixar cada um de vocês se apresentar depois.

Voltou-se para mim e disse:

— Ainda estamos discutindo a questão que foi levantada no final da palestra de ontem, sobre a necessidade de um programa. Como você teria respondido a essa pergunta?

— Receio não me lembrar dela.

— Em essência, a pessoa que perguntou queria saber o que devemos fazer agora que vemos as pessoas de nossa cultura afundando na autodestruição.

— E você está me perguntando como eu responderia?

— Preciso explicar — disse B aos seus seguidores — que Jared Osborne é um padre católico romano.

— Não estou aqui representando esse papel — disse a ele. B deu de ombros.

— Suponho que um ponto de vista persiste mesmo quando o papel é posto de lado.

— É, persiste, sim, mas vim aqui para ouvir, não para falar, se não houver problema.

— Claro que não... Pouco antes de você chegar, fiz uma observação a respeito de salvar o mundo, e o Michael aqui — fez um aceno de cabeça para um homem alto que o ouvia — fez objeções a essa linguagem, afirmando que o mundo não precisa de nós para salvá-lo, só precisa de nós para que o deixem em paz. Eu estava explicando que não tinha usado a palavra “mundo” num sentido biológico e sim no sentido bíblico e literário tradicional, que não se refere à biosfera do planeta que chamamos de mundo e sim a algo que seria mais bem definido como “a esfera da atividade material do homem”. É a esse mundo que Wordsworth se referia ao escrever: “O mundo está farto de nós”. É a esse mundo que Byron se referia quando escreveu: “Não amei o mundo, nem o mundo a mim”. É a esse mundo que João se referia ao dizer: “Todo aquele que ama o mundo é estranho ao amor do Pai”. Não concorda, padre

Osborne?

— Sim. É evidente que João não estava se referindo à biosfera.

— O que eu disse foi o seguinte: se o mundo for salvo, o será por pessoas de cabeça mudada, pessoas com uma nova visão. Não será salvo por pessoas de cabeça antiga e programas novos. Não será salvo por pessoas com a visão antiga e um programa novo.

Todos pareciam estar olhando para mim à espera da minha resposta. Não conseguia nem imaginar por que isso estava acontecendo, mas não havia como me enganar. Eu disse:

— Não tenho certeza se sei a diferença entre uma visão e um programa.

— A reciclagem é um programa — disse B. — Apoiar uma legislação que beneficie a Terra é um programa. Você não precisa de uma nova visão para tomar parte em qualquer desses dois programas.

— Está dizendo que esses programas são perda de tempo?

— De jeito nenhum, embora tendam a dar às pessoas a falsa impressão de progresso e esperança. Os programas são iniciados para combater ou derrotar uma visão.

— Dê um exemplo do que quer dizer com visão.

— Em nossa cultura, a visão aprova o isolamento, por exemplo. Aprova um lar separado para cada família. Aprova fechaduras nas portas. Aprova calorosamente você ficar isolado por trás de portas trancadas à chave, vendo o mundo eletronicamente. Como isso já acontece, não há necessidade de programas para incentivar as pessoas a ficar em casa e ver televisão. Por outro lado, se você quiser que as pessoas desliguem os aparelhos de televisão e saiam de casa, aí você vai precisar de um programa.

— Entendo... acho.

— O isolamento é aprovado pela visão e, por isso mesmo, ele se autopromove, mas a construção da comunidade não é aprovada pela visão e, por isso mesmo, tem de ser promovida por programas. Os programas contrapõem-se invariavelmente à visão e por isso têm de ser impostos às pessoas — têm de ser “vendidos” às pessoas. Por exemplo: se você quiser que as pessoas vivam com simplicidade, reduzam o consumo, reutilizem e reciclem materiais precisa criar programas que incentivem essas atitudes. Mas, se você quiser que elas consumam muito e desperdicem muito, não precisa criar programas de incentivo, porque essas atitudes são promovidas por nossa visão cultural.

— Ah, estou entendendo.

— A visão é o rio fluindo. Os programas são galhos colocados no leito do rio para impedi-lo de fluir. O que estou dizendo é que o mundo não será salvo por pessoas com programas. Se o mundo for salvo, o será porque as pessoas que vivem nele têm uma nova visão.

— Em outras palavras, as pessoas com uma nova visão terão novos programas.

— Não, não é isso que estou dizendo. Repito: a visão não precisa de programas. A visão é o rio fluindo. A Revolução Industrial foi um rio fluindo. Não havia necessidade de programas para mantê-lo fluindo ou para impedi-lo de fluir.

— Mas ele não estava sempre fluindo.

— Exatamente. Não era o rio do século II ou do século VIII, nem do século XIII. Não havia sinal do rio nesses séculos. Mas, uma depois da outra, nascentes minúsculas transbordaram e começaram a fluir juntas, década após década, século após século. No século XV, era um fio d’água. No XVI, tornou-se um riacho. No XVII, tornou-se um ribeirão. No XVIII, tornou-se um rio. No XIX, tornou-se uma torrente. No XX, tornou-se um oceano que engole

tudo. E, durante todo esse tempo, nem um único programa foi necessário para favorecer seu progresso. Foi despertado, mantido e intensificado exclusivamente pela visão.

— Estou entendendo.

— É um sinal do colapso da nossa cultura o fato de que promover nossa visão tenha passado a ser visto como algo maligno, ao passo que solapar a visão passou a ser visto como algo nobre. Por exemplo: na escola, as crianças nunca são incentivadas a querer as recompensas materiais do sucesso. O sucesso é algo que deve ser buscado por si mesmo, certamente não por qualquer riqueza que possa trazer. Os líderes empresariais podem ser apresentados como modelos por causa de sua “criatividade” e de suas “contribuições à sociedade”, mas nunca como modelos por terem casas luxuosas, carros exóticos e dezenas de empregados para atender todas as suas necessidades. No mundo dos livros didáticos dos nossos filhos, uma pessoa admirável nunca deveria fazer nada apenas por dinheiro.

— É, é verdade.

— As pessoas de nossa cultura seguram rojões incríveis. Para aqueles de vocês que não têm familiaridade com essa expressão idiomática, “segurar o rojão” significa agüentar com firmeza uma situação difícil. Primeiro, a pessoa tenta evitar a situação, mas, se for absolutamente necessário suportá-la, a pessoa tem de “segurar o rojão”. Para a maioria dos que escrevem e pensam a respeito do nosso futuro, é uma conclusão a priori que todos vamos ter de segurar muitos rojões para sobreviver. Não ocorre a esses pensadores e escritores que seria muito menos doloroso começar do zero. Segundo sua maneira de ver, nossa tarefa é cerrar os dentes e apegar-nos fielmente à visão que está nos destruindo. Segundo sua maneira de ver, nosso destino é

continuar indefinidamente dando murro em ponta de faca com uma das mãos, enquanto usamos a outra para distribuir aspirinas para a dor.

Perguntei:

— É tão fácil assim mudar uma visão cultural?

— O relevante não é o fato de ser fácil ou difícil. O relevante é estar pronto ou não estar pronto. Enquanto não chegar o momento certo para uma nova idéia, nenhum poder da Terra pode fazer com que ela pegue; mas, no momento certo, ela pega fogo e se espalha pelo mundo como um rastilho de pólvora. O povo de Roma estava pronto para ouvir o que São Paulo tinha a lhe dizer. Caso contrário, São Paulo teria desaparecido sem deixar vestígios e não conheceríamos o seu nome.

— O cristianismo não se espalhou exatamente como um rastilho de pólvora.

— Considerando a proporção em que era possível disseminar novas idéias naquele tempo, sem jornais e revistas, rádio ou televisão, ele se espalhou como um rastilho de pólvora.

— É, acho que sim.

— O ponto aonde quero chegar aqui é que não tenho idéia do que farão as pessoas de cabeça mudada. Paulo estava na mesma situação quando viajava pelo império mudando as cabeças em meados do século I. Ele não poderia ter previsto o desenvolvimento institucional do papado ou a forma da sociedade cristã da Europa feudal. Júlio Verne, por outro lado, nosso primeiro autor de ficção científica, conseguiu fazer excelentes previsões que abrangeram todo um século porque nada mudou entre sua época e a nossa em termos de visão. Se as pessoas do próximo século tiverem uma nova visão, farão coisas completamente imprevisíveis para nós. Na verdade, se não ocorrer — se seus atos *forem* previsíveis para nós —, isso provaria que eles não terão tido nenhuma visão nova, que sua visão e a nossa eram essencialmente as mesmas.

Eu disse:

— Mas me parece que você tem um programa. Você pretende mudar a cabeça das pessoas.

— Você diria que Paulo tinha um programa?

— Não, na verdade, não. Eu diria que tinha um objetivo ou uma intenção.

— Eu diria a mesma coisa a meu respeito. “Programa” não é a palavra certa para o que estou fazendo, embora saiba que é a palavra que usei para responder à pergunta daquela mulher esta noite. Em nossa cultura, no presente momento, o fluxo do rio é na direção da catástrofe e os programas são galhos colocados no leito do rio para impedir seu fluxo. Meu objetivo é mudar a direção do fluxo para longe da catástrofe. Com o rio correndo numa nova direção, as pessoas não precisariam criar programas para impedir seu fluxo e todos os programas em vigor atualmente ficariam esquecidos na lama, desnecessários e inúteis.

— Muito ambicioso — observei secamente.

— Você chamaria meus delírios de messiânicos — disse B com um sorriso.

— Outros já chamaram disso — aqueles que me denunciam como o Anticristo.

Aquelas palavras me causaram um pequeno impacto e passei um momento ruminando-as antes de responder que não percebia o que o Anticristo tinha a ver com aquilo.

— É porque você ainda não ouviu o suficiente, ou não levou o que ouviu até as conclusões lógicas.

Aqui ele me pegou. Não havia dúvida nenhuma. Ou, pelo menos, foi o que pensei.

(3) O texto dessa palestra se encontra no último capítulo: Os ensinamentos públicos – (3-O Colapso dos valores).

Domingo, 19 de maio (cont.)

A Inquisição

— Eu gostaria de saber por que o padre Osborne está aqui. — Essa frase foi dita por Shirin. Olhei para ela, mas seus olhos estavam voltados para B.

— Vamos ver se ele vai nos responder — disse B.

Shirin trocou um rápido olhar com a moça que estava na outra ponta da sua elegante otomana Directoire. Todos os presentes pareceram trocar um olhar com o vizinho. Ao que tudo indicava, a resposta de todos parecia um sim a B, que se voltou e endereçou-me a pergunta com um aceno de cabeça.

Achei que devo ter bons instintos para a espionagem, porque vi num instante que havia uma boa quantidade de verdade que eu poderia lhes dizer sem me aproximar muito de uma mentira que talvez me traísse mais tarde. Meu diálogo com B havia mantido minha atenção concentrada nele até esse momento. Agora que era a minha vez, eu tinha de olhar ao redor. Shirin, eu já descrevi. Ela, para mim, era inescrutável como uma esfinge, com o rosto estranhamente marcado e os olhos intensos. Bonnie, a moça da outra ponta da otomana (que eu mais tarde soube que era filha de um empresário norte-americano), estava mais abertamente desconfiada e hostil ainda. O público atrás delas (fora do que tomei como um círculo íntimo) parecia mais neutro. O homem que B chamara de Michael era alguém por quem eu senti uma afeição instintiva, não sei bem por quê. Dava a impressão de ser alto, desajeitado, e tinha uma aparência meio engraçada, de orelhas grandes e carnudas, rosto comprido, olhos sonolentos e lábios flexíveis e bem-humorados, e era, ao mesmo tempo, extremamente inteligente e naturalmente modesto. Suas roupas

eram tão indefinidas que não tenho lembrança nenhuma delas. Havia uma mulher baixa de uns cinqüenta anos e expressão astuta que, por uma razão qualquer, imaginei que fosse diretora de escola, E um homem de aparência distinta, de seus setenta anos, um médico talvez, ou um bibliotecário aposentado. Depois descobri que era padeiro. E um jovem casal de operários, que pareciam nervosos e ligeiramente alarmados; eram os Teitel, Monika e Heinz. E um sujeito de uns vinte anos que sorria com afetação e parecia estar louco por uma oportunidade para me esmagar com seu intelecto gigantesco como se eu fosse um inseto; era Albrecht.

— Gostaria de começar dizendo os papéis que não estou desempenhando aqui — disse eu. — Não estou aqui como um emissário do Vaticano. Se estivesse, teria a aparência de um deles — estaria usando uma batina preta e um colarinho romano. É verdade, por outro lado, que fui mandado aqui pela minha ordem, mas não como missionário ou polemista. Não estou aqui para converter ninguém nem para defender a Fé. Estou aqui para ouvir e entender.

— Que ordem? — perguntou Shirin.

— Laurencianos.

Era claro que essa denominação não lhes dizia nada. Expliquei a ela que era uma ordem educacional semelhante à dos jesuítas.

— Por que os laurencianos querem “entender” B? Por que eles e não os dominicanos ou os franciscanos?

— Receio não poder falar em nome dos dominicanos ou dos franciscanos.

— A questão é: por que os laurencianos estão curiosos? Suponho que possa falar em nome deles.

Bem, aqui ela me pegou, evidentemente. Eu não estava longe de admitir que os laurencianos queriam se assegurar de que a acusação de Anticristo feita a B era infundada, mas ele tinha justamente acabado de me dizer que eu ainda não

tinha condições de julgar essa questão, no que lhe dizia respeito.

— Sinto como se estivesse sendo puxado em duas direções — respondi. Você quer saber por que todos os membros da Igreja estão curiosos ou por que os laurencianos em particular estão curiosos?

— São respostas diferentes?

— São, certamente são.

— Bem, comece explicando por que todos os membros da Igreja estão curiosos.

— Vocês estão chamando a atenção, evidentemente por motivos religiosos. É por isso. Qualquer um que passasse pelo teatro a noite passada poderia ver isso e ficaria curioso em saber o que significava aquilo tudo.

— Tudo bem. E por que os laurencianos estão curiosos?

— Vou responder francamente. Gostamos de estar à frente dos outros. Gostamos de ser um pouco mais rápidos, um pouco mais alertas, um pouco mais curiosos e um pouco mais por saciar nossa curiosidade.

— Pontas de lança.

— É assim que gostamos de ser vistos. É repreensível?

Shirin sorriu e sacudiu a cabeça.

— Uma boa resposta — disse ela.

Olhei bem para B, que acenava a cabeça em sinal de aprovação.

— Uma resposta muito boa mesmo — disse ele. — Os lobos realmente espertos sabem que o lobo que mais levanta suspeitas no rebanho é aquele disfarçado de cordeiro.

— Você está dizendo o quê? Que os lobos realmente espertos não perdem tempo com disfarces?

B olhou ao redor do aposento e finalmente fez um aceno de cabeça a Michael, que se voltou para mim com um sorriso simplório e disse:

— Lobos realmente espertos disfarçam-se de lobos *amistosos*.

Três boas respostas ocorreram-me instantaneamente, mas eu sabia que nada que eu dissesse abalaria a verdade da acusação implícita.

Nesse momento, a mulher que eu achava que fosse diretora de escola começou a falar com uma voz esganiçada num inglês de sotaque carregado.

— Sempre foi o princípio que me norteou durante quarenta anos dizer: “Nunca confie, num cristão”. Nem uma única vez um cristão me deu motivos para mudar de opinião.

— Poderia perguntar por quê? — disse eu (satisfeito com a digressão).

Ela olhou para mim com uma aversão evidente.

— Sua lealdade está sempre em dúvida, está... maculada.

Incapaz de encontrar as palavras, ela falou em alemão com Michael, que traduziu:

— Sua lealdade está sempre sujeita a mudar, diz Frau Hartmann. Sempre sujeita a revisões de acordo com critérios que ninguém sabe quais são. Hoje você é meu amigo, mas há uma fronteira oculta dentro de você que marca o início da sua lealdade com Deus. Se você cruzar inadvertidamente essa fronteira, então, embora continue sorrindo para mim como um amigo, pode estar achando que se tornou um dever sagrado para você me destruir. Esta semana você é meu amigo, mas na próxima, poderão dizer que sou uma feiticeira e que Deus quer que as feiticeiras sejam queimadas, e então você vai me queimar. Esta semana você é meu amigo, mas, na próxima, poderão dizer que sou anabatista e que Deus quer que os anabatistas sejam afogados, e então você vai me afogar. Esta semana você é meu amigo, mas, na próxima, poderão dizer que sou valdense e que Deus quer que os valdenses sejam enforcados, e então você vai me enforcar.

Michael deu-me um sorriso de desculpas e explicou que Frau Doktor

Hartmann era historiadora.

Como não consegui pensar em nenhuma forma de me defender dessa acusação, voltei-me para B e disse:

— Então sou um lobo tentando me passar por amigo e, sendo cristão, tenho uma lealdade incompreensível para os estranhos. Como ficamos depois disso?

— Não sei. Shirin?

— Que faz com as anotações das palestras de B?

— Não são anotações — respondi. — São transcrições taquigráficas.

— Tudo bem. Que faz com elas?

Shirin já havia visitado meu hotel uma vez para dar uma busca no meu quarto. Se conseguiu fazer isso, não teria sido uma grande proeza descobrir o que fiz com minhas transcrições (em outras palavras, eu tinha de supor que ela já sabia).

— Mando pelo fax para o meu superior nos Estados Unidos.

— Por que ele as quer? E, por favor, não me diga o quanto ele anseia estar na vanguarda do pensamento religioso.

Voltei-me para B e perguntei:

— Que vem agora? Farpas sob as unhas? Pau-de-Arara?

O rosto de gárgula de B torceu-se numa careta que parecia meio séria, meio divertida.

— Por que continua tratando de seus problemas comigo? É a Shirin que você deve satisfações. Fale com ela, não comigo.

Fiquei perplexo com essa traição de gênero e igualmente perplexo com a minha própria traição. Eu havia tentado inconscientemente atrair B para que tomasse partido a meu favor — nós, homens, contra o inimigo comum. Fiquei profundamente decepcionado comigo mesmo; pensei que estivesse pelo menos uma década à frente desses joguinhos de colegial.

Olhei para Shirin e minha condição de padre escorregou dos meus ombros como um manto de fecho quebrado. Num instante ela se transformou numa pessoa diante de meus olhos e deixou de ser uma paroquiana impertinente e irrelevante que eu tinha de apaziguar de alguma forma e convencer a fazer o que eu queria que fizesse. O que havia em seus olhos, percebi agora, não eram hostilidade e suspeita, mas medo, por mais incrível que pareça. Pela mesma razão inconcebível para mim, eu era uma fonte de terror para essa mulher rija e competente. Meu coração encheu-se de piedade e remorso pela impostura calculada que me fizera ficar face a face com ela.

Uma parte da verdade vem à tona

— B está me dizendo que o mundo do qual faço parte está extinto — disse a ela, — Está extinto há décadas e nem sequer suspeitávamos disso.

Shirin franzira muito a testa, esforçando-se para entender o sentido de minhas palavras, mas sem querer me distrair, agora que eu evidentemente estava confessando uma parte qualquer da verdade.

— Não é bem verdade — continuei. — *suspeitávamos* que estávamos obsoletos, mas achávamos que nossas suspeitas eram infundadas. Entende o que quero dizer?

Com um ar desolado, Shirin fez que não com a cabeça.

— Estou falando de nós, os guardiães da fé, você sabe. Os profissionais. Sabemos como lidar com nossas suspeitas — temos de saber, porque é nosso trabalho lidar com as suspeitas dos *outros*. Somos, em grande parte, profissionais em acalmar, tranquilizar, dispersar dúvidas.

Shirin concordou com um vago aceno de cabeça, de um milímetro mais ou menos, para me dar a entender que estava começando a acompanhar meu

raciocínio, de maneira hesitante.

— Nossa mensagem para aqueles que precisamos tranquilizar é: “Não se preocupem, não aconteceu nada. O mundo está exatamente como era. Não fiquem ansiosos, não fiquem alarmados. O alicerce é sólido. Os pilares ainda estão de pé. Nada mudou desde... o ano 1000, o ano 200, o ano 33, quando as portas do paraíso foram abertas para nós por Alguém que deu Sua vida por nossos pecados e no terceiro dia ascendeu de entre os mortos. Absolutamente nada mudou desde então. Embora a gente faça guerras com bombas e gás asfixiante em vez de espadas e pedras, e anotemos nossos pensamentos em discos de plástico e não em pergaminhos, nossos dias ainda são aqueles dias”.

De repente foi a vez de Shirin voltar o olhar para B em busca de ajuda. Como ele não se manifestou, ela se voltou para a amiga da outra ponta da otomana, para a sra. Hartmann, para Michael. Ninguém parecia ter nada parecido com uma sugestão para fazer. Sem nenhuma perspectiva a vista, ela foi obrigada a voltar-se para mim.

Disse:

— Acho que não estou entendendo por que você está me dizendo isso.

— Tive a impressão de que você queria a verdade.

— Quero.

— Você não pode dizer simplesmente: “Tudo quanto quero dizer por verdade é essa peça do quebra-cabeça. Se não for essa única peça, não quero ouvir falar do assunto”.

Shirin piscou e concordou com um aceno de cabeça.

— Desculpe — disse ela. — Não entendi o que você estava fazendo.

— Nossos dias ainda são aqueles dias. Entende o que essas palavras significam?

— Para ser honesta, não tenho certeza.

— Você me perguntou por que meu superior está interessado no que está acontecendo aqui em Radenau. Estou explicando: ele está interessado porque nossos dias ainda são aqueles dias. Nada mudou. O alicerce é sólido. Os pilares ainda estão de pé.

Shirin lutou com a questão por um momento, depois apelou para B em busca de ajuda.

— Acho que o padre Osborne está prestes a esclarecer as coisas agora, — disse B.

— Ficaria agradecido se você esquecesse o padre — disse a ele, olhando ao meu redor para incluir todos os que estavam no aposento. — Quando me chama de padre Osborne, continua insistindo em minha condição de intruso, de delinqüente em liberdade condicional.

— Que tratamento prefere? — perguntou B suavemente.

— Se vocês em geral se tratam pelo nome de batismo, como parecem fazer, eu prefiro ser chamado de Jared.

— Jared está bom para mim — disse B —, mas os outros vão seguir as próprias inclinações.

— Ótimo — repliquei e voltei-me outra vez para Shirin. — Há quatrocentos anos, quando nossa ordem foi fundada para defender a Igreja contra as forças da Reforma, assumiu uma missão adicional, excepcional, da qual pouco se falou nos últimos séculos. Essa missão era manter uma vigilância especial, uma vigilância constante. Devíamos ser os primeiros a reconhecer o Anticristo.

Um silêncio mortal caiu sobre o aposento, que finalmente foi quebrado por Frau Hartmann, que grunhiu:

— Você, com certeza, está brincando.

— Se essa é sua opinião — disse eu —, então você não estava ouvindo.

— Quer dizer que os laurencianos ainda mantêm a vigilância? — Essa pergunta foi de Shirin.

— Ainda, embora eu só tenha sabido disso recentemente, para ser honesto. Pensei que isso havia sido esquecido há séculos. Até eu tinha começado a me esquecer de que nossos dias ainda são aqueles dias.

— Mas isso é um absurdo — disse Frau Hartmann. — É isso o que diz a ralé pelas ruas.

— Para a ralé também nossos dias ainda são aqueles dias.

— Você tem de negar isso — disse ela com firmeza a B. — Da próxima vez que falar, você tem de negar isso.

— Negar como? Acha que eu devia fazer circular minha certidão de nascimento para mostrar que sou uma pessoa absolutamente normal?

— Você tem de atacar a idéia em si.

— Baseado em quê? Se é possível postular a existência de um Cristo (como é, obviamente), por que então não seria possível postular sua antítese?

— Mas você não é a antítese dele.

— É o que você diz. Outros dizem que sou, você sabe.

— Eles não têm argumentos. Nenhum argumento que seja... *fernünftig*.

— Racional — acudiu Michael.

— Talvez Jared nos diga como os laurencianos vêem os argumentos.

Eu disse:

— Sou como Frau Doktor Hartmann: não vejo nenhum motivo racional para associá-lo com o Anticristo. Disse-lhe isso há vinte minutos e você disse que eu ainda não tinha ouvido o suficiente para julgar.

— Isso não é bem uma resposta — disse B. — A pergunta original de Shirin parece mais relevante do que nunca. O que seu superior quer com suas transcrições?

— Pensei que agora já estivesse claro. Ele quer saber o que você está dizendo, por que as pessoas o estão chamando de Anticristo.

— E o que ele faz com o que lê? E, a propósito, será que essa pessoa tem um nome que você possa nos dizer?

— Seu nome é Bernard Lulfre.

B pareceu ficar momentaneamente perplexo.

— Está se referindo ao arqueólogo?

— Sim. Você o conhece?

— Conheço o trabalho dele. Não sabia que era laurenciano.

— Que trabalho dele você conhece?

B deu um sorriso que transparecia a lembrança de algo agradável.

— Ele se tornou adepto de forma um tanto inflexível da teoria de que os manuscritos do mar Morto foram produzidos por uma comunidade essênia que vivia em Qumran.

Não sabia que essa teoria estava sendo questionada.

— Está sendo questionadíssima, apesar do padre Lulfre e de outros defensores extremistas.

— É óbvio que não leio mais as revistas certas.

B deu de ombros.

— Como foi que ele reagiu às suas transcrições?

— Não reagiu ainda.

— Como ele *vai* reagir?

— Honestamente, não sei. Com certeza, de nenhuma forma crua ou óbvia.

— Ah, não — disse B com um sorrisinho especial. — Tenho certeza de que o padre Lulfre não reagiria de forma crua ou óbvia. O padre Lulfre pode ser tudo, menos sutil.

Domingo, 19 de maio (cont.)

O Anticristo toma café

Heinz e Monika Teitel haviam desaparecido sem que eu tivesse percebido. Reapareceram empurrando um carrinho de café por um corredor mal iluminado que se abria atrás da cadeira de B. Incongruentemente, pensei, estava na hora de uma pequena *kaffeeklatsch**. Aceitei uma xícara e uns biscoitinhos sem gosto polvilhados de açúcar e recostei-me na cadeira enquanto os outros se entretiam em conversas aparentemente inconseqüentes em volta do carrinho. Apenas Shirin ignorava a coisa toda, continuando no mesmo lugar a fim de pôr as idéias em ordem.

Fechei os olhos e encontrei os aposentos internos de minha cabeça praticamente desertos.

Quando, depois de dez ou quinze minutos, tudo aquilo foi removido e todos voltaram a se sentar, B começou a falar de forma normal, sem pressa, à sua forma.

— À Luz do que ouvimos aqui esta noite — disse ele —, resolvi alterar meus planos para as próximas semanas.

Exceto Shirin, que reagiu a suas palavras de maneira tão natural quanto se ela mesma as tivesse dito, seus ouvintes ficaram evidentemente atônitos.

— Todos aqui, exceto, creio eu, Albrecht, estiveram comigo pelo menos durante uma série completa de palestras. Isso significa que vocês sabem o que Jared não sabe. Sabem por que há piquetes lá fora denunciando-me como Cria do Diabo, Belzebu, a Besta e, na verdade, como o próprio Anticristo.

— Eles fazem piquetes porque não entendem — resmungou Frau

Hartmann.

— Que você acha, Shirin?

— Eles fazem piquete porque entendem *muito bem* — replicou Shirin sinistramente.

B disse:

— Receio que Shirin esteja certa, Frau Hartmann. Mas não vem ao caso se ela está certa ou errada. O padre Lulfre e provavelmente outros de sua posição arvoraram-se em nossos juízes, e esses homens não vão fazer uma pesquisa com as massas para descobrir o que acham. Não concordam?

Essa pergunta era para mim e eu lhe disse que ele estava absolutamente certo.

Heinz Teitel levantou a mão. Esse jovem desajeitado, juntamente com sua mulher Monika, parecia o mais constrangido desse grupo singularmente heterogêneo. Pedindo desculpas por desperdiçar o tempo dos outros com uma questão a que provavelmente não tinham necessidade de responder, perguntou se eu explicaria sucintamente o termo em discussão.

— Nenhum de nós foi criado numa instituição religiosa — disse ele. — Acho que sempre supomos que o Anticristo é mais uma criatura simbólica do que uma pessoa real, como Mammom ou Pandora.

— Essa não é de forma alguma uma questão fácil ou óbvia — respondi — e não sou um especialista, mas vou tentar responder da melhor forma possível. O Anticristo é uma figura central da história mitológica do cosmos tal como este era geralmente compreendido nos tempos antigos, em nossa cultura, como diria B. A cultura do Grande Esquecimento entendia o universo e a humanidade como produtos de um único ato de criação que ocorreu há apenas alguns milhares de anos. Entendia os eventos da história humana como os fatos centrais do próprio universo desdobrando-se durante um período muito

pequeno. Só algumas centenas de gerações de seres humanos viveram desde o começo dos tempos, e imaginava-se que apenas mais algumas centenas viveriam antes do final dos tempos, talvez até menos do que isso. É importante compreender que as pessoas dessa época não tinham a concepção de um universo de bilhões de anos de idade e de mais bilhões de anos pela frente. Tal como o imaginaram, o drama cósmico tinha apenas alguns milhares de anos, e não estava longe do seu fim. A questão central desse drama cósmico era a luta entre o bem e o mal travada neste planeta. Entre os judeus, que provavelmente foram os mitologistas mais criativos da época, a questão seria resolvida por dois paladinos. O defensor de Deus, o Messias, era esperado a qualquer momento, e seu aparecimento indicaria o início dos últimos dias. Também surgiria um adversário, o defensor de Satã, um Homem do Pecado. Os dois paladinos lutariam, as forças do mal seriam vencidas e a história e o universo chegariam ao fim.

“Os primeiros autores cristãos tinham a mesma visão da história, mas, para eles, é evidente que o Messias já tinha chegado e só faltava aparecer o Homem do Pecado. Como o Messias havia recebido o nome de Cristo, seu adversário poderia ser chamado de Anticristo. Assim como a missão do Messias era simples, a do seu adversário também era simples. Como o Cristo veio para levar toda a humanidade até Deus, o Anticristo levaria toda a humanidade até Satã. E o Anticristo não vai fracassar, assim como o Cristo não fracassou. O Anticristo será amado e seguido tão fervorosamente quanto o Cristo — mas só durante algum tempo, é óbvio. Por fim, depois de uma batalha cataclísmica, as forças de Deus triunfarão, levando a história à sua conclusão”.

“Essa visão clara do Anticristo foi sendo embaralhada e banalizada nos séculos seguintes à medida que uma geração após outra descobria alguém a quem agredir com esse nome. Qualquer pessoa muito temida ou odiada podia

esperar ser chamada de Anticristo, e, por fim, ambos os lados da Reforma tiveram de arcar com o rótulo. Depois desse período, do século XVII em diante, as pessoas ficaram fartas da história toda. Toda geração continua nomeando um candidato próprio — Napoleão, Hitler ou Sadam Hussein —, mas ninguém leva a coisa muito a sério”.

Esse resumo foi recebido com um silêncio apreensivo. Todos pareciam ter divagado durante um minuto e meio; depois disso, Heinz estava pronto para continuar.

— Entendo por que ninguém leva isso muito a sério — disse ele. — O que não entendo é por que *você* o leva a sério. Você, sua ordem e o padre Lulfre.

Admiti que era uma boa pergunta. De fato, admiti isso de várias formas enquanto tentava descobrir como explicar por que era possível continuar levando o Anticristo a sério. Por fim, eu disse:

— Essa situação foi prevista por Orígenes, um dos primeiros teólogos cristãos. Não estou dizendo que fosse exatamente essa a situação. Estou dizendo que o que ele previu pode ser aplicado a essa situação. Ele disse, na verdade, que toda geração vai produzir precursores e prefigurações do Anticristo e que eles vão merecer o nome à medida que personificarem o espírito do Anticristo. É dentro desse grupo que por fim surgirá *um* que vai merecer o nome na plena aceção do termo. É por causa *desse* que mantemos nossa vigilância.

— Que significa isso – que alguém merece o nome na plena aceção do termo?

— É exatamente isso que não é possível saber de antemão. Só se pode saber diante do evento em si, isto é, quando virmos o *verdadeiro* Anticristo; então saberemos o que o nome significa. Então diremos a nós mesmos: “Como poderíamos imaginar que Nero fosse o Anticristo... ou o papa, ou Lutero ou

Hitler?”. O verdadeiro Anticristo vai nos revelar o significado da própria profecia. Na verdade, é assim que vamos reconhecê-lo. Ele vai ser aquele que nos mostrará o que *significa* ser o Anticristo.

O réu é condenado

Um silêncio mortal seguiu-se a esse discurso. Por fim, o jovem Albrecht quebrou o silêncio para perguntar a B por que mudar os planos por minha causa. Fiquei surpreso quando ele falou não com sotaque alemão, mas com um sotaque inglês.

— Para me livrar dele o mais rápido possível — disse B com simplicidade.

— Se você quer se livrar dele, deixe por nossa conta: Heinz, Michael e eu.

Poderíamos levá-lo para fora e jogá-lo num lago ou algo assim.

— Duvido que fosse adiantar muito. Que acha, Jared?

— Concordo, não ia adiantar muito. Posso ser substituído por outros até o fim dos tempos e, se eu desaparecesse, as suspeitas recairiam sobre você quase imediatamente.

— Receio que Jared esteja certo — disse B ao rapaz.

— Ainda não entendi o que ganhamos por ajudá-lo.

— Mostre-me como atrapalhá-lo pode levar a ganhar mais que serei o primeiro a lhe criar dificuldades.

Albrecht pensou seriamente no problema durante algum tempo, mas era evidente que não acharia nada melhor.

B levantou-se e disse:

— Acho que vamos parar por aqui. Shirin ou eu entraremos em contato com você.

E, depois, voltando-se para mim:

— Shirin vai acompanhá-lo até o hotel. Volte amanhã lá pelas seis ou sete.

Abri a boca para dizer que não era necessário me oferecer uma escolta para uma caminhada de quatro quarteirões, mas percebi que B sabia disso tão bem quanto eu.

O prisioneiro é libertado

Fiquei surpreso ao descobrir que ainda era noite fechada quando saímos do teatro. Embora eu pudesse ver as horas no meu relógio de pulso, tinha a impressão de que a aurora devia estar bem adiantada depois daquela prolongada *Sturm und Drang**.

Caminhamos em silêncio durante alguns momentos e então observei que eles pareciam muito à vontade no Schauspielhaus Wahnfried.

— O diretor do teatro é um adepto — respondeu Shirin sem entrar em detalhes.

— Então, na verdade, vocês vivem lá?

— É nossa sede, sim.

— Mas por que em Radenau?

Assim que fiz a pergunta, lembrei-me de que sabia por que. O “misterioso autor do telefonema” havia me explicado durante a ligação em Munique. Durante um segundo, entrei num pânico total, mas depois percebi que era uma pergunta absolutamente natural. Evitar fazê-la poderia muito bem ter parecido mais suspeito do que fazê-la.

Ela disse:

— Há um centro médico aqui dedicado ao estudo e tratamento de doenças múltiplas do tecido conectivo.

Eu disse:

— B tem uma doença múltipla do tecido conectivo?

— Eu tenho uma doença múltipla do tecido conectivo. Na verdade, esclerodermia.

— Sinto muito — disse eu. — Meus conhecimentos de medicina são muito precários. Tem alguma ligação com *isso*? — Apontei o dedo para o meu nariz e maçãs do rosto.

— A borboleta do *Lupus* — disse Shirin.

— *Lupus*, sinto muito. Que é *lupus*?

— Outra doença múltipla do tecido conectivo. Tenho sintomas de ambas.

— Espero que não seja grave.

— Espera mesmo?

— Claro, espero, sim. Acredite ou não, os padres às vezes são capazes de sentimentos humanos normais — disse eu, buscando um ponto de luz em meu emaranhado de mentiras.

— Tudo depende — disse ela — do quanto os outros órgãos — coração, pulmões, rins — estão comprometidos. Infelizmente, o meu caso é muito grave realmente. Ninguém espera que eu veja o novo século. O lado bom, no meu caso, é que o fim provavelmente chegará de repente e eu devo estar bem ativa até então. Não é uma bela situação para se alongar indefinidamente.

Os sacerdotes são treinados para ter montes de coisas boas e sólidas para dizer em momentos como esse, mas nenhuma delas me ocorreu. Eu não queria nem dizer — pela terceira ou quarta vez — que sentia muito. Caminhamos um pouco em silêncio.

Finalmente, ela me perguntou se eu sabia por que B lhe havia pedido que me acompanhasse até a casa. Respondi que não.

— Eu também não, na hora — disse ela. Mas agora, sim. Ele sabia que eu conseguiria pensar no impensável e perguntar o “imperguntável”. As pessoas

na minha situação têm prática nisso.

— Você tem uma pergunta impensável para me fazer?

— Isso mesmo.

— Continue.

— Que seu padre Lulfre vai fazer se chegar à conclusão de que B é o Anticristo?

Esbocei uma risada.

— Entendo o que quer dizer. Isso é completamente impensável.

— Seria impensável para ele chegar à conclusão de que B é o Anticristo?

— Seria.

— Então por que mandar você para cá?

Levei um minuto ou dois pensando na resposta. Por incrível que pareça, eu não tinha tido motivo nenhum para pensar nisso antes. Eu disse:

— Se uma mancha parecida com uma Madona chorando aparece um dia na parede da sala de visitas do sr. Smith e todo mundo jura que vê lágrimas escorrendo de seu rosto toda sexta-feira às três da tarde, e milhares de romeiros passam por ela como uma torrente dia e noite, semana após semana, e as pessoas afirmam que os doentes estão sendo miraculosamente curados nesse altar, então, um belo dia, alguém da Igreja vai ser mandado para dar uma olhada. Vai ser algum padre sem sorte como eu, mandado de longe, porque seria penoso demais para o padre local dizer a seus vizinhos que essa mancha apareceu depois daquela violenta tempestade da última primavera, e que os Smith deviam mandar alguém consertar as goteiras do telhado naquela semana mesmo, e que não se permite que ninguém chegue perto da Madona às sextas-feiras à tarde além do sr. Smith, e que o vidro que ele usa para colher as lágrimas poderia muito bem ser o mesmo usado para pôr as lágrimas no lugar certo, e que mesmo que na verdade o sr. Smith não cobre nada para as pessoas

entrar em sua casa, há uma cesta na porta, e sempre cheia de dinheiro, e que, embora um ou dois afirmem terem sido curados de algo, eles nunca ficam por ali o tempo suficiente para serem examinados por um médico.

— De modo que esse padre *não* é enviado para ver se houve um milagre.

— Claro que não. Ele é enviado para ter certeza de que *não* houve um milagre.

— Receio que isso seja complicado demais para mim. Se todos acham que não houve milagre, por que mandar um padre?

— Porque *alguém* tem de ser mandado. Por mais difícil que seja, por mais improvável que seja, alguém tem de ser mandado.

— E alguém tem de ler seu relatório.

— Sem dúvida alguma. Será lido, meticulosamente examinado, confirmado, vão mandar reconhecer a firma, e depois ele será aceito como autoridade máxima; por fim, cópias dele serão enviadas para arquivos diocesanos e provavelmente até para os arquivos do Vaticano, onde ficarão até o final dos tempos.

Continuamos andando pelas ruas desertas de Radenau. Quando avistamos o hotel, senti uma última pergunta se armando em Shirin.

— Não sei bem como perguntar isso — disse ela.

— Pergunte do jeito que quiser.

— Você veio aqui pensando que B era uma mancha na parede?

— Não, em absoluto. Quando você é mandado, tem de levar a investigação a sério.

— Mesmo que já se tenha prevista a conclusão.

Virtualmente prevista a conclusão. Noventa e nove vírgula noventa e nove por cento prevista. Sempre existe uma possibilidade remota — quase infinitamente remota, mas existe assim mesmo — de que a mancha seja uma

aparição miraculosa que verte lágrimas reais toda sexta-feira à tarde.

— Ou que B seja o Anticristo.

— Certo.

— Então a pergunta ainda precisa ser respondida. O que o padre Lulfre faria se chegasse à conclusão de que B é o Anticristo?

— Diria a seus superiores que se preparassem para uma nova era da história humana.

— Ele não se daria ao trabalho de fazer isso.

— Não, com certeza, não.

— Gostaria de acreditar que você está me dizendo a verdade — murmurou, incerta.

— Estou — disse eu.

Acrescentando para mim mesmo: *ao menos sobre isso*.

*** - Mexerico, bisbilhotice. Em alemão no original (N. do E.).**

**** - “Tempestade e ímpeto”, título de uma tragédia de Friedrich Maximilian von Klinger (1752-1831) e do movimento estético e literário criado na Alemanha como reação contra o racionalismo e o classicismo. (N. do E.).**

Segunda-feira, 20 de maio

Radenau: terceiro dia

Estou aqui sentado, bocejando sem parar, temendo que meu queixo arrebente. Não de sono, mas de nervosismo. Seis horas, quase hora de ir.

O padre Lulfre recebeu o fax diário com um silêncio persistente. Eu já havia feito minhas obrigações rotineiras de manutenção — dormir, tomar banho, barbear-me, comer etc. — e atualizei esse diário até aquele minuto. Também comprei um gravador muito sofisticado (e muito caro) que, acionado para rodar a uma velocidade lenta, pode gravar duas horas inteiras de som de cada lado de uma única fita sem eu ter de me preocupar com ele.

6:07 horas — sinto intensamente que não devia ir enquanto não descobrisse a fonte desse nervosismo terrível. Será apenas o fato de representar esse papel duplo? Sou como um advogado que tenta representar ambas as partes num litígio — e que luta para persuadir cada uma das partes de que sou digno de confiança. Lutando para persuadir *a mim mesmo* de que sou digno de confiança. Estou chafurdando num mar de mentiras, ao mesmo tempo em que tento parecer alguém que se mantém em cima de um sólido pedestal de integridade.

No entanto, por mais que tudo isso seja verdade, sei que não é bem isso. Estou nervoso devido a uma outra coisa. Estou nervoso é com o programa de B para mim. Uma coisa é tentar investigar alguém que pode ser simplesmente o mais perigoso dos homens vivos — e outra bem diferente, tornar-se seu discípulo.

Pôr essas coisas em palavras claras não faz o nervosismo desaparecer, mas

torna sem sentido fingir que estou em grande atividade.

Lá embaixo de novo

B está sozinho nos bastidores do Schauspielhaus Wahnfried e, enquanto dava voltas e mais voltas no meio daquela miscelânea de artigos obsoletos de teatro para chegar até ele, ele me olhava com um sorriso triste. Estava sentado como antes, em sua maravilhosa *bergêre* da Regência de ouro e ébano. Sentei-me, como antes, em minha maravilhosa poltrona antiga no estilo Biedermeier com almofadas de veludo verde-claro desbotado.

— Algumas vezes — disse ele depois de trocarmos os cumprimentos exigidos pela boa educação — em Munique e em minha palestra de ontem à noite você me ouviu fazer referências a um colega, **Ismael** — outro mestre, mas um tipo de mestre bem diferente de mim. Ele era um mestre maiêutico — eu não sou.

— Maiêutico?

— Da palavra grega que significa...

— Acho que sei — disse eu. — Da raiz *maia*, que significa parteira.

— Certo. Um mestre maiêutico é aquele que age como uma parteira de seus discípulos, guiando delicadamente para a luz idéias que há muito estão se desenvolvendo dentro deles.

Pensei naquilo por um momento e depois lhe perguntei se ele tinha condições de escolher ser ou não um mestre maiêutico ou se isso era ditado pelo tema da pessoa.

— Nem todo ensinamento objetivo se presta à abordagem maiêutica. Por exemplo: teria sido absurdo Isaac Newton tentar deduzir suas descobertas

ópticas a partir da cabeça de seus discípulos — absurdo porque essas descobertas não estavam *na* cabeça de seus discípulos. Por outro lado, ele poderia ter usado a abordagem maiêutica para mostrar a seus discípulos por que seus estudos alquímicos lhe pareciam dignos de ser feitos. É evidente que Sócrates ficou famoso pelo uso que fez do método maiêutico. Jesus só o usou superficialmente, em geral como forma de ajudar as pessoas a entender suas próprias perguntas, como ao dizer: “Se é por meio de Belzebu que eu exorcizo o demônio, então por meio de quem seus filhos o exorcizam?”

Mais uma vez pensei um pouco antes de dizer:

— Suponho que isso significa que o que você tem para me ensinar não seja algo que possa ser deduzido a partir de minha própria cabeça.

— É isso mesmo, em grande parte.

Mostrei-lhe o gravador que havia comprado e perguntei se se importava de eu gravar nossas conversas.

— Não faz sentido eu me importar — replicou ele. — O objetivo de nossa conversa é fazer uma gravação para o seu padre Lulfre.

Um mosaico

— A essa altura, não tenho nada parecido com um currículo para você — disse B. — Suponho que você saiba o que seja um currículo.

— Eu diria que é uma seqüência de objetivos de ensino.

— Uma seqüência que tem início em que bases? Presumo que não seja uma seqüência arbitrária.

— Suponho que se inicie idealmente do familiar para o desconhecido e do simples para o complexo. Um currículo é estruturado como uma pirâmide,

uma construção que parte da base. Você tem de conhecer A para entender B, você tem de conhecer A e B para entender C, você tem de conhecer A, B e C para entender D, e assim por diante.

— Exatamente. Mas, como disse, não tenho um currículo desses. Em vez de uma pirâmide, estou construindo um mosaico. As peças podem ser acrescentadas em qualquer ordem. Nos primeiros estágios, não há nada parecido com uma imagem, mas, à medida que as peças vão sendo acrescentadas, começa a se formar uma imagem. Quanto mais peças são acrescentadas, a imagem torna-se mais distinta, mais definida, de modo que, por fim, você tem certeza de que o quadro fundamental está diante de você. A partir desse ponto, o quadro só tem a ganhar em nitidez e detalhe à medida que as peças continuam sendo acrescentadas. Por fim, parece que não falta mais nenhuma peça e só é necessário preencher os espaços entre peças contíguas — com peças menores ainda. À medida que os espaços são preenchidos, o quadro começa a se parecer cada vez mais com uma pintura, um todo contínuo em vez de uma série de fragmentos — e, no fim, não lembra mais um mosaico.

— Estou entendendo.

— Você vai ter de transmitir o que estou dizendo em peças, acho eu. Vamos ver o que acontece. Já tive muitos discípulos, mas eles sempre aprenderam simplesmente por osmose. As circunstâncias nos impelem a adotar um método que ninguém experimentou.

Disse a ele que estava disposto a tentar o que ninguém havia tentado.

— Esta é uma peça com a qual podemos começar. Você se lembra dos jovens Heinz e Monika Teitel, que estavam aqui a noite passada.

Eu disse que sim.

— Eles me seguiram durante um ciclo completo de palestras e, por conseguinte, devem ter ouvido pelo menos uma vez tudo o que tenho

condições de dizer em público, tudo o que acho que vai ser compreensível. Mas você não se torna cristão depois de ouvir um sermão, você não se torna um freudiano depois de ouvir uma palestra e você não se torna um marxista depois de ler um panfleto. Se um estranho perguntar aos Teitel algo que estiver além de qualquer coisa que eles me ouvirem falar, eles vão passar a pergunta para mim. Eles entendem o que estou dizendo, mas minha mensagem não é suficientemente *deles* para eles poderem gerar respostas próprias. Para eles, o mosaico é apenas um esboço em estado bruto.

“Frau Doktor Hartmann acompanhou-me duas vezes ao longo do ciclo de palestras e participou de muito mais *soirées* como aquela de ontem a noite. Se um estranho lhe fizer uma pergunta que estiver além de qualquer coisa que ela tenha ouvido de mim, ela pode tentar responder, mas, quando me conta a resposta que deu, em geral descobre que a minha teria sido bem diferente da sua — às vezes até contrária a sua. Ela também entende o que estou dizendo, mas minha mensagem não é suficientemente dela para ela conseguir gerar respostas indubitáveis. Ela consegue ver as linhas gerais bem claramente, mas a imagem do mosaico ainda é vaga.

Michael, por outro lado, está comigo há um pouco mais de tempo que Frau Hartmann e, se um estranho lhe fizer uma pergunta além de qualquer coisa que ele tenha ouvido de mim, ele quase nunca dá a resposta errada, embora provavelmente lhe faltem a profundidade e a certeza que teria se viesse de mim. A mensagem é quase sua e a imagem do mosaico está substancialmente completa, embora ainda um pouco vaga, como se ainda não estivesse perfeitamente focalizada.

Mas Shirin está comigo há mais tempo que qualquer outra pessoa e, se um estranho lhe fizer uma pergunta que esteja além de qualquer coisa que ela tenha ouvido de mim, ela responde sem hesitar. Sua resposta não tem

necessariamente a mesma ênfase que a minha teria tido, nem é dada com o mesmo estilo, nem reflete um ponto de vista idêntico, mas terá a mesma autenticidade e poder, porque a imagem do mosaico à qual está se referindo para chegar à resposta é uma imagem tão sólida e bem focada quanto a minha. A mensagem é inteiramente dela, e tanto dela quanto minha. Ela é a mensagem, no mesmo sentido em que eu sou a mensagem.

B parou como se esperasse uma resposta e eu disse que compreendia o que ele estava dizendo, mas não tinha certeza do motivo pelo qual ele estava dizendo aquilo.

— Estou repetindo uma coisa sobre a qual falei em nosso primeiro encontro — disse B. — Quando Jesus partiu, não deixou para trás ninguém que fosse a mensagem.

Consegui suprimir a vontade de deixar escapar um “uau”, mas “uau foi, com certeza, o que me estalou de súbito na cabeça. Era inegavelmente verdade — não uma condenação, de forma alguma, mas inegavelmente verdade. Jesus não deixou para trás ninguém que pudesse falar com sua autoridade, ninguém que pudesse dizer: “isso é isso por causa daquilo”. Havia questões muito elementares a que os apóstolos não tinham condições de responder com segurança, como: “Em que grau os da nova organização eram obrigados a seguir as leis da velha organização?”. Você não tem como chegar a nada mais fundamental que isso. Na verdade, foi São Paulo — um homem que nunca viu Jesus — que acabou dizendo “Isso é isso por causa daquilo” com mais autoridade do que qualquer outro. Mais que João, Pedro ou Tiago (tanto quanto sabemos). Paulo *era* a mensagem. Mas, mesmo com os escritos de Paulo e de todos os evangelistas, ainda foram necessários trezentos anos de pensamento cristão para reconstituir a mensagem de Cristo — para reunir as pistas, reconciliar contradições evidentes, eliminar heresias, loucuras e

irrelevâncias e organizar tudo num credo internamente consistente, coerente, com o qual quase todo mundo pudesse concordar.

Mesmo assim, disse a B que ainda não entendia muito bem o que ele estava querendo dizer.

— Na noite passada, falei sobre mudar as cabeças. Disse que, se o mundo for salvo, vai ser salvo por pessoas de cabeça mudada. Não por programas. Por pessoas de cabeça mudada.

— Eu me lembro.

— Você está aqui hoje para sua cabeça ser mudada.

Olhei para ele com uma expressão confusa.

— Nesse exato momento, Jared, que mensagem você é?

— Não estou entendendo.

— Quando Jesus partiu, não deixou para trás ninguém que fosse a mensagem. Nenhum dos apóstolos era a mensagem dele. Você entende o que quero dizer com isso, não entende?

— Entendo.

— Mas você não está na mesma situação daqueles apóstolos, está?

— Não. Acho que não.

— Está ou não está?

— Não estou.

— A mensagem de Cristo é *sua*, não é? Se eu lhe perguntar se o sexo antes do casamento é certo ou errado, você não vai ter de telefonar para o padre Lulfre, vai?

— Não.

— Se eu lhe perguntar se o suicídio é certo ou errado, você não vai ter de consultar as escrituras, vai?

— Não.

— Você dispõe dessas respostas como se fossem suas. Essas e dez mil outras do mesmo gênero.

— Certo.

— Então vou lhe perguntar de novo: que mensagem você é?

— Sou a mensagem de Cristo.

— Um ministro luterano diria o mesmo, assim como um ministro presbiteriano ou um pregador batista, mesmo que algumas respostas deles fossem diferentes das suas. Bem, aqui está você e quero que entenda o que está fazendo aqui.

— Está bem.

— Embora provavelmente não pense nesses termos, o padre Lulfre mandou você aqui para se tornar a minha mensagem.

Um calafrio percorreu minha espinha.

Um novo horizonte

— Se você apertar um grupo de estudantes para que lhe expliquem por que estamos oscilando na beira da calamidade, eles logo vão repetir todos os clichês dos bares — todas as teorias que Unabomber apresentou tão solenemente e com tantos detalhes como os contidos em sua obra máxima há alguns anos: avanço tecnológico descontrolado, ganância industrial descontrolada, expansão governamental descontrolada, e assim por diante. Como acha que todas essas explicações banais evoluíram?

— Não tenho a menor idéia — disse eu. — Desculpe-me por responder tão imediatamente, mas sei que esse é um assunto sobre o qual nunca pensei.

— Então vamos pensar um pouco nele agora. Um dos maiores obstáculos à

construção do canal do Panamá nas últimas décadas do século XIX foi a febre amarela. Sua causa é desconhecida e a ciência médica da época não tinha como curá-la. Talvez você saiba algo a respeito disso.

— Sim. Na época pensavam que era causada pelo ar noturno. As pessoas que ficavam dentro de casa à noite contraíam menos a doença do que as que saíam.

— Mas algumas das que ficavam em casa a contraíam assim mesmo.

— Certo, porque deixavam as janelas abertas. Por fim, as pessoas perceberam que tinham de tomar muito cuidado para não deixar entrar nenhuma partícula do ar noturno.

— Mas, como Walter Reed acabou descobrindo, o transmissor da doença não era o ar noturno, era o mosquito *Aedes Aegypti*, que sai em busca de alimento no ar noturno.

— Sim.

— Que levou as pessoas a pensar que o culpado era o ar noturno?

Sacudi a cabeça, atrapalhado com a pergunta, e disse a B que não sabia responder a essa pergunta.

— Experimente assim mesmo — disse ele. — Faça uma tentativa.

Dei de ombros e fiz uma tentativa.

— Era isso o que as pessoas pensavam. Não havia nada de inerentemente irracional na idéia e, na verdade, tem o seu mérito.

— Muito bem. Eu acrescentaria que a explicação dada por você é mais lenda do que fato, mas serve para ilustrar o que quero dizer. As idéias que Unabomber formulou também são “o que as pessoas pensam”. Não há nada de inerentemente irracional nelas e, na verdade, têm o seu mérito.

— Certo. Estou entendendo o que está dizendo. Vagamente.

— Ambos os grupos estão lutando em desvantagem. Você sabe qual é essa

desvantagem?

— Eu diria que, para ambos os grupos, o horizonte intelectual está próximo demais. Estão procurando causas perto demais do efeito.

— Exatamente. Esse é o efeito avassalador do Grande Esquecimento. Em nossa cultura — oriental e ocidental, gêmeos nascidos ao mesmo tempo — a história humana é apenas o que aconteceu desde o início de nossa revolução agrícola. Em nossa cultura, por causa do Grande Esquecimento, as pessoas que olham para o horizonte só estão enxergando uns poucos milhares de anos do passado. Em 1654, o arcebispo Ussher estimou que a raça humana surgiu em 4004 a.C. Mais tarde, os arqueólogos calcularam que essa data corresponde somente à época em que as primeiras cidades da Mesopotâmia começaram a ser construídas. Para um povo que imaginava que o homem havia nascido agricultor e criador de civilização, o que mais poderia ter sentido? A raça humana surgiu na Mesopotâmia há seis mil anos — e começou imediatamente a construir cidades. O Grande Esquecimento imprimiu indelevelmente esse quadro em nossa mente cultural. Não importa que todos “saibam” que a raça humana é três milhões de anos mais velha que as cidades da Mesopotâmia. Cada molécula de pensamento da nossa cultura carrega a impressão da idéia de que não precisamos ir além do horizonte da Mesopotâmia para entender nossa história.

— E você está me dizendo que seu horizonte tem três milhões de anos.

— Sempre. Para mim, a Mesopotâmia está *apagada* enquanto horizonte. Como acha que alguém chega a uma coisa dessas?

— Suponho que chegue subindo numa escada, o que significa dizer: vendo as coisas de uma perspectiva mais elevada.

— Certo. Quando você faz isso, os eventos que antes pareciam imensos (por estarem perto) ocupam um lugar numa paisagem mais ampla e não se

destacam mais com a mesma proeminência de antes.

Subir a escada

— Estávamos falando sobre os clichês que as pessoas apresentam para explicar por que estamos oscilando na beira da calamidade: avanço tecnológico descontrolado, ganância industrial descontrolada, expansão governamental descontrolada, e assim por diante. São explicações que fazem sentido para as pessoas do Grande Esquecimento, para as pessoas que acham que estão vendo o horizonte humano quando olham para o horizonte da Mesopotâmia. Para as pessoas do Grande Esquecimento, a revolução agrícola foi literalmente o início da história humana. Quando vejo o horizonte humano, estou olhando para três milhões de anos além do horizonte da Mesopotâmia, de modo que é simplesmente grotesco pensar na revolução agrícola como o início da história humana. Ela marca *alguma coisa*, é óbvio, mas nem remotamente “o início da história humana”.

Sentindo que estava na hora de dar alguma mostra de que estava acompanhando seu raciocínio, perguntei:

— Mas o que ela marca então?

— Marca a ocorrência de uma mudança de cabeça — uma nova visão de mundo e o nosso lugar nele.

— Por que conclui que houve uma mudança de cabeça?

— Partindo do fato de que houve uma revolução — replicou B. — As revoluções não ocorrem entre pessoas que estão pensando da mesma forma.

— Será que mudanças das condições sociais ou econômicas não podem produzir uma revolução?

— Não é isso que você quer dizer, tenho certeza. As *peessoas é* que produzem revoluções, não as condições.

— Quero dizer, será que as pessoas não podem reagir de forma revolucionária a mudanças sociais ou econômicas?

— É claro que podem. Mas a questão é: será que podem reagir de forma revolucionária sem antes *pensar* de forma revolucionária?

Tive de admitir que não podia imaginar uma ação revolucionária acontecendo na ausência de idéias revolucionárias.

B disse:

— Já ouvi pensadores ingênuos sugerirem que a revolução agrícola aconteceu em reação à fome.

— Ingênuos por quê?

— São ingênuos porque pessoas morrendo de fome não fazem plantações, assim como pessoas que estão se afogando não fabricam salva-vidas. As únicas pessoas que podem se dar ao luxo de esperar que as plantações cresçam são as que já *têm* comida.

— É, faz sentido.

— Você também vai ouvir dizer que alguns supõem que a agricultura era um avanço praticamente inevitável porque torna a vida muito mais fácil e segura. Na verdade, torna a vida mais cansativa e menos segura. Todo estudo de calorias gastas *versus* calorias ganhas confirma que, quanto maior é a parte da alimentação que vem da agricultura tanto mais você tem de trabalhar por ela. Os primeiros agricultores do Neolítico, que provavelmente só cultivavam alguns vegetais e dependiam em grande parte dos alimentos que coletavam, trabalhavam muito mais para se manterem vivos do que seus ancestrais do Mesolítico. Os agricultores que vieram depois deles e que plantavam mais vegetais e saíam menos à procura de alimentos trabalhavam mais ainda para se

manterem vivos, e os agricultores totalitários absolutamente modernos, que dependem inteiramente de suas safras, trabalham mais para se manterem vivos do que quaisquer outros. E a fome, longe de ter sido banida pela agricultura, é, na realidade, um subproduto da agricultura e nunca é encontrada sem ela. Você pode viajar para o deserto mais inóspito da Austrália durante a mais horrenda das secas que não vai encontrar um único aborígene morrendo de fome em parte alguma.

— Certo — disse eu. — Acho que estou entendendo o que está dizendo. Está respondendo a todas as objeções antes de elas serem feitas.

— Todas as objeções a quê?

— A sua tese.

— E qual é essa tese?

— Que a revolução agrícola marcou o surgimento de uma mudança de cabeça. Não foi apenas gente que morria de fome tentando algo novo por puro desespero. Não foi apenas gente que buscava uma vida mais fácil. Não foi apenas gente que buscava mais segurança.

— Certo. Longe de ter uma vida mais fácil ou de aumentar sua segurança, as pessoas na verdade trabalharam mais e tiveram menos segurança do que seus ancestrais caçadores-coletores. Portanto, não se trata aqui de gente que fazia alguma coisa só porque era mais fácil.

Parecia-me que B corria o perigo de ser derrotado por seus próprios argumentos. Eu disse:

— Pelo que você fala dela, a revolução agrícola tinha tão pouca coisa a seu favor que é de admirar que tenha acontecido.

— É realmente admirável que tenha acontecido — disse B enfaticamente.

— É exatamente isso que eu gostaria que você entendesse. E, quando entender, sua visão da história humana vai mudar para sempre.

Os assassinos da Nova Guiné que amam a paz

— A essa altura, acho que preciso de uma peça do mosaico com uma determinada característica, que será fornecida pelos Gebusis da Nova Guiné.

— Certo — disse eu.

— Tornou-se popular nas últimas décadas falar da “demonização” de pessoas particularmente temidas ou odiadas, transformando-as em monstros de depravação. Nunca ouvi realmente falar da tendência oposta, mas é claro que é igualmente possível “angelizar” pessoas particularmente admiradas ou reverenciadas — transformá-las em seres perfeitos que encarnam todas as qualidades desejadas. Por exemplo: há uma tendência recente de angelizar os povos Largadores onde quer que sejam encontrados, de imaginar que são infinitamente sábios, altruístas, santos, ambientalistas que enxergam longe, praticam perfeita igualdade entre os sexos e nunca falam de restrições. Você sabe do que estou falando?

— Certamente. Não vivo dentro de uma geladeira. Vi *Dança com Lobos*.

— Muito bem — disse B. — Como os anjos são todos mais ou menos parecidos, o processo de angelizar essas populações — pode chamá-las de povos Largadores ou de aborígenes, o nome não importa — tende também a fazer com que todas elas passem a ser mais ou menos parecidas, o que não poderia estar mais longe da verdade. É aqui que entram os Gebusis da Nova Guiné. Gostaria de ter alguns minutos para descrevê-los para você.

— Tudo bem.

— Os Gebusis são um daqueles povos agrícolas cujo estilo de cultivo da terra não deve nada à nossa própria revolução. Na verdade, faria mais sentido chamá-los de caçadores-horticultores que de agricultores. São aldeões que

adoram a sociabilidade, as celebrações e as festas com muitos gritos, cantos e brincadeiras. Dois terços deles morrem do que poderíamos chamar de causas naturais e um terço é assassinado pelos amigos, vizinhos ou parentes. Assassinato é assunto de homem e, a qualquer momento, dois terços dos homens já podem ter assassinado alguém.

— Uns caras muito legais de conhecer — comentei.

— Por mais estranho que pareça, são, em geral, uns caras legais de conhecer, não santos, obviamente, mas pessoas agradáveis, bem-intencionadas. Se você lhes perguntar por que são tão dados à violência não saberiam literalmente do que você está falando. Não são notavelmente dados à violência e, se quisesse entrevistá-los a respeito de crime em sua sociedade, você teria de começar explicando a eles o que é crime. Eles fazem coisas que irritam os outros obviamente, e existem tantas pessoas gananciosas, grosseiras, desatenciosas e egoístas entre eles como entre nós, mas o crime, tal como o entendemos, não existe.

Deixando de lado as estatísticas de homicídios, a principal diferença entre eles e nós é a teoria deles de doença e morte. Nós acreditamos que a doença ocorre quando criaturas invisíveis chamadas micróbios, germes ou vírus invadem o corpo. Essa teoria não nos parece nada além de claramente factual, mas, para os pensadores do século XXIII (se por acaso existirem), é provável que pareça tão exoticamente fantasiosa quanto a teoria dos humores da Renascença nos parece hoje. Consegue imaginar uma coisa dessas?

— Que nossa atual teoria a respeito da doença um dia vai parecer fantasiosa? Sim, consigo imaginar perfeitamente uma coisa dessas.

— Muito bem. Segundo a teoria dos Gebusis, não há nada que corresponda à noção de morte por “causas naturais”. Todas as causas de doença e morte são sobrenaturais e toda doença e toda morte são causadas por alguém que

literalmente “deseja que você fique doente”. Esse alguém pode ser um feiticeiro, mas também o espírito de alguém vivo ou morto, ou até o espírito de um animal. Para chegar a um diagnóstico em caso de doença, um médium visita o mundo espiritual para descobrir quem é o culpado, e essa informação indica o melhor meio de tratamento. Quando alguém morre, o médium dirige um inquérito entre os espíritos. Nem todo inquérito leva à acusação de uma pessoa viva, mas, quando isso acontece, o feiticeiro acusado tem a oportunidade de demonstrar sua inocência fazendo uma previsão com o sagu, uma proeza culinária tão difícil que só a habilidade não assegura o êxito. Você poderia compará-la com a dificuldade de preparar um suflê perfeito do tamanho de uma banheira. O êxito completo é interpretado como um sinal de que o espírito do morto estava à disposição para ajudar e assim absolver o acusado. O êxito parcial deixa a questão na dúvida e o acusado será poupado durante algum tempo enquanto outros indicadores são considerados, como o comportamento do cadáver na presença do suspeito. Quanto mais longe do êxito chegar o resultado da previsão com o sagu, tanto mais clara se torna a culpa. Nesse caso, como não tem sentido negar o crime diante de tais provas, o feiticeiro em geral expressa remorso e tenta persuadir a todos de que a raiva que o moveu a praticar essa feitiçaria extinguiu-se. Todos gostariam de acreditar nisso e asseguram ao feiticeiro que tudo está perdoado, mas as probabilidades são de que os dias do patife estejam contados.

“Entre os Gebusis, os espíritos dos mortos logo retornam como animais. Os que morrem jovens retornam como animais pequenos — pássaros ou lagartos. Aqueles que morrem em idade mais avançada voltam como animais maiores — casuares ou crocodilos, por exemplo. Mas os feiticeiros executados retornam invariavelmente como porcos selvagens, motivo pelo qual (suspeito eu) os feiticeiros executados são invariavelmente cozidos e comidos. Meu

palpite é que, sendo feiticeiros, eles já são porcos selvagens de certa forma, os quais são caçados não apenas por constituírem um bom alimento, mas porque são habitados por espíritos malévolos”.

Interrompi para perguntar se os Gebusis praticam o canibalismo em outras circunstâncias.

— Tanto quanto sei — disse B —, o único prato humano do seu cardápio é churrasco de feiticeiro.

— Fascinante!

— Agora vamos ao ponto que interessa desse exercício antropológico. Eu gostaria que você imaginasse que não foram os membros de nossa cultura que proliferaram e se espalharam pelo mundo e apoderaram-se dele, e sim os Gebusis. Gostaria que imaginasse um mundo onde toda morte é rotineiramente vingada com o assassinato e a ingestão de um feiticeiro. Gostaria que imaginasse um mundo onde, se você trabalhasse instalando telefones, criando leis, regendo orquestras ou desenhando roupas em Berlim, Pequim, Tóquio, Londres ou Nova York — ou em Box Elder, Montana —, poderiam exigir de você a qualquer momento que fizesse uma previsão bem-sucedida com o sagu para salvar sua vida. Gostaria que imaginasse um mundo onde comer feiticeiros é uma coisa perfeitamente normal de se fazer — tão normal quanto mandar filhos para campos de concentração educacionais quando eles atingem a idade de cinco ou seis anos. Gostaria que imaginasse um mundo onde matar um homem o transformará num porco selvagem tão infalivelmente quanto punir um homem o tornará um bom cidadão.

B parou nesse ponto e lançou-me um olhar esperançoso que eu não sabia bem como retribuir. Eu disse:

— Acho que está me dizendo que a demência de cada cultura parece sanidade aos membros dessa cultura.

— É exatamente isso — disse B. — Se eu lhe contasse que os Gebusis acreditam que o criador do universo falou apenas com um povo dessa terra ao longo de toda a sua história e que esse povo são os Gebusis, você sorriria com um ar condescendente.

— É, acho que sim.

— No entanto, é precisamente nisso que os membros de nossa cultura acreditam, não é? O criador do universo falou com mais alguém além de nós?

— Não.

— Os seres humanos modernos estão por aqui há uns duzentos mil anos, mas, segundo nossas crenças, Deus não teve uma palavra a dizer a nenhum deles enquanto *nós* não chegamos. Deus não falou com os Alawas da Austrália, nem com os Gebusis da Nova Guiné, nem com os Bosquímanos da África, nem com os Navajo da América do Norte, nem com os Ihalmiuts das terras desoladas do Canadá. Deus não disse uma única palavra a outras centenas de milhares de povos do mundo; falou somente conosco. Somente para nós ele revelou a ordem e o propósito da criação. Somente para nós ele revelou as leis essenciais para a salvação.

— Está certo. Falando com a voz da fé incontestável, está certo.

— Mas isso não é demência.

— Não. Repito: falando com a voz da fé incontestável, isso não é demência.

— Seria completamente absurdo os Gebusis acreditarem que estão em contato direto e exclusivo com o criador do universo, mas é perfeitamente razoável nós acreditarmos nisso.

— Certo.

— Evidentemente, não se trata apenas da história do mundo que os vitoriosos escreveram; trata-se também da teologia do mundo.

— Sim, é isso mesmo.

— Mesmo assim, não estou lhe pedindo agora que entenda uma coisa. Estou pedindo que faça uma coisa.

— Que quer que eu faça?

— Quero que imagine que o mundo — este mundo aqui — é um mundo Gebusi. Você, como padre católico romano, seria tolerado como o vestígio de uma superstição exótica e inofensiva. À noite, os homens se amontoariam nos bares, não para assistir a eventos esportivos na televisão, mas para manter conversas eróticas com espíritos femininos que ficam pendurados nos caibros dos telhados. Médiuns espíritas estariam por perto para diagnosticar e curar doenças leves — e para conduzir inquéritos sobre as mortes ocorridas na comunidade. Os amigos o convidariam para ir a um restaurante celebrar um assassinato — e mandariam você para casa com um pedaço do feiticeiro assado para sua família. Que mais posso lhe dizer? Os filmes seriam filmes gebusis, as novelas, novelas gebusis; a política, política gebusi; os esportes, esportes gebusis; as diversões, diversões gebusis.

Disse-lhe que conseguia imaginar esse mundo — mais ou menos.

— Mas não consigo imaginar o que você quer que eu diga.

— Que tal lhe parece?

— Que tal me parece? Parece louco. Obsceno.

— Claro que é. Confinados a seus poucos quilômetros quadrados, os Gebusis são exóticos e bizarros. Espalhe-os por uma cultura universal da qual todo ser humano faz parte e eles se tornam uma obscenidade. O mesmo se pode dizer em geral. Qualquer cultura se torna uma obscenidade quando prolifera e se transforma numa cultura universal da qual todos têm de fazer parte. Confinada aos poucos quilômetros quadrados onde nasceu, a nossa própria cultura teria sido apenas exótica e bizarra. Depois de proliferar e se

tornar uma cultura universal da qual todos têm de fazer parte, é uma obscenidade horrenda.

— Acho que estou começando a entender — disse eu. — Acho que estou começando a entender aonde você está querendo chegar em termos gerais.

B concordou com um aceno de cabeça.

— Você provavelmente não lembra por que eu comecei a falar dos Gebusis. Você disse que era de admirar que tenhamos chegado a adotar a agricultura totalitária, considerando o fato de que, longe de tornar a vida mais fácil ou mais segura, ela teve, na verdade, o efeito oposto.

— Sim, eu me lembro.

— Eu queria que você entendesse que as estratégias de um modo de vida adotadas por uma cultura não são necessariamente *lógicas*. Não beneficiam necessariamente o povo de maneiras óbvias. Não são necessariamente adotadas porque trazem mais conforto à vida, embora as pessoas usem esse argumento para explicá-las às crianças e aos estranhos. Em nossa cultura, por exemplo, a adoção de nosso tipo de agricultura é apresentado às crianças como um passo inevitável para o desenvolvimento da raça humana, porque torna a vida mais fácil e mais segura.

Perguntei a B o que esse tipo de agricultura fazia, uma vez que não tornava a vida mais fácil, nem mais segura.

— É exatamente isso que estamos tentando compreender aqui. Somos expostos a um complexo de comportamentos e estamos tentando compreender como eles se articulam para produzir o resultado que vemos. Nesse momento, pense nas peculiaridades dos Gebusis e veja se consegue descobrir um mecanismo que tenderia a fazer com que eles proliferassem e se tornassem uma cultura universal da qual todos têm de fazer parte.

Perguntei-lhe a que tipo de mecanismo ele se referia.

— Uma dinâmica qualquer da cultura. Um costume, uma crença profundamente arraigada.

Fiquei um minuto ou dois pensando naquilo, mas não consegui descobrir nenhum mecanismo que pudesse produzir aquele efeito.

— Então invente um — disse B.

— Suponho que ambições territoriais poderiam ter esse efeito.

— Não sozinhas — disse B. — Os Astecas tinham ambições territoriais, mas, depois de conquistar você, não ligavam a mínima para sua maneira de viver. Não estavam interessados em transformar seus vizinhos em Astecas. É por isso que, por mais vis que possam ter sido, não são como nós — não o que **Ismael** chama de Pegadores.

— Certo, entendo de onde você partiu. Você tem de transformá-los em missionários culturais se quiser que proliferem e se tornem uma cultura que domine o mundo todo.

— E, para transformá-los em missionários culturais, você tem de torná-los adeptos de uma crença. Os missionários não são nada além de adeptos de uma crença. Que tipo de crença os Gebusis têm de ter?

— Têm de ser adeptos da crença de que seu modo de vida é o certo.

— Exatamente. Se os Gebusis acreditassem que o único modo de vida certo para todos os seres humanos era o deles (no que, aliás, não acreditam), isso os motivaria a se tornarem missionários culturais do mundo. Mas só a crença não basta. Os membros de nossa cultura sempre tiveram essa crença — demonstraram ao longo de toda a história que tinham essa crença —, mas precisaram também de outro mecanismo. Você poderia chamá-lo de “mecanismo de difusão”. Um mecanismo que os fizesse andar pela Terra enquanto difundiam o evangelho de seu iluminismo cultural.

— Agricultura — disse eu.

— Agricultura de um certo tipo, Jared, porque nem todo tipo de agricultura vai fazer uma pessoa andar pela face da Terra. A agricultura modesta dos Gebusis simplesmente não suportaria tal expansão.

— Entendo.

— Em nossa cultura, para defender uma peculiaridade, precisamos de uma segunda peculiaridade e as duas se reforçam uma à outra. Acreditamos um dia (e ainda acreditamos) que temos a única forma de vida certa para todo o mundo, mas precisamos de uma agricultura totalitária para servir de base à nossa atividade missionária. A agricultura totalitária nos deu excedentes fabulosos de alimento, que são o alicerce de toda expansão militar e econômica. Ninguém tinha condições de nos enfrentar em nenhum lugar do mundo porque ninguém tinha uma máquina de produzir alimentos tão potente quanto a nossa. Nosso sucesso militar e econômico confirmou a crença de que temos a única forma de vida certa para todos. Ainda acreditamos nisso hoje. Para os membros de nossa cultura, o fato de sermos capazes de derrotar e destruir qualquer outro modo de vida é considerado prova evidente de nossa superioridade cultural.

— Sim, receio que seja isso mesmo. Quando se trata da “sobrevivência cultural dos mais aptos”, somos o máximo.

— Você quer dizer que somos os melhores exemplares do processo de seleção natural.

— Bem... é, acho que é isso que quero dizer.

B meneou a cabeça.

— As coisas não deveriam ser vistas dessa forma — as idéias de evolução sempre são metáforas perigosas. A tendência da evolução biológica é no sentido da diversidade — é agora e sempre foi. A evolução não está tendendo a uma “única espécie boa”. Desde o início, sempre tendeu a *se afastar* da

singularidade da qual toda a vida surgiu da sopa primordial. Lembro-me de, quando criança, ter lido uma história de ficção científica sobre um organismo mutante que nasceu num bueiro, na confluência fortuita de uma pitada disso e uma pitada daquilo. Esse organismo era impulsionado por um único tropismo, que era transformar matéria viva nele mesmo. Se não fosse detido, teria a capacidade de inverter em poucos dias bilhões de anos de evolução biológica, devorando todos os seres vivos deste planeta e transformando-os numa única forma: ele mesmo. Esse organismo mutante é uma metáfora perfeita de nossa cultura, que em apenas alguns séculos está invertendo milhões de anos de desenvolvimento humano, devorando todas as culturas deste planeta e transformando-as numa única cultura: a nossa.

— Uma idéia sinistra — disse eu.

— Um processo sinistro.

— A pólvora — disse B — é uma mistura de nitrato de potássio, carvão e enxofre e suponho que você saiba que a falta de qualquer um desses ingredientes torna a mistura não explosiva.

— Claro que sim.

— Enquanto mistura explosiva, nossa cultura também consiste em três ingredientes essenciais e, se um deles tivesse faltado, nenhuma explosão teria ocorrido neste planeta. Já identificamos dois dos ingredientes: agricultura totalitária e a crença de que o nosso modo de viver é o único correto. O terceiro é, evidentemente, o Grande Esquecimento.

Pensei um pouco sobre isso e finalmente lhe disse que não conseguia entender como o Grande Esquecimento tinha contribuído para a explosão.

— Contribuiu aproximadamente da mesma forma que o carvão contribuiu para a explosão da pólvora. Como chegamos a ter a estranha idéia de que o

nosso modo de vida é o único certo?

— Não sei.

— Vamos voltar de novo aos pensadores basilares de nossa cultura — Heródoto, Confúcio, Abraão, Anaximandro, Pitágoras, Sócrates e quaisquer outros que você puder lembrar. Reúna todos eles numa sala e faça-lhes a seguinte pergunta: há quanto tempo as pessoas vivem como nós vivemos? Qual seria a resposta deles?

— Que as pessoas vivem assim desde o começo.

— Em outras palavras, o homem já *nasceu* com esse modo de vida.

— Certo.

— E que isso lhe diz a respeito da natureza do homem?

— Diz que o homem foi *feito* para viver desse modo. O homem foi feito para viver como agricultor totalitário e construtor de cidades, assim como as abelhas foram feitas para ser fabricantes de mel e construtoras de colméias.

— Então me diga, Jared: que mais isso *poderia* ser além do único modo certo de viver?

— Sim, estou entendendo.

— Que estava faltando na educação desses pensadores? Que foi esquecido durante o Grande Esquecimento?

— O fato de que o homem *não* nasceu um agricultor totalitário nem um construtor de cidades. O fato de que o nosso modo de vida *não* foi ordenado desde o começo dos tempos. Se isso não tivesse sido esquecido, nunca teríamos sido capazes de nos persuadir de que o nosso modo de vida é o único certo. É por isso que o Grande Esquecimento foi um ingrediente essencial da nossa explosão cultural.

— Vamos dar uma volta — disse B. — Há uma coisa que tenho de pegar para você.

— Uma coisa para mim?

— Uma coisa de vai precisar mais tarde.

Comecei a me dirigir para o caminho que havia tomado para vir, mas B acenou-me indicando a direção oposta, que descia até um corredor que se abria atrás de sua cadeira, o mesmo corredor de onde Monika e Heinz Teitel haviam aparecido com o lanche a noite passada. O corredor logo se alargava a ponto de acomodar bancos de concreto de ambos os lados, e B me disse que ele tinha sido concebido para servir de abrigo antiaéreo tanto para o teatro quanto para o prédio de escritórios do governo que ficava do outro lado da rua.

— Mas acho que jamais foi usado para esse propósito — acrescentou.

Depois de algumas centenas de metros, o túnel fazia um ângulo ascendente e terminava numa porta corta-fogo que dava para a sala onde funcionava o almoxarifado de uma repartição pública, no subsolo. Para minha surpresa, havia ali uma mesa ocupada por alguém, evidentemente para controlar o acesso ao almoxarifado. Essa pessoa, um tipo militar de meia-idade que dava a impressão de que teria se sentido mais à vontade em qualquer tipo de uniforme, olhou para nós com desaprovação, mas não fez nenhuma objeção à nossa passagem por seu território. Dois lances de escadas levaram-nos até o andar térreo e a rua.

Segunda-feira, 20 de maio (cont.)

Uma visita ao Cretáceo

Não eram nem oito e meia quando saímos — pouco mais que o final da tarde nessa cidade do norte, apenas algumas semanas antes do solstício de verão. Embora fosse cedo, a maioria das lojas estava de portas fechadas e as ruas, completamente desertas. Radenau não deve ser visitada por causa de sua excitante vida noturna.

B é um homem que gosta de andar, assim como eu. Parecia não estar indo a lugar nenhum em particular e eu estava satisfeito de segui-lo.

Ele disse:

— Tenho certeza de que você está começando a entender por que não é possível para mim levar grandes massas de ouvintes nessa direção.

— Sim, estou começando a entender — disse eu. — Mas não tenho certeza da direção.

— Lembre-se de que estamos trabalhando com um mosaico, não com uma narrativa ou um silogismo. Depois dessa conversa, você ainda não vai chegar a uma conclusão, mas vai ter um entendimento mais completo de tudo o que já me ouviu dizer.

— Sim, é verdade. A figura do mosaico ainda está um pouco vaga, mas não tanto quanto há duas horas.

— Há pouco você disse que, a julgar pela minha forma de falar, é de admirar que nossa revolução cultural tenha ocorrido. É realmente de admirar. Não foi destino, não foi uma previsão ordenada divinamente desde a criação do universo, não foi algo que ia acontecer inevitavelmente. Não aconteceu

durante duzentos mil anos de pessoas tão sabidas quanto nós. Poderia não ter acontecido em outros duzentos mil anos — ou em outro milhão de anos. Foi uma singularidade, um golpe de sorte. Combine um elemento cultural nunca visto antes com um segundo elemento cultural nunca visto antes, acrescente um terceiro igualmente desconhecido e você tem o monstro cultural que está literalmente devorando o mundo — e vai acabar por devorar a si mesmo se não for detido.

Descemos a rua durante algum tempo e então perguntei a B se, no fim, ia acabar descobrindo que a figura do mosaico era a nossa cultura.

— Suponho que possa dizer isso, embora eu próprio nunca tenha pensado dessa forma — respondeu ele. — Penso nela como uma composição mural de muitas cenas inter-relacionadas, como o teto da Capela Sistina. O que você chama de “nossa cultura” aparece em muitas das cenas em diferentes momentos de sua história, mas porque existem cenas dentro das cenas. Há cenas que mostram a história do universo e, dentro delas, há cenas que mostram o desenvolvimento da vida neste planeta. Dentro delas existem outras cenas que mostram o surgimento da raça humana. Dentro das cenas que mostram o surgimento da raça humana existem outras que mostram a origem de centenas de milhares de culturas, até mesmo a dos Gebusis e a nossa. Dentro das cenas que mostram o desenvolvimento de nossa cultura, há cenas que mostram muitas outras coisas, como a conquista do mundo por nossa cultura, tal como o aparecimento das religiões salvacionistas entre nós, ou a Revolução Industrial. Passamos de uma cena para outra, damos um passo para trás, afastando-nos do mural, para tentar descobrir relações entre as cenas, aproximamo-nos de novo para focalizar detalhes, e assim por diante. À medida que o tempo passa, a composição inteira começa a juntar-se para nós — mas não é um processo que tenha um ponto final. Nunca chegará o

momento em que podemos pôr um ponto final e dizer: Está aí, é isso, a última peça está no lugar agora.

Paramos diante de um cartaz onde se lia “MEYER — ÜBERBLEIBSELEN”, seja lá o que isso queira dizer. B esquadrinhou a enorme porta de aço cinza como se tivesse esperança de encontrar um botão que pudesse apertar para fazê-la abrir. Como não o encontrou, começou a esmurrá-la com o punho sem a menor cerimônia. Depois de um minuto, uma janela lá de cima se abriu e o Papai Noel do ano passado pôs a cabeça para fora e perguntou em alemão que diabos ele estava fazendo. Logo fiquei sabendo que se tratava de Gustl Meyer. Meyer e B gritaram um para o outro durante algum tempo, em inglês e alemão, até que a janela fechou-se com estrondo.

B acenou para mim sorridente como que para me tranquilizar de que tudo estava indo otimamente bem; depois de alguns minutos, a porta também se abriu com um estrondo e fomos admitidos na penumbra do interior da loja de Meyer, cujo estoque consistia exclusivamente em refugos e sobras (*Überbleibseln*) de museus de todo tipo, menos arte: história militar, história política, história natural, ciência, tecnologia e indústria. Assim que cruzamos a soleira da porta, B começou a vibrar com uma espécie de alegria eletrizante, como uma criança de cinco anos numa loja de brinquedos, e eu comecei a entender que ele era um homem que tinha uma sensibilidade de colecionador completamente alucinado por curiosidades. Ficou encantado com a miniatura de um antigo elevador “de segurança” que ainda funcionava, com um homem de Neanderthal de tamanho natural sentado de pernas cruzadas no chão e absorto num trabalho manual que não estava mais em suas mãos, com a sofisticada maquete de uma mina de cobre à qual faltava um pedaço, com um abominável (e extremamente improvável) dodó empalhado, que Meyer

afirmava ter sido feito com pele de verdade, com um submarino desmantelado para um tripulante só, da época de Napoleão, com uma cabeça transparente que falava descrevendo o funcionamento do cérebro (em holandês), enquanto luzes dispostas em seu interior indicavam as áreas referidas.

Havia caixotes de amostras de minério, pilhas de instrumentos de bronze que perderam o brilho, caixas de pergaminhos em desintegração, prateleiras de espécimes entomológicos, caixotes de madeira com fósseis de tudo quanto era tipo — e foi diante de uma delas que B finalmente parou para começar a fazer uma busca minuciosa. Tirou e examinou trilobitas, crinóides e coisas que supus que fossem ovos, dentes e garras de dinossauro. Finalmente parou diante de um objeto do tamanho de uma rosquinha, muito parecido com a concha de um argonauta dividida em compartimentos, só que era enrolado como o chifre de um cabrito montês.

— Uma amonite — disse B —, cefalópode, da mesma classe do argonauta.

Deixou-a cair na minha mão, dizendo:

— Extinta há mais ou menos sessenta e cinco milhões de anos.

Eu disse algo brilhante como “É mesmo?” e fiz um movimento para colocá-la de volta no lugar, mas ele se virou para Meyer e perguntou o preço. Depois de regatear um pouco, B passou-lhe uma quantia que parecia suficiente para pagar um jantar para dois num restaurante de luxo.

— Um colecionador teria pago muito mais — explicou B quando estávamos na rua —, mas Meyer não espera obter preços máximos, com certeza não de mim.

— Que faço com isso? — perguntei

— Ponha-a no bolso. Guarde-a com você. Não sei bem quando vamos falar dela.

O macaco apanhado na armadilha elétrica

Entramos num *Gasthaus** duvidoso para jantar e B me disse para tomar uma cerveja e não uísque.

— Gostou da Little Bohemia? Vamos até lá mais tarde para beber de verdade.

Respondi que ia achar ótimo. Acho que ele tem a impressão de que todos nós, padres católicos romanos, somos beberrões inveterados.

— Tenho de voltar à primeira peça que tentei colocar no lugar hoje à noite — disse B.

— Sei que não está solidamente assentada.

— Tudo bem.

— Na noite passada, no teatro, falei sobre mudança de cabeça. Disse que, se o mundo for salvo, o será por pessoas de cabeça mudada — não por programas, mas por pessoas de cabeça mudada.

— Estou lembrado.

— É difícil as pessoas darem crédito a essa idéia, porque não entendem que o que temos aqui, cada parcela mínima — todo o triunfo, glória e catástrofe do que temos aqui —, é obra de pessoas de cabeça mudada.

— Eu mesmo não entendo isso — disse eu.

— Eu sei — disse B. — É por isso que estamos voltando à questão. Quero ver se concordamos a respeito de fatos básicos. A mudança de cabeça em que estou pensando ocorreu há cerca de dez mil anos no que foi chamado de “Crescente Fértil”, uma área situada entre os rios Tigre e Eufrates agora abrangida pelo Iraque. Foram os habitantes dessa região, há dez mil anos, que lançaram as bases do que agora é a nossa cultura global. Está entendendo até aqui?

— Estou.

— Muito bem. Agora estou certo de que sabe que a raça humana não se originou no Crescente Fértil. A evidência de que dispomos neste momento indica bem conclusivamente que a raça humana se originou na África.

— Certo.

— Originou-se na África e depois, muito lentamente, espalhou-se por todas as partes do mundo: o Oriente Próximo, o Extremo Oriente, a Europa, alcançando finalmente as regiões mais distantes — lugares como as Américas, a Austrália e a Nova Guiné — há cerca de trinta ou quarenta mil anos. O Oriente Próximo, como vizinha da África, é habitado por seres humanos modernos há um tempo imensamente longo: cem mil anos ou mais. Isso inclui a área do Crescente Fértil. Entende o que estou querendo dizer com isso?

— Não; na verdade, não.

— A área que estamos considerando, o Crescente Fértil, já era habitada por seres humanos modernos aproximadamente cem mil anos *antes* de começar a revolução agrícola.

— Certo. Acho que já entendi isso.

— Estou enfatizando que a revolução da qual estamos falando ocorreu entre pessoas que tinham vivido ali durante dezenas de milhares de anos. Havia povos vivendo ali, e uma revolução ocorreu. A revolução não foi um evento meteorológico. Não foi um terremoto, nem uma erupção vulcânica. Foi algo que aconteceu entre as pessoas. Há cerca de dez mil anos, as pessoas que haviam vivido no Crescente Fértil durante dezenas de milhares de anos *começaram a viver uma outra forma*, a forma que chamamos “o modo de vida do Pegador”.

— Estou entendendo.

— Elas não começaram a viver de uma outra forma porque estavam

morrendo de fome, porque, como já disse, pessoas que estão morrendo de fome não inventam modos de vida, assim como pessoas que estão caindo de um avião não fabricam pára-quadras. E sua nova maneira de viver não foi adotada por ser tão maravilhosa e por representar apenas um próximo passo — inevitável — a ser dado. O que esses fundadores de nossa cultura inventaram basicamente para nós foi a noção de *trabalho*. Criaram *um modo trabalhoso de viver* — o mais trabalhoso jamais visto neste planeta.

— Mas esse modo de vida lhes deu outras coisas além de uma vida dura.

— Exatamente. Agora, sim, você está acompanhando o meu raciocínio, Jared! Agora está começando a entender por que digo que essas pessoas representam *cabeças mudadas*. Elas não pensam como os Gebusis nem como os Cheyennes, nem como os Alawas, os Ihalmiuts, os Micmacs ou os Bosquímanos — ou qualquer dos outros milhares de povos que eu poderia citar. O que elas estavam fazendo não tinha sentido para seus vizinhos, mas não precisava ter. O que estavam fazendo não teria tido sentido para seus antepassados, mas, repito, não precisava ter. O que estavam fazendo tinha todo o sentido do mundo para elas, assim como o que os Gebusis fazem tem todo o sentido do mundo para eles. O que essas pessoas estavam fazendo tinha todo o sentido do mundo para elas porque viam as coisas de outra forma — diferente da forma como seus ancestrais as viam e diferente da forma como seus vizinhos as viam. Entende agora por que digo que essas pessoas representam cabeças mudadas?

— Acho que sim.

— Como somos parte dessa mudança de cabeça, olhamos para o que fizeram e dizemos: “Mas claro! Isso faz sentido. Que poderia ser mais óbvio? Isso estava *fadado* a acontecer. Os seres humanos foram *criados* para viver como Pegadores”. Como temos a mesma mentalidade daquelas pessoas, sua

revolução faz todo o sentido do mundo para nós. Para nós, parece lógico e inevitável, assim como comer feiticeiros parece lógico e inevitável para os Gebusis.

— Claro.

— Sabemos a que grupo étnico essas pessoas pertenciam — eram caucasianos, evidentemente —, mas não há nenhum motivo para supor que todo povo caucasiano tenha participado dessa revolução. Os Gebusis e seus vizinhos, os Kubots, os Bedaminis, os Oybaes, os Honibos e os Samos, pertencem ao mesmo grupo étnico, mas com certeza não têm uma cultura comum. Está acompanhando o meu raciocínio?

— Estou.

— Os Pegas não se tornaram agricultores porque estavam com fome ou porque gostavam mais do trabalho duro que do ócio. Você entendeu o fato-chave de que eles tiravam algo de sua vida árdua que os compensava. Por que se tornaram agricultores? O que a agricultura totalitária lhes dava que a coleta não dava a seus vizinhos nem a seus ancestrais?

— Você já me deu essa resposta. A agricultura totalitária lhes dava poder.

— Certo. A revolução não foi por causa de alimento, foi pelo poder. É por isso que se mantém *até hoje*.

— Claro, quanto a isso, não tenho dúvida.

— Alguém me perguntou certa vez como eu poderia continuar afirmando que a raça humana não tem falhas se é tão apaixonada assim pelo poder. “Os Pegas sucumbiram ao desejo de poder”, disse essa pessoa. “Isso não é um problema? Todos os seus descendentes culturais sucumbiram ao desejo de poder. Isso não é um problema?” Contei-lhe um famoso experimento psicológico realizado no final da década de 50. Um eletrodo foi implantado no centro de prazer do cérebro de um macaco. O apertar um botão numa caixinha

de controle liberava um impulso elétrico para o eletrodo, dando ao macaco um tremendo choque de puro prazer no corpo inteiro. Deram a caixa ao macaco, que, evidentemente, não tinha a menor idéia do que era aquilo, mas, por acaso, acabou apertando o botão, dando a si mesmo esse tremendo choque de prazer. Não foram necessárias muitas repetições para o macaco perceber a ligação entre o apertar botão e o prazer. Depois disso, ele simplesmente ficou ali sentado hora após hora apertando o botão e dando a si choques de prazer. Ignorou a comida, ignorou o sexo. Se não tivessem tirado a caixa, o macaco teria ficado sentado ali e literalmente se matado de prazer. A pergunta que fiz à pessoa que me questionava foi: “Havia algo de errado com esse macaco? O macaco tinha algum problema?” Que você acha, Jared?

— Eu diria que não, o macaco não tinha problema nenhum.

— Eu diria isso também. Os Pegas também não tinham problema algum. Apertar o botão da agricultura totalitária deu a eles um tremendo choque de poder. Deu o mesmo choque de poder no povo da China e no povo da Europa. Dá-nos o mesmo choque de poder hoje. E, assim como o macaco, ninguém quer parar de apertar aquele botão, e estamos correndo o sério perigo de nos matar de prazer com intermináveis choques de poder.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Acho que é isso que você quer dizer quando fala que, se o mundo for salvo, vai ser salvo por pessoas de cabeça mudada. As pessoas cuja cabeça *não* mudou dirão: “Vamos minimizar os *efeitos* de apertar o botão. As pessoas de cabeça *mudada* dirão: “Vamos jogar a caixa fora!”

B concordou.

— Não me teria ocorrido dizer dessa forma, mas é claro que você tem razão. Assim que os membros de nossa cultura resolverem jogar fora aquela caixa, as coisas vão começar a mudar dramaticamente. E, quando você

começa a dizer coisas de uma forma melhor do que eu próprio poderia ter dito, é um sinal inconfundível de que está a caminho de se tornar a mensagem.

Os Pegas

A comida chegou e ambos ficamos em silêncio para nos concentrar nela. Finalmente B disse:

— Há uma conexão que procurei protelar para você, pensando que poderia evitá-la ou ignorá-la, mas acho melhor ir em frente e fazê-la.

Perguntei-lhe por que tentara evitá-la.

— Por que me sinto um pouco pressionado a ser econômico aqui em termos de tempo.

Meneou a cabeça, insatisfeito com a frase.

— Não está suficientemente clara. Quero me livrar o mais depressa possível do espectro de Bernard Lulfre, que está me rondando. Quero satisfazer sua curiosidade e mandá-lo embora daqui.

— Está bem. Qual é a conexão que estava evitando?

— Já lhe disse que os Pegas pareciam lunáticos a seus vizinhos, assim como os Gebusis parecem lunáticos a nós. Acha difícil acreditar nisso?

— Sim, acho, sim, mas suponho que os Gebusis acham igualmente difícil acreditar que nos parecem lunáticos.

— Exatamente — disse B. — Os Pegas parecem perfeitamente razoáveis e comuns a nós, porque somos seus descendentes culturais. Temos a mesma visão de mundo deles.

— Estou entendendo. Mas, mesmo assim, não temos como saber realmente o que os vizinhos dos Pegas pensavam deles.

— Nesse caso, por um grande golpe de sorte da história, temos como saber o que pelo menos *um* de seus vizinhos pensava deles. Ou, melhor dizendo, sabemos *realmente*, porque temos a versão deles do que aconteceu. Repito: sabemos a que grupo étnico esses vizinhos pertenciam, mas não o nome que davam a si mesmos. Vamos chamá-los de Zeugen — traduzindo a palavra alemã, as testemunhas. Em termos de modo de vida, os Zeugen eram bem parecidos com os Masais da África Oriental. Conhece os Masais?

— Já ouvi falar deles. São pastores nômades, não são?

— Certo. Os Zeugen também eram pastores nômades e, quando viram a revolução dos Pegas, não perceberam um avanço tecnológico nem nada remotamente parecido com um avanço tecnológico. O que viram foi uma subversão da ordem do universo. Viram, como você, que a agricultura totalitária não tem relação nenhuma com os alimentos. Está relacionada ao poder, poder sobre quem vive e quem morre neste mundo. Está claro por que eles viram as coisas assim?

— Fale um pouco a esse respeito.

— A maneira mais fácil de entender é o exemplo. Segundo a agricultura totalitária, as vacas podem viver, mas os lobos devem morrer. Segundo a agricultura totalitária, as galinhas podem viver, mas as raposas devem morrer. Segundo a agricultura totalitária, o trigo pode viver, mas o inseto que ataca os cereais deve morrer. Tudo o que a gente come pode viver, mas tudo o que come nossa comida deve morrer — e não apenas numa base *ad hoc*. Nossa postura não é: “Se um coioate atacar meu rebanho, eu o mato”; nossa postura é: “Vamos varrer os coiotes da face da Terra”. Quando se trata de lobos e vacas, dizemos: “Que os lobos sejam destruídos”, e os lobos são destruídos; e dizemos: “Que haja bilhões de vacas e há bilhões de vacas”.

— Certo, entendi.

— Em geral, quem exerce esse poder?

— Que você quer dizer?

— Examine a questão do ponto de vista de alguns pastores nômades de dez mil anos atrás. Quem decide quem vive e quem morre neste planeta?

— Os deuses.

— Claro. Bem, da forma como os Zeugen os imaginavam, os deuses têm uma sabedoria especial que lhes possibilita governar o mundo. Essa sabedoria inclui saber quem deve viver e quem deve morrer, mas abrange muito mais que isso. Essa é a sabedoria genérica que os deuses empregam em toda decisão que tomam. O que os Zeugen perceberam foi que toda decisão tomada pelos deuses é boa para uma criatura, mas ruim para outra, e, se você pensar bem, não pode realmente ser de outra forma. Se a codorna sai para caçar e os deuses lhe mandam um gafanhoto, isso é bom para a codorna, mas é ruim para o gafanhoto. E, quando a raposa sai para caçar e os deuses lhe mandam uma codorna, isso é bom para a raposa, mas é ruim para a codorna. E vice-versa, é claro. Quando a raposa sai para caçar e os deuses não lhe mandam a codorna, isso é bom para a codorna, mas é ruim para a raposa. Entende o que quero dizer?

— Claro que sim.

— Quando os Zeugen viram o que os Pegas estavam aprontando, disseram uns aos outros: “Essas pessoas comeram da árvore da sabedoria dos deuses, a árvore do conhecimento do bem e do mal”.

Eu disse:

— Iéé.

Não sei bem se algum dia já tinha pronunciado essa sílaba, mas foi o que fiz naquele momento.

— De onde tirou isso?

— É uma das contribuições de **Ismael**.

— Já a testou alguma vez com um estudioso da Bíblia?

B concordou com um aceno de cabeça.

— Os estudiosos da Bíblia já se depararam com ela e, até agora, nenhum deles encontrou qualquer motivo para combatê-la. Um deles disse que era a única explicação da qual já tinha ouvido falar que faz sentido.

Lembro-me de estar ali sentado, paralisado durante dois ou três minutos, enquanto tentava deduzir todas as implicações dessa nova interpretação da história do Pecado Original. Quando por fim sacudi a cabeça e desisti, B continuou.

— Achei que tinha de tocar nesse ponto para provar o que estou tentando dizer a respeito dessa revolução. Até os autores da história do Gênesis a descrevem como uma questão de *cabeças mudadas*. O que viram surgir entre seus vizinhos não era um novo modo de vida, mas uma nova mentalidade, uma mentalidade que nos tornava tão sábios quanto os deuses, que transformava o mundo num artigo de propriedade humana, que nos dava o poder de vida e morte sobre o mundo. Pensavam que essa nova mentalidade seria a morte de Adão — e os eventos estão provando que estavam certos.

Atirei meu guardanapo na mesa e disse:

— Para mim, chega.

B olhou-me perplexo e fechou a cara.

— É tudo quanto consigo digerir esta noite — disse eu.

— Mas ainda é cedo!

— Eu sei e sinto muito, mas não agüento mais nada e tenho de dar um jeito de descobrir como é que isso tudo vai ser transmitido ao padre Lulfre. Não posso simplesmente mandar-lhe uma transcrição da fita. Se ele sonhar que estou me tornando um aprendiz de feiticeiro, vai me tirar daqui na mesma

hora.

B deu de ombros.

— Concordo. Não podemos correr esse risco.

Combinamos nos encontrar para jantar no dia seguinte.

Quando voltei para o quarto, resisti à tentação da cama. Queria mandar um fax ao padre Lulfre lá pelas três ou quatro da manhã a fim de manter o sistema que eu havia estabelecido nos dias anteriores.

Tinha a intenção de traduzir minha conversa com B numa série de vinhetas com o estilo dos evangelhos: “Um homem veio até Jesus e disse...”, ou “Uma grande multidão veio ao encontro de Jesus e alguém gritou...” Não tenho certeza se produzi alguma coisa muito convincente. Por outro lado, por que o padre Lulfre suspeitaria de alguma maquinação minha? (Resposta: seus processos mentais não se parecem nem remotamente com os meus.)

São cinco da manhã e me sinto tenso como uma corda de violino. Espero que um gole de uísque me faça dormir.

* Restaurante. Em alemão no original. (N. do E.).

Terça-feira, 21 de maio

A fé e suas formas

O telefone tocou às nove e saí rastejando de um torpor de quilômetros de profundidade para atendê-lo. Era Shirin, que tentava explicar algo intrincado demais para eu compreender, depois de menos de quatro horas de sono. Pedi a ela que repetisse tudo, bem devagar, e finalmente consegui entender. Havia um compromisso de dar uma palestra que B não conseguira desfazer, e era hoje em Stuttgart. Para chegar lá a tempo, teríamos de estar a bordo de um trem às onze e eu estava convidado para ir com eles a Stuttgart ou podia ficar em Radenau — cabia a mim resolver. Disse-lhe que me encontraria com eles na *Bahnhof** às dez e cinqüenta. Desliguei e logo cheguei à conclusão de que um banho e o café da manhã eram mais importantes que mais uma hora de sono.

Havia algo na minha cabeça que eu precisava analisar no papel, de modo que levei um caderno comigo para a sala de refeições e escrevi o seguinte:

“Só existe uma forma de *ter* fé, mas existem cinqüenta formas de *perdê-la*. Acho que devo colocar essa observação de peso num pedaço de papel separado para poder tirá-lo para estudo sempre que sentir necessidade. Só existe uma forma de *ter* fé, mas cinqüenta de *perdê-la*.

Acho que conheço um padre que tem fé com essa única forma que merece o nome de fé. Todo o resto, até mesmo eu, está numa dessas cinqüenta formas de *perdê-la*. A maioria de meus paroquianos provavelmente consideraria essa confissão chocante, mas não penso que seja. É claro que há padres que foram

além das cinquenta formas e abandonaram o ministério. Todos sabem disso e eu próprio conheço meia dúzia deles. Mas o resto de nós ainda persiste, segurando-se com os joelhos, os cotovelos, as pontas dos dedos, os cílios, os dentes, as unhas. Isso é realmente tranquilizador, penso eu, porque mostra que nenhum de nós *quer* perder a fé ou pensar que é alguém que a *perdeu*. Como todos sabem, isso se deve em parte à pura e simples covardia; sabemos que, depois que a fé acaba, a vida religiosa se torna absolutamente intolerável e temos de ir em frente, de entrar num mundo desconhecido. Mas também se deve em parte ao fato de termos fé suficiente para *continuar* tendo fé. No entanto, quando essa fé acaba, então *tudo* acaba e você está na forma cinquenta e cinco. Você está fora, está liquidado.

Acho que estou mais ou menos lá pela forma trinta e quatro. Quando eu tinha quinze anos, possuía fé daquela única forma que significa ter fé. Quando entrei no seminário, estava na terceira forma de perder a fé. Quando me ordenei, estava na décima segunda. Quando entrei no escritório do padre Lulfre há três semanas, estava na vigésima quinta. O fato de eu estar agora na trigésima quarta parece bem grave, mas na verdade não é. Eu estava com medo (quando me sentei aqui para fazer esse exame de consciência) de que ia acabar sabendo que estava numa forma realmente assustadora, como quadragésima sétima. Quero dizer, quando você chega à quadragésima sétima, você está realmente à beira do precipício. Mais três e você cai!”

Rumo a Stuttgart

O grupo de viajantes era composto por B, Shirin, Michael e eu. Enquanto apertávamos as mãos uns dos outros, Michael me deu pela primeira vez um sobrenome pelo qual poderia saber quem era, embora eu só possa imaginar

como se escreve. Soou como Dershinsky. Shirin estava eficiente e neutra. B parecia sorumbático e preocupado.

Ninguém estava com vontade de conversar, exceto talvez Michael que não parava de piscar para mim e de acenar amistosamente com a cabeça; se não fosse isso, daria a impressão de não estar dando corda a seu bom humor por deferência para com Shirin e B. Dez minutos após a partida do trem, rompi o silêncio perguntando qual era o compromisso assumido. Ninguém parecia estar com muita vontade de me responder. Finalmente B explicou que um homem e uma mulher haviam organizado uma palestra na universidade e eram pessoas que conheciam as idéias de B e queriam promovê-las entre a população.

— Você não parece incrivelmente entusiasmado — disse eu.

— Minhas idéias sobre esse assunto sempre provocam muita raiva.

— Raiva entre quem? Os católicos?

— Não, de jeito nenhum. Entre os marxistas.

— Por que os marxistas?

Ele deu de ombros e olhou pela janela. Michael e Shirin fizeram um sinal com a cabeça para eu parar com aquilo.

Em Hamburgo fizemos uma baldeação e pegamos um trem mais rápido e ligeiramente menos austero, mas a atmosfera continuava melancólica e não melhorou quando abrimos a embalagem do almoço que Michael havia comprado para nós na estação de Hamburgo.

No meio do caminho para Stuttgart, B disse a Shirin:

— Por que você não conta a Jared a história do Frio Imperial?

Se eu acompanhasse direito a linha de seus pensamentos, teria percebido que ela não mostrou grande entusiasmo pela sugestão, mas estava tão entediada quanto os outros. Para dar-lhe um empurrãozinho, desembrulhei

meu gravador e o liguei.

Para surpresa minha, ela não manifestou nenhum sinal de constrangimento ou embaraço (o que certamente teria acontecido comigo). Em vez disso, passou um minuto concentrando-se e depois lançou-se à tarefa como uma atriz profissional.

O Frio Imperial

— O Frio Imperial tinha sido uma preocupação da corte havia tanto tempo que ninguém conseguia mais contar os séculos. Em um problema genético evidentemente, mas essa informação não ajudava ninguém — não ajudava o friorento imperador com seus constantes calafrios. Toda a equipe acadêmica e científica do império estudava o frio de alguma forma. Todo erudito e cientista já haviam analisado o problema em certo grau ou em certo sentido e, em geral, concordavam que era um problema metabólico e provavelmente dietético. É claro que não havia nada de errado com a alimentação do imperador, mas supunham que algum ajuste (provavelmente infinitesimal) resolveria a questão e aliviaria Sua Alteza. Foram experimentadas dietas de bolotas de carvalho e dietas de maçãs e, do outro lado do leque de possibilidades, dietas sem água e dietas de abobrinhas. Toda universidade dependia do subsídio de Sua Alteza para pesquisas sobre os efeitos da dieta e da comida na temperatura do corpo — pesquisas que todos sabiam que poderiam ser levadas sem dificuldade até o fim dos tempos.

“Mas, um dia, o primeiro-ministro convocou uma coletiva com a imprensa e anunciou uma descoberta muito importante. É claro que descobertas muito importantes já haviam sido anunciadas antes e nunca tinham dado em nada, de modo que ninguém estava muito empolgado — até verem a expressão do rosto

do primeiro-ministro”.

Shirin fez uma pausa e perguntou a B se deveria terminar a história naquele momento ou esperar.

— Ah, termine agora — disse B, mal humorado. — Assim, ele já pode ir pensando nela.

Shirin continuou.

— A declaração do primeiro-ministro (de que a causa do Frio imperial havia sido descoberta) foi escandalosamente sucinta, e seguida de um silêncio escandalizado, que logo se transformou num murmúrio de horror, incredulidade e negativas. Não foi a verdade das palavras do primeiro-ministro que horrorizou os ouvintes. O que os horrorizou foi a idéia de que, depois de derrotar as melhores cabeças de uma dúzia de gerações, o frio do imperador pudesse ser explicado de maneira tão simples. Havia a impressão de que problemas críticos (como o frio do imperador) devem ter causas absolutamente complexas e impenetráveis e que devem ser absolutamente difíceis (e talvez impossíveis) de resolver. Enquanto vagava sem rumo no meio da multidão, ouviu um erudito atordoado murmurando sem parar: “Não *existem* respostas fáceis, *não* existem respostas fáceis, não existem respostas *fáceis*”, não com uma convicção real, mas como se a repetição pudesse restaurar a vitalidade dessas palavras familiares, reconfortantes.

“O que os afligia não era o fato de a causa da friagem ser conhecida agora e sim porque *sempre* fora conhecida — mas nunca como *causa*. Havia estado sempre diante de seus olhos e, ao procurar causas remotas e ininteligíveis, não tinham percebido seu significado. Por todo o império não havia literalmente ninguém que ignorasse o fato de que o monarca trêmulo... não... usava... roupas”.

Afirmar que eu não sabia o que dizer seria um exagero. Felizmente, parece que ninguém esperava uma resposta. B continuava olhando pela janela sem ouvir nada. Sem ao menos dar uma espiada nos seus companheiros, Shirin voltou ao livro que estava lendo. Somente Michael deu a entender que algo tinha acontecido, piscando para mim como forma de me transmitir um pouco de sua abundante confiança.

Não havia sido nem uma grande distração. Guardei o gravador sem que ninguém notasse, sentindo-me como a Alice de Lewis Carroll, que tinha tantas expectativas desse tipo, preparando-se para diversões incríveis que acabavam não sendo diversão nenhuma.

Brincadeiras com os marxistas e outros

Éramos esperados na estação por nossos anfitriões, um casal de meia-idade, com um carro em que era possível conceber que cinco se espremessem, mas seis, de jeito nenhum, a não ser que um de nós fosse desmembrado. O problema foi facilmente resolvido: Michael e eu os seguimos de táxi. Esse passeio me deu uma nova perspectiva dele: ele não tinha ficado em silêncio no trem por deferência a B e Shirin, mas por pura e desesperada timidez — mais nitidamente visível agora, quando poderia ter conversado tanto quanto quisesse. Fiz algumas tentativas para fazê-lo falar, mas logo percebi que ele realmente preferia ficar nos bastidores e nunca enfrentar as luzes do palco.

O táxi deixou-nos em frente de uma escola que parecia uma enorme prisão neogótica; fomos levados escadas acima até uma sala de aula que teria deprimido o mais alegre bando de macacos. Meu coração apertou-se quando a vi. Uns vinte espectadores silenciosos estavam espalhados pela sala, metade deles com o ar de atores concentrados para representar o papel de Cássio em

Júlio César. B, Shirin e o casal de anfitriões estavam lá na frente batendo papo — ou tentando dar a impressão de estarem batendo papo.

Michael e eu nos dirigimos furtivamente para o fundo. Alguns minutos depois, Shirin sentou-se num lugar da primeira fila e B foi apresentado com todas as minúcias (e em alemão). Resolvi não gravar a palestra de B, uma vez que acabaria tendo de transcrevê-la de qualquer jeito, mas não contara com o fato de ser sua apresentação a mais longa até o momento(4).

Eu não estava preparado para o que ouvi — não que algum dia tenha estado, em se tratando de B. Seu material era extraordinário, diferente de tudo quanto já havia ouvido ou lido sobre o assunto, e, à medida que sua exposição avançava, comecei a entender o porquê da história do Frio Imperial. B estava esclarecendo fatos cruciais tão incontestáveis quanto a nudez do imperador (pelo menos foi o que eu ingenuamente pensei). Quando terminou, umas sete pessoas aplaudiram, sendo duas delas nossos anfitriões e as três outras, Shirin, Michael e eu.

Parecendo esgotado a ponto de ter um colapso, B começou a responder a perguntas difíceis — ou, melhor dizendo, a longos discursos e refutações, todos em alemão. Michael inclinou-se em minha direção para explicar que, deixando de usar o inglês (que obviamente compreendiam), estavam demonstrando desprezo pelas idéias de B.

Antes de lhes responder, B resumiu as perguntas deles em inglês (provavelmente por minha causa). Tanto quanto consegui entender, eles estavam simplesmente se contrapondo a tudo quanto B havia falado — uma abordagem interessante, pensei. No final (ou quando ele se cansou daquilo), B concluiu com um pequeno epílogo ao Frio Imperial, que dirigiu a mim:

— Depois que os acadêmicos e cientistas da capital do Imperador Friorento já haviam tido alguns dias para pensar nas coisas, começaram a recuperar a

presença de espírito e ver que, afinal de contas, nem tudo estava perdido para eles. Convocaram uma coletiva com a imprensa, duas vezes mais solene que a do primeiro-ministro e com um número três vezes maior de participantes. Depois de vários representantes da mídia terem bebido vinho e jantado regiamente, o presidente da Comissão Real para a Pesquisa do Frio pediu silêncio aos presentes e fez a seguinte declaração: “É absolutamente verdade que o imperador está nu”, disse ele. “Sempre soubemos disso e sempre preferimos ignorar o fato porque é uma pista falsa. As causas do problema do imperador são muitas, complexas e difíceis para os leigos entenderem — e não podem ser reduzidas a essa única idéia infantil: de que ele sente frio porque não usa nada além daquilo que trouxe ao nascer. A sugestão de que uma roupa quente aliviaria o desconforto do imperador é fascinante e bem intencionada, mas não será recomendada para implementação ou estudo mais extenso”. Depois dessa declaração, o primeiro-ministro foi demitido por incompetência, as bolsas de estudos de todos os acadêmicos e cientistas, renovadas, e o imperador continuou tremendo de frio até uma idade avançada.

B agradeceu a seus ouvintes e desceu da tribuna em meio a um silêncio atônito. Evidentemente, algum tipo de atividade social havia sido planejada para nós por educação, mas escapulimos a fim de pegar um trem de volta para Hamburgo. Por acaso, esse trem que saía tarde da noite era daquele tipo antiquado, com compartimentos separados, que nos deixa bem acomodados.

Entre Stuttgart e Frankfurt

— Lembre-me de eu nunca mais fazer isso de novo — disse B assim que nos instalamos.

— Eu lhe lembrei antes mesmo de você aceitar o convite — observou

Shirin secamente.

— Não me lembrou com ênfase suficiente.

Michael limpou a garganta e disse:

— A gente nunca sabe quando é que deve plantar uma semente — e sua face ficou com um tom impressionante de vermelho.

— É bondade sua dizer isso, Michael — respondeu B num tom gentil —, mas essa de hoje foi uma terra incrivelmente árida.

— Foi mesmo.

— Onde foi que paramos na noite passada? — perguntou B alguns minutos depois.

Pensei um pouco e disse:

— Você tinha acabado de tocar naquele ponto em que o que os autores da história do Pecado Original viam em nossa revolução agrícola não uma nova tecnologia e sim uma nova visão de mundo que nos torna tão sábios quanto os deuses, sábios o bastante para exercer o poder de vida e morte sobre o mundo.

B concordou com um aceno de cabeça.

— Estou satisfeito de termos ido tão longe, mas essa é a parte fácil daquilo que temos a fazer.

— Como assim?

— É fácil imaginar o que estava acontecendo quando o universo surgiu, porque vemos o universo todas as vezes que olhamos para o céu. Mas é muito, muito difícil imaginar o que estava acontecendo *antes* de o universo surgir.

— *Nada* estava acontecendo antes de o universo surgir. Por definição.

— Exatamente.

Meneei a cabeça.

— Agora você vai ter de me mostrar a relação do que está dizendo com o nosso assunto.

— É fácil para nós entender o que aqueles primeiros agricultores tinham em mente quando resolveram viver em aldeias. É fácil para nós entender o que aqueles comerciantes da Idade do Bronze tinham em mente quando saíam em caravanas com seus artigos por centenas de quilômetros entre Tebas, Heracleópolis, Damasco, Assur e Ur. É fácil para nós entender o que os construtores dos impérios da Arcádia e da Suméria tinham em mente, o que os construtores da Grande Muralha da China tinham em mente, o que os construtores das colossais pirâmides do Egito tinham em mente. Tenho certeza de que você entende o que quero dizer. É óbvio que eu poderia continuar empilhando exemplos durante horas.

— Claro que entendo.

— Compreendemos o que eles tinham em mente porque estavam fazendo o que faríamos em seu lugar. São nossos parentes culturais. Eram pessoas que viam o mundo como nós o vemos e que viam o lugar do homem no mundo como nós o vemos.

— Certo.

— Mas, quando voltamos o olhar para *antes* dessa revolução agrícola no passado humano, não entendemos mais o que as pessoas tinham em mente. Não entendemos o que tinham em mente ao viver durante dezenas de milhares de anos *sem* troca e *sem* comércio, *sem* impérios e *sem* reinos, e até mesmo *sem* aldeias, *sem* proezas de qualquer tipo.

— Essa é uma grande verdade. Eu diria que temos a impressão de que eles *não* tinham *nada* em mente. Não é que a gente não entenda, é que não havia nada para ser entendido.

— Essa é a correspondência com o nascimento do universo, Jared. Não podemos entender o que estava acontecendo antes de o universo surgir porque *não* estava acontecendo *nada*, e não podemos entender o que as pessoas

tinham em mente antes do nascimento de nossa cultura porque imaginamos que *não* tinham *nada* em mente.

— É o que parece.

— Esse é, evidentemente, mais um resultado do Grande Esquecimento.

Esquecemos o que as pessoas tinham em mente antes de nossa revolução.

Eu disse:

— Acho que ainda não estou entendendo direito. Por que é tão importante saber o que as pessoas tinham em mente antes da revolução agrícola?

B suspirou.

— Existem alguns problemas didáticos que só podem ser resolvidos por meio de parábolas e acho que esse é um deles. Deixe-me pensar um minuto.

Olhei para os outros, mas ambos estavam de olhos fechados, guardando seus pensamentos para si mesmos. Estávamos justamente chegando a Frankfurt nesse momento. B e eu estávamos sentados um em frente do outro, do lado da janela do vagão, e, sem nada melhor para fazer, examinei o rosto dos passageiros que estavam na plataforma de embarque e fiquei surpreso de ver alguém familiar. O trem havia passado por ele quando me lembrei de quem era. Era Herr Hartmann, o cavalheiro de meia-idade que me aconselhara a esquecer Charles Atterley e procurar uma pessoa escalada para falar na Der Bau — que, claro está, acabei descobrindo que era B. Eu estava pensando vagamente na possibilidade de apresentar B a Herr Hartmann, e vice-versa, quando B começou sua história.

Os tecelões

— Todo mundo sabe — disse B — que qualquer pedaço de tecido feito à mão

tem em si um elemento de magia, que é a magia especial de seu artesão. Essa magia não morre necessariamente com cada tecelão em particular, uma vez que pode ser transmitida de geração a geração e partilhada pelas famílias e até por nações inteiras, de modo que uma pessoa sensível a esse tipo de coisa pode dizer em instantes se um pedaço de tecido foi feito na Irlanda, na França, na Virgínia ou na Baviera. Isso se aplica a todos os planetas do universo onde se pratica a arte da tecelagem e aplica-se ao planeta sobre o qual gostaria de lhe falar agora.

Mas nesse planeta apareceu um tecelão chamado Nixt, que era uma mistura estranha de genialidade e loucura, violência e talento artístico, grosseria e sedução — e foi essa magia que ele usou em seus tecidos; aqueles que usavam roupas feitas com seus tecidos ficavam exatamente como o tecelão. O tecelão logo ficou célebre e todos queriam roupas impregnadas de sua magia. Usando essas roupas, os artistas criavam obras-primas, os mercadores enriqueciam, os líderes aumentavam seu poder e os amantes humilhavam seus rivais. Quase imediatamente depois, notaram que a magia nixtiana tinha alguns inconvenientes. Era tão poderosa que tendia a devorar tudo quanto tocava. Em vez de durar séculos, as obras-primas dos artistas tendiam a se desintegrar depois de apenas algumas décadas. Em vez de durar várias gerações, a riqueza dos mercadores tendia a ser dissipada numa única vida. Em vez de durar décadas, o poder dos líderes tendia a decair em poucos anos. Em vez de durar anos, o poder de sedução dos amantes tendia a se desgastar em meses. Ninguém ligava a mínima. Os artistas queriam obras-primas, os mercadores queriam dinheiro, os líderes queriam poder e os amantes queriam conquistas.

Naturalmente, todo tecelão daquele mundo queria tecer com a magia de Nixt e o próprio Nixt logo ficou tão absurdamente rico que passou a dividir sua riqueza com os outros. Em uma geração, todo tecelão do reino estava

praticando apenas esse tipo de magia e todos os outros foram esquecidos. Das fraldas às mortalhas, todos os habitantes daquele mundo usavam roupas tecidas com a magia de Nixt — e, como é fácil imaginar, essa nação tornou-se proeminente entre as outras nações do mundo praticamente da noite para o dia. Não havia nada que a impedisse de se apoderar do planeta inteiro, e foi exatamente o que aconteceu em umas poucas gerações. E os tecelões das terras conquistadas que praticavam outros tipos de magia aprendiam a magia de Nixt, ou então passavam a trabalhar com outra coisa.

“A disseminação da magia de Nixt revelou outro de seus inconvenientes. Sua capacidade de exaurir-se parecia aumentar exponencialmente. Se um número duas vezes maior de obras-primas eram criadas com a magia de Nixt, elas se desintegravam quatro vezes mais rápido. Se um número três vezes maior de mercadores enriquecia com a magia de Nixt, seu dinheiro dissipava-se nove vezes mais rápido. É claro que ninguém gostava disso, mas os artistas ainda queriam obras-primas, os mercadores ainda queriam riquezas, os líderes ainda queriam poder, e assim por diante.

“Em mil anos, todos os tecelões do planeta conheciam apenas um único tipo de magia e todos os outros foram esquecidos. Depois de outros mil anos, as pessoas tinham se esquecido de que qualquer outro tipo de magia fora algum dia praticado na tecelagem e logo deixaram de pensar que se tratasse de magia e que, tanto quanto sabiam, as coisas sempre tinham sido assim. Em outras palavras, tiveram seu próprio Grande Esquecimento. Acabaram por ver a magia de Nixt como algo que simplesmente fazia parte da tecelagem — exatamente como os membros de nossa cultura acabaram vendo a agricultura totalitária como algo que simplesmente faz parte da criatura humana”.

“O problema era que, como todos os homens, mulheres e crianças do planeta estavam usando roupas tecidas com a magia nixtiana, a capacidade

que essa magia tinha de se exaurir estava operando num nível tão elevado que as obras-primas estavam durando apenas semanas — e ninguém mais queria saber delas. Fortunas eram feitas e rotineiramente dissipadas em poucos dias, e os mercadores viviam num estado de depressão suicida. Governos e sistemas políticos inteiros surgiam e desapareciam como as estações do ano, e ninguém se dava mais ao trabalho de saber o nome do presidente ou dos primeiros-ministros. Os romances e casos de amor raramente duravam mais que duas ou três horas”.

“Foi a essa altura da extinção sistêmica total que alguns paleontólogos empreendedores descobriram de maneira absolutamente fortuita que a tecelagem tinha existido muito tempo antes da época de Nixt e que as pessoas, durante centenas de milhares de anos, haviam sido muito felizes usando roupas tecidas com outros tipos de magia. E, por mais surpreendente que fosse — até mesmo sem a magia de Nixt —, alguns artistas tinham produzido obras-primas de vez em quando, alguns mercadores tinham enriquecido, alguns líderes haviam se tornado poderosos e alguns amantes tinham feito conquistas. E o mais importante era que essas proezas, de acordo com os padrões modernos, haviam durado um tempo praticamente impensável hoje”.

“Incrivelmente excitados, esses paleontólogos levaram suas descobertas ao chefe de seu departamento e pediram para ser liberados de outras obrigações a fim de estudar as tecelagens antigas e talvez até redescobrir a magia empregada em sua fabricação”.

“Acho que não entendi, disse o chefe do departamento depois de ouvir pacientemente suas propostas. Por que é importante saber o que os tecelões estavam fazendo antes da época de Nixt?”

Bem, a parábola é a seguinte

— Suponho que você tenha entendido as correspondências com o que andamos conversando — disse B. — Acho que suas palavras foram: “Por que é importante saber o que as pessoas tinham em mente antes da revolução agrícola?”. Ainda precisa de uma resposta a essa pergunta?

— Gostaria de poder dizer que não — respondi —, mas, honestamente, não posso. Esse é o meu problema. Consigo entender a idéia que *nos* motivou, porque sei qual foi a nossa *proeza*. Mas não consigo entender a idéia que motivou nossos ancestrais, porque não sei a proeza deles. Tanto quanto sei, eles não realizaram *nenhuma* proeza. Mostre-me qual foi a proeza deles e aí talvez eu acredite que havia uma idéia que os motivava.

— Qual foi a proeza dos tecelões pré-nixtianos da minha parábola?

— Você quer dizer: entre a época em que sua raça surgiu e a época de Nixt?

— Isso mesmo — disse B.

— Acho que foi aprender a tecer.

— Exatamente. O que não foi uma proeza nada desprezível, com certeza. Nossos ancestrais realizaram uma proeza semelhante nos três primeiros milhões de anos da vida humana: aprenderam a viver como seres humanos — a viver bem, a ter uma vida maravilhosa. Desenvolveram um modo de vida que era exclusivamente humano, inteiramente diferente do estilo de vida de todos os outros primatas, um modo de vida de criaturas capazes de fazer poesia, filosofia, música, dança, mitologia, arte e de inventar um vasto leque de tecnologias.

— E existe uma idéia por trás disso?

— Acho que você vai descobrir essa resposta. Seja como for, esse é o

desafio que enfrento, Jared: revelar essa idéia a você. Neste exato minuto, sei que você tem a impressão de que tudo isso — toda essa nossa beleza e catástrofe — estava *fadado* a acontecer. De certa forma, estava na própria estrutura da humanidade tornar-se o que se tornou, assim como está na própria estrutura da lagarta tornar-se uma borboleta.

— Sim, *é* essa a impressão que eu tenho.

— Um dia desses, se eu for bem sucedido, você vai ver que a humanidade não estava mais fadada a se tornar o que *nós* somos do que o que são os Gebusis. As pessoas da nossa cultura não representam o estágio final do desenvolvimento humano, assim como os Gebusis também não.

— Espero que você seja *realmente* bem sucedido — disse eu. — Espero mesmo.

— Ele se levantou e segurou-se no bagageiro para se firmar.

— Está na hora de dar uma caminhada — disse ele, dirigindo-se para a porta.

Continuei sentado e olhei para Michael e Shirin durante algum tempo, como quem quer conversar. Como não ia haver conversa nenhuma, puxei meu caderno de anotações e o atualizei.

* - Estação de trem. Em alemão no original. (N. do E.)

(4) - **O** texto dessa palestra está no último capítulo: **Os ensinamentos públicos** – (4 - População: Uma Abordagem de Sistemas).

Quarta-feira, 22 de maio

Última parada

Uma hora depois, Shirin não acreditou quando eu disse que B tinha saído havia muito tempo — achava que ele simplesmente encontrara algum conhecido — e Michael, de forma bem característica, achava que não tinha o direito de dar uma opinião, de modo que saí sozinho à procura dele.

Os compartimentos eram separados a partir dos corredores por divisórias que tinham janelinhas de vidros e, por isso, era fácil ver quem estava lá dentro, e B não estava na parte da frente do trem. Alguns compartimentos estavam vazios e escuros, e não vi motivo para inspecioná-los enquanto ainda houvesse outros lugares para checar. Dei-me conta de que ele devia estar com tanta necessidade de dormir quanto eu e, depois da noite difícil que tivera em Stuttgart, poderia muito bem ter-se estendido num banco vazio e estar tirando uma soneca. Quando finalmente o encontrei, pensei que tinha razão, mas não tinha. Ele estava estendido num banco vazio, é verdade, mas não dormindo — estava morto, de olhos abertos e com um buraco de bala na têmpora esquerda.

Talvez algum dia eu escreva sobre o que passei naquele momento, mas não agora. Acho que cheguei perto do que costumam chamar de “perder a cabeça” antes que essas palavras tivessem se tornado apenas mais um clichê, sinônimo de ficar louco. Eu sabia que tinha de apertar o interruptor de emergência e parar o trem, por menos que quisesse fazer isso. Parecia não haver escolha quanto a isso, embora tenha ficado óbvio que muitos passageiros pensavam de outra forma. Foi a maior confusão, evidentemente, um pesadelo. No início, pensei que ia ser executado ali mesmo. Por fim, o condutor entendeu que

havia um cadáver. Por fim, Michael chegou e assumiu o papel de intérprete. Por fim, chegaram alguns policiais — pareciam ter se passado horas — e depois policiais começaram a chegar em ondas, todos com as mesmas perguntas. Fui algemado duas vezes e quase uma terceira.

Por fim, o trem voltou a andar, dirigindo-se para Hannover, que ficava poucos quilômetros adiante. A noite não acabava, não acabava, não acabava. Finalmente Michael e Shirin convenceram a polícia de que era muito improvável que eu fosse o assassino, e eles me liberaram depois de confiscar meu passaporte. A essa altura, já estava amanhecendo. Michael conseguiu um táxi para nos levar até Radenau, e saímos daquele lugar.

Dormi até as oito da noite, desci para comer alguma coisa e passei um fax para o padre Lulfre explicando o que havia acontecido. Um oficial da polícia com bom domínio do inglês havia me dito para telefonar se eu me lembrasse de qualquer coisa que não constasse de minhas declarações. Liguei para ele e disse-lhe que tinha visto Herr Reichmann na estação de trem de Frankfurt.

— Como o senhor sabe que ele não estava apenas esperando alguém que fosse descer do trem?

— Não sei. Mas as pessoas que estão esperando alguém não se aproximam como ele fez. Ficam mais afastadas para poderem ver quem está descendo de todo o trem.

— Muito bem observado — concordou o policial. — Então, digamos que ele tenha subido no trem. Acha que ele teria algum motivo para matar seu amigo?

— Não, nenhum.

— Mas, então, por que está me dizendo isso?

— O senhor me pediu que telefonasse se me lembrasse de algo. É o que estou fazendo.

— Certo. Obrigado. A propósito, os testes que fizemos em suas mãos deram resultado negativo em relação a vestígios de pólvora.

— O que é novidade para o senhor, não para mim — respondi. — Eu já sabia que não havia pólvora em minhas mãos. Quando vai devolver meu passaporte?

— Em um ou dois dias.

Eu disse até logo.

Sentia como se eu próprio estivesse semimorto. Não queria pensar. Não queria lembrar, não queria fazer nada. Peguei a garrafa de uísque e me servi, mas nem isso eu queria fazer.

Estendi-me na cama de roupa e tudo, fechei os olhos e dormi dez horas seguidas.

Quinta-feira, 23 de maio

Radenau: sexto dia

O padre Lulfre telefonou às oito da manhã e deu início à conversa dizendo-me, num tom de repreensão moderada, que era meio-dia onde eu estava.

— Não lhe pedi que me ligasse — respondi secamente. Houve um longo silêncio, durante o qual era evidente que ele estava concluindo que o melhor seria não tomar conhecimento da minha impertinência.

— Quando vai voltar para casa? — perguntou finalmente.

— Não sei. A polícia está com o meu passaporte.

— Por quê?

— Para me manter na Alemanha, é óbvio.

— Não pegaram o assassino de Atterley?

— Tanto quanto sei, não têm nenhuma pista, quanto mais um suspeito. Acredite-me, não sou homem de confiança deles.

— Que lhes disse a respeito de sua missão aí?

— Coisíssima nenhuma. Tudo quanto queriam saber é se eu tinha tido uma briga com ele. Se eu estava usando um revólver. Se atirei nele. Não têm o menor interesse pela história de minha vida. Talvez algum dia, mas agora, não.

— Devo providenciar um advogado para você?

— Não, a essa altura. Além do fato de eu ter encontrado o corpo, eles não têm nenhum motivo para pensar que eu tenha qualquer coisa a ver com essa morte.

O padre Lulfre refletiu sobre tudo isso durante algum tempo e depois, com

a certeza cômoda de alguém que estava a quase seis mil e quinhentos quilômetros de distância, comentou:

— Eles não podem mantê-lo aí indefinidamente.

— Vou explicar isso a eles. Por que a pressa?

— Por nada. É só que não há mais nada a fazer e por isso achei que você devia estar ansioso para voltar para casa.

Perguntei-me por que ele achava necessário me explicar isso, mas deixei passar.

— Entro em contato quando souber de mais coisas — disse eu.

— Está precisando de alguma coisa?

— Tenho o American Express e o Visa Gold. De que mais poderia precisar?

— Jared, você está começando a me alarmar.

— Isso aqui não está sendo muito divertido.

— Isso logo vai acabar — disse o padre Lulfre, e ficamos por ali.

Tomei um banho, vesti-me, saboreei o café da manhã e saí para dar uma volta — algo que eu nunca tinha feito nessa cidade em plena luz do dia. Não era um lugar onde você pudesse se perder — fora projetado com uma lógica teutônica demais para isso. Por mero acaso, acabei me encontrando na mesma rua onde ficava a loja de refugos e sobras de Gustl Meyer. O velho olhou-me surpreso quando entrei. Perguntei se sabia o que tinha acontecido com B, e ele disse que lera a respeito dele nos jornais. Expliquei que não sabia alemão o suficiente para ler jornais, por isso não sabia se a polícia tinha prendido alguém.

— Ah, eles não vão achar ninguém para prender — assegurou-me o velho.

— Por que diz isso?

Ele deu de ombros de uma forma bem expressiva.

— Charles era um homem fadado a ser morto.

Parecia achar que essa frase explicava tudo.

De volta à toca

Depois do almoço, fui ao teatro, com a esperança de que Shirin e Michael estivessem lá. Estavam. Como também estavam Frau Hartmann, Bonnie, a adolescente americana, e os Teitel. Não esperava que ninguém ficasse muito alegre ao me ver, e ninguém ficou. Exceto Shirin, que estava sentada na cadeira de B, todos permaneciam em seus lugares de costume. Talvez quisessem pelo menos aquela continuidade. Ninguém falava.

Sentei-me e perguntei-lhes qual era a teoria predominante: quem matara B e por quê.

Olharam para mim sem entender nada, exceto Shirin, que disse:

— Eu não chamaria de teoria. O sentimento predominante parece ser que B ainda estaria vivo se você não tivesse aparecido.

— Fico satisfeito em saber que não é uma teoria. Estão reconhecendo a falácia envolvida — *post hoc, ergo propter hoc**: aconteceu depois, portanto, aconteceu por causa. Segundo esse raciocínio, o casamento é a causa do divórcio.

— Não venha com sermões, Jared.

— Não vou passar sermão nenhum se não me acusarem da morte de B.

— Por que *você* acha que ele foi morto? — a pergunta foi feita por Michael.

— Não sei. As possibilidades são numerosas demais e não tenho nenhum critério para reduzi-las. É óbvio que havia muita gente incomodada com o que

ele dizia.

— Isso não foi feito por alguém que simplesmente não gostava do que B estava dizendo — replicou Shirin. — Foi feito por alguém que sabia que B estaria exatamente naquele trem. Alguém que pegou exatamente aquele trem para matá-lo.

— Ou alguém que pegou exatamente aquele trem para matar quem quer que fosse viável.

— Se esse alguém pegou o trem para matar a esmo, por que matou somente B?

— Não sei. Talvez uma vítima fosse o suficiente. Talvez ninguém estivesse à mão da mesma forma que B.

Bonnie disse:

— Como é o nome do seu chefe? O cara que o mandou para cá?

— Padre Lulfre.

— Talvez o padre Lulfre tenha mandado matá-lo.

— Por que faria isso?

— Ele não o mandou aqui para descobrir se B era o Anticristo?

— Bom, para simplificar as coisas, vamos dizer que ele tenha feito isso. E daí?

— E daí que ele concluiu que B era o Anticristo.

Meneei a cabeça discordando.

— Ele certamente não poderia ter concluído isso com base no que ouviu de mim e, mesmo que tivesse feito isso, não teria reagido mandando matar B. Você vê televisão demais, Bonnie. O padre Lulfre é um arqueólogo e um psiquiatra, não um chefe da Máfia.

Bonnie sorriu com afetação, como se eu estivesse sendo incrivelmente

ingênuo — ou deliberadamente burro.

Ninguém parecia ter mais nada a dizer.

Sentado no meio daquelas pessoas silenciosas, comecei a me perguntar se eu não teria interrompido uma reunião qualquer — uma reunião para a qual não havia sido convidado. Cheguei à conclusão de que era uma coisa que eu tinha de saber e estava pensando na melhor maneira de fazer a pergunta quando um ruído de muitos passos soou na escada de caracol, vindos de cima. Olhei à minha volta para ver se os recém-chegados eram esperados, mas tive a impressão de que não. Todos estavam tensos quando um grupo de cinco pessoas finalmente apareceu. Eram das mais variadas idades, de adolescentes a pessoas de meia-idade, vestidos como gente da ralé, num estilo que ia dos primeiros *hippies* aos *punk* mais recentes. Pararam na escada e ficaram nos examinando durante um bom tempo, como se fôssemos espécimes de museu. E então, depois de se entreolharem, desceram os últimos degraus e abriram caminho em meio à desordem em que estávamos reunidos.

— Será que viemos ao lugar certo? — perguntou o líder, um sujeito de seus quarenta anos. — Somos da Suécia e nos disseram que viéssemos ao teatro de Radenau e descer até o porão, onde eles se reúnem.

Enquanto continuávamos a olhar sem entender nada, ele dirigiu a cada um de nós, um de cada vez, um olhar sorridente, esperançoso. Finalmente, ainda sorrindo (embora agora com uma certa dúvida), perguntou:

— Qual de vocês é aquele que chamam de B?

Como ninguém parecia inclinado a responder, assumi a tarefa de dizer:

— B não está aqui.

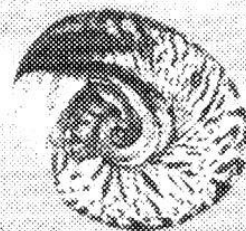
— Ora, cale a boca, seu estúpido — disse Shirin. E então, levantando-se e voltando-se para os recém-chegados, ela pronunciou três palavras que eu

soube na hora que iam acabar com a minha vida:

— Eu sou B.

* - “Depois disto, Logo por causa disto”. Fórmula com que, na escolástica, se designava o erro que consiste em considerar como causa o que é apenas um antecedente no tempo. (N. do E.)

parte
dois



Sexta-feira, 24 de maio (duas da manhã)

Enrolação

Uma das coisas decididas ontem foi que B falaria em público amanhã à noite, o que foi interpretado como um ato de resistência. Ninguém pediu minha opinião, qual seja marcar a mesma palestra para daí a uma semana não faria a menor diferença e daria um certo tempo para divulgá-la. Eu disse que ajudaria a colar cartazes, mas vou ter de esquecer isso se quiser dormir (e vou dormir, aconteça o que acontecer).

Para mim, o tempo está voando aqui. Meu passaporte foi devolvido há algumas horas e sou obrigado a supor que o padre Lulfre deve ter sabido disso quase que imediatamente, pois tem suas próprias fontes de informação na cidade. Posso enrolá-lo por uns dias (mas não muito mais que isso), afirmando que a polícia me recomendou que ficasse por perto para a eventualidade de encontrarem Herr Reichmann, o velho cavalheiro que me pôs em contato com B da primeira vez e que subira no trem em Frankfurt na noite do assassinato de B. Se isso lhes ocorresse, provavelmente *me pediriam* que ficasse por perto por causa disso — ou por causa de uma outra coisa qualquer.

Shirin, Jared

Depois de me colocar no meu lugar, B falou durante mais ou menos uma hora com os suecos (para ser honesto, eu preferiria desesperadamente chamá-la de Shirin, mas fazer isso seria me aliar com estranhos, como, digamos, a mãe ou os médicos dela; parece-me que negar que Shírin é B seria negar que Charles

era B). Ela lhes deu uma orientação básica a respeito dos ensinamentos de B e prometeu encontrar-se com eles no dia seguinte. Depois, mandou todos embora para que nós dois pudéssemos conversar.

As coisas não correram bem entre nós imediatamente. Eu não sabia o que ela queria discutir e ela parecia não querer me dizer. Depois de alguns minutos, ficou óbvio que ela não tinha a menor vontade de conversar comigo e me perguntei por que ela estava se dando a esse trabalho.

A pergunta fez algum sentido para ela, porque a deixou louca de raiva. Ela disse:

— Agora há pouco eu chamei você de estúpido e tenho realmente de dizer que você é um dos homens mais estúpidos que já conheci. Sabe por quê?

Admiti que não.

— Conheci um monte de homens que eram muitíssimo menos inteligentes — aliás, um monte de homens sem equipamento mental nenhum —, mas nunca conheci alguém com tanto equipamento sendo tão pouco usado.

Ri quando ela disse isso — uma daquelas risadas amargas em que Bertie Wooster era especialista.

— Você fala exatamente como o meu mentor da faculdade — disse eu.

— Você não tem idéia do quanto se parece com ele.

Ela suspirou e vi a raiva dela se esvaindo. Inesperadamente, pediu-me desculpas por perder a calma.

— Tenho de ajustar meu raciocínio a isso, Jared. Sabe, o que me irrita em você é exatamente o que agraciava a Charles. Você consegue manter as informações na cabeça durante um tempo incrivelmente longo *sem chegar a uma conclusão*. Para mim, isso parece estupidez. Para Charles, parecia... uma outra coisa.

— Você quer dizer que levo muito tempo para entender as coisas.

— É a impressão que me dá. Para Charles, dava a impressão de que você tinha uma capacidade fantástica de *não pular*. De resistir à tentação de entender rápido demais. De resistir à tentação de se agarrar a alguma coisa, mesmo que não fosse o que ele estava dizendo.

— Caramba — disse eu. — Que qualidade fabulosa!

— Nada de críticas, Jared, eu também vou tentar não fazê-las. Mas sabe onde essa qualidade acaba com você? Nas relações com alguém como o padre Lulfre. Você acha que colocar o peão na quarta casa da rainha é um movimento brilhante para começar a partida, mas, enquanto você está levantando aquele peso, ele está vindo com ambos os cavalos, ambos os bispos e já fez o roque. Ele está sempre oito movimentos à sua frente.

— Onde é que o padre Lulfre entra nessa história?

— Entra nessa história através de você, evidentemente. Ele jogou você nessa história há duas semanas e pode tirá-lo a hora que quiser.

Ela aprumou a cabeça, erguendo-a para o lado.

— A menos que você esteja pensando em largar a batina.

— Não estou.

— Nesse caso, o que você tem de enfrentar neste exato momento é: o padre Lulfre o conhece pelo menos tão bem quanto eu. Isso significa que, consciente ou inconscientemente, escolheu-o porque você não vai pular para as conclusões que ele quiser guardar para si mesmo.

— Agora tenho uma vaga idéia — disse eu — de como um retardado se sente quando finalmente percebe que é retardado.

— Não seja ridículo.

— Tenho uma pergunta que não devia fazer, mas que vou fazer assim mesmo: que tipo de relações tinha com Charles?

Ela me lançou um olhar gelado, que retribui.

— Você não teria coragem de perguntar isso a Charles.
— Não.
— Mas tem coragem de perguntar a mim. Por quê?
— Porque é de você que quero ouvir a resposta.
— Por que diz isso? Exigiu ela com um olhar penetrante.
— Se o padre Lulfre está oito movimentos à minha frente, então você deve estar pelo menos quatro e, nesse caso, você já sabe por quê. Ainda estou no primeiro movimento, pensando no que fazer.

B olhou-me longamente, procurando uma saída daquela encrenca. Não sei bem se estava além de sua capacidade ou se ela só havia resolvido fingir que estava. Sela como for, respondeu:

— B e eu não éramos amantes.
— Eu sei. Não tem mais nada a acrescentar?
— Éramos exatamente o que você viu. De que parte você precisa explicação?
— De nenhuma — disse eu. — Eu só não tinha me dado conta de que estava na presença de um milagre. Amizades como a de vocês são uma em um bilhão. Vocês tiveram uma sorte dos diabos — os dois.

Ela ficou imóvel como uma rocha durante um minuto inteiro, procurando esconder as lágrimas que lhe subiram aos olhos, e, se eu tivesse sido tolo o bastante para lhe dizer uma palavra ou lhe estender a mão, ela provavelmente teria me arrasado. Logo depois, limpou as lágrimas, sem se importar que eu as visse.

— Como de costume — disse eu —, não sei o que está acontecendo. Que estamos fazendo aqui?

— Estou assumindo sua educação no ponto em que Charles a deixou.

Olhei para ela durante alguns segundos e depois perguntei por que ela faria

uma coisa dessas.

— Eu sei por que *Charles* faria isso. Mas não entendo por que *você* faria.

— Você provavelmente não vai gostar da resposta — disse ela, depois de pensar por um momento —, mas é a única que eu tenho. Você vê essa educação como um favor que estamos lhe fazendo, não como uma necessidade. Nós a vemos como uma necessidade porque, nesse jogo, estamos quatro movimentos à sua frente. Dá para aceitar essa resposta?

— Acho que sou obrigado a aceitá-la.

— Assim que você chegar ao ponto onde estamos, vai ver a necessidade por si mesmo. Não vai ter dúvida nenhuma a esse respeito.

— Você tem razão — disse eu. — Não gostei da resposta.

Relutância em saltar por sobre o abismo

— Quando Charles começou, pensamos que tínhamos algumas semanas. Com a morte dele, acho que temos alguns dias, talvez horas.

Perguntei-lhe o que a morte de Charles tinha a ver com isso, mas ela só sacudiu a cabeça e continuou.

— A abordagem de Charles tinha de ser a dele, evidentemente, mas, para ser franca, acho que era cerebral demais e tinha muito rodeio. Tenho de partir de um nível mais elementar.

— Certo — disse eu com ar de dúvida. E depois: — Está pensando em começar neste exato segundo?

— Tem algum outro compromisso?

— Não, claro que não.

— Se está pensando que eu vou ficar de luto, chorando durante um mês, saiba que isso não vai acontecer. Não agora. Não nessas circunstâncias.

— Desculpe, continue.

— Charles não queria carregar você nas costas para saltar por sobre o abismo, Jared. Queria que você saltasse sozinho e foi por isso que ele fez o que fez. Sabe do que estou falando?

— Está falando sobre o salto que tenho de dar para chegar à conclusão que ele queria que eu chegasse?

— Isso mesmo. Cada frase que ele dizia tinha a intenção de aumentar sua estrada em um centímetro. Estava fechando o espaço aberto pedrinha por pedrinha, com a esperança de que você acabasse dando o salto sozinho.

— Mas não dei.

— Não deu. Não tenho paciência para seguir esse procedimento, Jared — nem paciência, nem tempo. Vou atirá-lo para o outro lado do abismo. Vou começar com a conclusão.

Ela esperou que eu respondesse e acho que eu só teria dito “Tudo bem” ou “Por mim está ótimo”, mas as coisas não me pareciam nada bem, nem estavam ótimas para mim. Para mim pareciam o fim... que, obviamente, é exatamente o que é uma conclusão.

— Tudo bem — disse eu. — Por mim está ótimo.

Ela me lançou um olhar interrogativo, como se não acreditasse mais em mim do que eu mesmo. Depois, continuou:

— Tem uma coisa que eu quero que você me diga, Jared. Você é um padre da Igreja Católica Romana. Sabe o que Jesus pretendia com seus ensinamentos, não sabe?

— Sim, acho que sim.

— Sabe ou não sabe?

— Sei.

— Diga-me em três palavras o que Jesus veio fazer.

— Em três palavras?

— Ou você diz, ou eu digo. Em três palavras, o que Jesus veio fazer?

— Veio salvar almas.

— Essa visão não é apenas a da Igreja Católica Romana, é? Você poderia atribuí-la a qualquer seita cristã; qualquer uma delas assinaria embaixo dessa declaração, não assinaria?

— Sim, acho que sim. Talvez seja a única declaração que *todas* assinariam.

— Ele não veio salvar as baleias, veio?

— Não.

— Agora me diga o que você acha que *nós* estamos fazendo aqui, Jared.

Que significa tudo *isso aqui*?

— Que você quer dizer com *isso aqui*?

— Vou repetir com outras palavras. Sabemos o que Jesus veio fazer. Que B veio fazer?

— Não sei — disse eu, alarmado.

— *Sabe*, sim, Jared. Qual é o assunto de nossas conversas aqui? Qual é o assunto de todas as nossas palestras?

Meneei a cabeça negando que sabia.

— Dê o salto agora, Jared. O abismo só tem cinco centímetros. Três palavras o levarão para o outro lado.

Olhei para ela, completamente paralisado.

— Fale, criatura! Não me obrigue a dizer para você. Qual é o assunto de todas as nossas conversas? Qual é o assunto de todas as nossas palestras?

Consegui fazer a frase sair como um grunhido rouco:

— *Salvar o mundo*.

— Salvar o mundo, evidente. Estava bem em frente do seu nariz o tempo todo, não estava? Bom, Jared, nós estamos indo direitinho até o Anticristo.

Vamos para lá neste exato minuto. Certo?

— Certo.

— É para isso que está aqui, não é?

— É.

— Bem, na história do Anticristo, sempre se entendeu que ele seria a inversão do Cristo. Se o Cristo veio para salvar as almas, então o Anticristo veio...

— Para perder as almas.

— Sem a menor dúvida. Se o Cristo pregava boas obras e perfeição, então o Anticristo pregaria...

— O pecado e a perversão.

— Assim é que se compreende tradicionalmente. Mas, da forma como entendi o que você disse, pensadores teologicamente mais sofisticados foram além dessa compreensão tradicional. Já perceberam que, se as profecias a respeito do Anticristo forem levadas a sério, elas não serão realizadas por alguém que pregue o pecado e a perversão — não em nossa época. De que pecados e perversões um pregador poderia falar sem provocar bocejos de tédio supremo no público constituído pelas pessoas que vêem televisão hoje em dia?

— De nenhum — concordei.

— O Anticristo tradicional, pregando o pecado e a perversão, não levantaria nem uma ondinha no mundo moderno, portanto...

— Portanto?

— Pense, Jared. Se alguém que prega o pecado e a perversão não serve como Anticristo, então...

— Então o Anticristo vai ser uma outra coisa.

— Então o Anticristo vai ser uma inversão do Cristo num outro sentido.

Era claro que ela esperava uma reação minha a essa altura, de modo que eu

disse:

— Entendi. O Anticristo vai ser uma inversão do Cristo num outro sentido.

— Que sentido?

— Não sei.

Não sabia mesmo.

— Vamos lá, Jared. O abismo tem só sete centímetros e meio.

Meneei a cabeça negativamente.

— Vamos tentar de novo — disse ela. — O Cristo veio aqui para...

— Salvar as almas.

— Mas salvar as almas não é o que B veio fazer, é?

— Não — disse eu.

— B veio aqui salvar o mundo.

— Não — disse eu outra vez, recusando-me teimosamente a enxergar a luz.

— Você quer dizer “sim”, Jared. Essa é a inversão que o padre Lulfre vê.

Não *perder as almas* como inversão de *salvar as almas*, e sim *salvar o mundo* como inversão de *salvar as almas*. Por isso é que você foi mandado para cá. É isso que transforma B num candidato.

— Não!

— Por que diz “não”? Charles disse muitas e muitas vezes que você acabaria entendendo por que as pessoas o estão chamando de Anticristo. É sobre isso que ele estava falando.

— Eu disse “não” porque, se tentar salvar o mundo faz de você o Anticristo, então a Greenpeace é o Anticristo, a Earth First é o Anticristo, a Nature Conservancy é o Anticristo, o World Wildlife Fund é o Anticristo.

— Jared, essas instituições não têm os mesmos objetivos de B. Seus objetivos não têm a mais remota semelhança com os de B. Você sabe disso.

— Eu *não* sei disso.

Ela deixou escapar uma risadinha exasperada.

— Você é um prodígio, Jared, de verdade. Para você, um fosso de sete centímetros e meio e o Grand Canyon não têm muita diferença.

Uma caminhada perigosa

— Sou B — disse Shirin —, mas não uma professora experiente. Depois de anunciar que não ia seguir o método de Charles de tentar espicaçá-lo para fazer com que saltasse abismos, na mesma hora me pus a espicaçá-lo para obrigá-lo a saltar um abismo. — Ela parou e olhou ao redor com um ar de dúvida, estudando nossa caverna teatral, estranha e suntuosa, mas toda puída. — Acho que devíamos sair daqui, para começo de conversa... romper o hábito.

Concordei, e saímos.

— Importa-se de caminharmos? — perguntou ela.

— Nem um pouco, desde que a gente não vá para a Little Bohemia.

Ela sorriu.

— Era o ponto de Charles, não o meu. Há uma pracinha a alguns quilômetros daqui que talvez sirva.

Perguntei-me para que uma praça poderia “servir”, mas disse que, para mim, estava ótimo. Caminhamos em meio a um longo crepúsculo.

Lá na minha terra eu nunca dou longas caminhadas com belas mulheres em deliciosas noites de primavera. Pensariam mal de mim, e não estou completamente louco.

Ocorre-me dizer que muitas vezes desejei que alguém escrevesse um livro que prestasse sobre a verdadeira vida dos padres romanos. Gostaria que isso acontecesse, não porque um livro desses revelaria coisas que eu ***já*** conheço,

mas porque falaria de coisas que *não* conheço. Tenho a nítida impressão de que os padres têm mais transas amorosas equivocadas do que qualquer outro grupo de pessoas do mundo, até mesmo garotões universitários e artistas de cinema. E não são maravilhosos e edificantes romances proibidos à maneira de *Pássaros Feridos**. Na verdade, são fracassos sombrios, inaceitáveis, humilhantes, porque, pela própria natureza das coisas, os padres quase não têm chance de aprender com a experiência do jeito normal (uma das coisas que o livro teria de discutir necessariamente é a idéia engraçadíssima de que os padres aprendem tudo sobre a vida no confessionário).

Apresso-me em anotar aqui que não falo de transas equivocadas devido à minha experiência pessoal. Se evitei complicações românticas, não foi por ser nobre e dedicado, mas exatamente pelas mesmas razões pelas quais evitei pular de pára-quadras, voar de asa-delta e andar de *skate* na rua. Não faltam convites para relacionamentos, do mais direto ao quase imperceptível, não só para mim, mas para todos os padres. Em parte porque as mulheres imaginam que oferecemos segurança (não vamos começar a ficar exigentes e cansativos), em parte porque nos vêem como um desafio sexual e em parte porque nos confundem com o papel que representamos. Fomos treinados para ser atenciosos, sensíveis, compreensivos, sábios, e para exercer uma certa autoridade; espera-se que a gente faça isso, somos até pagos para isso, o que desperta o desejo de um monte de mulheres — mas, com os diabos, de um monte de homens também.

Outra coisa de que esse livro falaria é que votos são votos e os votos religiosos não são mais sérios nem menos que os votos do matrimônio. Pessoas casadas não costumam desmoronar completamente quando quebram seus votos e, para falar a verdade nua e crua, os padres também não, exceto na ficção. Na ficção, ter um caso amoroso submete o padre a uma crise de

consciência arrasadora; na vida real, ter um caso em geral só o submete a uma confusão dos diabos. Repito: falo a partir do que aconteceu com colegas, não da experiência pessoal. Até agora.

Estava pensando nessas coisas enquanto caminhava naquela noite deliciosa de primavera ao lado de uma bela mulher. Longe de casa, onde eu jamais sonharia em fazer uma coisa dessas.

Percebi que era verdade: não sou de ferro.

Perguntei:

— Como é que você aprendeu a linguagem dos surdos-mudos?

— Meus pais eram surdos.

Não era exatamente a conversa, pensei, para se ter naquela situação romântica.

Meus pés pareciam de chumbo; fiz outra pergunta boba:

— É a mesma coisa nos Estados Unidos e na Alemanha?

— Não, na verdade não é.

Continuei me arrastando.

— Quando você falava por sinais no palco com Charles, sabia se algum dos presentes poderia entendê-la?

— Não. E, se está pensando em me perguntar por que me dava a esse trabalho, a resposta é que é algo que eu fazia para mim mesma. É uma linguagem diferente.

— Sei disso, mas que tem a ver com isso?

— Quando você usa a linguagem dos surdos-mudos, tem de pensar de maneira muito diferente. Muito diferente mesmo.

Caminhamos algum tempo em silêncio.

— É difícil explicar para alguém que não entende essa linguagem — acrescentou ela finalmente. — Traduzir para uma linguagem de gestos feitos

com as mãos não é como traduzir para outra língua falada. No fundo, você tem de repensar tudo.

— Charles conseguia falar por sinais?

— Ele entendia bastante, mas não conseguia falar muito bem por sinais, não.

Com o canto do olho, vi um sorrisozinho aflorar-lhe aos lábios.

— Mas, quando ele usava essa linguagem, tinha um estilo maravilhoso, todo seu.

Meu estômago se contraiu com o soco violento do ciúme. Ali fiquei sabendo que estava em maus lençóis.

Fronteiras

A “pracinha” de Shirin pareceu-me bem grande na escuridão cada vez mais intensa. Não sei se era uma praça que se deteriorara ou se havia sido projetada daquele jeito, como uma florestazinha natural em miniatura com trilhas mal definidas, sem iluminação, com um banco aqui e outro ali. Não sou perito em praças, nem em lugares ermos. Caminhamos durante uns dez minutos e depois nos acomodamos num banco. Com as árvores bloqueando a pouca luz que restava no céu, eu poderia muito bem pensar que já era meia-noite.

— As fronteiras sempre são coisas complicadas, estranhas — disse B por fim. — Os filhotes de animais selvagens fascinam porque estão na fronteira do mundo animal. Gorilas e golfinhos fascinam porque estão na fronteira do mundo humano. Mesmo que sejam apenas conseqüências arbitrárias do fato de usarmos um sistema numérico decimal, as fronteiras entre os séculos e os milênios fascinam. Os loucos de Shakespeare fascinam porque vivem na

fronteira entre a sanidade e a loucura. Os heróis trágicos fascinam porque caminham na fronteira entre o triunfo e a derrota. As fronteiras entre o pré-humano e o humano, entre a infância e a vida adulta, entre as gerações, entre as nações e povos, entre os paradigmas sociais e políticos — todas elas são intensamente fascinantes.

“A fronteira para a qual Charles e eu estávamos tentando chamar sua atenção é a fronteira que foi cruzada quando um grupo de pessoas que vivia no Crescente Fértil há dez mil anos transformou-se no que *nós* somos. Você sabe que cruzar essa fronteira levou-nos a um tipo muito especial de agricultura, que produz enormes excedentes de comida. Você sabe que cruzar essa fronteira nos levou ao modo de vida mais trabalhoso que já foi praticado neste planeta. Mas esses são conhecimentos superficiais. Charles queria que você visse que essa fronteira representa uma travessia espiritual e mental imensamente importante. Charles tentou fazer você avaliar essa travessia levando-o *de volta* a ela a partir do lado de cá, do lado do presente, mas eu vou fazer o caminho inverso. Vou tentar fazer você avaliar essa travessia levando-o *na direção dela*, a partir de suas origens na comunidade da vida”.

Eu mais senti do que a vi estremecer. Acho que ela, por outro lado, deve ter percebido a pergunta que tive vontade de fazer, pois disse:

— Não estou com frio, estou aterrorizada.

— Por quê?

— Charles conseguiria fazer isso... teria feito logo em seguida. Mas ele tinha esperanças de que não seria obrigado a fazer isso. É tão mais... difícil.

As palavras “Sinto muito” estavam a meio caminho da minha boca, mas consegui engoli-las.

B ficou olhando para o céu, absorta, durante alguns minutos e depois disse:

— O engano vital dos Pegadores é acreditar que a humanidade foi

concebida para se transformar no que nós somos e, por isso mesmo, estava destinada a se transformar em *nós*. Essa é uma idéia gêmea da idéia de que o universo inteiro foi criado para produzir este planeta. Sorriríamos com um ar superior se os Gebusis se gabassem de que a humanidade foi destinada pelos deuses a se transformar no que os Gebusis são, mas sentimo-nos perfeitamente à vontade dizendo que a humanidade foi destinada por Deus a se transformar no que *nós* somos.

— Acho que estou começando a entender que, embora eu certamente não tenha percebido a primeira vez que Charles disse, *não somos a humanidade*.

B concordou com um aceno de cabeça e um ar distante, como se estivesse procurando reter um pensamento fugidio.

— Como imaginamos ser aquilo que a humanidade foi destinada por Deus para se tornar, supomos que nossos ancestrais pré-históricos estavam *tentando* ser o que somos, só que lhes faltavam os instrumentos e as técnicas para terem êxito. Atribuímos nossas próprias predileções aos nossos ancestrais, vendo-os de um jeito que nos parecem ser formas primitivas e pouco evoluídas. Um exemplo de tudo isso: consideramos ponto pacífico que nossas religiões representam o desenvolvimento espiritual mais elevado e importante da humanidade e esperamos encontrar entre nossos ancestrais apenas precursores desajeitados e grosseiros dessas religiões. Certamente não esperamos encontrar religiões vigorosas e plenamente desenvolvidas, cujas *formas de expressão* sejam inteiramente diferentes das nossas.

— É verdade — disse eu.

— A que processo atribuímos os primórdios do pensamento humano religioso?

— Eu diria que atribuímos esses primórdios à prática de enterrar os mortos, que começou trinta ou quarenta mil anos atrás.

B concordou com um aceno de cabeça.

— Isso corresponde exatamente a atribuir os primórdios da linguagem humana à prática da escrita, que começou há aproximadamente cinco mil anos.

— Entendo o que quer dizer... acho.

— Nunca ocorreria a um lingüista procurar as origens da linguagem humana nas tabuletas de argila da Mesopotâmia, não é?

— Claro que não — disse eu.

— Onde é que um lingüista procuraria as origens da linguagem humana?

— Acho que teria de voltar às origens da própria vida humana.

— Porque ser humano é ter uma linguagem.

— Eu diria que sim.

— Se o *Homo habilis* não tivesse linguagem, este seria um nome inadequado, pois não mereceria ser chamado de *Homo*.

— Isso mesmo.

— Qual vai ser o método do nosso lingüista hipotético?

— Acho que vai ser mais filosófico e especulativo do que lingüístico. Ele não dispõe de um espécime humano primitivo cuja linguagem possa estudar.

— Ele vai fazer o que estiver a seu alcance numa daquelas fronteiras fascinantes. De um lado da fronteira, vai colocar criaturas parecidas com o ser humano, mas sem linguagem — embora usem instrumentos (como fazem até os chimpanzés modernos), mas sem o que chamamos de linguagem. Do outro lado, pessoas.

— Certo — disse eu.

— Mas ele não vai estudar nenhuma tabuleta de argila.

— Não, nem por um minuto.

— Muito bem, porque não pretendo passar nem um minuto falando das

práticas de enterrar os mortos durante o Paleolítico Superior. São tão irrelevantes para as origens da religião quanto as tabuletas de argila para as origens da linguagem.

— Claro.

“Bricolage”

— Tanto o lingüista quanto eu precisamos praticar a *bricolage*, que é a arte de construir com o que temos à mão. Essa palavra vem do francês *bricoler*, “fazer o que é possível, mesmo que o resultado não seja perfeito”. Ambos precisamos fazer o que for possível nessa estranha fronteira habitada por seres quase humanos, de um lado, e completamente humanos, de outro.

— Portanto, você supõe que ser humano significa ser religioso, assim como o lingüista supõe que ser humano significa ter uma linguagem.

— Sendo uma *bricoleuse*, não chego a nada tão bem definido quanto a isso, Jared. Fico especulando. Pergunto-me se existe uma dimensão mental que seja inerentemente religiosa. Digo a mim mesma que talvez o pensamento seja como uma nota musical, que (na natureza) nunca é uma nota pura, única, mas sempre uma composição de muitas harmonias — notas um pouco acima ou abaixo que soam junto com a nota principal. E digo a mim mesma que talvez, quando o processo mental se tornou pensamento humano, começou a fazer soar uma harmonia que corresponde ao que chamamos de “religião” ou, mais fundamentalmente, de “consciência do sagrado”. Em outras palavras, pergunto-me se a consciência do sagrado é um conceito distinto ou uma nota mais alta do pensamento humano em si. Uma conjectura desse tipo pode produzir *scientia*, conhecimento, mas, como não é possível comprová-la, não

tem condições de produzir ciência no sentido moderno. Um trabalho de *bricolage* nunca é ciência, Jared, mas mesmo assim pode surpreender, pode fazer sentido, pode estimular o raciocínio. Pode impressionar por sua veracidade, validade, força e capacidade de persuasão.

— Sei.

Parecia-me que, durante toda essa conversa, ela estava de certo modo tentando tomar coragem para falar do ponto controvertido. Eu não sabia qual era a necessidade daquilo, nem como ajudar, de modo que só ficava concordando com um aceno de cabeça e dizendo: “Sei, sei”.

Ela finalmente ergueu os olhos para as árvores e disse:

— A lua apareceu.

Como se essa frase fosse um sinal, ela se levantou e me guiou pela trilha do bosque. Nos poucos minutos que se seguiram, ela parou várias vezes para olhar ao redor (para o quê, não sei), e depois continuava. De vez em quando, parava para pegar alguma coisa que encontrava na grama. Por fim, chegou a uma clareira que lhe pareceu apropriada, e sentamos.

Ela me mostrou as coisas que havia pego ao longo do caminho — um prego, um velho fusível de cartucho, um cartucho de filme de 35 milímetros, um clipe de papel, um pente de plástico, uma bolota de carvalho. A pedido dela, mostrei-lhe o que tinha nos bolsos, e ela escolheu uma chave e uma caneta para sua coleção.

— Foi isso que o universo me ofereceu esta noite, Jared. Temos de ver o que vou conseguir fazer com essas coisas.

De repente, lembrei-me do fóssil de amonite que estava no bolso do casaco. Ela olhou para a amonite com uma surpresa evidente quando a coloquei em sua mão, e expliquei que Charles me dera para eu guardar até que nós pudéssemos falar dela (o que nunca aconteceu).

— Essa vai ser a peça central do nosso trabalho de *bricolage* — disse ela, colocando a amonite no chão, entre nós. — Charles tinha em mente um outro objetivo para ela — sei com certeza o que era, e nós também vamos finalmente falar disso —, mas, por enquanto, ela vai servir como a peça à qual todas as outras do nosso trabalho precisam se encaixar. É a comunidade da vida deste planeta.

— Está bem.

— Alguns minutos atrás, eu disse que talvez, quando o processo mental se tornou pensamento humano, começou a fazer soar uma harmonia que corresponde ao que chamamos de “religião ou consciência do sagrado”.

— Estou lembrado.

— Quero que você pense nessa concha como a comunidade da vida. Quero que pense que, se souber ouvi-la, essa concha vai fazer soar aquela harmonia. Acha que pode fazer isso?

— Vou tentar.

Animismo

— Um dia houve uma religião universal neste planeta, Jared — disse B.

— Sabia disso?

Respondi que não.

— O público de nossas palestras sempre fica espantado com essa informação. De vez em quando, alguém pensa que estou me referindo ao que às vezes é chamado de “Religião Antiga” — paganismo, Wicca —, mas não estou, evidentemente. Em primeiro lugar, o paganismo não é antigo. É, do começo ao fim, uma religião de agricultores, o que significa que tem somente

alguns milhares de anos e, claro, nunca foi uma religião universal, pela simples razão de que a agricultura nunca foi universal. Muito freqüentemente — na verdade, quase invariavelmente — ninguém sequer reconhece o nome da religião de que estou falando, que, obviamente, é o *animismo*. Nunca ouviram falar dela em termos muito literais.

— Acredito — disse eu.

— Você sabe o que é animismo?

— Acho melhor você partir do pressuposto de que não sei. A maioria das pessoas da minha situação, com minha formação, sabe o que é animismo da mesma maneira que os químicos de hoje sabem o que é alquimia.

— Você quer dizer que tem uma idéia do animismo como um precursor grosseiro e simplório da religião, assim como os químicos têm uma idéia da alquimia como um precursor grosseiro e simplório da química. Não religião na plena acepção do termo, assim como a alquimia também não é química na plena acepção do termo.

— É isso aí.

Ela passou a mão por sua coleção de quinquilharias e escolheu o cartucho de filme.

— Isso é animismo — disse ela, erguendo o cartucho para que eu o visse.

— Um recipiente vazio, do seu ponto de vista.

Então, ela enfiou a mão na bolsa e tirou de lá um estojinho de costura para viagem, do qual extraiu um fio de linha comprido o bastante para amarrar o cartucho e a amonite.

— Está aqui, segura — disse ela, e peguei os objetos da sua mão. — Fale-me sobre a concha.

— Como assim?

— Que é isso?

— Ora — disse eu. — É a comunidade ela vida deste planeta.

— E que foi que acabei de dizer sobre ela?

— Que, quando o processo mental se transformou em pensamento humano, talvez essa comunidade tenha começado a fazer soar uma harmonia, que corresponde ao que chamamos de “religião” ou “consciência do sagrado”. Se eu souber ouvi-la, ela vai fazer essa harmonia soar.

— Muito bem. Mas acaba de me ocorrer que introduzi um quebra-cabeça aqui. Eu disse que, quando o processo mental (um fenômeno comum no reino animal) se transformou em pensamento humano, *ele* começou a fazer soar uma harmonia que identifiquei como consciência do sagrado. Mas agora estou dizendo que a *comunidade da vida* ressoa junto com essa harmonia. Que é isso: pensamento humano ou a comunidade da vida?

— Não acho tão enigmático assim — disse eu. — Acho que a comunidade da vida começou a ressoar junto com essa harmonia quando o pensamento humano começou a fazê-la soar.

— Sim, é isso mesmo que eu estava pensando. E, quando essa concha começar a ressoar junto com aquela harmonia, essa lata vazia que chamei de animismo também começa a ressoar, porque está em contato com a concha.

— Certo — disse eu. — É isso que você chama de *bricolage*?

— É exatamente isso que chamo de *bricolage*.

Em relação ao número de deuses

— Alguém inevitavelmente pergunta por que falo de deuses em vez de um Deus, como se eu simplesmente não conhecesse bem esse assunto e estivesse cometendo um erro, e eu pergunto como é que *eles* vieram a saber o número de deuses que existem. Às vezes me respondem que é uma coisa que “todo

mundo” sabe, assim como todo mundo sabe que existem vinte e quatro horas num dia. Dizem-me que Deus *deve* ser um, porque esse parece o número mais “ilustre” para ser Deus — como se os fatos não contassem nesse caso particular. É como afirmar que a Terra deve ser o centro do universo, porque nenhum outro lugar faz muito sentido. No entanto, o mais freqüente é me dizerem que esse é um número indubitável, pois é o número dado nas escrituras monoteístas. Não é preciso dizer que tenho uma visão bem diferente de toda essa história.

“O número de deuses não está escrito em lugar nenhum do universo, Jared; portanto, não há realmente como dizer se esse número é zero (como acreditam os ateus), um (como acreditam os monoteístas), ou muitos (como acreditam os politeístas). Essa questão me é completamente indiferente. Não ligo a mínima se o número de deuses é um, zero ou nove bilhões. Se acabássemos sabendo que o número de deuses é zero, isso não me levaria a alterar nem uma única vírgula do que disse”.

Ela parecia esperar uma reação a tudo isso, de modo que eu disse:

— Certo.

— Falar de deuses em lugar de Deus tem essa vantagem adicional: poupa-me a necessidade embaraçosa de sempre ter de entrar naqueles jogos estúpidos de gênero. Nunca tenho de escolher entre *ele* e *ela*, *dele* ou *dela*. Para mim, são apenas um plural.

— Não é uma vantagem de se jogar fora — observei.

Ela pegou o pente de plástico e correu a unha do polegar por seus dentes.

— É um ou são vários?

— Está se referindo ao pente? Não sei. Depende de como você olha para ele.

— Esse pente é o número de deuses, Jared. Não algo a ser acrescentado ao

nosso trabalho de *bricolage* e sim algo a ser discutido e esquecido.

Jogou o pente para trás e para longe da nossa vista.

Onde os deuses escrevem que querem dizer

— O Deus das religiões reveladas — estou me referindo a religiões como a sua, às religiões dos Pegadores — é um Deus que se expressa incrivelmente mal. Por maior que seja o número de tentativas, ele não consegue se fazer entender clara ou completamente. Ele fala há séculos aos judeus, mas não consegue se fazer entender. Por fim, envia seu único filho e parece que ele não consegue se sair melhor. Jesus poderia ter-se sentado com um escriba e ditado as respostas a todas as perguntas teológicas imagináveis em termos absolutamente inequívocos, mas preferiu não fazer isso, deixando às gerações seguintes estabelecer o que ele tinha em mente com *pogroms**, expurgos, perseguições, guerras, fogueiras e torturas. Tendo fracassado por meio de Jesus, Deus tentou mediante Maomé, com um sucesso limitado, como sempre. Depois de mil anos de silêncio, tentou de novo com Joseph Smith**, sem melhores resultados. Elas por elas, tudo quanto Deus conseguiu nos dizer *sem sombra de dúvida* é que devemos fazer aos outros o que queremos que nos façam. Que é isso — uma dúzia de palavras? Não é um resultado muito impressionante para cinco mil anos de trabalho e, seja como for, provavelmente poderíamos descobrir isso sozinhos. Para ser franca, eu me sentiria constrangida de estar associada a um deus tão incompetente como esse.

— Seus deuses se saíram melhor?

— Céus! Claro que sim, Jared. Incomensuravelmente melhor —

infinitamente melhor! Basta olhar! — Ela acenou com a mão, apontando o mundo à nossa frente. — Que está vendo?

— O universo.

— É isso, Jared. É aqui que os *verdadeiros* deuses do universo escrevem o que querem dizer. Seu Deus escreve com palavras. Os deuses de que estou falando, com galáxias, com sistemas estelares, com planetas, com oceanos, com florestas, com baleias, com pássaros, com mosquitos.

— E o que escrevem?

— Bem, escrevem sobre física, química, biologia, astronomia, aerodinâmica, meteorologia e geologia — tudo isso, evidentemente, mas não é isso que você está querendo saber, é?

— Não.

— Que você está querendo saber?

— Estou querendo saber... o que os deuses escreveram sobre *nós*.

B pegou minha caneta e levantou-a.

— É isso que você está procurando. A Lei da Vida.

Ela pegou o fóssil de amonite e enfiou a caneta por baixo do fio que mantinha o cartucho de filme no lugar.

— Que é isso? — perguntou ela, apontando o fóssil.

— A comunidade da vida deste planeta.

— E isso? — apontando o cartucho.

— Animismo.

— E você está vendo que a Lei da Vida está aninhada entre as duas, tocando tanto a comunidade da vida quanto o animismo.

— Que é a Lei da Vida?

— Vamos chegar lá. É o tema principal desta noite.

Ciência vs. Religião

— Religiões como a sua, religiões reveladas, estão todas sempre em desavença com o conhecimento científico — ou o conhecimento científico é irrelevante para elas. Pergunto-me se você sabe por quê.

— Acho que as pessoas simplesmente passaram a ver a religião e a ciência como inerentemente incompatíveis.

B concordou com um aceno de cabeça.

— De acordo com o esquema habitual do Pegador: “Somos a humanidade, de modo que, se nossas religiões são inerentemente incompatíveis com o conhecimento científico, então a religião em si deve ser inerentemente incompatível com o conhecimento científico”.

— É isso aí.

— Mas, como você vai ver, o animismo fica absolutamente à vontade com o conhecimento científico. Fica muito mais à vontade com suas ciências do que com suas religiões.

— Por quê?

— Que temos aqui? — perguntou ela com o gesto habitual que abrangia tudo.

— O mundo, o universo.

— É aí que os verdadeiros deuses do universo escrevem o que querem dizer, Jared. Os deuses de suas religiões reveladas escrevem nos livros.

— Que isso tem a ver com o animismo?

— O animismo procura a verdade no universo, não nos livros, nas revelações ou nas autoridades. A ciência é a mesma coisa. Embora o animismo e a ciência interpretem o universo de formas diferentes, ambos tem

confiança absoluta em sua veracidade.

Ela estudou meticulosamente seus blocos de construção, escolheu o fusível de cartucho e levantou-o para que eu o examinasse.

— Isso é ciência — disse ela. — Religiões como a sua, Jared, são céticas em relação a ela, têm medo de usá-la. Dizem: “Suponha que você a use e ela exploda na sua cara!” Mas o animismo não se preocupa com nada que possa ser revelado sobre o universo, de modo que o lugar da ciência é do seu lado direito.

Ela empurrou o fusível por baixo do fio que prendia o cartucho de filme ao fóssil. Depois pediu-me que descrevesse o que estava vendo.

Eu disse:

— De um lado do animismo está a Lei da Vida e, do outro, a ciência. Todos os três estão diante da comunidade da vida.

A fronteira

— Agora quero ter certeza de que não perdemos a seqüência do que nos propusemos fazer aqui, Jared. Estamos investigando aquela fronteira entre os quase-humanos, de um lado, e os verdadeiramente humanos, de outro. Estamos fazendo isso porque essa é a minha hipótese: de que entramos na humanidade enquanto seres religiosos.

— Certo.

— Vamos ampliar nossa *bricolage* para incluir uma pequena paisagem mental da área que está ao nosso redor. Pegue um galinho e desenhe um círculo à nossa volta, com o diâmetro de alguns passos.

Fiz o que ela me pediu e depois me sentei outra vez.

— Esse círculo representa a fronteira que estamos investigando, por volta de três milhões de anos no passado, quando o *Australopithecus* transformou-se em *Homo*. Está claro?

Eu disse que estava.

— Tenho certeza de que você sabe que essa linha divisória é imaginária. Nunca houve esse dia em que você poderia ter apontado para uma geração de pais e dito: “Esses aqui são *Australopithecus*”, e depois apontar para seus filhos e dizer: “Esses aqui são seres humanos”.

— Claro.

— Não temos como saber o tamanho dessa linha divisória. Pode ter sido de duzentos anos, de mil anos, de dez mil anos. Tudo quanto sabemos é que do nosso lado da fronteira existem criaturas que podemos tranqüilamente chamar de *Homo* e, do outro lado dessa fronteira, há criaturas que *não* podemos chamar tranqüilamente de *Homo*.

— Certo.

— Não sei o quanto você sabe a respeito de tudo isso e, como o seguro morreu de velho, acho melhor enfatizar que a linha divisória corresponde ao uso de instrumentos. Quero dizer que você não tem seres que utilizam instrumentos de um lado da fronteira e seres que não os usam do outro lado. Você tem seres que utilizam instrumentos de ambos os lados. Podemos ter praticamente certeza disso, pois todos sabem que os chimpanzés usam instrumentos e que os predecessores imediatos do *Homo* estavam muito além dos chimpanzés.

Disse-lhe que sabia aquilo tudo, mas que não me importava com o fato de ela achar que “o seguro morreu de velho”.

A Lei da Vida: o holograma

B pediu-me que descrevesse o estágio do nosso trabalho de *bricolage*. Levantei os objetos e estudei-os antes de começar.

— Essa concha fóssil é a comunidade da vida deste planeta. A religião que você chama de animismo está ligada a essa comunidade. Uma coisa chamada Lei da Vida está escrita na comunidade da vida e também está ligada ao animismo. Talvez seja função do animismo interpretar a Lei da Vida que está escrita na comunidade da vida.

— Uma hipótese excelente, Jared. Continue.

— O animismo vê a si mesmo como um aliado da ciência, porque ambos procuram a verdade no próprio universo.

— Muito bem. Agora estamos prontos para dedicar algum tempo à Lei da Vida. A Lei da Vida é como um holograma. Sabe alguma coisa a respeito de holografia?

— Muito pouco. Adorava fotografia na época da faculdade, e a holografia é basicamente uma fotografia sem lentes. Na fotografia comum, uma chapa fotográfica é exposta à luz refletida por um objeto e uma imagem aparece na chapa por causa da intervenção de uma lente. Na holografia, uma chapa fotográfica é exposta à luz refletida por um objeto, mas nenhuma imagem aparece na chapa porque não há interferência de nenhuma lente. O que fica registrado na chapa são tipos de ondas luminosas recebidas de cada uma das partes do objeto fotografado. Isso é um holograma. E, quando o holograma é posto embaixo de um feixe de luz, aparece no ar uma imagem tridimensional do objeto, no lugar onde ficava o objeto original. E, como todas as partes de todo o objeto estão impressas em ondas luminosas, qualquer fragmento do

holograma pode ser usado para refazer a imagem inteira.

— A Lei da Vida é semelhante ao holograma, Jared. Qualquer fragmento dela tem a lei inteira gravada em si.

— A Lei da Vida é o que governa a vida?

— Não, a Lei da Vida não é o que *governa* a vida, é o que *alimenta* a vida, e tudo o que alimenta a vida faz parte dessa lei.

Disse a ela que um exemplo ajudaria.

— Aqui está a Lei da Vida para patinhos recém-nascidos: *Vá atrás da primeira coisa que você vir em movimento e faça tudo o que ela fizer, aconteça o que acontecer.* Como a primeira coisa que um patinho recém-nascido vê em movimento em geral é a sua mãe, eles em geral vão atrás da mãe e fazem tudo o que ela faz, mas ele vai atrás de qualquer coisa que estiver em movimento. Como sua melhor aposta na sobrevivência é ir atrás da mãe e fazer tudo o que ela faz, seja lá o que for, você vai entender por que, para os patinhos, essa é a lei que promove a vida.

— Claro.

— Essa é uma generalização que pode ser feita a respeito da Lei da Vida. Os que a seguem tendem a ser mais bem representados no patrimônio genético de sua espécie do que os que não a seguem.

— Você quer dizer que nem todos os indivíduos seguem a lei?

— O patinho que, por uma razão ou outra, não recebe ou não reage ao sinal genético de seguir-e-imitar-a-mãe é eliminado. Não vive o bastante para se reproduzir.

— Entendi.

— É óbvio que a lei varia em termos de detalhes de espécie para espécie. Nos patos, a lei está escrita para os patos e diz: “Vá atrás de sua mãe e faça tudo o que ela fizer, seja lá o que for”. Nas cabras, a lei está escrita para a mãe

e diz: “Amamente apenas os seus filhotes”.

Pensei naquilo durante algum tempo e perguntei como é que “Amamente apenas os seus filhotes” promove a vida das cabras.

— Digamos que tanto a Cabra Branca como a Cabra Preta têm um filhote. A Cabra Preta morre, de modo que seu filhote procura a Cabra Branca e diz: “Ei, estou com fome, que tal um almoço?” A maior chance que o filhote da Cabra Branca vai ter de sobreviver será se sua mãe disser ao estranho: “Caia fora, moleque, você não é meu filho”. Se a Cabra Branca disser: “Tudo bem, claro, pegue uma teta”, ela vai diminuir a chance de seu filhote sobreviver — ou seja, vai diminuir a chance de seus próprios genes sobreviverem.

— Certo.

— As cabras fariam uma declaração genérica da lei da seguinte forma: “Se você tem dúvida de que seus recursos serão suficientes para duas crias, é melhor dar tudo para uma só do que metade para cada uma delas”.

— Não é a lei da bondade.

— Eu preferiria dizer que “Não é a lei da bondade fútil”. Acho que a maioria das mães preferiria ter um filho vivo a muitos mortos. Apesar de tudo, é certo que, se os dois estiverem em conflito, a lei favorece a vida em detrimento da bondade. Os que seguem a lei oposta — a lei que favorece a bondade em detrimento da vida — tenderão a perder sua representação no patrimônio genético de sua espécie. Isso porque sua prole vai tender a sobreviver e a reproduzir-se menos do que a prole dos que seguem a lei que favorece a vida.

— Estou entendendo.

— Sobre a questão da bondade... Não sei se você conhece David Brower — um dos ambientalistas mais importantes do século, o fundador do John Muir Institute, do Friends of the Earth e do Earth Island Institute. Ele conta a

história de uma de suas primeiras aventuras de naturalista. Aos onze anos de idade, colheu alguns ovos da borboleta-de-cauda de andorinha e ficou de olho neles até se transformarem em lagartas, que depois se tornaram crisálidas. Finalmente, a primeira das crisálidas começou a se abrir, e o que Brower viu foi que a borboleta lutava para sair, com o abdômen distendido por um fluido qualquer que era bombeado sobre suas asas, enquanto ela ficava pendurada de cabeça para baixo num galho. Meia hora depois, ela estava pronta para voar, e partiu. No entanto, à medida que as outras crisálidas começaram a se abrir, Brower resolveu ajudar. Abriu delicadamente o casulo para facilitar a saída das borboletas e elas deslizaram imediatamente para fora, andaram a esmo e, uma a uma, caíram mortas. Ele não percebeu que os esforços de que ele as poupava eram essenciais para a sobrevivência delas, porque desencadeavam o fluxo do líquido que tinha de chegar até as asas. Essa experiência lhe ensinou uma lição sobre a qual ainda falava cerca de setenta anos depois: o que parece ser bondade e pretende ser bondade pode ser o inverso da bondade.

— Estou entendendo.

— Entre as cabras, é a mãe que impõe a lei: “Se você tem dúvida de que seus recursos serão suficientes para duas crias, é melhor dar tudo para uma só do que metade para cada uma delas”. Entre as águias (e muitas outras espécies de pássaro), a lei é imposta pela mais velha das duas crias. A fêmea põe dois ovos com uma diferença de alguns dias, o que é naturalmente uma política melhor de sobrevivência do que pôr só um ovo. Mas, se o primeiro filhote sobreviver, ela quase invariavelmente mata o filhote mais novo a bicadas ou de fome.

Eu disse:

— Tenho a impressão de que o infanticídio era explicado como uma reação à superpopulação.

— Sim, era explicado dessa forma, mas isso é prova de uma idéia da evolução que, em última instância, não resiste a um exame mais sério — uma idéia da evolução como algo que promove o que “é bom para a espécie”. Agora parece estar claro que a evolução promove o que é bom para o indivíduo, no sentido de assegurar o êxito reprodutivo do indivíduo — o que venho chamando de “representação no patrimônio genético”.

— Sei.

— Entre os leões e os ursos, as fêmeas costumam abandonar uma ninhada que só tem um sobrevivente — mesmo que o sobrevivente esteja com uma saúde perfeita. Isso não “é bom para a espécie” em nenhum sentido, mas é bom para o êxito reprodutivo da vida inteira do indivíduo. Sua representação no patrimônio genético vai aumentar nitidamente se a fêmea investir exclusivamente em ninhadas que tenham mais de um filhote.

— Tenho de admitir que tudo isso é novidade para mim.

— Ninguém tem condições de saber tudo — disse ela, dando de ombros.

— Diga-me para onde estamos indo. Estou perdido outra vez.

— Não posso lhe ensinar toda a Lei da Vida numa única noite, Jared. Não poderia lhe ensinar tudo a respeito dela nem que viéssemos aqui todas as noites durante uma década. O que posso fazer em uma única noite é apresentar-lhe alguns fragmentos dela, como faz o *bricoleur*. Vamos usar algumas peças para tomar outra direção.

A Lei da Vida: o enterro do camundongo

Ela se levantou e eu comecei a seguir-lhe o exemplo, mas ela me disse para ficar onde estava.

— Vamos ver se estou com sorte esta noite — disse ela e enfiou-se na vegetação rasteira do bosque bem à nossa frente, como uma caçadora seguindo um cheiro. Fechei os olhos, grato pela pausa. Retornando depois de dez a quinze minutos pela direita, ela acenou para mim, pedindo-me que a seguisse, o que fiz com certa apreensão. Não sabia se era coisa de gente ou não, mas não gosto que me façam sentir que sou um principiante, como eu suspeitava que ia acontecer. Menos de dez passos depois, ela parou, agachou-se e convidou-me a inspecionar um pedaço de terra nua do tamanho de um tabuleiro de xadrez. Identifiquei o que era num relance: “Terra”.

Ela sacudiu a cabeça numa negativa impaciente e pegou um galho, que usou para apontar, mostrando-me algo aqui, ali e acolá. Olhando mais de perto, localizei feixes de grama seca, partes de um galho, pedaços de casca de árvore, folhas despedaçadas e mais terra.

— Não faça isso comigo — disse eu. — Não sou Natty Bumppo*** e nunca serei.

Ela não discutiu. Em vez disso, usou o galho para levantar um ramo de um arbusto baixo e pediu-me que desse uma olhada embaixo dele. A impressão que tive foi que um camundongo morto estava sendo enterrado como um banhista na praia. Só a cabeça estava de fora, aninhada num montinho de terra. Enquanto eu olhava, à luz mais mortiça possível, o montinho de terra em volta do pescoço dele borbulhava aqui e ali, e o camundongo deslizava visivelmente um milímetro para baixo, como se estivesse literalmente caindo no fundo da terra.

— Daqui a mais ou menos uma hora — explicou B — o camundongo estará completamente coberto de terra e fora da vista: trabalho dos besouros coveiros que estão cavando o solo por baixo dele.

Ela abaixou o galho e perguntei-lhe o que estava tentando me mostrar na

terra, em frente do arbusto. Ela usou o galho para apontar enquanto me mostrava os sinais.

— Os besouros — tenho certeza de que são apenas dois — encontraram a carcaça do camundongo aqui, mas, evidentemente, acharam que não era um bom lugar para enterrá-lo, de modo que o carregaram até um ponto mais abrigado, embaixo daquele galho.

— Dois besouros *carregaram* o camundongo?

— O que eles fazem é cavar até ficarem embaixo do cadáver e depois se viram de costas e o empurram na direção em que querem ir. É um processo muito trabalhoso. Depois que conseguem enterrá-lo, eles fortalecem as “paredes” da cavidade que abriga o cadáver e, enquanto o corpo apodrece, a fêmea põe os ovos nas imediações, para que as larvas, depois que saírem dos ovos, tenham fácil acesso à carniça.

— Estou entendendo — disse eu.

— Ora, há muita competição por esse camundongo, Jared: outros insetos, micróbios, muitos animais que se alimentam de carniça. As moscas são particularmente incômodas, porque podem pôr seus ovos na pele do camundongo antes de os besouros chegarem. Felizmente — mas não é de surpreender —, os próprios besouros dispõem de consumidores de ovos, ácaros que constroem seu lar bem em cima dos besouros e que vivem de ovos de moscas. O camundongo, os besouros, os ácaros e as moscas são todas encarnações inspiradoras da Lei da Vida.

Pensei sobre esta última afirmação enquanto voltávamos para a clareira.

— Receio não estar vendo o que torna essas criaturas encarnações da lei — disse eu.

— A Lei da Vida numa única palavra é: *abundância*.

Quando percebi que ela não ia dizer mais nada, pedi-lhe que explicasse

aquilo melhor.

— Um bom exercício seria você voltar à carcaça do camundongo e tirar um dos besouros para fora. Depois eu lhe pediria que pegasse algumas dúzias dos ácaros foréticos do besouro e os examinasse no microscópio.

— A que conclusão eu chegaria com isso?

— Que cada ácaro — que criatura fantástica! — é uma obra de tal refinamento, perfeição e complexidade que faz um computador digital parecer um alicate. E você poderia descobrir algo mais espantoso ainda: que, apesar de toda a sua perfeição, eles não foram feitos num molde. Não há dois iguais — nenhum par exatamente igual na vastidão do universo, Jared!

— E isso seria uma demonstração de... abundância?

— Exatamente. Essa fantástica abundância genética é o segredo do sucesso da vida neste planeta.

Continuamos andando. Depois de alguns minutos, percebi que havíamos deixado a clareira bem para trás. Não demorou muito para estarmos de volta à calçada.

B disse:

— Não me saí tão bem quanto pensei que me sairia esta noite, Jared. Não lhe mostrei nem um décimo do que esperava. Amanhã vai ser melhor.

* - Movimento popular de violência praticada contra os judeus. Em russo no original. (N. do E.).

** - Profeta norte-americano (1805-1844), fundador da seita Mórmon. (N. do E.).

*** - Personagem dos livros *Os Pioneiros* e *O Último dos Moicanos*, de James Fenimore Cooper (1789-1851), que personifica o espírito pioneiro dos norte-americanos. (N. do E.).

Sexta-feira, 24 de maio (dez da noite)

Um dos dias ruins

O restaurante do hotel estava aberto na hora em que terminei as anotações anteriores, de modo que desci para tomar o café da manhã; depois voltei até o quarto e dormi até a tarde. No teatro, todos esperavam consternados por não terem conseguido pôr o anúncio da palestra de B no jornal de hoje. Vai aparecer amanhã, mas todos sabem que isso significa que o público vai ser composto por um número mais desolador ainda.

Eu estava assustado, olhando para B. Ela estava branca como uma hóstia, nervosa e visivelmente contraída, como se tivesse envelhecido dez anos da noite para o dia. A vitalidade sumira de seus cabelos e olhos e imaginei ver sua mão esquerda estremecer. Até então, na verdade, eu nunca havia acreditado realmente em sua doença. Agora pensei que ela devia estar num leito de hospital — ou, pelo menos, numa cama qualquer, com alguém trazendo xícaras de chá adoçado com mel, avivando um foguinho alegre numa lareira e lendo *O Vento nos Salgueiros** em voz alta.

Por volta das cinco horas, ela sugeriu que saíssemos dali e eu perguntei para onde ela queria ir. Quando ela respondeu que iríamos para a praça, eu quis saber se ela se sentia realmente em condições de ir até lá. Ela me lançou um olhar penetrante e quase deu uma resposta malcriada, mas então pareceu perceber que eu não a merecia.

— Tenho meus dias bons e meus dias ruins — disse ela com o ar de quem faz uma confissão. — Até agora, você só viu os bons.

Apesar de tudo, pegamos o Mercedes em vez de caminharmos. Durante o

trajeto, B perguntou se eu era teólogo.

— Eu? Que é isso!

— Puxa, que chato! — disse ela sem mais explicações. — Acho que Charles tocou nesse ponto, mas vou tocar nele de novo: quando São Paulo trouxe o cristianismo para o mundo romano, idéias fundamentais já estavam bem estabelecidas por lá. A idéia dos deuses como “seres superiores”. A idéia de salvação pessoal. A idéia de uma vida após a morte. A idéia de que os deuses se envolvem em nossa vida, que sua ajuda pode ser invocada, que lhes agradamos ou os ofendemos com as coisas que fazemos, que podem recompensar e punir. Noções de sacrifício e redenção. Eram conceitos que Paulo não teve de explicar partindo do zero.

Achei que estava percebendo para onde ela estava indo. Eu disse:

— Ao passo que, trabalhando com alguém como eu, você tem de suar para desalojar essas idéias fundamentais e substituí-las por outras das quais nunca ouvi falar.

— Exatamente. Quando os cristãos começaram a mandar missionários para as “terras incultas”, eles enfrentaram a mesma dificuldade que tenho com você. Os aborígenes pareciam não ter a menor idéia do que os missionários estavam falando.

— É verdade.

— Charles e eu somos os primeiros missionários animistas enviados ao *seu* mundo, o mundo das religiões salvacionistas, das religiões reveladas — cristianismo, islamismo, judaísmo, budismo, hinduísmo. Não existe plano básico para o que estamos fazendo. Nenhum precedente, nenhum catecismo, nenhum currículo. É por isso que é tão... improvisado. Estamos tentando *desenvolver* um plano básico. Estamos tentando descobrir o que funciona.

— Acho que vai parecer uma pergunta boba, mas... *por quê?* Por que estão

fazendo isso?

B dirigiu em silêncio durante um minuto. Depois disse:

— Você se lembra de que B disse: “A visão é o rio fluindo”?

— Sim...

— As religiões que acabei de mencionar — as religiões reveladas — estão visceralmente casadas com a nossa visão cultural, e emprego deliberadamente a palavra “casadas”. Essas religiões são como um harém de esposas santarronas casadas com um homem insaciável, de sensualidade grosseira. Elas estão sempre tentando educá-lo, sempre com a esperança de fazer com que ele se volte para as “coisas superiores”, sempre lhe fazendo reprimendas e ameaças, mas, na verdade, marido e harém são absolutamente inseparáveis. Essas religiões reveladas funcionam claramente como a nossa “cara-metade”. São a expressão mais elevada da nossa visão cultural.

— Sim. Acho que se pode dizer isso.

— E Charles disse em seguida que “em nossa cultura, no presente momento, *o fluxo do rio é na direção da catástrofe*”. Isso faz sentido para você?

— Faz.

— Então junte as coisas, Jared. A visão é o rio fluindo. As religiões reveladas da nossa cultura são a mais elevada expressão dessa visão, e o fluxo do rio é na direção da catástrofe.

Fiquei confuso. Como eu não respondia, Shirin lançou-me um olhar de relance pelo canto do olho e disse:

— Você queria saber por que estamos fazendo isso. Charles explicou outra noite: *Nosso objetivo é mudar a direção do fluxo para longe da catástrofe*. Nada menos do que isso vai adiantar, Jared. Absolutamente nada.

Estremeci.

— Acho que estou entendendo por que as multidões chamam B de Anticristo.

Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Você sabe quem era o Baal Shem Tov?

— Tenho uma vaga idéia. Foi um grande santo hassídico, uma espécie de Francisco de Assis judeu, que viveu aproximadamente cinco séculos depois.

— Acertou. Sabe o que seu nome significa?

— Não.

— Um *baal shem* é alguém que tem poder sobre os nomes — em outras palavras, um mago. Baal Shem Tov significa “senhor do bom nome”, ou seja, um mago da mais elevada ordem, capaz de exercer o poder contido no nome de Deus.

— Entendi.

— Há muito tempo existiu um mercador que estava com medo de viajar para uma cidade próxima porque a única estrada que havia passava por uma floresta habitada por salteadores. Sua mulher o aconselhou a pedir ao Baal Shem Tov que o ajudasse, mas esse conselho só irritou o mercador, que não acreditava nas histórias que ouvira contar a respeito desse suposto santo milagreiro. Sua mulher lhe disse: “Confie em mim. Vá até a casa do Baal Shem Tov e dê algumas moedas ao porteiro sem que ninguém perceba. O porteiro vai informá-lo da próxima vez que seu senhor planejar viajar por essas florestas, e você poderá ir com ele. Nada de mau lhe acontecerá se você estiver com o Baal Shem Tov”. O mercador seguiu o conselho com relutância e não passou muito tempo até surgir uma oportunidade de viajar com o Baal Shem Tov.

“Quando chegaram ao interior da floresta, à parte mais perigosa da mata, o Baal Shem Tov parou para que os cavalos pudessem descansar e pastar. Essa

parada aterrorizou o mercador, mas o Baal Shem Tov tirou calmamente seu exemplar do *Zohar** e começou a ler. Logo os galhos das árvores que ficavam ao lado da estrada se separaram, os ladrões desceram e apareceram de faca na mão. Mas, quando estavam a dois ou três passos das carroças, começaram de repente a tremer de forma incontrolável. Ficaram sem saber o que fazer, mas não estavam em condições de atacar ninguém, de modo que voltaram para a mata. Depois de alguns minutos, recobrados dos tremores, fizeram uma segunda tentativa, com o mesmo resultado: antes que pudessem chegar suficientemente perto para tocar o focinho de um dos cavalos, ficavam impossibilitados de agir por causa da tremedeira de que eram tomados e eram obrigados a bater em retirada. O mercador, encolhido em sua carroça, observava aquilo tudo espantado”.

Quando finalmente o Baal Shem Tov ergueu os olhos do livro e disse que era hora de prosseguir, o mercador atirou-se a seus pés e beijou-lhe a mão: ‘Agora entendo’, disse ele. ‘Agora entendo por que o chamam de Baal Shem Tov!’

O Baal Shem Tov franziu as sobrancelhas ao ouvir aquilo e disse: ‘Então você acha que entende, é? Acredite em mim, meu amigo, você está só *começando* a entender!’.

As duas visões

Depois que entramos na praça, a exaustão de B parecia ter desaparecido por completo. Ela tomou a dianteira e eu a segui. Eu não tinha a menor idéia do que ela estava procurando, mas estava à procura de alguma coisa com toda a certeza. Finalmente, paramos num lugar que, tanto quanto eu sabia, poderia ter

sido o mesmo que ocupamos na noite anterior. Sentamo-nos de frente para uma clareira poeirenta, não muito maior que a mesa de uma sala de jantar.

Ela disse:

— Temos muito o que fazer aqui, Jared — uma grande viagem —, e não tenho certeza de ser um guia suficientemente bom para ajudá-lo a chegar ao outro lado. Mas vou fazer o melhor possível.

Eu quis murmurar uma palavra de estímulo, mas depois concluí que era melhor não dizer nada. Ela pegou a bolsa, de onde tirou o nosso trabalho de *bricolage*. Era necessário arrumar os objetos de novo, pois a caneta e o fusível não estavam bem firmes ao lado do cartucho de filme; depois disso, ela me passou o conjunto e perguntou se eu me lembrava o que aquilo tudo representava.

— O fóssil representa a comunidade da vida — disse eu. — O animismo está ligado a essa comunidade e ressoa junto com ela. A Lei da Vida representada pela caneta está escrita na comunidade da vida, e o animismo interpreta essa lei, assim como a ciência, cada qual à sua maneira.

— Excelente. Chamei o animismo de religião, mas há um sentido muito real em que o animismo enquanto religião é uma invenção da cultura dos Pegadores, um constructo intelectual.

— Por que isso?

— Eu lhe disse que o animismo foi um dia uma religião universal neste planeta. Ainda é universal entre os povos Largadores — povos que você identifica como “primitivos”, da “Idade da Pedra” e assim por diante. Mas, se você estiver entre essas pessoas e lhes perguntar se são animistas, elas não terão a menor idéia do que você está falando. E, na verdade, se você insinuar que elas e seus vizinhos têm as mesmas crenças religiosas, provavelmente vão achar que você está louco. Porque como os vizinhos de qualquer lugar do

mundo, elas tendem a ter uma consciência muito maior de suas diferenças que de suas similaridades. Isso acontece também com as religiões reveladas. Para você, cristianismo, judaísmo, islamismo, budismo e hinduísmo parecem muito diferentes, mas, para mim, parecem iguais. Muitos de vocês diriam que algo como o budismo sequer faz parte dessa lista, pois não relaciona a salvação com o culto ao divino; mas, para mim, isso não passa de um jogo de palavras. O cristianismo, o judaísmo, o islamismo, o budismo e o hinduísmo vêm, todos eles, os seres humanos como criaturas imperfeitas e feridas, que precisam ser salvas, e todas essas religiões contam fundamentalmente com revelações que explicam em detalhe como alcançar a salvação, seja deixando essa vida, seja elevando-se acima dela.

— É verdade.

— Os adeptos dessas religiões são incrivelmente marcados e obcecados por suas diferenças — a ponto de chegarem a vias de fato, ao assassinato, ao *jihad***, ao genocídio —, mas, para mim, como já disse, todos vocês me parecem iguais. Isso acontece também entre os povos Largadores. Eles percebem o que é diferente entre eles e eu vejo o que é igual, e o que é igual não é tanto uma religião (tal como a religião é compreendida pelos cristãos, judeus, muçulmanos, budistas e hinduístas), e sim uma visão religiosa do mundo. Na verdade, não existe uma religião chamada animismo — esse é o constructo: o animismo enquanto religião. O que existe — e o que é universal — é a forma de ver o mundo. E é isso que estou tentando lhe mostrar aqui.

— Estou entendendo... acho.

— Nunca se esqueça do por que você está aqui, Jared. Estamos aqui falando de visões, você e eu. Uma visão está nos levando para a catástrofe. Trata-se de uma visão peculiar a uma única cultura, a nossa cultura, enfocada e sustentada por nossas religiões reveladas durante os últimos três mil anos.

Estou tentando lhe mostrar uma outra visão, saudável para nós e para o mundo, que foi adotada por centenas de milhares de culturas durante centenas de milhares de anos.

— Certo — disse eu. — Mas você não pode afirmar com certeza durante quanto tempo foi adotada.

— Acho que posso, Jared. Pense nisso: há quanto tempo as pessoas vivem de acordo com a lei da gravidade?

— Com a lei da gravidade? Desde sempre, é óbvio.

— Como é que você sabe disso?

— Suponho que seja porque, se as pessoas não estivessem vivendo de acordo com a lei da gravidade, simplesmente não estariam aqui.

— Mas elas não *compreendiam* necessariamente a lei da gravidade, compreendiam? Quero dizer, não poderiam expressá-la da mesma maneira que um físico.

— Não.

— Mas, apesar disso, sabiam que era uma lei. Dê um passo além da borda de um precipício e você cai — todas as vezes. Solte uma pedra e ela cai no seu dedão — todas as vezes.

— Certo.

— Então me responda agora: há quanto tempo as pessoas vivem de acordo com a lei da Vida?

— Não sei.

— A Lei da Vida é...?

— A Lei da Vida é... “tudo quanto promove a vida”.

— Então, vamos tentar de novo, Jared: há quanto tempo as pessoas vivem de acordo com a Lei da Vida?

— Desde o começo.

— Por quê? Como é que você sabe disso?

— Porque, se não estivessem vivendo de acordo com a lei que promove a vida, simplesmente não estariam aqui.

— Muito bem. Mas elas não *compreendiam* necessariamente essa lei, não é? Provavelmente, não poderiam expressá-la da mesma forma que um biólogo.

— Não.

— Mas, apesar disso, tinham condições de saber o que sabiam sobre a lei da gravidade — que ela *existe*. Que uma lei está em atividade. Tinha condições de saber, por exemplo, que é preciso cuidar das crianças até elas terem condições de cuidar de si mesmas. Tinha condições de saber que crianças abandonadas morrem — todas as vezes. Tinha condições de saber que um leão defende sua presa — todas as vezes. Tinha condições de saber que você não precisa ser necessariamente tão veloz quanto um cervo para conseguir pegá-lo. Tinha condições de saber que, se você está perseguindo um animal que pode fugir, é melhor que ele esteja a favor do vento. Eu poderia continuar dando exemplos a noite toda. Poderia continuar por dias e semanas e, mesmo assim, não conseguiria enumerar tudo o que eles tinham condições de saber pela simples experiência de viver naquela comunidade há milhares de gerações.

— Você tem toda a razão. O que não entendo é a ligação entre isso e animismo.

— Que é animismo, Jared?

— Tenho cada vez menos certeza à medida que o tempo passa. Tal como o entendo neste exato minuto, é uma visão. Suponho que você esteja se referindo a uma visão de mundo, uma *Weltanschauung*.

— Sim, mas acho que vou preferir *visão*. É por isso que estamos aqui: duas visões, uma visão que nos possibilita viver bem e em harmonia com a Terra

durante milhões de anos e outra visão que nos trouxe à beira da extinção e nos tornou inimigos de toda a vida deste planeta em apenas dez mil anos.

— Certo.

— E qual é a visão animista?

— Não sei. Não tenho a menor idéia.

— Então me responda a isso: qual é a *nossa* visão, Jared — a visão do Pegador, a visão que nos tornou senhores do mundo e inimigos da vida? Poderia articulá-la?

— Posso tentar.

— Vá em frente.

— Somos as criaturas para quem o mundo foi feito, de modo que podemos fazer o que quisermos com ele. É um começo.

— Sim, um bom começo. Segundo essa visão, parece que Deus tem pouco interesse pelo resto do mundo.

— Certo. Deus importa-se com *as pessoas*. As pessoas é que são o grande barato. As pessoas são as criaturas para quem o mundo foi feito.

— Então o mundo foi feito para o homem, e o homem... o que o homem deve fazer com o mundo?

— Deve governá-lo. Foi-lhe dado para que o governasse.

— Mas o estranho é que o mundo não estava *pronto* para o homem governá-lo, estava? O homem foi feito para governar o mundo, mas o mundo não estava pronto para ser governado por ele.

— Não estava, é verdade. Nunca tinha notado esse detalhe.

— E o que o homem tinha de fazer para deixar o mundo pronto para ser governado?

— Tinha de subjugá-lo, de vencê-lo.

— Certo. E ainda está tentando, não está? Então, essa é a visão do Pegador:

o mundo foi feito para o homem, e o homem foi feito para subjugá-lo e governá-lo.

— É.

— O que estamos procurando aqui, Jared, é a visão Largadora ou a visão animista. Antes de sairmos daqui hoje, você vai tê-la, Jared. Prometo.

Estratégias: estáveis e outras

— Gostaria que entendesse que aquilo que estou chamando de Lei da Vida não foi, em nenhum sentido, impresso na comunidade da vida por um ato divino. Deus ou os deuses não deram a suas criaturas “bons instintos” que agora estou chamando coletivamente de Lei da Vida. Não foi isso o que aconteceu. Pressupor um ato desses não seria parcimonioso, seria contrário à navalha de Occam***. Está entendendo o que quero dizer com isso?

— Sim. Você está dizendo que a Lei da Vida não tem de ser explicada como um sistema de intervenção divina, assim como as leis da termodinâmica não têm de ser explicadas como um sistema de intervenção divina.

— Está certo. Um biólogo provavelmente diria que o que estou chamando de Lei da Vida é apenas uma série de estratégias evolutivas estáveis — na verdade, o conjunto universal dessas estratégias. Você sabe o que é uma estratégia evolutiva estável?

— Nossa senhora! — disse eu. — Sou um estudioso dos clássicos, não um biólogo. No seminário, eu lia Homero em grego e Cícero em latim. Posso lhe repetir um discurso de Platão a respeito da prova da imortalidade da alma — e é uma prova danada de boa, também se você aceitar suas premissas. Mas não tenho a menor idéia do que seja uma estratégia evolutiva estável.

— Tudo bem. Vamos dividir a questão em duas partes. Nesse contexto, estratégia é apenas uma política comportamental. Por exemplo: ontem mencionei uma política comportamental seguida pelas cabras que estão amamentando: “Amamente apenas os seus filhotes”. Essa atitude é evolutivamente estável para as cabras porque não pode ser melhorada por nenhuma estratégia alternativa. Por exemplo: algumas cabras poderiam seguir a estratégia de se recusar a amamentar qualquer filhote, até mesmo os seus. Mas isso teria inevitavelmente o efeito de reduzir sua representação no patrimônio genético, de modo que a recusa a amamentar tende a desaparecer da espécie. Da mesma forma, algumas cabras poderiam seguir uma estratégia de amamentação indiscriminada — dar leite a qualquer filhote que aparecer. Mas, como isso é um furto do leite de seus próprios filhotes, também vai ter o efeito de reduzir sua representação no patrimônio genético, de modo que a amamentação indiscriminada também tende a desaparecer. A única estratégia que *não* vai desaparecer é: “Amamente apenas os seus filhotes e nenhum outro”. É por isso que essa estratégia em particular é evolutivamente estável: o processo normal de evolução, a seleção natural, não o elimina.

— Entendi. Essa é a Lei da Vida para as cabras, não porque Deus decidiu que as cabras se comportariam dessa forma, mas porque, em qualquer combinação de estratégias, as cabras que amamentam somente os seus filhotes tendem a ser mais bem representadas no patrimônio genético do que as outras. Na verdade, é um conceito muito elegante.

— A ciência produz um conceito elegante de vez em quando — disse ela com um sorriso levemente irônico. — tenho certeza de que você entende que o que é estável e instável para uma espécie não é necessariamente estável e instável para outra. Por exemplo: muitos pássaros cuidam indiscriminadamente dos filhotes. Alimentam qualquer filhote que aparecer

em seu ninho, até mesmo filhotes de outra espécie.

— Com isso, ajuda e conforta o alegre cuco — disse eu, retribuindo o olhar surpreso de B com um sorriso levemente irônico. — Nós, estudiosos dos clássicos, não somos totalmente ignorantes — informei. O bobo adverte o rei Lear: “Sabe, Nuncle, o acentor alimentou o cuco tanto tempo que teve a cabeça cortada por seu filhote”.

— Fico satisfeita de saber que os estudiosos dos clássicos não são totalmente ignorantes, Jared — disse B, dando-me um sorriso tão lindo e benevolente que, durante um momento aterrorizante, tive de lutar para não agarrá-la. Sem perceber nada, ela continuou.

— Sei que você ouviu Charles mencionar um colega conhecido como **Ismael**. Embora não use essa terminologia, **Ismael** identificou uma série de estratégias que parecem ser evolutivamente estáveis para todas as espécies. Chamou essa série de estratégias de Lei da Competição Limitada, que expressou da seguinte forma: “Você pode competir com todas as suas forças, mas talvez não consiga abater todos os seus concorrentes, nem destruir sua comida, nem impedir que tenham acesso à comida”. Na erroneamente chamada comunidade “natural” (quando se faz referência à comunidade não-humana), você encontra rivais matando um ao outro sempre que se apresenta uma oportunidade, mas não vai vê-los *criando* oportunidades de matar um ao outro. Não vai vê-los caçando uns aos outros da mesma forma que caçam sua presa; fazer isso não seria evolutivamente estável. As hienas simplesmente não dispõem de energia para caçar leões — as calorias ganhas com a eliminação desses concorrentes não seriam equivalentes às calorias gastas para eliminá-los — e atacar leões é um empreendimento que envolve um certo risco. Da mesma forma, na comunidade “natural”, você não vai ver concorrentes destruindo a comida de seus rivais — o resultado simplesmente

não compensa.

— Qual seria o motivo para destruir a comida dos concorrentes?

— Quando você destrói a comida de seus rivais, destrói seus rivais, Jared. Suponha, por exemplo, que você seja uma espécie de pássaro que prefere os alimentos A, B, C, D, E e F. Outra espécie de pássaro prefere os alimentos D, E, F, G, H e I. Isso significa que vocês competem pelos alimentos D, E e F. Destruindo os alimentos G, H e I (que não têm a menor importância para você), você pode desferir um golpe considerável contra eles.

— Mas eles não vão simplesmente ter uma competição muito mais feroz pelos alimentos D, E e F?

— É claro que sim. É por isso que você precisa da terceira estratégia. Você quer impedir que eles tenham *acesso* aos alimentos D, E e F. Desse modo, seus concorrentes vão ficar num beco sem saída. Você vai impedir que tenham acesso à metade dos alimentos que preferem e vai destruir a outra metade.

— Mas, como você disse, isso não acontece.

— Não acontece em nenhuma comunidade não-humana, mas isso não quer dizer que não *possa* acontecer. Dizer que não acontece é dizer que não *vemos* isso acontecer, e não vemos porque é um processo de auto-eliminação. Está entendendo o que quero dizer? As cabras jamais se recusariam a amamentar seus filhotes, mas não porque esse comportamento seja impossível. Com toda a certeza, já devem ter existido cabras que se recusaram a amamentar, mas você raramente ou nunca vê isso, porque sua prole morre e elas perdem a representatividade no patrimônio genético.

— Certo — disse eu.

— Mas *aconteceu* que uma espécie tentou viver transgredindo a Lei da Competição limitada. Ou, melhor dizendo, aconteceu uma vez, em uma cultura humana — a nossa. É em torno disso que gira toda a revolução

agrícola. Esse é o *x* da questão da agricultura totalitária: liquidamos nossos concorrentes, destruimos seus alimentos e impedimos que tenham acesso à comida. É isso que a torna totalitária.

Minha cabeça começou a rodar um pouco depois dessa. Levei algum tempo para saber por que ela estava rodando. Finalmente eu disse:

— O assunto aqui são estratégias evolutivas estáveis, certo?

— Certo.

— Existem três estratégias que você diz que são evolutivamente *instáveis*: liquidar os concorrentes, destruir seus alimentos e impedir que tenham acesso à comida. Certo?

— Certo.

— Mas agora você está me dizendo que toda a nossa cultura se baseia nessas estratégias evolutivas instáveis.

— Certo de novo.

— Se essas estratégias são evolutivamente instáveis, como foi que conseguimos empregá-las?

— Empregar uma estratégia evolutivamente instável não elimina você *instantaneamente*, Jared; elimina você *no fim*.

— Mas como está *nos* eliminando?

B ergueu a cabeça como se quisesse perguntar por que eu estava ficando repentinamente tão estúpido.

— Jared, onde é que você estava naquela noite em Stuttgart quando Charles estava explicando a ligação entre agricultura totalitária e superpopulação? Pelo fato de seis bilhões de nós estarmos empregando uma estratégia evolutivamente instável, estamos atacando de maneira fundamental os próprios sistemas ecológicos que nos mantêm vivos. Exatamente como a cabra que se recusa a amamentar seus filhotes, estamos em meio ao processo

de eliminar *a nós mesmos*. Pense na linha divisória temporal que Charles traçou em sua conversa sobre cozinhar uma rã. Durante os primeiros seis mil anos, o impacto de nossa estratégia evolutivamente instável foi mínima e confinada ao Oriente Próximo. Durante os dois mil anos seguintes, a estratégia espalhou-se pela Europa Oriental e pelo Extremo Oriente. Nos quinhentos anos seguintes, a estratégia disseminou-se por todo o mundo antigo. Nos trezentos anos seguintes, tornou-se global. No fim dos duzentos anos seguintes — que é agora —, tantas pessoas estavam empregando a estratégia que o impacto estava se tornando catastrófico. Agora faltam apenas umas duas gerações para terminarmos a tarefa de extinguir essa estratégia instável.

Lutei para ficar de pé e saí para dar uma volta.

Os olhos começam a se abrir

Quando voltei, quinze minutos depois, disse a B que tivera que me afastar para poder pensar. Ouvi tudo quanto Charles disse em Stuttgart e pensei que tinha entendido, mas não tinha. Apesar de tudo quanto ele disse, eu tinha certeza de que ele estava nos provando que a explosão demográfica é um problema *social* como, digamos, o crime ou o racismo. Não o ouvi dizer que a explosão demográfica é um problema *biológico*, que, se adotássemos uma política que seria fatal para *qualquer* espécie, ela seria igualmente fatal para nós. Não podemos *querer* que seja diferente. Não podemos dizer: “Bem, sim, nossa civilização foi construída a partir de uma estratégia evolutivamente instável, mas podemos fazer com que dê certo de alguma forma, pois somos *seres humanos*”. O mundo não vai abrir uma exceção para nós. E é claro que o que a Igreja ensina é que *Deus* vai abrir uma exceção para nós. Deus vai

deixar que nos comportemos de uma forma que seria fatal para qualquer outra espécie, vai “consertar” as coisas de algum jeito para podermos viver de uma maneira que é, num sentido muito literal, *auto-eliminadora*. É como esperar que Deus faça os aviões voar mesmo que sejam aerodinamicamente incapazes de voar.

— Provavelmente vai soar muito ingênuo — disse eu —, mas por que isso é tão secreto assim? Por que isso é algo de que nunca ouvi falar antes? Por que não é ensinado nas escolas?

— Não é segredo nenhum, óbvio. O que acontece é que as peças do quebra-cabeça estão espalhadas entre muitas disciplinas — muitas disciplinas que raramente conversam entre si —, arqueologia, história, antropologia, biologia, sociologia. E quem exatamente ensinaria isso nas escolas?

— Todos deveriam ensinar isso — disse eu. — Deveriam ensinar isso em primeiro lugar. Leitura, escrita e aritmética podem esperar.

— Bem, concordo com você, naturalmente. Essa é a mensagem de B, Jared: se o mundo for salvo, não o será por pessoas com a visão antiga e novos programas. Se o mundo for salvo, vai sê-lo por pessoas com uma nova visão e nenhum programa. Porque a visão se autopropaga e não precisa de programas. Na última meia hora, seus olhos começaram a se abrir para essa nova visão. Mas, por enquanto, você tem somente o lado triste da visão — o lado da sombra.

Tive de concordar com aquilo.

— Por isso vamos voltar — enquanto precisarmos, muitas e muitas e muitas vezes, Jared — a essas duas visões, a visão Pegadora e a visão Largadora, ou animista. Há alguns minutos, você fez um belo trabalho de articulação da visão Pegadora, a visão que impulsionou a nossa cultura durante seus dez mil anos de triunfo e catástrofe. Como os Pegadores o vêem,

o mundo foi feito para o homem, e o homem foi feito para subjugá-lo e governá-lo. A pergunta seguinte é: de onde surgiu essa visão?

— Receio não ter entendido bem o significado da pergunta — disse eu.

— Não tem problema. Charles teria insistido em lhe dar umas alfinetadas para obrigá-lo a saltar o abismo, mas prometi não seguir seu método. Vou lhe contar onde foi que essa visão surgiu e você vai me dizer se minha explanação é plausível e persuasiva ou não. A visão Pegadora derivou da experiência de mundo dos Pegadores — da forma segundo a qual os membros de nossa cultura viviam, afinal de contas, subjugando e governando o mundo. A prática da agricultura totalitária ao longo de milhares de anos fez surgir entre eles a idéia de que o mundo havia sido feito para o homem, e o homem feito para subjugá-lo e governá-lo. Faz sentido?

— Sim, faz todo o sentido do mundo. Suponho que você poderia chamar esse processo de empirismo tosco, improvisado: “Sempre vivemos como se o mundo *tivesse sido* feito para nós, de modo que ele deve *ter sido* feito para nós”.

— O importante a notar é que a visão nasceu do modo de vida, e não o contrário. Está claro?

— Bem... quase.

— O que quero dizer é que um dia, há onze mil anos, os caçadores mesolíticos do Iraque *não* se reuniram e disseram: “Olha, pessoal, examinamos o mundo e concluimos que foi feito para ser subjugado e governado pelos seres humanos. Portanto, vamos pegar o porrete e começar a subjugá-lo e governá-lo”. O que aconteceu foi que, depois de viverem milhares de anos como conquistadores e governantes, os membros da nossa cultura começaram aos poucos a conceber a curiosa idéia de que o mundo fora realmente *criado* para nós o subjugar e governarmos. Começaram a achar

que estavam cumprindo o destino humano.

— Entendi. A visão Pegadora nasceu do modo de vida dos Pegadores, e não o contrário.

— Bom, de onde você acha que surgiu a visão Largadora?

— Do modo de vida dos povos Largadores.

— Acertou, claro. E o que sabe sobre esse modo de vida?

— Para ser franco... absolutamente nada.

B concordou com um aceno de cabeça.

— É o nosso desafio de hoje, Jared. Tenho de lhe revelar a visão que surgiu de um modo de vida sobre o qual você não sabe nada.

— Parece difícil — disse eu.

— É difícil, mas não tenho de lhe ensinar tudo o que existe a respeito desse modo de vida. Para articular a visão Pegadora, tudo quanto você tem realmente de entender é como os Pegadores viviam. Os Pegadores viviam como se o mundo lhes pertencesse — e sua visão confirma esse modo de vida. Há muito mais do que isso sobre o modo de vida dos Pegadores, mas essas informações são tudo quanto você precisou para articular a visão deles.

— Sim, estou entendendo.

— Posso ser — e vou ser — igualmente seletiva ao tratar dos povos Largadores.

Objetivo: silenciar o inquisidor

Depois de dizer isso, B ficou em silêncio. Após alguns minutos, fiz um exame de consciência para saber se eu devia estar procurando responder a uma questão ou outra, mas é claro que não estava. Ela não estava em transe, nem

nada dessas coisas. Só parecia estar olhando distraidamente para um ponto qualquer a uma certa distância. Logo comecei a ficar irrequieto e ela me lançou um olhar de esguelha.

Depois disse:

— Nunca fiz nada disso antes, Jared, e, agora que estou prestes a fazê-lo, não sei por onde começar. Sei exatamente o que quero que aconteça, só não sei de que modo. Sei aonde quero chegar, só não sei como.

Como eu não entendia realmente o problema, não tinha como descobrir nenhuma forma de ajudar, além de lhe dar um tapinha tranqüilizadora nas costas, o que provavelmente não teria feito bem a nenhum dos dois.

Finalmente ela disse:

— Tenho uma idéia, mas não sei o que você vai achar dela. Acho que o meu problema é que a nossa relação é inerentemente antagonista. Não quero dizer que seja inteiramente antagonista, mas há um aspecto antagônico que não vai simplesmente desaparecer. Não é culpa sua, nem minha — simplesmente é assim. Você foi mandado para cá a fim de satisfazer a si mesmo e a outros, fazer as perguntas que você faria e as que eles fariam, de modo que seu papel aqui, goste ou não, é de um inquisidor. “Goste ou não” é a maneira certa de falarmos sobre isso, acho eu, porque você *não* gosta nem um pouco, mas, mesmo assim, acha que deve cumprir o seu papel. Precisa fazer perguntas por sua causa e precisa fazer perguntas por causa dos outros que o mandaram para cá.

— Sim, é isso mesmo.

— O que fiz até agora foi muito bom para o inquisidor. — Ela pôs um dedo em nosso trabalho de *bricolage*. — Isso aqui funcionou perfeitamente para ele, não foi?

Concordei com um aceno de cabeça.

— Meu problema agora é que não estou conseguindo pensar em nenhuma forma de encher os olhos de um inquisidor com a visão animista. Acho que, na realidade, é uma tarefa impossível. Significa que temos de assumir um outro par de papéis.

Concordei de novo.

— Já tive um filho, Jared, mas não foi dos que nascem com boa estrela. Viveu somente algumas horas, não o bastante para receber um nome de verdade, mas na intimidade eu o chamava de Louis, de certo modo um nome muito adulto. Não pude ter outros, por razões óbvias, e, se não forem óbvias, você pode imaginá-las em suas horas de folga. Se Louis estivesse vivo, teria oito anos e eu certamente estaria lhe ensinando o que estou ensinando a você agora.

— Mas que quer que eu faça?

— Estou lhe pedindo que desligue o inquisidor durante uma hora e me ouça como Louis me ouviria.

Disse-lhe que achava que conseguiria.

— Não sei se estou lhe pedindo uma coisa fácil ou difícil. É provável que muitos homens achassem que é algo impossível.

— Também não sei — disse eu. — Mas, para ser franco, não parece uma coisa tão difícil assim. Mas deixe-me fazer uma pergunta. Você está me dizendo que não quer que lhe faça nenhuma pergunta? Não me parece muito correto, porque Louis certamente faria perguntas se tivesse oito anos de idade.

Ela pareceu desconcertada com minha resposta, talvez até um pouco incomodada. Era impossível evitar — a pergunta tinha de ser feita.

Ela disse:

— Um menino de oito anos não é um inquisidor.

— Sei disso. Me dê algum crédito.

Ela ficou ruminando aquilo durante algum tempo e depois disse:

— Louis *faria* perguntas.

Não me dei ao trabalho de observar que eu tinha acabado de lhe dizer isso.

— Você acha que pode fazer as perguntas que *ele* faria e não as do padre Lulfre?

— Acho que posso, Shirin. Me dê o benefício da dúvida.

Ela concordou sem entusiasmo, dando de ombros. Depois de alguns momentos pensando, ela olhou para longe.

— Não fique surpreso se eu lhe disser coisas que você não espera ouvir. São as coisas que tenho a dizer.

— Está bem.

— Gostaria que você entendesse a linguagem dos surdos-mudos — acrescentou, melancólica. — As barreiras desaparecem imediatamente.

Eu também gostaria de entendê-la.

A teia

Não sei o que ela fez durante os minutos seguintes – eu não estava olhando. Em momentos críticos como esse, você deixa as pessoas em paz, concentra a atenção em outra coisa e lhes dá um pouco de espaço em que trabalhar. Quando estava pronta, ela começou a falar com uma voz baixa, mas firme – e eu liguei discretamente o gravador.

— Já lhe disse que estou morrendo — começou ela. — Sei que você fica triste ao ouvir isso, Louis, mas, quanto mais perto estiver de entender isso, tanto menos triste vai se sentir. Quando terminarmos por hoje, você ainda não vai se sentir bem com essa idéia, mas vai conseguir suportá-la. Seja como for, é por aqui que tenho que começar. Você quer me entender e quer entender o

que está acontecendo, e é disso que vamos tratar agora. Se eu fosse outra pessoa, tentaria consolá-lo com um conto de fadas como aquele que contam sobre Papai Noel todo Natal. Eu lhe diria que a mamãe vai ser levada para o céu para viver com Deus e os anjos e, de lá, vou olhar para baixo e velar por você. A verdade é melhor do que isso — em parte porque *é* verdade.

“Gostaria de começar com o grande segredo da vida animista Louis. Quando os outros povos procuram Deus, você vai vê-los levantarem automaticamente os olhos para o céu. Acham realmente que, se existir um Deus, ele está longe, longe, muito longe — remoto e inatingível. Não sei como suportam viver com um Deus assim, Louis, não sei mesmo! Mas eles não são o nosso problema. Já lhe disse que, entre os animistas do mundo, nem um único deles pode lhe dizer qual é o número de deuses. Eles não sabem quantos são, nem eu. Nunca conheci nem ouvi falar de nenhum que se importe com a quantidade de deuses. O importante para nós não é *quantos* eles são, mas *onde* estão. Se você estiver entre os Alawas da Austrália, ou entre os Bosquímanos da África, ou entre os Navajos da América do Norte, ou entre os Crenacarores da América do Sul, ou entre os Onabasulus da Nova Guiné — ou entre qualquer outro das centenas de povos Largadores que eu poderia citar —, logo vai descobrir onde os deuses estão. Os deuses estão aqui”.

Pela primeira vez, B olhou-me diretamente nos olhos enquanto falava.

— Não quero dizer *lá*, não quero dizer *em todos os lugares*. Quero dizer *aqui*. Entre os Alawas: *aqui*. Entre os Bosquímanos: *aqui*. Entre os Navajos: *aqui*. Entre os Crenacarores: *aqui*. Entre os Onabasulus: *aqui*. Está entendendo?

— Não tenho certeza.

— Não é uma afirmação teológica que eles estão fazendo. Os Alawas *não* estão dizendo aos Bosquímanos: “Seus deuses são fraudes, os verdadeiros

deuses são os nossos deuses”. Os Crenacarores *não* estão dizendo aos Onabasulus: “Vocês não têm deuses, somente *nós* temos deuses”. Nada do gênero. Eles estão dizendo: “O lugar onde vivemos é um lugar sagrado, diferente de todos os outros do mundo”. Nunca lhes passaria pela cabeça procurar *em outro lugar* para encontrar os deuses. Os deuses encontram-se entre *eles* — vivendo onde *eles* vivem. Deus é aquilo que anima o lugar onde *eles* vivem. É a alma do lugar. Um deus é aquela força estranha que transforma um lugar qualquer num *lugar* — um lugar diferente de todos os outros do mundo. Um deus é o fogo que arde nesse lugar e em nenhum outro — e nenhum lugar onde o fogo arde deixa de ter um deus. Estou lhe dizendo tudo isso para explicar por que não rejeito o nome que nos foi dado por um estranho. Mesmo que tenha sido dado devido a um entendimento equivocado de nossa visão, o nome *animismo* capta um vislumbre dela.

“Ao contrário do Deus cujo nome começa com uma letra maiúscula, nossos deuses não são onipotentes, Louis. Conseguir imaginar uma coisa dessas? Qualquer um deles pode ser vencido por um lança-chamas, por uma máquina de terraplanagem ou por uma bomba — podem ser silenciados, afugentados, enfraquecidos... Sente-se no meio de uma rua comercial à meia-noite, cercado por um quilômetro de concreto em todas as direções; lá o deus que um dia foi forte como um búfalo ou como um rinoceronte está fraco como uma traça atingida por um jato de piretrina. Fraco — mas não morto, não completamente extinto. Acabe com a rua comercial e arranque o concreto, que, em poucos dias, aquele lugar estará pulsando de novo de vida. Não é preciso fazer nada além de remover o veneno. O deus sabe cuidar daquele lugar. Nunca mais será o que foi antes mas nada é para sempre o que foi antes. Não *precisa* ser o que foi antes. Você vai ouvir as pessoas falar em fazer as planícies da América do Norte voltarem a ser o que eram antes de os Pegadores chegarem. Bobagem.

O que as planícies foram há quinhentos anos não era sua forma final, não era a forma final e sacrossanta ordenada para eles desde o começo dos tempos. Essa forma é algo que não existe e nunca existirá. Tudo aqui está *se transformando*. Tudo aqui está *em processo*.

“Bom, vou lhe contar uma história. Quando os deuses resolveram criar o universo, disseram a si mesmos: ‘Vamos fazer dele uma manifestação de nossa abundância infinita e um sinal a ser visto e interpretado por aqueles que tiverem olhos para ver e interpretar. Vamos cuidar generosa e irrestritamente de todas as coisas: não menos da mais frágil folha de grama do que das mais prodigiosas estrelas, não menos do inseto que canta durante uma hora do que da montanha que dura um milênio, não menos de uma lasquinha de malacacheta do que de um rio de ouro. Não vamos fazer nenhuma folha igual a outra, nenhum galho igual a outro, nenhuma árvore igual a outra, nenhuma terra igual a outra, nenhum mundo igual a outro, nenhuma estrela igual a outra. Desse modo, a Lei da Vida será clara para todos os que tiverem olhos para ver: o coelho que se arrasta para fora da toca para se alimentar, a raposa que está à espreita, a águia que voa em círculos lá em cima e o homem que curva seu arco na direção do céu’. E foi assim que as coisas foram feitas, da primeira à última, sem haver duas delas iguais na vastidão do universo, nenhuma coisa feita com menos cuidado do que qualquer outra no decorrer de gerações inteiras de espécies mais numerosas que as estrelas. E aqueles que tiveram olhos para ver entenderam o sinal e seguiram a Lei da Vida”.

“Consegue entender essa história?”, perguntou ela.

— Não, acho que não.

— Não existem duas coisas iguais no universo, Jared. Essa é a chave. É por isso que tudo aqui está *em processo* e não em sua forma final. Eu lhe disse isso ontem, quando falava sobre os ácaros que viajam com os besouros

coveiros. Se você os puser sob o microscópio para estudar a forma final dessa espécie, não vai chegar a lugar nenhum, porque, quanto mais de perto você os vê, tanto mais claramente percebe que não existem dois deles iguais — e, se não há dois deles iguais, que sentido teria levantar um deles e dizer: “Aqui está, essa é a forma final dos ácaros?”

“É isso o que quero dizer com abundância, Jared: mesmo entre esses ácaros aparentemente insignificantes, jamais houve dois deles iguais na vastidão do universo, e nenhum deles jamais foi feito com menos cuidado do que uma estrela de nêutrons ou um aglomerado de galáxias. O cérebro que está dentro de sua preciosa cabeça humana não é mais fantástico do que esses ácaros”.

— Sei disso — surpreendi-me dizendo.

— Será que o Deus judeu-cristão-islâmico mandou seu único filho para salvar esses besouros e seus hóspedes, os ácaros, Jared?

— Não.

— Mas o deus desse lugar cuida tão bem deles quanto de qualquer outra criatura do mundo. É por isso que sei que teria sido bom para você se tivesse visto aqueles besouros ontem. Aqueles besouros são uma manifestação da abundância inexaurível dos deuses e um sinal a ser visto e entendido por aqueles que têm olhos para ver e capacidade para entender. Eu gostaria que você visse o quanto os deuses cuidam generosa e irrestritamente de todas as coisas: não menos de um besouro, cuja realização suprema é enterrar um camundongo, do que do cérebro de Einstein, não menos de um ácaro cujo prato favorito é ovo de mosca do que dos olhos de Michelangelo.

— Estou entendendo, sim... ou estou começando a entender.

— Onde é que vamos encontrar esse deus, Louis?

Como ela tinha me chamado pelo meu próprio nome um minuto antes, fiquei momentaneamente aturdido quando ela voltou a Louis. À medida que o

tempo passava, percebi que ela podia se dirigir a mim de ambas as maneiras sem perder o fio da meada. Às vezes, sua mensagem era especificamente para Louis (e, incidentalmente, para mim), às vezes, especificamente para mim (e, incidentalmente, para Louis) e, às vezes, acho que era para ambos igualmente. Seja como for, minha resposta a essa pergunta em particular foi um olhar confuso.

— Não estou lhe pedindo que dê um salto aqui, Jared. Já lhe disse onde vamos encontrar esse deus... mas voltarei a isso mais tarde, temos muitas outras coisas de que falar. Você e eu, Jared, sempre voltamos à visão. Louis e eu sempre voltamos ao significado da morte.

“Toda criatura nascida na comunidade dos seres vivos *faz parte* dessa comunidade. Quero dizer, faz parte no mesmo sentido que sua pele e seu sistema nervoso fazem parte de você. O camundongo que vimos não ‘vivia’ simplesmente na comunidade da praça, da mesma forma que você vive num apartamento em Chicago ou Fresno. Toda molécula do corpo do camundongo foi retirada dessa comunidade e acabaria tendo de ser devolvida a essa comunidade. Seria legítimo dizer que esse camundongo era uma expressão dessa comunidade, da mesma forma que Leonardo da Vinci foi uma expressão da Itália renascentista”.

“O indivíduo vive em tensão dinâmica com a comunidade, retirando-se para sua toca, colméia, ninho, covil ou antro em busca de segurança, mas nunca totalmente auto-suficiente ali, sempre impelido a voltar e expor-se, como esse camundongo fez. Essa tensão é uma frase da lei, que inspira a aranha que constrói alçapões a selar sua toca como uma caixa-forte de banco e inspira o marimbondo que se alimenta de aranhas a se tornar um arrombador”.

“Nenhum ser da comunidade vive isolado do resto, nem mesmo as rainhas dos insetos sociais. Nenhum ser vive inteiramente sozinho, sem precisar de

nada *da* comunidade. Nenhum ser é intocável ou intocado. Toda vida é um empréstimo feito à comunidade no nascimento e que será infalivelmente pago à comunidade no momento da morte. A comunidade é uma teia de vida e cada fio da teia é um caminho que leva a todos os outros fios. Nenhum ser está isento ou dispensado. Nenhum ser é especial. Nenhum ser vive sozinho num fio, desconectado do resto. Como você viu ontem, nada é desperdiçado, nem uma única gota de água, nem uma única molécula de proteína — nem um único ovo de mosca. Esse é o encanto e o milagre de tudo isso, Jared. Tudo o que vive é alimento para um outro ser. Tudo o que consome alimentos acabará por fim servindo de alimento ou, com a morte, devolvendo sua substância para a comunidade”.

Ela parou e lançou-me um olhar, que percebi e retribuí.

— Todo fio da teia é um caminho para todos os outros fios... Faz sentido para você?

— Faz... acho que faz.

— Onde vamos encontrar o deus deste lugar?

Fechei os olhos por alguns instantes ao ouvir aquilo e grunhi debilmente:

— Este lugar?

— Exatamente neste lugar aqui, Jared.

Não era uma pergunta a que eu pudesse responder e, por isso, simplesmente arregalei os olhos.

— Há dez mil anos, essa região era o lar de um povo do Mesolítico cujo nome nunca saberemos. Cave o chão que você vai encontrar seus machados e lanças. Eram povos Largadores, é claro — animistas —, e sabiam onde encontrar o deus deste lugar. O deus deste lugar está *aqui*, Jared. Eles não olhavam para o céu, nem para o monte Olimpo. Olhavam para cá, para onde estamos sentados.

Concordei com um aceno de cabeça. Foi o máximo que consegui fazer a essa altura.

— *Aqui* — disse ela outra vez, dessa vez batendo a mão no chão à nossa frente.

— Certo.

— Agora, quero que você *olhe*.

Sacudi a cabeça numa negativa — só um pouco, só um pouquinho, suficiente para dizer não, não, obrigado, acho que vou passar essa adiante.

— Vamos lá — ordenou ela, e estendeu-se de barriga no chão.

Nada satisfeito, segui seu exemplo.

No centro da teia

— É aqui que você vai aprender tudo — disse ela. — É aqui que tudo se junta. É o centro da teia, onde passado, presente e futuro se encontram e onde nasceu a inteligência humana. Quero que você *olhe*. Não me diga outra vez que não é Natty Bumppo. Ouvi o que você disse a primeira vez. Você não é obrigado a *entender* o que vê, mas é obrigado pelo menos a tentar *enxergar* o que está diante dos olhos.

“Há algumas décadas, numa época em que as noções lamarckianas ainda eram vistas como científicas por alguns, havia uma teoria popular segundo a qual o que estimulou o cérebro primata e o levou a crescer até alcançar o tamanho do cérebro humano foi a ânsia de inventar ferramentas. Evidentemente, é o que você esperaria de uma cultura como a nossa, que equipara avanço com o uso de ferramentas”.

Grunhi para que ela percebesse que eu ainda estava acordado.

— Mas o fato é que o salto qualitativo do ser humano não está associado a nenhum salto qualitativo no fabrico de instrumentos. Mas *está* associado realmente a um outro tipo de salto qualitativo, um salto qualitativo tão crucial para o desenvolvimento humano quanto o salto qualitativo da linguagem. Tem alguma idéia do que estou falando?

— Não, nenhuma.

— Não me surpreende. Esse salto qualitativo não é reconhecido na versão Pegadora da história humana — não é sequer *mencionado*, pois não aumenta nada a glória dos Pegadores. Esse foi o salto qualitativo que marcou de forma decisiva a aquisição de um modo de vida exclusivamente humano, um modo de vida que depende criticamente da *inteligência*. Esse foi o salto qualitativo que nos separou claramente dos macacos. Ainda não tem nenhuma idéia?

— Não, acho que não.

— É evidente que você não se lembra de ter discutido isso com Charles no trem, quando voltávamos de Stuttgart. Você não conseguia imaginar a proeza de nossos ancestrais durante os primeiros três milhões de anos da vida humana, e ele tentou lhe mostrar que a proeza deles foi conseguir ter um modo de vida inteiramente humano.

— Sim, agora estou me lembrando. Aquela conversa foi... atropelada pelos acontecimentos.

— Ande entre os gorilas, os chimpanzés e os orangotangos e você vai ficar — ou deveria ficar — impressionado pelo fato de seu modo de vida não ser nem remotamente parecido com o modo de vida associado até aos seres humanos mais antigos de todos. Os primeiros seres humanos, ao contrário daqueles de quem descendem, eram *caçadores-coletores*. Em todo o resto da ordem primata, todos são apenas *coletores* — procuram alimentos. Podem matar, e matam realmente por causa de comida, de maneira oportunista, mas

nenhum deles vive como caçador. Entre os primatas, *somente os seres humanos* são caçadores, porque entre os primatas somente os seres humanos têm o equipamento biológico para transformar a caça em esteio da vida — e esse equipamento é estritamente intelectual. Os seres humanos só podem ter êxito na caça de uma forma. Não podem ter êxito da mesma forma que a águia, a onça ou a aranha. São formas que não estão a seu alcance. Os seres humanos encontraram sua própria forma de ter êxito — uma forma que estava fora do alcance de qualquer outra espécie da Terra. Está entendendo o que estou tentando lhe dizer, Jared? Não nos tornamos humanos batendo pedras umas contra as outras. Nós nos tornamos humanos lendo a história dos acontecimentos escrita *aqui* — aqui, na mão do deus.

Ela abriu a mão com a palma para cima, para me mostrar o que queria dizer.

— Não sou perita em seguir rastros, Jared. Os nativos dessa região — qualquer um daqueles caçadores do Mesolítico que mencionei antes — seriam capazes de lhe falar sobre coisas que aconteceram aqui dias antes. Até o mais leve sinal que você vê aqui no chão é literalmente o registro de um acontecimento, ainda que seja somente a marca de uma folha trazida pelo vento. Eles eram capazes de identificar qualquer criatura que deixasse uma marca aqui no passado recente, e eram capazes de lhe dizer quando ela esteve aqui e o que estava fazendo, se estava com pressa ou andando devagar, se estava procurando alguma coisa para comer ou tentando voltar para casa.

“Escolhi este ponto para sentar porque percebi que *alguma coisa* tinha acontecido aqui e que eu provavelmente poderia descobri-la. Não quero dizer que um grande drama foi vivido aqui, só *alguma coisa*. Está vendo essa linha curva de rastros aqui? Parece ter sido feita pela pressão de um zíper enorme no chão”.

— É, estou vendo, agora que você me mostrou.

— São os rastros de um besouro, não tenho a menor idéia de que espécie. Obviamente, um sujeito pesado. Os rastros são bem recentes, foram feitos há algumas horas. Dá para ver onde eles se cruzam com uma série mais antiga de rastros aqui, os de um esquilo.

— Por mais surpreendente que pareça, estou vendo *mesmo*.

— Ótimo. Agora vem a parte empolgante. Lá vai o besouro, tratando da sua vida, quando, de repente, daqui para a esquerda, um roedor entra em cena de um salto, tentando pegar o besouro. Dá para ver aqui, do jeito que as linhas de rastros se amontoam, que o roedor não está apenas passeando, mas dando saltos. Se estivéssemos nos Estados Unidos, eu diria que é um tãmia, aquele esquilo de dorso listrado, sabe? Mas não sei de que espécie é esse bicho aqui, de modo que vou chamá-lo de “roedor”. De qualquer forma, o roedor pega o besouro; você pode ver aqui as marcas no lugar onde eles brigam desordenadamente.

— É, estou vendo.

— Depois os rastros do roedor continuam para a direita, e não se vê mais nenhum rastro do besouro. Portanto, o que está escrito aqui é que o besouro virou lanche do roedor.

Voltamos a sentar.

A primeira coisa: ler os sinais

— Impressionante — disse eu.

— Muito *pouco* impressionante, acredite-me, comparado ao que um verdadeiro rastreador consegue fazer, mas suficiente para os nossos objetivos. Há muitas coisas que eu gostaria que você visse a partir daqui. A primeira é:

os chimpanzés fazem e usam ferramentas, de modo que o fabrico e o uso de ferramentas não são exclusivamente humanos, mas a interpretação que acabei de fazer aqui é exclusivamente humana. Naturalmente, o que fiz até agora é apenas uma amostra do processo de caça. É como um fotograma de um filme, que pode sugerir um estado de espírito e um tema, mas não dá uma idéia do *processo* do filme, que é, intrinsecamente, movimento. Em qualquer momento da caçada, o caçador está considerando as seguintes questões: o que o animal estava fazendo quando deixou esses rastros? Quanto tempo faz que esteve aqui? Em que direção estava indo? A que velocidade? A que distância estará agora? — tendo em mente a estação do ano, a hora do dia, a temperatura, a condição do solo, a natureza do terreno e, evidentemente, o comportamento típico do animal rastreado, assim como de outros animais das proximidades.

“Vou dar um exemplozinho: um dia, um antropólogo estava seguindo de perto um caçador !Kung no Kalahari. Por volta do meio-dia, abandonaram uma caça que consideraram impossível e passaram a procurar alguma outra coisa para abater. Logo depois encontraram os rastros de um órix, que o caçador calculou tivessem sido feitos havia um par de horas. No entanto, depois de meia hora de rastreamento, o caçador desistiu. Explicou que os rastros não poderiam ter sido feitos naquela manhã de jeito nenhum, mostrando como prova a marca do casco do órix com rastros de um camundongo passando por cima dela. Como os ratos são bichos de hábitos noturnos, os rastros do órix deveriam ter sido feitos durante a noite. Em outras palavras, esse órix em particular já tinha desaparecido havia muito tempo.

— Claro, estou entendendo.

— Bom, esse não é um grande feito de observação e raciocínio que vai fazer aquele caçador !Kung ganhar um prêmio Nobel, mas é um ato que está a anos-luz de distância de qualquer coisa que o nosso parente primata mais

próximo é capaz de fazer. Um macaco com o tipo certo de treinamento pode convencê-lo de que está fazendo o que fazemos ao conversar, mas nenhum macaco, seja qual for o treinamento que receber, jamais o convencerá de que está fazendo o que esse caçador !Kung estava fazendo ao rastrear o oríx.

— Tem razão.

— É isso que estou propondo aqui, Jared: não cruzamos a fronteira ao começar a usar ferramentas; cruzamos a fronteira quando nos tornamos caçadores. Nossos ancestrais não-humanos fabricavam e usavam ferramentas, mas não eram caçadores, porque não tinham equipamento mental para ser caçadores. Em outras palavras, nós nos tornamos humanos caçando — e, evidentemente, nós nos tornamos caçadores ao nos tornarmos humanos. E, a propósito, caçar não é uma atividade exclusivamente masculina entre os povos aborígenes de hoje, de modo que não há razão para supor que fosse uma atividade exclusivamente masculina entre os nossos ancestrais humanos mais antigos.

— Desculpe — espero que não pareça uma pergunta inquisitorial —, mas você dá a impressão de estar dizendo que caçamos antes de sermos caçadores. Como você poderia caçar sem ser caçador?

— Como você pode voar sem ser uma ave, Jared?

— Não sei se estou entendendo o que você está dizendo.

— A mesma questão tem de ser resolvida para cada etapa do desenvolvimento. Aqui está o desafio clássico: se o olho se desenvolveu gradualmente, então era inútil antes de se tornar completo e funcional e, sendo inútil, não resultava em nenhum benefício para seu possuidor — então, por que evoluiu? A resposta é que algo inferior a um olho *é* útil para o seu possuidor. Todo tecido sensorial, por mais primitivo que seja, é melhor do que nenhum. Seja como for que o olho tenha surgido, deu a seu possuidor uma

pequena vantagem. O mesmo se pode dizer a respeito de um comportamento como a caça. Até a mais primitiva capacidade de rastreamento lhe dará uma ligeira vantagem sobre os que não a têm — e qualquer pequena vantagem tende a aumentar sua representação no patrimônio genético. À medida que aumenta a representação dos caçadores no patrimônio genético, esse comportamento se propaga e, em cada geração, os melhores caçadores — mesmo que estejam muito abaixo dos padrões modernos — terão uma vantagem e tenderão a ser mais bem representados no patrimônio genético. Em outras palavras, a capacidade de caçar — que nos seres humanos não significa velocidade nem poder, e sim inteligência — foi o vetor da seleção natural no caso da evolução humana. A inteligência de natureza humana não foi apenas um acidente feliz; ela não evoluiu só para termos belos pensamentos.

— Dá a impressão de que a linguagem teria desempenhado um papel nessa história toda.

— É claro que desempenhou. Eu lhe disse que nos tornamos humanos ao desenvolver um novo modo de vida. Os primatas não-humanos vivem de coleta, mas a coleta não requer muita comunicação. Um bando de primatas pode se estabelecer numa área e começar a coletar alimentos sem qualquer plano, coordenação, cooperação ou divisão de tarefas. Eles simplesmente se mudam e todos começam a mastigar. Mas esse tipo de comportamento não dá certo com caçadores primatas. Você não pode simplesmente se mudar e fazer com que todos comecem a caçar. O grupo de caça é que tem êxito — mas, nos primatas, o grupo de caça não está geneticamente gravado, como está nos lobos ou nas hienas. Nos primatas, o grupo de caça só pode existir por meio da comunicação.

— Então você está dizendo que a linguagem se desenvolveu como um

instrumento auxiliar da caça.

— A linguagem se desenvolveu porque conferia vantagens. Não tem de conferir apenas uma vantagem. A capacidade de usar a linguagem faz de você um participante precioso de um grupo de caça — portanto, também torna você precioso como par sexual. A capacidade de usar a linguagem significava que você tinha mais probabilidade de sobreviver e mais probabilidade de se reproduzir.

— Parece que a linguagem e a caça desenvolveram uma à outra. E, se foi isso o que aconteceu, então nos tornamos humanos não só por meio da caça, mas por meio da caça e da fala.

B concordou com um aceno de cabeça.

— Você não está me contradizendo, embora pareça pensar que está. Está só me antecipando. Não tenho condições de dizer tudo de uma vez só.

Por uma razão qualquer, achei graça nesse comentário, principalmente ao me imaginar respondendo assim: “Bem, por que não?”. Por um momento, pensei que seria capaz de segurar essa resposta e suprimi-la, mas meu sistema nervoso central tinha outras idéias, e eu comecei com um riso abafado, depois passei a rir disfarçadamente, depois a rir alto, depois a gargalhar — e foi a essa altura que B decidiu juntar-se a mim, e rimos desbragadamente por uns dois minutos.

Ambos paramos de rir já quase sem fôlego, com as lágrimas rolando pelo rosto, e, por uma fração de segundo, algo lhe passou pelos olhos que me fez pensar que ela quase me tomou por um ser humano, um semelhante. Depois, ambos respiramos fundo, uma respiração que nos fez estremecer, conseguimos controlar as emoções e voltamos ao trabalho.

O “gene caçador”

Ela bateu de leve outra vez no chão à nossa frente.

— Eu disse que havia muitas coisas que eu gostaria que você aprendesse com essa demonstração. A primeira é que nos tornamos humanos interpretando os sinais — e, evidentemente, conversando. Não nos tornamos humanos batendo pedras umas nas outras, nem fazendo sonetos. A inteligência nos convidou a explorar um novo modo de vida, baseado na caça e na coleta, e não somente na coleta. Esse novo modo de vida exigia — e recompensava novas formas de comunicação e cooperação.

“Agora vou falar da segunda coisa que eu gostaria que você aprendesse com essa demonstração. É inevitável que haja pessoas que vão achar que estou justificando a ‘violência humana’. Nada poderia estar mais longe da verdade. Em primeiro lugar, os seres humanos não precisam de nenhuma justificativa, porque não são extraordinária ou inusitadamente violentos — fora da nossa cultura, que representa uma fração muito, muito diminuta da humanidade. Fora da nossa cultura, os seres humanos são violentos nas mesmas circunstâncias em que outras espécies são tipicamente violentas — ao conquistar e defender um território. Isso não tem nada — literalmente nada — a ver com fronteiras políticas. A Alemanha não é um território num sentido biológico. A ligação entre um território político e um território biológico é puramente metafórica. Entende o que quero dizer com isso?”

— Não tenho a mais pálida idéia.

— Talvez voltemos a isso mais tarde. Nesse momento, quero me certificar de que você entende que, fora dessa nossa cultura enlouquecida, nós, seres humanos, não somos mais violentos que as outras espécies — e não foi a caça

que nos tornou violentos como somos. Nossos ancestrais coletores eram tão violentos quanto nós. Os não caçadores são igualmente violentos. As espécies vegetarianas são igualmente violentas. E também não somos a única espécie cujos membros exercem a violência uns contra os outros. Nada poderia estar mais longe da verdade. Se não considerarmos a atividade predatória, praticamente toda violência observada na comunidade biológica é violência entre as próprias espécies. Não posso explicar tudo aqui agora de uma vez, de modo que você vai ter de continuar nessa linha de raciocínio por conta própria, se estiver interessado.

“Algumas pessoas vão ouvir o que estou dizendo e interpretar as minhas palavras como um endosso ao esporte da caça. Repito: nada poderia estar mais longe da verdade. O fato de os seres humanos terem evoluído como caçadores não inculcou neles um desejo irresistível de liquidar os animais selvagens. O caçador bem-sucedido não é o mais sedento de sangue. A sede de sangue não é necessária — é irrelevante. Observe caçadores longe da civilização e você vai ver isso. Eles não saem para caçar espumando pela boca, e não matam gratuitamente”.

— Desculpe — disse eu —, e espero de novo que não pareça inquisitorial. Acho que li a respeito de descobertas arqueológicas de grandes matanças de bisões, a maioria dos quais parece ter sido deixada apodrecendo pelos caçadores humanos. Eles os matavam, pegavam as partes que lhes interessavam e abandonavam o resto.

— Por mais improvável que pareça, com base nos fatos que você acabou de mencionar, não foram matanças gratuitas ou danosas. Os caçadores do Velho Oeste — quero dizer, caçadores da nossa própria cultura — poderiam explicar o fato. Sabiam por experiência própria que você pode literalmente morrer de fome cercado de bisões se forem animais magros como os que você

encontraria no fim do inverno. Na ausência de outro alimento, a única forma de sobreviver no meio de bisões magros é matar grandes números deles e pegar a pouca gordura que eles têm. Não vou discutir a bioquímica disso agora, mas, se quiser, posso lhe emprestar um livro a esse respeito.

Disse-lhe que acreditava em suas afirmações.

— Onde é que eu estava...? Estava dizendo que caçar não é sinônimo de violência. Em outras palavras, o traço que estava sendo preservado enquanto evoluíamos como caçadores humanos não era um impulso assassino, era o talento da observação, da dedução, da previsão, da astúcia, da capacidade de fazer coisas que sejam percebidas e do estado de alerta. Essas são as qualidades que respondem pelo sucesso de um caçador — e não são específicas da caça, em absoluto. Se fossem, teríamos sido irresistivelmente impelidos a caçar. Mas *existem* coisas que somos irresistivelmente impelidos a fazer... e você pode vê-las aqui.

Bateu de leve no chão à sua frente.

O “gene contador de histórias”

— Diga-me o que aconteceu aqui nesse ponto há algumas horas, Jared.

— Bom, um besouro vinha andando e aí um roedor pulou da grama pela esquerda e o agarrou. Você disse que essas marcas parecem sinais de uma luta desordenada, mas não sei por que um roedor lutaria com um besouro.

— Talvez o besouro tenha contra-atacado.

— Pode ser... Seja como for, depois da luta o roedor carregou o besouro para a direita.

— Você sabe que isso — o que você acabou de fazer — está inteiramente

além da capacidade de qualquer outro animal deste planeta?

— Sei.

— Que você fez exatamente?

— Bem... na verdade, não fiz nada. Foi você que fez.

— Que estranho! Eu poderia jurar que vi seus lábios se moverem.

— É, mas... Qual foi exatamente a sua pergunta?

— Perguntei o que você fez.

— Você disse: “Diga-me o que aconteceu aqui” e eu lhe disse o que aconteceu. Não está certo?

— Está certo, sim. O que estou tentando fazer você ver é que nós dois fizemos coisas diferentes. Eu fiz uma coisa e você, outra. Quero que dê um nome ao que você fez.

Tudo quanto consegui pensar foi que eu tinha falado — e não ia dizer uma coisa dessas.

— O motivo pelo qual não consegue dar um nome ao que fez, Jared, é que subestima o que fez. Sabe quem é Koko?

— Koko? É uma gorila a quem ensinaram a linguagem dos surdos-mudos, não é?

— Certo. Se você sentasse Koko aqui e um besouro começasse a andar por aí e saísse um roedor do meio da grama e o agarrasse e levasse embora, Koko conseguiria fazer sinais dizendo mais ou menos o seguinte: “Inseto inseto roedor inseto corre briga roedor corre besouro”. Se, dez minutos depois, você conseguisse transmitir a ela seu desejo de ter uma descrição do que ela viu (o que é muito pouco provável), o máximo que poderia esperar seria algo como: “Koko roedor ver roedor inseto Koko ver”. Até isso seria notável. Mas o que Koko nunca vai conseguir fazer é o que você fez, que é...?

— Juntar tudo numa história.

— Exatamente — B bateu de leve no chão à sua frente. — Foi assim que começaram a contar histórias, Jared. Foi assim que as pessoas começaram a interpretar o mundo como uma série de histórias. Não existe uma criança em parte alguma do mundo, em cultura alguma do mundo, que não goste de ouvir uma história — e em todas as partes do mundo, em todas as culturas do mundo, uma história é uma história é uma história: começo, meio e fim. Começo: “Uma noite, um roedor estava andando no meio de uma grama alta a caminho de casa quando, de repente, viu um grande besouro preto movendo-se pesadamente numa clareira bem à sua frente. ‘Bem’, pensou o roedor, ‘besouros não são exatamente meu prato favorito, mas proteína é proteína!’” Meio: “E então o roedor escondeu-se na grama até o besouro estar somente a um pulo de distância e aí correu e o atacou. Mas, para surpresa do roedor, o besouro tinha, ele também, um poderoso par de mandíbulas, que fechou em volta do focinho do roedor. Para lá e para cá, os dois lutaram, até que, por fim, o roedor conseguiu fazer o besouro soltar seu focinho”. Fim: “‘Agora te peguei’, disse o roedor, usando o focinho dolorido para dar uma sacudidela no besouro e virá-lo de costas. Com o maior cuidado, evitando as pernas do besouro que não paravam de se agitar, assim como suas mandíbulas afiadas, o roedor engoliu o besouro e foi trotando para casa, muito feliz da vida”.

— Muito lindo, mas... Você acha mesmo que temos um gene “contador de histórias”?

— Bem... um geneticista ficaria horrorizado com uma expressão dessas. Não existe um gene isolado aqui dentro que você possa tirar e chamar de “contador de histórias”. A teoria que estou apresentando aqui é que contar histórias é uma característica genética no sentido de que os primeiros caçadores humanos que conseguiram organizar acontecimentos em histórias foram mais bem sucedidos do que os que não conseguiram — e esse sucesso

traduziu-se diretamente em sucesso reprodutivo. Em outras palavras, os caçadores que contavam histórias tendiam a ser mais bem representados no patrimônio genético do que os que não contavam, o que (incidentalmente) explica o fato de que contar histórias não é algo que você encontra aqui e ali entre as culturas humanas — é universal.

Prever o futuro

— Os povos do Grande Esquecimento contentam-se em achar que a história humana começou há apenas alguns milhares de anos, quando as pessoas começaram a construir cidades, mas *aqui* é onde nós nos tornamos seres humanos pela primeira vez. Não estou falando da maneira pela qual passamos a andar sobre duas pernas ou como foi que perdemos o pêlo. Andamos sobre duas pernas e não temos pêlos centenas de milhares de anos antes de cruzarmos *essa* fronteira.

Mais uma vez, ela bateu de leve no chão à sua frente.

— Foi aqui que a estrutura temporal do universo começou a ser gravada no cérebro humano. Esses rastros à nossa frente estão aqui no presente, é claro, mas não fazem o menor sentido se não os reconhecemos como vestígios de *acontecimentos passados*. Não teriam sentido para nenhuma outra espécie, porque nenhuma outra espécie seria capaz de interpretá-los como vestígios do passado.

— Não é isso que os cachorros fazem com um cheiro?

— Não, não tem nada a ver. Sentados aqui, você e eu estamos liberando no ar uma emanção física de nossas pessoas. Esse cheiro, essa emanção física, estende-se até o carro, e um cachorro que se deparasse com esse cheiro

poderia segui-lo facilmente até aqui, mas não estaria interpretando o passado, estaria interpretando o presente. Estaria usando o faro para chegar até nós, assim como você poderia usar os ouvidos para chegar a um concerto ao ar livre a quarteirões de distância.

— Ah, entendi a diferença.

— Voltando aos vestígios desse trecho do chão à nossa frente: para dar-lhes sentido, você não tem só de reconhecer que são vestígios de acontecimentos passados, você tem de reconhecer que têm uma direção no tempo: avançam para cá e terminam lá, onde se cruzam com a história do roedor. Dá para ver que a história do roedor continua — na direção de um futuro sobre o qual podemos fazer *previsões*. Em algum momento da noite passada, um roedor esteve aqui, e agora desapareceu — *naquela direção*. Se seguirmos esses rastros, sabemos que vamos acabar descobrindo algo *em* cima daqueles rastros — e que algo será esse?

— Um roedor.

— Um roedor, Jared, sobre o qual nunca pusemos os olhos até aquele momento. Entende o que estou dizendo? Sentados bem *aqui*, adquirimos a capacidade *de prever o futuro*. Nós nos tornamos *videntes*! Há alguns minutos, tentei deixar claro que o fato de nos tornarmos caçadores não nos dota de um desejo irresistível de assassinar animais selvagens, mas é verdade que nos dá alguns outros desejos que parecem *realmente* irresistíveis. Por exemplo: parece que somos irresistivelmente atraídos pelas histórias, em toda parte e a qualquer hora.

— É verdade.

— Há um outro desejo que nos veio por meio da caça: o desejo de saber o que vamos encontrar em cima daqueles rastros à nossa frente. Todos, absolutamente todos nós *queremos conhecer o futuro* — por qualquer meio

que seja, racional ou irracional, sensato ou fantástico. Isso está tão profundamente arraigado em nós e é tão universal que não paramos para pensar nem um momento no quanto isso é extraordinário. Para muitos de nós, as mínimas coisas são indícios do futuro. Ao nos levantarmos, vestimo-nos de uma certa forma com a esperança de encontrar uma certa pessoa. Lemos o jornal, não tanto para saber o que aconteceu quanto para descobrir o que *provavelmente* vai acontecer — nos eventos mundiais, na política, nos negócios, nos esportes e assim por diante. Consultamos a previsão do tempo para saber se vamos precisar de um guarda-chuva. A caminho do trabalho, revemos os planos para o dia, que sem dúvida alguma implicarão fazer planos para amanhã, para a próxima semana, para o próximo mês, talvez até para o próximo ano. Um bom dia é visto muitas vezes como um dia que sai *conforme o planejado*, sem surpresas desagradáveis. Em um certo momento, fazemos planos sobre a forma de passar a noite. Não há dúvida de que vamos gastar bastante tempo pensando nas coisas que precisam ser feitas, antecipando eventos futuros. Vamos comprar passagens aéreas, fazer reservas de quartos de hotel, tomar providências para que alguém receba um presente de aniversário daqui a alguns dias ou semanas.

Seria difícil para nós sequer imaginar uma espécie inteligente que não fosse obcecada pelo futuro — e talvez nunca possamos considerar inteligente uma espécie que não seja obcecada pelo futuro. Além de todo o planejamento supostamente racional que acabei de descrever, todos, absolutamente todos nós, somos intérpretes de augúrios e sinais — por mais que façamos pouco deles. Quando nos levantamos de manhã e o jornal atirado no gramado está molhado, o leite nos nossos flocos de cereais está azedo, a roupa que pretendemos usar está na lavanderia e o carro não pega, não existe um único de nós que consiga evitar pensar: ‘Vai ser um dia dos diabos’. Não existe um

único de nós que acerte na loteria sem pensar: ‘Eu tinha certeza de que ia ganhar!’ Não existe um único de nós que receba o telefonema de alguém em quem estava pensando naquele momento sem sentir uma ponta de orgulho com sua capacidade de clarividência. Não tenho absolutamente nenhuma crença racional na astrologia, mas, se alguém lê meu horóscopo, uma parte ínfima de mim ouve e diz: ‘Sim, sim, isso pode acontecer, faz sentido’.

“Você e eu poderíamos insistir em dizer que não acreditamos na capacidade de uma pessoa prever o futuro, mas os outros não são tão caretas como nós e darão crédito imediato a consultas com médiuns, a quem interpretar o tarô, a palma da mão, a aura, o I Ching, os sonhos. E isso é algo que existe em todas as vertentes culturais. A crença na adivinhação é encontrada em todas as culturas humanas, em todas as partes do mundo. Isso não significa que toda pessoa que procura ver o futuro esteja praticando magia. A astronomia se desenvolveu como uma forma de prever eventos celestiais. O objetivo de toda pesquisa de droga medicinal é determinar efeitos futuros, de modo que o médico possa dizer: ‘Tome essa pílula três vezes por dia que daqui a duas semanas você vai estar melhor’. Os médicos de todas as culturas estão associados à adivinhação, até mesmo os da nossa, e esperamos que sejam intérpretes competentes de sinais proféticos. Não faz diferença se estamos numa aldeia da Idade da Pedra ou num hospital da era atômica: esperamos que eles digam: ‘Vamos adotar esse procedimento hoje e amanhã você vai estar melhor’. O método científico é ele próprio baseado na formulação de previsões. ‘A teoria prevê que, fazendo A, B e C, o resultado será D. Vou testar a teoria dessa forma e ver se a previsão é acurada ou não’”.

“Como surgimos como caçadores, temos um anseio genético de saber para onde levam aqueles rastros e o que há no fim deles. Nosso apetite pelo futuro é tão persistente quanto nosso apetite por comida ou sexo. Dizer que é

genético é, evidentemente, propor uma teoria, mas, repito, não vejo nada de implausível nisso. O caçador que não sente apenas fome, mas também está ansioso por conhecer o futuro, com certeza terá uma vantagem sobre o caçador que só sente fome”.

— Claro, claro que sim.

Quando o deus está com você

— Jared, me responda uma coisa: você gosta de jogos de azar?

— Não, não particularmente.

— “Não particularmente”. Que significa isso?

— Acho que gosto de jogos de azar de maneira normal, fortuita. Posso passar uma noite com amigos jogando pôquer com apostas insignificantes; e, se alguém quiser ir até o fim da trilha para saber o que há lá, sou capaz de apostar uns dólares só para tornar a coisa mais interessante. Mas não sou daqueles caras que não se sentem vivos se não estiverem apostando em *alguma coisa*.

— Você dá a impressão de conhecer alguém assim — um jogador ou um apostador compulsivo.

— É, conheço, sim: meu irmão mais velho.

— Fale-me dele. Como se chama?

— Harlan. Acho Harlan muito estranho, é um enigma para mim, uma criatura de outro planeta.

— Continue.

Suspirei e me dei mentalmente um chute por não ter respondido à sua pergunta original e evitado esse tipo de questão.

— Harlan é exatamente como descrevi — não se sente vivo se não estiver apostando em alguma coisa. Seu motivo para se levantar de manhã é conferir os pontos, para saber como se saiu na noite anterior. Ele aposta em qualquer coisa, em qualquer lugar. Ele sabe de *tudo*. Se há um jogo de futebol em Melbourne, ele pode lhe dizer o nome dos jogadores, dos treinadores, suas façanhas nos últimos cinco anos. Mas não gosta de esportes — nem dos times. Só se interessa pelos resultados e em saber quem é o melhor — e, evidentemente, em ganhar.

— Ele não perde muito?

— Não, por estranho que pareça, não perde. Conheço um monte de jogadores que fazem alarde quando ganham e mentem quando perdem, mas Harlan é honesto. Se ele não ganhasse muitas vezes, ou se pelo menos não empatasse os ganhos e perdas, já teria falido há muito tempo, do jeito que ele aposta. Ele nem pisca para apostar dez mil dólares num jogo. Se ele não tiver essa quantidade de dinheiro para apostar, não se interessa.

— Tem de doer se ele perder.

— Exatamente. Ele vive e morre cinqüenta vezes por dia.

Shirin sorriu.

— E você não entende mesmo qual é a graça que ele acha nisso?

— Bem... uma coisa é ouvir falar disso e outra é estar por perto. Ele se casou uma vez — acho que durou três semanas. Ele não tem amigos, ele tem agenciadores de apostas.

— Como é que ele ganha a vida — ou é um jogador profissional?

— Não, ele é corretor de imóveis, um especialista em propriedades comerciais. Passa o dia no celular com clientes e agenciadores de apostas e as noites na frente da televisão mudando de canal o tempo todo para assistir aos jogos em que está interessado. Se os canais de televisão resolvessem ficar um

mês sem esportes, acho que ele teria de ser hospitalizado.

— Ele não gosta de jogar em cassinos?

— Ah, me esqueci disso. O jogo nos cassinos é para as férias. Ele passa as férias em Las Vegas ou Atlantic City. Teriam de fechar os cassinos também por um mês.

— Isso não tem importância. Ele sempre vai encontrar alguma coisa em que apostar. Apostaria em cara ou coroa nos bares. Jogaria dados nas esquinas. Apostaria no tempo que vai fazer, em quem vai ganhar as eleições, na marca do próximo carro que vai virar a esquina, no número de pessoas que vão sair do elevador.

— Você tem toda a razão.

— Não percebe mesmo o quanto vocês dois são irmãos em outros sentidos além do biológico?

— Não. Que sentido *você* vê nisso?

— O que está no fundo da obsessão de seu irmão? Você diz que ele vive e morre cinquenta vezes por dia. Ele vive e morre cinquenta vezes por dia para *descobrir* o quê?

— Que está *certo*.

— Não, você está completamente enganado. Se apostar com alguém que o Nilo é mais longo que o Amazonas, então é óbvio que a questão é você estar certo. Mas, se você aposta com alguém que a próxima vez que atirar a moeda para o alto ela vai cair com o lado da cara para cima, estar certo não tem nada a ver com a situação. A questão é saber se o universo vai confirmar o que você está dizendo. Se você diz cara e sai cara, não significa que você está certo; significa que Deus está com você. Você poderia ter dito coroa com a mesma tranqüilidade e, se Deus quisesse que você ganhasse, então daria coroa. É isso o que todo jogador compulsivo está realmente tentando descobrir: “Está do

meu lado, Senhor, ou contra mim?” Quando Harlan ganha, sente a confirmação divina como qualquer santo e, quando perde por dias a fio, entra em contato com a noite escura da alma, e sabe que Deus o abandonou.

— Tudo bem — disse eu. — Entendo o que você está dizendo. Lembro-me de uma vez, ao pedir cartas num jogo de pôquer, em que tirei exatamente aquela de que eu precisava para fazer um *straight flush*****. Tirar aquela carta foi indiscutivelmente uma experiência religiosa. Foi como uma transfiguração. Achei que todos os que estavam à mesa ficariam cegos pelo esplendor fulgurante que se irradiava de mim.

— Ao chamar essa experiência de religiosa, você está brincando?

— De jeito nenhum. Acho que foi aquele tipo de experiência que chamam de “oceânica”. Fiquei num estado de transcendência cósmica. Senti que, naquele momento, o universo estava *reparando em mim*. Eu estava em contato com a fonte do sentido e do ser.

— Uma experiência religiosa, mas provavelmente não uma experiência cristã.

— Não, não foi uma experiência cristã.

— Muitas conjecturas já foram feitas sobre esse sentimento oceânico de que você fala ser a fonte do impulso religioso, mas somente B remonta esse sentimento oceânico a esse pedacinho de chão que está aqui na nossa frente, com seus rastros de besouro e de roedor. Foi aqui que começamos pela primeira vez a entrar numa dimensão que está além do alcance de qualquer outra criatura da Terra, uma dimensão que certamente não é domínio nosso. Mas, se podemos imaginar que é o domínio de *alguém*, então de quem deve ser?

— Dos deuses.

— Atirar uma moeda para o alto e apostar que vai dar cara é entrar no

domínio dos deuses. Tirar uma carta que completa um *straight flush* é entrar no domínio dos deuses. Interpretar as marcas deixadas nesse pedacinho de terra e começar uma caçada é entrar no domínio dos deuses. E quando a moeda cai com o lado da cara para cima, quando a quinta carta completa sua seqüência e quando a caçada é bem sucedida, não importa se você acredita em um deus, em mil deuses ou em nenhum: você sabe que o universo está reparando em você, que você entrou em contato com a fonte do sentido e do ser.

A harmonia secreta

— Agora você entende — pelo menos espero que esteja entendendo — o que eu quis dizer com a harmonia de que falei ontem. Eu disse que, quando o processo mental cruzou a fronteira e se transformou em pensamento humano, talvez o próprio pensamento tenha começado a soar junto com uma nota que corresponde ao que chamamos de “religião” ou “consciência do sagrado”.

— Sim. Na hora eu não tinha a menor idéia do que você estava querendo dizer. Pensei que era muito improvável que você algum dia conseguisse me persuadir de uma coisa dessas.

— E agora?

— Agora faz sentido. O pensamento humano é pensamento que se volta para o futuro, e o futuro é inescapavelmente o domínio dos deuses. Cruzando a fronteira, não há como evitar encontrá-los.

— E você agora está em condições de entender a universalidade da experiência animista — entender por que um dia existiu uma religião universal neste planeta. Não importa onde você cruze a fronteira e encontre

aqueles deuses: a experiência é a mesma. A experiência africana não é diferente da asiática, nem da européia, nem da australiana, nem da americana. Toda caçada começa aqui — ela bateu de leve no chão à nossa frente — e acaba no domínio dos deuses.

Dinamitar a “Natureza”

B pediu-me que explicasse de novo o significado do nosso “trabalho de *bricolage*”.

— A concha fóssil representa a comunidade da vida — disse eu. — O animismo está ligado a essa comunidade e ressoa junto com ela. A Lei da Vida, representada pela caneta, está escrita na comunidade da vida, e o animismo interpreta essa lei, assim como a ciência à sua própria moda.

— Muito bem. Falamos sobre a ressonância em dois momentos aqui, não foi, Jared? O pensamento humano ressoa com uma harmonia que corresponde à consciência do sagrado, e o animismo ressoa com a comunidade da vida. Qual é a ligação? Essas ressonâncias são, na verdade, uma só?

— Tenho o palpite de que são uma só.

— São uma só, e, depois de entender isso, você está pronto para articular a visão animista da mesma forma que articulou a visão Pegadora.

Depois de dizer isso, B ficou num silêncio pensativo. Finalmente, depois de alguns minutos, continuou:

— Às vezes, você tem de tapar um buraco da estrada para conseguir que as pessoas tomem a direção certa e outras vezes você tem de dinamitar parte da estrada para impedi-las de tomar a direção errada — e, às vezes, é claro que você tem de fazer as duas coisas, que é exatamente o que estou fazendo com

você agora. Acho que vou começar dinamitando, embora saiba que não tenho dinamite suficiente, nem tempo suficiente, para destruir essa parte da estrada tão completamente quanto eu gostaria.

“Você vai ver as pessoas entrar nessa parte da estrada quando começam a falar sobre a Natureza, que é percebida como algo parecido com um aglomerado de processos e fenômenos do mundo não-humano — ou das forças que estão por trás desses processos e fenômenos. Tal como as pessoas a vêem comumente, nós, os Pegadores, tentamos ‘controlar’ a Natureza, ‘alienamo-nos’ da Natureza e vivemos ‘contra’ a Natureza. É praticamente impossível para elas entender o que B está dizendo enquanto estiverem sob o poder dessas idéias inúteis e desorientadoras”.

“A Natureza é um fantasma que surgiu conjurado exclusivamente pelo Grande Esquecimento, que, afinal de contas, é exatamente o esquecimento do fato de que somos parte dos processos e fenômenos do mundo tanto quanto qualquer outra criatura, e, se existisse algo chamado Natureza, seríamos parte dela tanto quanto os esquilos, as lulas, os mosquitos ou os narcisos. *Não* temos como nos alienar da Natureza, nem como viver ‘contra’ ela. Não podemos nos alienar da Natureza, assim como não podemos nos alienar da entropia. Não podemos viver contra a Natureza assim como não podemos viver contra a Lei da gravidade. Ao contrário: o que estamos vendo aqui de forma cada vez mais clara é que os processos e fenômenos do mundo atuam em nós exatamente da mesma maneira que atuam em todas as outras criaturas. Nosso modo de vida é evolutivamente instável — e é por isso que estamos em pleno processo de auto-eliminação, de uma forma absolutamente normal”.

— Acho que entendo tudo isso.

— Mesmo entendendo tudo isso, garanto a você que as pessoas vão lhe dizer: “Ainda assim, você não acha que precisamos nos aproximar da

Natureza?” Para mim, é tão absurdo quanto dizer que precisamos nos aproximar do ciclo do carbono.

— Claro. Por outro lado, algumas pessoas gostam realmente de estar ao ar Livre.

— É ótimo, claro, desde que não insistam em dizer que sentar na clareira de uma floresta não é “estar mais próximo” da Natureza do que estar sentado num cinema.

Pelos olhos do cervo

— Não passaria pela cabeça de ninguém dizer que um pato ou uma minhoca estão “próximos da Natureza” e, da mesma forma, também é verdade que nossos ancestrais animistas não estavam “próximos da Natureza”. Eles *eram* a Natureza — eram parte da comunidade geral da vida. Pertenciam àquela comunidade tão completamente quanto ‘as mariposas, os gambás e os lagartos’ — tão completamente e, devo acrescentar, tão inconscientemente quanto eles. Quero dizer que não se congratulavam por pertencer a ela, isso para eles era ponto pacífico. Pode-se dizer a mesma coisa dos modernos povos Largadores. Eles não pertencem à comunidade da vida como uma questão de princípio, ou por pensarem que é certo, nobre ou “bom para as crianças”, ou “bom para o planeta”. Enfatizo isso para mostrar minha aversão pela tendência corrente de angelizá-los, que eu pessoalmente não acho que é melhor do que demonizá-los, como fizeram nossos avós. Eles não precisam ser angelizados. Eles têm realmente um modo de vida mais saudável para as pessoas e para o planeta, mas não o mantêm porque são nobres, eles o mantêm pela melhor razão do mundo — porque o preferem ao nosso e acham melhor morrer do

que viver como nós.

Concordei com um aceno de cabeça para que ela soubesse que eu estava de acordo até ali.

— Viver na comunidade da vida deu-lhes de fato algo que perdemos, que é a compreensão plena de onde viemos. As crianças de nossa cultura pensam que a vida vem dos nossos pais humanos e que a comida é apenas mais um produto que fabricamos, como tinta, plástico ou vidro. As crianças das culturas de caçadores-coletores sabem que a vida não vem apenas dos nossos pais. Ela vem na mesma medida de todos os seres vivos que contribuem para a nossa subsistência. Essas plantas e animais não são produtos, assim como nós não somos, e, se vivemos na mão do deus, então eles também vivem, exatamente da mesma forma.

Ela sacudiu a cabeça, obviamente insatisfeita.

— De algumas coisas a prosa não dá conta, Jared. Deixe-me falar disso com Louis.

Ela fechou os olhos.

— As pessoas com quem aprendi a Lei da Vida, Louis, são as pessoas que realmente deram à lei esse nome, os esquimós Ihalmiuts, que viviam nas terras desoladas do Canadá, no interior do círculo ártico. A vida deles era estranha para os nossos padrões, mas essa estranheza facilita muito a nossa compreensão. Os Ihalmiuts eram o Povo do Cervo, porque o cervo era o animal de que se alimentavam. Eram completamente dependentes do cervo, porque outros animais eram raros e a vegetação que serve de alimentação aos seres humanos praticamente não existe no interior do círculo ártico. É difícil imaginar viver exclusivamente de carne — nem um pedaço de pão, uma barra de chocolate, uma banana, uma pêra, uma espiga de milho —, mas eles viviam, e eram inteiramente sadios e felizes.

“Eles nunca tinham de explicar quem e o que eram para os filhos, mas, se o fizessem, diriam algo assim: ‘Sabemos que você olha para nós e nos chama de homens e mulheres, mas essa é somente a nossa aparência, pois não somos homens e mulheres, somos cervos. A carne que cobre nossos ossos é a do cervo, pois é feita com a carne do cervo que comemos. Os olhos que se movem em nosso rosto são os olhos do cervo, e nós olhamos para o mundo em seu lugar e vemos o que ele teria visto. O fogo da vida que um dia ardeu no cervo arde agora em nós, e nós vivemos a vida dele e caminhamos em cima da linha formada por seus rastros na mão do deus. É por isso que somos o Povo do Cervo. O cervo não é nossa presa, nem nossa propriedade — é nós. O cervo é nós num ponto do ciclo da vida, e nós somos o cervo em outro ponto do ciclo. Os cervos são duas vezes nossos pais, pois sua mãe e seu pai são cervos e o cervo que lhe deu sua vida hoje também foi sua mãe e seu pai, pois você não estaria aqui se não fosse aquele cervo.

Ela abriu os olhos e me olhou de relance — um sinal, pensei, de que estava outra vez se dirigindo a mim e não a seu filho.

— Essa percepção do nosso parentesco com o resto da comunidade da vida é fundamental para a visão animista, Jared, embora seja naturalmente muito misteriosa e improvável para os membros da nossa cultura. Todos deviam passar algum tempo vendo as pinturas das cavernas do Paleolítico Superior — mas não como um exercício de apreciação de obras de arte. Identificar essas pinturas como arte, tal como a entendemos, é olhar para elas de maneira muito superficial. Elas são magníficas e brilhantes, mas não foram feitas pelos motivos que atribuímos a pintores como Giotto, El Greco, Rembrandt, Goya, Picasso ou De Kooning. Nem há realmente motivos para supor que foram feitas como instrumentos mágicos de caça. O que fica claro quando as examinamos é que são guias de caça — subsídios visuais para ensinar a caçar.

Por exemplo: muitas e muitas vezes, em vez de serem mostrados de perfil — como o resto do animal é mostrado —, os pés estão voltados para cima, para mostrar a superfície que faz os rastros que eles deixam no chão. Outra maneira de mostrar a mesma coisa é pintar o rastro do animal bem em cima dele ou a seu lado, e isso também acontece muitas e muitas vezes. Prestaram atenção aos excrementos do animal e à aparência que eles têm quando estão eliminando os excrementos (que, suponho eu, é uma atividade da qual os caçadores podem se aproveitar). Prestaram atenção a animais rolando na terra, chafurdando na lama e escavando o chão — todos sinais importantes para o caçador. Os animais são mostrados junto com as plantas das quais se alimentam (“encontre a planta e você encontra o animal”), junto com seus predadores (“siga o predador e você encontra a presa”) e junto com espécies simbióticas (“siga as andorinhas e você encontra o bisão”). Prestaram atenção aos urros, berros e bramidos característicos dos animais. Prestaram atenção ao que você provavelmente vai ver se o animal estiver escondido por rochas ou pela grama alta — um par de chifres, uma corcova típica. Prestaram atenção às pistas sazonais do comportamento — “quando o salmão está saltando desse jeito, você vai descobrir que os cervos também estarão em movimento”. Essas cavernas não são galerias de arte ou templos xamanísticos, são escolas das artes da caça — o equivalente a um de nossos museus de ciência e tecnologia.

Depois de tentar digerir aquilo tudo, disse-lhe que estava confuso.

— Você dá a impressão de que passar algum tempo nessas cavernas convenceria qualquer um de que nossos ancestrais caçadores tinham um sentimento de parentesco com o resto da comunidade de seres vivos.

— E com isso estou excluindo todos os aspectos mágicos das pinturas.

— Certo.

— Acho bom fazer essa exclusão. Acho que não estou falando de magia,

estou falando de algo como “entrar em sintonia”. É óbvio que esses caçadores reverenciavam os animais que estavam pintando — tinham respeito por eles, adoravam-nos da mesma forma que as pessoas da nossa cultura idolatram astros e estrelas de cinema e heróis do esporte. Para pintá-los da forma como o fizeram, tinham de sentir identificação e envolvimento prazeroso com as criaturas magníficas que caçavam. Mas estou vendo que você ainda não está muito convencido de tudo isso. É difícil ser persuasivo na ausência das pinturas propriamente ditas. Já viu alguma vez a reprodução de uma delas que costumam chamar de *O Feiticeiro*?

— Acho que sim, mas não me lembro dos detalhes.

— É convencionalmente interpretada como um xamã com uma máscara ritual, mas você precisa ter uma perspectiva muito literal (e poucos conhecimentos de anatomia) para interpretá-lo desse modo. Ele tem os chifres e o corpo de um veado, orelhas de leão, rosto de coruja, cauda e órgãos genitais de cavalo — e não há o menor indício de que esteja de máscara. Acho que é um caso único na arte paleolítica no sentido de não habitar apenas o plano onde foi pintado. Ele faz algo que nenhum outro homem ou criatura faz: olha para fora do plano onde foi pintado e fita os nossos olhos — com seus estranhos olhos de coruja. Na narrativa cinematográfica convencional, a regra é que o ator nunca, mas nunca mesmo, deve olhar diretamente para o “olho” da câmera porque, quando faz isso, desfaz a ilusão de estar interagindo com as outras pessoas que vemos na tela. Quando olha para a câmera, ele de repente está interagindo *conosco*. O homem-besta da parede da caverna de Les Trois Prères está inquestionavelmente interagindo conosco — apresentando-se graficamente na ausência do texto: “Olhe só”, está dizendo, “você está vendo o que sou — não sou apenas um homem. Não seria tão maravilhoso se eu fosse apenas um homem. Olhe de perto e você vai ver homem, cavalo, coruja,

leão e veado. Sou uma combinação de todos eles; já viu algo mais fantástico?”

Sorri, dei de ombros e sacudi a cabeça negativamente:

— Acho que gosto mais do seu jeito de falar sobre isso do que o jeito dos caras que fizeram a pintura.

Ela também deu de ombros.

— Certa vez, Lillian Hellman***** disse uma coisa que me surpreendeu: “Nada que você escreve sai do jeito que você esperava”. Essas não são exatamente as palavras dela, mas algo parecido. Elas me surpreenderam porque pensei: “Espere aí, você tem controle total sobre o que está na página; então, por que não sairia do jeito que você quer?” Suponho que a resposta seja: aquilo que esperamos conseguir está sempre além do poder humano. Queremos fazer a terra tremer, as pedras chorarem e os céus se abrirem. Eu queria ter feito isso para você agora, mas sei que não fiz.

Por um momento, quase pensei: como é que alguém poderia ter uma ambição estranha como essa. Depois me lembrei de mim mesmo quando jovem. Minhas ambições não haviam sido diferentes, mas tinham secado e perdido a substância, e os ventos e as chuvas do tempo as erodiram até reduzi-las a quase nada.

A teia incessantemente tecida

— Eu disse que faria uma escolha do que lhe revelaria sobre o modo de vida Largador para você ter condições de articular a visão animista tão facilmente quanto articula a sua própria visão.

— Estou lembrado.

— Eu lhe disse que esse pedacinho de terra que está aqui na nossa frente é

onde tudo começa — o pensamento humano, a consciência humana do sagrado e a história humana —, mas, por mais vezes que voltemos a isso, acho que nunca sou completamente franca com você. Tenho sido tímida. Não falei tudo — porque, apesar de tudo, acho que tenho medo da superioridade desdenhosa das pessoas do seu tipo.

Não tive vontade de perguntar que tipo era o meu (e provavelmente não precisava, também). Em vez disso, cometi o erro de lhe perguntar se eu já tinha mostrado alguma expressão de desdém.

— Muitas vezes, receio. Sei que você não tem consciência disso e sei que tenta reprimi-la, mas também sei que não é fácil para alguém com sua formação intelectual e cultural.

— Sinto muito — disse eu, insatisfatoriamente. — Muitíssimo.

— Eu sei. Charles também sabia. Caso contrário, você não estaria aqui.

Ponderei aquelas palavras durante algum tempo e finalmente disse:

— Acho que, se você quiser que eu faça o que deseja que eu faça, vai ter de me dizer coisas que tem medo de dizer.

— Você tem toda a razão — disse ela — e eu sei disso.

— Então fale com Louis, se isso ajudar. De certa forma, ajuda a mim também.

— Certo, vou fazer isso quando for preciso — disse ela. — Enquanto isso... Há uma hora, não sei se você se lembra, eu lhe disse que nos tornamos humanos lendo a história dos acontecimentos escrita aqui... aqui na mão do deus. E mostrei-lhe minha própria mão, assim. Sabe o que eu pretendia com isso?

— Mais ou menos.

— Está vendo essas marcas na minha mão?

— Claro que sim.

— Eu as estou comparando com *essas* marcas. — Ela indicou os rastros do besouro e do roedor. — Ambas as séries de marcas são linhas — linhas deixadas pela passagem da vida. É uma hipótese minha — e, evidentemente, é apenas uma hipótese — que essas linhas, tanto as que se encontram aqui na mão quanto as que estão no chão, fizeram surgir a hipótese de que vivemos na mão do deus desse lugar.

Ela estendeu o braço e fez com o indicador uma linha que cortava a trilha feita pelo besouro.

— A linha de Shirin — disse ela. — Como o besouro e o roedor, eu estive aqui um dia. E, se outra pessoa vier estudar essas linhas, ele ou ela vai dizer: “Todos os três estiveram aqui, em momentos diferentes, e todos estiveram na mão do deus — e todos ainda estão na mão do deus, embora não estejam mais aqui”. Toda trilha ou linha começa e termina na mão do deus, e toda trilha ou linha dura uma vida inteira. Caçador e caça estão ambos em suas trilhas quando se encontram, e não há trilhas, por mais separadas que se encontrem uma da outra, que não estejam na mão do deus. Todos os caminhos existem simultaneamente como uma teia incessantemente tecida, e a sua e a minha não são maiores nem menores que a do besouro ou a do roedor. Todas se mantêm inteiras e unidas.

“Essas são as coisas que eu gostaria de dizer a Louis. Fazemos nossa viagem em companhia de outros seres. O cervo, o coelho, o bisão e a codorna caminham na nossa frente, e o leão, a águia, o lobo, o abutre e a hiena, atrás de nós. Os caminhos de todos nós estão na mão do deus e nenhum é mais longo que nenhum outro, nem mais favorecido. O verme que se arrasta embaixo de seus pés está fazendo sua viagem pela mão do deus exatamente da mesma forma que você”.

“Lembre-se de que a linha formada por seus passos é um fio da teia

incessantemente tecida na mão do deus. Está amarrada à do camundongo do campo, à da águia das montanhas, à do caranguejo em sua toca, à do lagarto embaixo da pedra. A folha que cai no chão a milhares de quilômetros de distância afeta a sua vida. A impressão de seus pés no chão é sentida por mil gerações”.

No mar de folhas verdes

— Agora as minhas forças estão no fim, Jared, mas quero fazer mais uma caminhada pelo campo antes de encerrar o dia. Vai ser uma caminhada mental; portanto, não precisa pôr o chapéu Natty Bumppo. Onde você foi criado?

Respondi que havia sido em Ohio.

— Nunca estive lá, mas não pode ser completamente diferente do lugar onde cresci, as Grandes Planícies. Não é uma região inteiramente coberta por milharais, nem mesmo hoje. Quero que você viaje comigo para um lugar de que me lembro quando era criança, uma planície sem vestígios da civilização... Lembro-me de certa vez, quando era criança, de estar vendo um filme antigo de faroeste na televisão, chamado *The Sea of Grass (O Mar de Folhas Verdes)*. Não me recordo da história. Tudo quanto me recordo é de uma cena em que Spencer Tracy contempla aquele vasto mar de folhas verdes que se estendia por todo o horizonte e o vento agitando-o e fazendo ondas nele, exatamente como um mar de verdade. O lugar de que estou falando não era tão vasto assim, mas era o mesmo *tipo* de lugar. Feche os olhos e veja se consegue imaginar um lugar assim.

“O importante é se dar conta de que esse mar não é de folhas verdes, Jared.

É de cervos, bisões, carneiros, cigarras, toupeiras e coelhos. Estenda a mão e pegue um punhado. Continue... pelo menos mentalmente. Pegou? É um camundongo. E o camundongo, o boi, a gazela, a cabra e o besouro, todos queimam com o fogo das folhas verdes, da relva, das pastagens, Jared. As folhas verdes são seus pais e mães, e seus filhos são folhas verdes”.

“Uma coisa só: folha verde e gafanhoto. Uma coisa só: gafanhoto e pardal. Uma coisa só: pardal e raposa. Uma coisa só: raposa e abutre. Uma coisa só, Jared, e seu nome é fogo, que queima hoje como um galho no campo, amanhã como um coelho na toca e, depois de amanhã, como uma menina de onze anos chamada Shirin”.

“O abutre é raposa; a raposa, gafanhoto; o gafanhoto, coelho; o coelho, menina; a menina, folha verde. Todos juntos, somos a vida deste lugar, indistinguíveis uns dos outros, entrelaçando-nos no fluxo do fogo, e o fogo é deus — não Deus com *D* maiúsculo e sim um dos deuses com *d* minúsculo. Não o criador do universo, mas o que dá vida a esse lugar único. A cada um de nós é dado seu momento de esplendor, Jared, sua faísca sendo entregue a outro quando se desprende, para que o esplendor possa continuar. Ninguém pode se recusar a entregar sua centelha ao fogo e viver para sempre — nem um único ser. E não eu, com certeza, apesar do meu intelecto gigantesco. Um dia, todos — todos! — são enviados para um outro. Você foi enviado, Jared-Louis. Estão no seu caminho, ambos. Eu também serei enviada. Para o lobo, para o puma, para o abutre, para os besouros ou para as folhas verdes, serei enviada. Estou sendo enviada e agradeço a todos vocês, folhas verdes em todas as suas formas — fogo em todas as suas formas —, pardais, coelhos, mosquitos, borboletas, salmões, cascavéis, por partilharem a si mesmos comigo dessa vez, e estou trazendo tudo de volta, estou pagando até o último átomo, e sou grata pelo empréstimo.

“Minha morte será a vida de outro, Jared — garanto. E você vai ver, você que veio me conhecer, porque estarei de pé outra vez no meio dessas folhas verdes e você vai me ver olhando com os olhos da raposa e indo embora no ar com a águia e correndo atrás dos rastros do cervo”.

Os segredos

— São esses os nossos ensinamentos secretos, Jared. Sei que Charles lhe disse que os ensinamentos secretos são aqueles que os mestres passam maus bocados para conseguir transmitir. Entende agora por quê?

— Sim.

— Os povos Largadores do mundo estão tentando lhe dizer essas coisas há séculos, mas elas continuam sendo segredo. *Nós* certamente não as escondemos — longe disso. Não somos como os membros do alto escalão da maçonaria, dos templários ou da Ku Klux Klan murmurando segredos em salas fechadas e arrancando promessas de silêncio daqueles que os ouvem. Sempre que as pessoas se comportarem desse modo, você pode ter certeza de que estão guardando segredos muito insignificantes ou discutindo questões banais, como quando os Aliados planejaram invadir a Europa no fim da Segunda Guerra Mundial. Os verdadeiros segredos podem ser preservados mesmo que sejam colocados em *outdoors* para todo mundo ver.

A essa altura, estávamos voltando para o carro.

B disse:

— Quando começamos esse processo, você definiu da seguinte maneira a visão Pegadora: *O mundo foi feito para o homem, e o homem foi feito para subjugá-lo e governá-lo*. Será que lhe dei o suficiente para você definir a

visão Largadora, ou animista?

— Acho que sim.

Continuamos andando e, felizmente, ela não me pressionou. Por fim, quando avistamos a rua, parei e disse:

— Isso é o melhor que posso fazer. Não me parece muito elegante.

— Não vai fazer o chão tremer.

— Não. Nem fazer as pedras chorarem, nem os céus se abrirem.

— Entendo o que quer dizer, Jared. De verdade.

— *O mundo é um lugar sagrado e um processo sagrado* — disse eu — *e somos parte dele.*

— Excelente, Jared, simples e exato. Foi isso o que você entendeu — e é isso que os povos Largadores entendem até hoje. Aonde quer que vá nesse mundo, vai encontrar pessoas para quem é ponto pacífico que o mundo é um lugar sagrado e que fazemos parte desse lugar sagrado tanto quanto qualquer outra criatura. — Sorrindo, ela passou os olhos pela praça, como se lhe desse um adeus silencioso. Depois me incluiu no sorriso enquanto dizia: — Talvez *algum dia* alguém encontre uma forma de dizer isso que faça o chão tremer.

O fóssil

Mais ou menos na metade do caminho de volta ao hotel, eu disse:

— Você ia me dizer o que Charles tinha em mente em relação ao fóssil de amonite quando o deu para mim.

— Ah, sim! — Ela continuou dirigindo por mais alguns quarteirões, depois encostou o carro no meio-fio e parou. — Charles era muito melhor do que eu com esse lado das coisas. Ele teria feito você se sentar e *ver* como o

passado, o presente e o futuro estavam entrelaçados naquele pedacinho de chão. Teria lhe mostrado que você pode realmente prever o futuro a partir dos sinais que viu ali. Nada mágico. Como eu mesma disse, estamos todos envolvidos na previsão do futuro o tempo todo. Ele gostava de chamar a atenção para o fato de que o nosso fascínio com a caça não desapareceu nos tempos modernos, só encontrou um novo objeto — a história de mistério, em que todos os talentos clássicos entram em cena: observação, dedução, previsão, astúcia, dissimulação e vivacidade.

— Que isso tem a ver com o fóssil?

— Onde está ele?

Tirei-o do bolso e dei para ela.

— Acho que ele estava planejando perguntar-lhe sobre o futuro desse fóssil, que é pelo menos seis milhões de anos mais velho que a raça humana. É uma porção de tempo espantosa de seu passado que você conhece. Mas o que sabe do seu futuro?

— Absolutamente nada.

Ela riu e sacudiu a cabeça.

— Tenho certeza de que ele teria previsto essa resposta sem a menor dificuldade.

— Tenho certeza que sim — disse eu um pouco chateado.

—Vamos lá — disse ela, saindo e abrindo o porta-malas, de onde tirou um macaco, que passou para mim.

— Que eu tenho de fazer com isso?

Ela subiu no meio-fio, sentou-se e, logo que me sentei também, ela colocou o fóssil entre nós e me disse que o esmigalhasse.

— Não vou fazer isso.

— Vai, sim.

— Não vou — disse eu outra vez. — Por que quer que eu faça uma coisa dessas?

— Quero lhe mostrar como prever o futuro — disse ela, meio rindo, foi a impressão que tive.

Peguei o fóssil, coloquei o macaco no porta-malas e entrei no carro.

— Charles teria se saído melhor — disse ela, enquanto deixávamos aquele lugar. — O objetivo do exercício precisa ficar mais claro.

Ri com desdém.

— Charles teria conseguido que você o esmigalhasse.

B riu — para mim, em meu estado de estupefação, um som mais lindo que o canto de um pássaro.

No hotel

Eu disse a B para não me esperar no teatro naquela noite, o que, aliás, nem precisava ter dito, pois fiquei ocupado até as onze com o que acabei de escrever.

Agora vou descer até o bar, tomar uns drinques e pensar em absolutamente nada durante uma hora. Depois, só para variar, vou ter uma noite de sono normal. Amanhã à noite, Shirin vai falar em público como B pela primeira vez. Estou louco para ver como ela se sairá.

***Livro do Esplendor. Obra Clássica cabalística judaica.**

****Guerra santa que todo muçulmano deve empreender para defender, ou estender, o domínio do islamismo.**

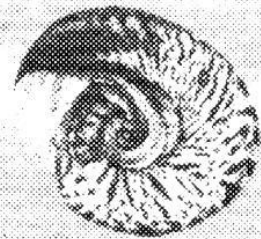
*****Princípio criado por Guilherme de Occam (1285-1349), segundo o**

qual “não é necessário multiplicar as essências sem necessidade”.

****** Cinco cartas do mesmo naipe, em seqüência. (N. do E.)**

*******Dramaturga americana (1905-1984) que abordava em suas peças os efeitos da exploração e da ambição nas relações pessoais, políticas e sociais.**

parte
três



Sem data

Dizem que estou num hospital.

Dizem que estou aqui há três dias.

Dizem que tive uma concussão.

Dizem que costelas contundidas doem mais que costelas quebradas.

Dizem que eu estava num lugar onde houve uma explosão.

Dizem que o teatro explodiu.

Dizem que ninguém sabe o motivo da explosão.

Dizem que o teatro está soterrado sob um enilhão de toneladas de entulho.

Dizem que provavelmente a explosão foi provocada por gás.

Dizem que aconteceu por volta das seis da tarde.

Dizem que o teatro estava vazio na hora.

Dizem que ninguém nunca morou ali.

Dizem que essa é uma idéia ridícula.

Dizem que não vão escavar um enilhão de toneladas de entulho.

Dizem que nenhum corpo seria encontrado.

Dizem que não houve nenhum comunicado de desaparecimento.

Dizem que não apareceu ninguém para me visitar.

Dizem que ninguém telefonou, a não ser o padre Lulfre.

Dizem que conversei com ele ao dia seguinte à explosão.

Dizem que me esqueci disso por causa da concussão.

Dizem que conversei com ele ontem.

Dizem que me esqueci disso por causa da concussão.

Dizem que é “quase certo” que esse problema vai passar.

Dizem que eu talvez me lembre da explosão um dia.

Dizem que eu talvez nunca me lembre da explosão.

Dizem que devo pegar o avião de volta para casa assim que tiver forças para isso.

Dizem que posso ter forças suficientes depois de amanhã.

Dizem que meus pertences estão no guarda-roupa.

Dizem que os trouxeram do meu quarto de hotel.

Dizem que todos os meus cadernos estão intactos.

Dizem que não devo vê-los agora.

Dizem que não devo escrever agora.

Dizem que não devo ficar excitado agora.

Dizem que não devo me preocupar agora.

Dizem que não devo pensar agora.

Dizem que devo descansar agora.

Dizem que devo ficar calmo agora.

Dizem que está na hora da injeção.

Digo que preciso fazer minhas anotações.

Dizem que meu caderno vai estar aqui assim que eu acordar.

Dão-me uma injeção.

Começo a ficar calmo.

Sem data

Parece que isso foi realmente escrito por mim.

Sem data

Eu, Jared Osborne, escrevo tudo isso para Jared Osborne para quando acordar

no meio da noite, como parece que acontece, e não souber onde diabos você está. As páginas anteriores, que começam por “Dizem que estou num hospital”, também foram escritas por mim para quando você acordar no meio da noite — mas não me lembro de tê-las escrito, assim como não vou me lembrar de ter escrito *isto aqui* da próxima vez que acordar no meio da noite e encontrar o caderno no criado-mudo ao lado da cama.

Sem data

Isso é concussão. É isso que você tem de colocar firmemente na cabeça. Você tem uma concussão e, nos próximos tempos, sua memória de longo prazo está fora do seu alcance. Esperamos que seja “pelos próximos tempos” — nós, todos os Jareds que lemos e escrevemos neste caderno. Os médicos que nos dizem nosso nome pacientemente, todos os dias, e o qual esquecemos regularmente todos os dias, asseguram que, muito provavelmente, é uma situação temporária.

31 de maio

Parece que dormi um bocado. Não tenho idéia se foi durante horas ou dias. Agora, depois de acordar, estendo automaticamente o braço para pegar este caderno. Não me lembro do que está escrito nele, mas sei que ele tem as respostas.

Acho que o propósito disso é que, mesmo que minha memória de longo prazo nunca volte, esse caderno pode servir como uma espécie de arquivo cumulativo. Reuni um monte de informações na última hora, que eu vou pôr

aqui.

Em primeiro lugar, estou de volta aos Estados Unidos (continuo com vontade de dizer *nós*, querendo indicar como plural o Jared que está escrevendo estas notas e todos os Jareds que vão lê-las nos próximos dias). Estou no que os seminaristas chamavam de “A Fazenda da Companhia”, que é para onde você vai quando “precisa descansar um pouco” — umas feriazinhas da bebedeira — ou quando os boatos a respeito de você e dos coroinhas estão começando a ficar um pouco mais rumorosos. Todas as grandes ordens têm essas instituições, evidentemente, e algumas delas possuem várias, com especializações muito bem ponderadas. É claro que não são mais chamadas de penitenciárias; hoje em dia são chamadas de “centros de retiro”. Este em que estou fica numa zona rural cheia de elevações e depressões suaves, a cerca de mil e quinhentos quilômetros de St. Jerome.

Descobri isso ao pegar o telefone que fica no criado-mudo. Parece que sempre faço isso. Tim, o jovem que respondeu do outro lado (não sei se ele é jovem, mas parece), disse-me para ler as anotações do meu caderno e eu lhe disse que já tinha feito isso. Então, ele me disse onde eu estava, que estava aqui havia dois dias, que eram duas da manhã (evidentemente, minha hora favorita de telefonar), 31 de maio.

O que ele chama de “o acidente” aconteceu há “cerca de uma semana”. Se está certo, a explosão deve ter sido no sábado, o dia programado para Shirin falar no teatro. Mas sábado parece impossível à luz do que escrevi a respeito do que “eles” me disseram da primeira vez, provavelmente em Radenau. Se aconteceu na sexta-feira, eu não teria estado lá, pois estava planejando ter uma boa noite de sono depois de passar o dia na praça com B. Por isso concluo que provavelmente aconteceu no domingo.

Tim não sabe absolutamente nada sobre a explosão, exceto que fui tirado do

meio do entulho e considerado um cara de muita sorte por estar vivo.

Perguntei-lhe o que fazer para conseguir uma linha externa e ele me respondeu que eu teria de falar com o dr. Emerson a esse respeito. Disse-lhe que eu só queria ligar para minha mãe para informá-la de que eu estava bem, mas ele replicou que eu teria de falar com o dr. Emerson a esse respeito. Perguntei-lhe que outros tipos de pacientes estavam nessa ala e ele me disse que uma pergunta dessas eu teria de fazer ao dr. Emerson. Perguntei-lhe se poderia mandar alguém aqui para conversar comigo e ele disse que estávamos no meio da noite e que ele próprio viria se não tivesse de ficar em sua mesa de trabalho. Perguntei-lhe se eu poderia ir até lá para conversar com ele e ele disse que não era uma boa idéia àquela hora da noite, mas que teria muito prazer em conversar comigo tanto quanto eu quisesse, pelo telefone.

Perguntei-lhe se esse era um hospital comum e ele disse que não, não de verdade, porque aqui não há ninguém com, digamos, você sabe, doenças, como câncer, pneumonia ou apendicite. É mais como uma clínica de repouso, diz ele.

Perguntei-lhe se poderia fazer uma ligação para mim e ele respondeu que só se o dr. Emerson permitisse. Perguntei-lhe se alguém tinha vindo me visitar e ele disse que tinha certeza quase absoluta de que não. Perguntei-lhe se esperavam alguma visita, e ele disse que talvez, mas que ele não saberia necessariamente muito tempo antes. Perguntei-lhe se alguém tinha perguntado por mim e ele disse, oh, claro, ligam todos os dias para saber como você está passando. Perguntei-lhe quem era e ele disse que não sabe.

Eu disse que estava surpreso pelo fato de terem me removido da Alemanha.

Ele disse:

— Bem, você não tem nenhum problema funcional, sabe. Só se esqueceu das coisas. Como agora. Tudo quanto você está dizendo faz sentido, mas,

quando acorda de manhã, é provável que não se lembre de ter dito nada. Você não está inconsciente nem nada do gênero, só se esquece. Por exemplo: você se esqueceu de que já teve essa conversa três vezes.

— Já conversamos sobre tudo isso três vezes?

— Duas vezes a noite passada; hoje é a terceira vez.

— Acho que não vou esquecer dessa vez.

— Bom, espero que não. Mas foi o que você disse da última vez.

Disse-lhe que ia amarrar um cordão no meu dedo, e ele riu.

Ele riu, mas não sabe qual é a parte engraçada de verdade: já estou com um cordão amarrado no dedo.

Sábado, 1º de junho

De manhã

Mesmo assim, quando acordei, lembrei-me daquela conversa com Tim. Perdi quase exatamente uma semana, com diferença de horas.

Tive de esperar até meio-dia para ver o dr. Emerson, que era bem parecido com o que eu tinha imaginado que fosse e bem parecido com o que eu achava que tinha de ser para administrar um lugar daqueles: de idade suficiente para exercer autoridade, mas não um velho superior hierárquico, impassível, imperturbável, insensível, inabalável — e sim homem muito cordial e disposto a ouvir.

Eu disse que queria falar com o padre Lulfre e fiquei surpreso ao saber que esperavam sua chegada ao centro ainda hoje, na hora do jantar.

Como Tim, o dr. Emerson não sabia nada do “acidente”. Quando pedi permissão para telefonar para a Alemanha, ele perguntou com quem eu queria falar. Eu estava preparado para a pergunta e apresentei-lhe uma folha de papel com três nomes. A incrível verdade é que não sei o sobrenome de Shirin. Nunca fomos apresentados formalmente um ao outro e nunca houve um momento propício para perguntar. Sei qual é o sobrenome de Michael — como me pareceu ser ao ouvi-lo —, mas tanto poderia ser Dzerkinski como Dyurzhinsky ou, conforme entendi Dershinsky. Sem o primeiro nome, seria impossível encontrar Frau Doktor Hartmann. Portanto, as três pessoas cujos nomes constavam da lista eram Monika e Heinz Teitel e Gustl Meyer, o dono da loja de “refugos”, *Überbleibseln*.

O dr. Emerson olhou os nomes de relance e observou que devia ser de

madrugada na Alemanha.

— Não, na verdade. Lá deve ser meio da noite — a melhor hora para a gente telefonar.

— Seu alemão é suficiente para falar com o operador?

Quando disse que não, ele fez algo que me impressionou muito. Sem hesitar um momento, levantou o fone do gancho e começou a apertar botões. Em sessenta segundos ele conseguiu o número do código da Alemanha, o número do código da cidade de Radenau e exerceu uma força de vontade suficiente para conseguir um operador que falasse inglês. Quando já estava com os números na mão, o operador perguntou se ele queria fazer a ligação e ele respondeu que sim, para tentar Gustl Meyer. Como não houve resposta, o operador tentou o número dos Teitel. Quando atenderam, o dr. Emerson perguntou se era Monika Teitel quem estava falando. Evidentemente, a resposta foi sim, porque ele me passou o telefone.

Eu disse:

— Monika, é você? Aqui é o padre Jared Osborne. Nós nos conhecemos no porão do teatro...

— Ah, sim — disse ela. — Que o senhor quer?

Foi tão pouco cordial quanto parece. Eu disse:

— Estou ligando dos Estados Unidos. Você sabe que eu estava na explosão...

— Sei.

— Monika, estou tentando descobrir o que aconteceu.

— O teatro explodiu.

— Eu sei, eu estava lá, mas fui atingido na cabeça e não me lembro de nada. O que estou tentando descobrir é se havia alguém lá no...

O telefone fez um barulhão ao ser colocado no gancho.

Esperei durante um minuto extremamente penoso até ouvir o fone ser tirado do gancho outra vez.

— Todos morreram — disse Monika.

— Que? Não!

— Perguntei a Heinz e ele disse que todos morreram.

— Mas me disseram que o teatro estava vazio!

Ouvi-a dizer:

— Aqui! — E outra voz entrou na linha: a de Heinz.

— Que o senhor quer? — perguntou ele. — Estão todos mortos.

— Não! Heinz, disseram-me que o teatro estava vazio.

— Quem lhe disse isso?

— Disseram-me no hospital. Disseram-me que ninguém esperava encontrar corpos, porque o teatro estava vazio.

— Ja, sei. Eles disseram.

— Você *sabe* se Shirin estava lá?

Ouvi uma discussão abafada entre os dois.

— Vou desligar agora — disse Heinz.

— Não, espere! Pode me dizer o sobrenome de Shirin? O sobrenome?

Heinz pensou por um momento antes de dizer:

— O senhor também devia estar lá.

E desligou.

De tarde

Passsei as três horas seguintes na cama e os pensamentos que tive não precisam ficar registrados aqui.

For volta das quatro horas, alguém bateu na porta e entrou, apresentando-se

desembaraçadamente como padre Joe. Queria saber se poderia marcar uma hora para mim na capela.

Perguntei:

— Quê?

— Amanhã é domingo, padre — disse ele. — Suponho que vai rezar a missa.

— *Não* vou rezar a missa, não — retruquei.

O padre Joe desapareceu como se fosse uma marionete que tirassem do palco puxando-lhe os cordões.

Portanto, ao menos isso estava resolvido. Alcancei e ultrapassei o quinquagésimo grau na escala de perda da fé.

De noite

Tim, meu confidente noturno, é um índio americano, com a constituição de um lutador de sumô. Esse é um emprego de verão para ele. Durante o ano letivo, é aluno do primeiro ano de uma faculdade de uma cidadezinha próxima. Não tendo comido nada o dia inteiro, eu estava morrendo de fome e ele me disse como chegar à sala de refeições, na qual dei uma olhada e concluí que não poderia suportar agora — luzes demais e conversa demais, na qual as pessoas iam querer me incluir.

Voltei e perguntei a Tim se poderiam me mandar uma bandeja para o quarto, e ele disse, claro, nada mais fácil.

Disse-lhe que estava esperando uma visita da Universidade de St. Jerome, cujo nome era padre Lulfre, e ele me perguntou como é que ele vinha. Respondi-lhe que achava que vinha de carro.

Tim examinou seus papéis e perguntou se ele ia passar a noite ali.

— Suponho que sim.

Ele sacudiu a cabeça numa negativa.

— Acho que não — disse ele. — Eles têm o maior cuidado em nos informar sobre essas coisas e não temos nenhum padre Lulfre aqui.

— Esperam-no para jantar.

Tim deu de ombros e repetiu que achava que não.

Voltei para o quarto e, sem nada melhor para fazer até minha bandeja chegar, resolvi fazer um levantamento e ver quantos dos meus bens tinham se desviado. Surpreendentemente, exceto minha carteira de dinheiro, com todo o dinheiro e os cartões de crédito, até a última coisinha parecia estar ali, até mesmo o passaporte. Telefonei para Tim e ele confirmou minha suspeita de que a carteira estava trancada à chave no escritório, “por questão de segurança”.

O objeto de maior interesse era o gravador, que tinha uma fita com uma gravação de mais ou menos uma hora. Depois de comer e devolver a bandeja, rebobinei a fita e apertei o botão *play*, cruzando mentalmente os dedos e segurando a respiração. O primeiro segundo confirmou minhas esperanças: era a fita da palestra de Shirin no teatro, no dia 25 de maio. Fiz a fita parar de tocar para considerar o fato de que, se Heinz Teitel estava certo, essas seriam as últimas palavras que eu ouviria dela. Esse pensamento não me fez nenhum bem. Apertei o *play* e ouvi*.

Seguindo meu costume de não gravar recapitulações, era evidente que eu havia ligado o gravador no meio da palestra. Não é fácil resumir o que senti ao ouvir o que ela tinha a dizer. Ela finalmente juntou tudo. Eu não tinha idéia de como a palestra tinha sido “oficialmente” batizada. Só sabia que poderia ter sido chamada de “A Grande Recordação”. Em isso, o cumprimento da promessa — e só me deixou com um milhão de dúvidas.

Mas uma coisa eu finalmente entendera sem sombra de dúvida, e era porque tanto Charles quanto Shirin se recusaram a se defender da acusação de ser o Anticristo. Estava frustrado comigo mesmo por ter sido tão obtuso a respeito disso, por não ter ouvido o que eles estavam me dizendo, nem o que o padre Lulfre estava me dizendo. Seja como for, finalmente entendi por que, quando eu disse que B parecia inofensivo, a resposta do padre Lulfre foi: “Não pode ser”.

De fato, eu não tinha razão.

Fiz uma cópia escrita da palestra. Nessas circunstâncias incertas, nenhuma precaução parecia exagerada.

Obviamente, o padre Lulfre não apareceu aqui hoje à noite — se apareceu, já deve estar dormindo há horas.

Três da manhã

Finalmente entendi por que não consigo dormir. Vou ter que aprender a pensar mais como um fugitivo. Estou acostumado demais a ser passivo e ingênuo. Levei duas horas me revirando na cama para entender o x da questão, que é: essa é uma situação potencialmente desastrosa para mim.

Não sei por que o padre Lulfre não apareceu aqui esta noite, mas estou felicíssimo por ele não ter aparecido, porque não poderia haver lugar pior para enfrentá-lo. Se ele quisesse, poderia me trancar aqui e jogar a chave fora. Tenho de sair daqui *neste exato minuto* e espero me encontrar com ele num terreno mais favorável. Felizmente, se existe uma ala neste lugar que seja de extrema segurança, não é esta. Acho que poderia sair sem nada além do essencial (gravador, cadernos, fitas e passaporte), mas uma viagem de mil e

quinhentos quilômetros sem mais nada no bolso além de fiapos de algodão não é uma perspectiva muito animadora. Devo pelo menos tentar persuadir Tim a liberar só um cartão de crédito da minha carteira que está no cofre.

* **O** texto dessa palestra está no último capítulo: **Os ensinamentos públicos**
– (5 - A Grande Recordação)

Segunda-feira, 3 de junho

O fugitivo a mais de vinte e sete mil metros de altura

Então é isso. Entre este momento e Hamburgo tenho um maravilhoso punhado de horas pela frente, durante as quais posso dormir e atualizar este diário — e numa bela e espaçosa poltrona de primeira classe, pois não havia mais nada disponível neste voo. Os laurencianos não vão notar a diferença e com certeza esperam mandar seus apóstatas embora com um aperto de mão e um Visa Golden.

Embora tenha levado quase duas horas, consegui persuadir Tim. Posso ser bobo, mas ninguém nunca me disse que não sei me fazer entender. Fiz uma tentativa de convencê-lo a me jogar as chaves do seu carro, mas não, ele não iria tão longe. Precisei de mais um bom par de horas, mas finalmente consegui pegar uma carona. Os padres têm de cultivar uma aparência inocente, inofensiva, que vem a calhar na estrada (como sabe todo *serial killer*). Assim que cheguei a um caixa automático, senti que estava a salvo.

Cheguei ao escritório do padre Lulfre às onze da manhã e, por Deus, lá estava ele, exatamente como o tinha deixado havia quase um mês — algo com que eu não chegava a contar, pois era domingo.

Ele ergueu os olhos para mim do outro lado da mesa, absolutamente atônito, e disse:

— Você não precisava fazer isso, Jared. Eu estava planejando ir vê-lo hoje.

Ele não tinha entendido nada; achou que eu pularia o muro de pura impaciência para estar perto dele.

— Estou aqui para um acerto de contas, padre Lulfre.

Ele pôs a tampa na caneta e colocou-a de lado — movimentos suaves, bem calculados.

— Um acerto de contas, é? Você está parecendo o intrépido herói de um melodrama do final do século.

— O século é outro — disse eu enquanto me sentava —, mas é isso mesmo.

— Que contas são essas que você quer acertar?

— Vou lhe dizer o que me lembro para o senhor poder me contar o resto.

— Tudo bem.

— Dizem que eu poderia acabar me lembrando da explosão, mas tudo de quanto me lembro agora é de um clarão súbito. Durante algum tempo, pensei que se tratasse de alguma coisa que eu tinha sonhado, e talvez seja, mas não acho que seja. O senhor conhece a estrutura do teatro?

— Sim.

— Seu homem em Radenau fez um esboço para o senhor.

O padre Lulfre concordou com um aceno de cabeça e acrescentou:

— Na verdade, nosso homem na Europa.

— É aquele senhor idoso que se apresentou a mim como Herr Reichmann?

— Exatamente.

— Por que o senhor não me disse que já tinha um homem a postos lá?

Ele deu de ombros.

— Sempre é melhor quando você pensa que a responsabilidade é toda sua.

— Então, por que ele telefonou para me dar instruções?

— Ele ficou impaciente. Os profissionais sempre ficam impacientes com os amadores. Você sabe disso.

Sacudi a cabeça negativamente.

— Por que me mandou, afinal de contas?

— Nós o mandamos exatamente pelas razões que lhe apresentei. — Ele sorriu por um momento. — *Quase* exatamente pelas razões que lhe apresentei. Com seu nome real, Reichmann mantém escritórios absolutamente respeitáveis em Berlim, Praga e Paris, e trabalha como varejista para uma dúzia de companhias e indivíduos diferentes, a maioria do Reino Unido. É uma pessoa muito útil, instruído, e noventa por cento dos servicinhos que lhe damos são rotineiros e inócuos, mas, quando lhe pedimos para investigar Charles Atterley para nós, ele mostrou um lado que não tínhamos visto antes. Sua abordagem foi: “Não consigo entender o que esse sujeito fala; por que não lhe dou um tiro e a gente acaba logo com isso?”. Seja o que for que você pense de nós depois dessa experiência terrível, Jared, absolutamente ninguém pensou em seguir esse conselho. Tínhamos de enviar um dos nossos para dar uma olhada em Atterley e, creia-me, queríamos muito que você nos persuadissemos de que ele era inofensivo.

— E não consegui.

— Não estava em nossas mãos, na verdade. Foi condenado pela própria boca, pelas palestras que você nos mandou pelo fax.

— E o senhor autorizou realmente o assassinato dele?

O homem deu de ombros.

— Disse muito bem, Jared: nossos dias ainda são aqueles dias. Nada mudou nos últimos quinhentos anos — nem nos últimos mil —, exceto que os hereges não podem mais ser executados em público. Levo isso tão a sério quanto o papa Inocêncio III, que ordenou a cruzada contra os albigenses. Levo isso tão a sério quanto Pio V, que, quando era o grande inquisidor, instigou pessoalmente o massacre de milhares de protestantes no sul da Itália. Levo isso tão a sério quanto Tomás de Aquino, que disse: “Se os criminosos comuns podem ser condenados à morte por justa causa, então por uma causa

muito mais justa os hereges devem ser executados”. Pois Tomás sabia muito bem que o assassino só reduz a vida temporal de seu próximo, enquanto o herege o priva da vida eterna. Se você não entende mais a diferença — ou se ela não tem mais importância para você —, então assumo que perdeu a fé.

— Sua hipótese está correta, padre. Receio que tenha caído presa da falácia modernista.

— Sinto muito ouvir isso — disse ele, e vi que estava sendo sincero.

— Como o senhor repetiu uma citação minha, que “os nossos dias ainda são aqueles dias”, suponho que o engenhoso Herr Reichmann “grampeou” o teatro.

— É claro que sim. Era uma coisa tão óbvia a fazer. Atterley e seus seguidores eram inacreditavelmente ingênuos para sobreviverem por muito tempo como subversivos.

— Sim; eram, sim. Então o senhor sabia que eles estavam me doutrinando.

— Sim. Foi um prêmio inesperado, e você se saiu bem.

— Exceto pelo fato de acabar sendo doutrinado mesmo.

— Sim, exceto por isso. — Ele franziu a testa por um momento; depois ergueu os olhos. — Você disse que agora se lembra da explosão?

— Eu disse que me lembrava de um clarão súbito. Estou num poço olhando para cima, para Herr Reichmann, que está olhando para dentro do poço, para mim. Acho que era a escada de caracol do teatro.

— Isso mesmo. É tudo de que se lembra?

Concordei com um aceno de cabeça.

— Não sei exatamente o que aconteceu ali. A história de Reichmann é que você o encontrou por acaso na escada momentos antes da hora marcada para a bomba explodir. Evidentemente você supôs que ele não estava ali para fazer nada de bom e não o deixaria convencê-lo a sair do teatro com ele e, quando

você se dirigiu para a escada para avisar os outros, ele o golpeou e o abandonou à própria sorte. O que não deixou de ser uma sorte para você, pois aquela escada de ferro foi a única estrutura que sobreviveu tanto à explosão quanto ao desabamento do teto.

— O senhor não acha que foi isso mesmo que aconteceu?

— Pode ter sido. Tudo o que sei com certeza é que é isso que Herr Reichmann quer que acreditemos, e não estamos em condições de contradizê-lo.

Não havia mais nada a fazer agora além da pergunta que eu temia:

— Reichmann contou-lhe quem estava no teatro quando ele foi destruído?

— Ele diz que pegou todos.

Olhei para ele friamente.

— Suas palavras foram exatamente: “O círculo mais íntimo acabou”.

Eu disse:

— Todos parecem pensar que o teatro estava vazio.

O padre Lulfre deu de ombros.

— Bem, ele perdeu um — eu.

Ele sacudiu a cabeça.

— Jared, você sabe que o tenho em alta conta, mas você não é um agitador carismático.

— Não acho que ser agitador tenha algo a ver com isso.

Ele deu de ombros outra vez.

— Sabe, não entendo por que B insistiu em suspender toda a sua programação enquanto se ocupava de mim. Fazia menos sentido ainda depois da morte de Charles. Sabe do que estou falando?

— Francamente, não sei. Que é que fazia menos sentido depois da morte de Charles?

— B insistir em passar tanto tempo comigo.

O padre Lulfre começou a me dizer que não tinha a menor idéia do que eu estava falando quando, de repente, a luz se fez:

— Está falando daquela mulher... Sharon?

— Shirin — disse eu. — Shirin é B.

— Pensei que Charles fosse B.

— Charles *era* B, mas Shirin também era.

Ele sacudiu a cabeça maciça para espantar uma mosca incômoda.

— B teve que despendar tempo comigo para que, mesmo que acontecesse o pior, alguém pudesse lhe dizer que fracassou.

— Você está sendo reticente demais para esse cérebro velho, Jared. Se acontecesse o pior?

— Se o senhor conseguisse matar tanto Charles quanto Shirin.

— Se eu conseguisse matar tanto Charles quanto Shirin, mesmo assim eu ainda teria fracassado?

— Isso mesmo. Porque não matou a mim. Não sou um agitador carismático, mas isso não tem importância. Sou B.

— Você é B? Acredita mesmo nisso?

— Não se trata de acreditar ou não, padre. Não sou mais quem eu era quando me sentei aqui há três semanas e meia — e o senhor não pode me fazer voltar a ser o que eu era.

O padre Lulfre inclinou-se para a frente, finalmente interessado.

— E você acha que isso tem realmente alguma importância, Jared? Acha que vai fazer alguma coisa diferente, agora que é B?

— Ah, vou, sim — disse eu, pondo-me de pé. — Não tenho a menor dúvida. É líquido e certo.

— Não sei se devo rir de você ou dar de ombros, Jared. Mas, se eu tivesse

uma arma na minha mesa de trabalho, eu o mataria com um tiro só por uma questão de segurança.

— Mataria mesmo?

— Mataria, sim. Lembra-se da última palestra de sua amiga Shirin no teatro, há uma semana?

— Eu a perdi, mas ouvi ontem numa fita gravada.

— Eu não sabia disso — disse ele lentamente. — Seja como for, Reichmann também gravou essa palestra e a pôs para tocar para mim no telefone. Foi isso que... — Ele abriu as mãos num gesto amplo de impotência.

— Foi isso que selou seu destino — sugeri.

— Sim, isso mesmo. Sabe, ela me mostrou mais claramente do que qualquer defensor do ecumenismo por que somos uma fraternidade, Jared: nós, cristãos, judeus, muçulmanos, budistas e hindus. Nós nos erguemos do lodo onde o animismo chafurda com tanto orgulho! Representamos o que é mais elevado, o que é mais alto, transcendental e sublime na humanidade. O que existe entre os membros da fraternidade são rixas sem importância. O que existe entre a fraternidade e o animismo é um abismo tão grande quanto o abismo entre o homem e o animal, o espírito e a matéria.

— Concordo.

— Que vai fazer agora?

Tirei o gravador do bolso e mostrei a ele que estava ligado.

— Primeiro, vou encontrar um lugar seguro para essa fita, padre. O senhor nos achou incredivelmente ingênuos para sermos conspiradores, mas o senhor também é muito ingênuo.

— Tem toda a razão, Jared. Nenhum de nós foi treinado para olhar o mundo com os olhos da suspeita. Mas você não vai ligar o gravador para a polícia ouvir.

— É claro que não. Este é o meu salvo-conduto, pelo menos enquanto o senhor estiver vivo. Depois que estiver nas mãos da polícia, deixa de ter qualquer valor nesse sentido.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

— Sim, é claro que você vai querer encontrar um lugar muito seguro para ele.

Saí; como parecia ser mais que tempo de deixar de ser um pouco menos inacreditavelmente ingênuo, não lhe virei as costas enquanto não estava do lado de fora, com a porta fechada entre nós.

Terça-feira, 4 de junho

Radenau revisitada

Estou instalado no meu antigo quarto do hotel, e ele me parece lúgubre. O recepcionista tomou conhecimento da minha presença sem surpresa, dando-se a liberdade de esperar que eu agora estivesse inteiramente recuperado da minha “experiência desagradável” de quase ter virado picadinho.

Cheguei cedo o bastante para fazer um trabalhinho de base. Peguei alguns objetos indispensáveis, como roupa de baixo e aparelho de barbear, e passei algum tempo com as listas telefônicas na biblioteca. Consegui colocar um anúncio no jornal local pedindo a Shirin ou Michael para entrar em contato comigo. Naturalmente, os anunciantes não aceitavam nada que não fosse dinheiro vivo, de modo que amanhã terei de verificar se esse pedacinho de plástico mágico vai realmente produzir mais dinheiro se eu o inserir na fenda certa da máquina certa.

Meu trabalho com as listas telefônicas até que compensou, pois consegui localizar Frau Doktor Hartmann: ela diz que minha cabeça devia ser cortada e atirada aos cães e que nenhuma tortura a induziria a me ajudar a encontrar Michael ou Shirin se eles estivessem vivos; embora eu não pudesse ser processado, sou, na opinião dela, culpado pelo assassinato de ambos. Com base nisso, acho que posso riscar Frau Hartmann da minha lista de partidários.

Conversei com meia dúzia de pessoas cujo primeiro nome era parecido com Michael e o sobrenome, com Dershinsky, e tenho dúzias mais para tentar em cidades tão ao norte quanto Hamburgo e tão ao sul quanto Hannover e, se quiser ir tão a leste quanto Berlim, acho que tenho condições de estar

ocupadíssimo até a data de comemoração da descoberta da América.

Agora são oito da noite e não estou me saindo muito bem. Tudo quanto posso fazer a essa altura é ficar acordado o tempo suficiente para sintonizar meu relógio biológico com o horário local.

Na verdade, não sei bem o que estou fazendo aqui. Acho que estou aqui para provar que Herr Reichmann e Heinz Teitel estão errados, o círculo mais íntimo *não* acabou — mas não sei o que fazer a esse respeito. Não posso esperar realmente que os funcionários municipais escavem um milhão de toneladas de entulho para provar algo que já acreditam ser verdade. E então? Os Teitel não vão me ajudar mais pessoalmente do que por telefone. Será que consigo me imaginar persuadindo os guardiães da clínica de Shirin de que sou um amigo íntimo a quem devem dar o endereço e o número do telefone dela, mesmo que eu não saiba sequer seu sobrenome? Não, francamente não. É claro que posso simplesmente me plantar nos degraus da clínica e ver se ela aparece um dia desses.

Por enquanto não consigo pensar em nada melhor para fazer. Por enquanto estou cansado e confuso demais com a mudança de fuso horário para pensar no que quer que seja.

Quarta-feira, 5 de junho

Morte plástica

Hoje de manhã encontrei um caixa automático, introduzi o cartão de plástico e fiquei sabendo que deixei de existir. Meu cartão tinha sido cancelado e perdido seus poderes mágicos. Eu me considerava um cara de sorte. Se eles tivessem se adiantado um dia, o cartão não teria sido aceito no hotel.

Eu tinha duas opções: trocar a passagem de volta por dinheiro ou ligar para casa e pedir um empréstimo à minha mãe. Decidi trocar a passagem por dinheiro. E depois tinha de pensar na minha situação no hotel. Desde que eu não tente usar o cartão de novo lá, acho que não terei problemas e o hotel não deixaria de ser pago, pois o cartão ainda era válido quando o checaram. Presumivelmente, os laurencianos vão ter de pagar a conta, o que não faz pesar nem um pouquinho na minha consciência tão melindrosa.

Como a empresa aérea não tem filial em Radenau, tenho de fazer uma viagem a Hamburgo, que resolvi fazer logo. Retornei por volta das seis da tarde, louco para jantar, pois havia perdido o almoço. Quando me dirigia para o quarto para tomar um banho rápido, o recepcionista me chamou para dizer que meu cartão acabara não sendo aceito, afinal. Eu não lhes devia só um dia, eu lhes devia dois, tendo perdido por várias horas o momento de sair sem pagar nova diária — e, evidentemente, a partir de agora eu tinha de pagar a conta em dinheiro se quisesse ficar até amanhã de manhã. Atirei quase metade de todos os meus recursos sobre o balcão e disse-lhe que achava que encerrava a questão.

É isso aí.

Sábado, 8 de junho

Perambulações

E então, na quinta de manhã, juntei-me às fileiras dos moradores de rua, com meus bens terrenos num saco plástico. Entrei numa padaria para comer um *croissant* e tomar um café enquanto me perguntava o que fazer comigo mesmo. Pensei em procurar uma pensão barata mais tarde, ou talvez um belo banco de praça.

Fui para os lados do teatro. Estava excepcionalmente bem arrumado, elegantemente escondido por um tapume de mais de dois metros de altura. Os edifícios que o circundavam estavam absolutamente incólumes. Uma empresa de demolição poderia ter exigido uma gratificação por um trabalho tão limpo como aquele. O topo da escada de ferro em espiral projetava-se para fora do entulho como o mastro de uma escuna indo a pique. Como um todo, a experiência não foi inspiradora, nem educativa, nem nada. Fiquei ali olhando através do tapume durante uns cinco minutos e depois fui embora.

Fiz uma visita à loja de refugos exóticos de Gustl Meyer. Ele foi educado, até simpático, mas não tinha sugestão alguma a fazer.

Passei a tarde na biblioteca descobrindo novas formas de soletrar Michael e Dershinsky. Resolvi levar a lista de números para a loja de Gustl Meyer amanhã e perguntar se poderia usar seu telefone.

Voltei ao hotel para saber se alguém tinha respondido ao meu anúncio. Não, ninguém.

Demorei-me com uma *pizza* e uma cerveja até a noite já estar bem escura. Depois pus-me a andar. Dessa vez, não sabia para onde ir, exceto em termos

gerais. Tenho um bom senso de direção, mas, se eu não achasse o que estava procurando na primeira tentativa, azar. Tempo era uma mercadoria que eu tinha aos montes.

Andei e andei, com os pés já doloridos, e as paisagens e os cheiros começaram a acudir à minha mente. À medida que a atmosfera social e econômica diminuía de escala, minha energia aumentava. Estava me dirigindo para a região mais soturna de Radenau, o domínio das fábricas, das lojas de máquinas, olarias e depósitos de mercadorias, habitada a essa hora apenas por vigilantes noturnos e cães de guarda. Não se passou muito tempo antes que eu localizasse um prediozinho de aspecto suspeito, uma espécie de galpão espremido entre um depósito de mercadorias e a área onde ficavam estacionados os vagões de uma estrada de ferro, e fui para lá, com a esperança de que a porta se abrisse, e ela se abriu, lançando-me a baforada dupla de fumaça de cigarro e cheiro de bebidas alcoólicas, e *La Vie en Rose*. Eu estava na Little Bohemia e, por Deus, parecia que me encontrava em casa.

Albrecht

Dirigi-me até uma mesa do fundo — refiz todo o caminho até o fundo, uma parede sólida decorada com desenhos e gravuras emoldurados, nenhum deles na posição certa, nenhum deles com um pedaço de vidro que tivesse sido limpo nos últimos vinte anos. Na altura dos olhos, quando eu estava sentado, havia um esboço desbotado de Igor Stravinsky, que parecia assinado por Picasso. Em todo aquele lugar, parecia que ninguém tinha se mexido desde que Charles e eu saímos, três semanas antes.

Quando a garçonete veio me atender, perguntei-lhe se seu nome era realmente Theda.

— É, sim — disse ela com um sorriso. — Vai tomar Lagavulin esta noite?

— Traga-me a bebida mais barata que você tiver, Theda, por favor. — Falei com ela educadamente, mas, quando a bebida chegou alguns minutos depois, para mim o sabor era exatamente igual ao do Lagavulin.

Alguém disse alguma coisa perto de mim e ergui os olhos, fixando-os num rosto vagamente familiar. Era Albrecht, aquele do intelecto gigantesco, o inglês de vinte anos e sorriso afetado que se ofereceu como voluntário para me afogar num lago da primeira vez que visitei o sub-subsolo do teatro.

Eu disse:

— E então?

Ele perguntou com um sorriso de desdém:

— Você agora é B?

Pensei um pouco na pergunta. Nunca tive muitas oportunidades de aprender a lidar com gente hostil — alguns padres têm; outros, não — mas senti como se devesse conhecer o á-bê-cê desse tipo de relacionamento. Disse a ele:

— Por que não senta aqui e me diz o que está passando pela sua cabeça?

— A pergunta é difícil demais para você?

— Sim. É, sim — respondi. Com o triunfo já ao alcance da mão, ele se sentou do outro lado da mesa. Então continuei: — Por que está me fazendo essa pergunta?

— Você estava sendo preparado, não estava? Não é essa a palavra... “preparado”?

— Bem, é claro que essa palavra existe, mas ninguém nunca *me* disse que eu estava sendo preparado.

Ele deu de ombros, desdenhoso.

— Larguei a batina — disse-lhe. A frase o fez pestanejar. — Quando falei com o homem que me mandou aqui, o padre Lulfre, disse-lhe que matar B era

tempo perdido, porque B ainda está aqui — na minha pessoa —, mas é evidente que não me considero pronto para começar onde Shirin parou. E, a propósito, deixei com um amigo uma fita gravada com essa conversa, caso contrário eu seria um homem perseguido e, a essa altura, possivelmente um homem morto. — Ele pestanejou três vezes numa rápida seqüência. Perguntei-lhe se isso respondia à sua pergunta — o que provavelmente foi um erro, pois ela parece tê-lo feito voltar ao ponto de partida.

— Qualquer um pode ser perseguido — disse ele. — A questão é: você tem condições de fazer o que B fazia?

— O que exatamente você tem em mente?

— Você assimilou os *insights* deles, mas será que tem algum seu? Você é um pensador e um mestre ou apenas um cara que sabe recitar a Bíblia? Se tudo quanto sabe fazer é cantar ladainhas, você é B tanto quanto eu. Você é apenas um coroinha que decorou todas as respostas.

Fiz descer mais um pouco daquela bebida ordinária e desejei que aquele jovem presunçoso estivesse muito, muito longe dali. Finalmente, eu disse:

— Albrecht, os últimos dez dias foram um pouco agitados para mim; portanto, é absolutamente verdade que não acrescentei uma única palavra aos ensinamentos de B. Se posso ou não acrescentar alguma coisa, é uma outra questão. Seja como for, você tem toda a razão. Se tudo quanto eu puder fazer for recitar a Bíblia tal como a ouvi de Charles e Shirin, é que não passo de um coroinha.

Albrecht sorriu afetadamente.

— Mas você não acha realmente que não passa de um coroinha, acha?

— Não, não acho, mas não tive nenhuma chance de provar se sou ou não.

— Você *quer* uma chance de provar se é ou não?

Que eu poderia responder? Que não?

A prova

Albrecht disse:

— Os membros da nossa cultura acham que inventamos a tecnologia, a agricultura, o direito e, evidentemente, a civilização, mas também nos atribuímos o mérito de façanhas louváveis. Consegue pensar em algumas delas?

— Bem — disse eu —, suponho que nos atribuímos o mérito de coisas como pobreza, crime e discriminação, tanto racial quanto social. O que Shirin chamava de “classes sofredoras” são com certeza invenção nossa. Opressão política. Doença mental.

— Você não mencionou a maior delas, padre.

— Deixei de ser padre. Me chame só de Jared.

— Tudo bem.

— A maior de todas elas é... a guerra.

— Óbvio. A guerra é de longe o maior mal que introduzimos no mundo, não é?

— É.

Albrecht sacudiu a cabeça, repugnado.

— Você é realmente patético, Jared. Não duvida nem por um minuto, nem para perguntar o que a Mãe Cultura sussurra em seus ouvidos. Continua totalmente prisioneiro do Grande Esquecimento.

— Escute aqui, vamos parar com xingamentos, está bem? Não estou fingindo que sei tudo o que Charles e Shirin sabiam — nem mesmo tudo o que você sabe. Você está me dizendo o quê? Que a guerra não foi invenção nossa?

— É exatamente isso que estou lhe dizendo. A guerra não é um defeito que existe somente na nossa cultura enlouquecida e esquisita. Existe em todos os

lugares onde a cultura humana existe — no passado e no presente. O mito do nobre selvagem pacífico é exatamente isso: um mito.

— Certo, e daí?

Albrecht levantou-se

— Você é uma tristeza, Jared. Espero não ouvir ninguém dizer que você está afirmando que é B nesta cidade. Se ouvir, vou envidar todos os esforços para fazê-lo passar um vexame. Juro.

— Sente-se, por favor. — Ele se sentou. — Por favor, entenda que não estou fazendo de conta que sou um *expert* em história ou antropologia. Vou ser, assim espero, mas neste exato momento eu, honestamente, não estou entendendo aonde você quer chegar.

— Então, por que não pergunta?

— Estou perguntando.

— Os pensadores basilares da nossa cultura achavam que a vida humana começou quando a nossa cultura começou, há somente alguns milhares de anos. Portanto, nada poderia ser aprendido sobre a vida humana além daquele ponto. Além daquele ponto não havia nada, só o vazio. Por isso, voltavam-se para o passado e viam que o homem tinha nascido agricultor e criador de civilização. Pensavam que essa era a natureza do homem e o destino do homem — e é isso que ensinamos aos nossos filhos. A raça humana nasceu para se tornar exatamente o que *nós* somos. Não é isso o que lhes ensinamos?

— É.

— B tentou fazê-lo ver o absurdo desse ensinamento removendo os óculos escuros do Grande Esquecimento. Mostrando-lhe que o que veio antes do surgimento da nossa cultura não era um vazio. Mostrando-lhe que a nossa cultura não surgiu de um mundo vazio, de um mundo sem religião e sem lei. A religião e o direito têm centenas de milhares de anos, talvez até milhões de

anos, remontam às próprias origens da vida humana.

— Entendi.

— Entendeu mesmo? Entende que a religião e o direito têm centenas de milhares de anos?

— Sim.

— Bom, a guerra também, Jared. Explique.

— Explique — repeti, desesperançado.

— É apenas outro indício da nossa natureza corrompida, Jared? A explicação é essa? Será que sentimos um prazer inato em matar?

— Não.

— Esse “não” representa uma profissão de fé ou o reconhecimento de um fato?

— Neste momento, representa uma profissão de fé, mas espero transformá-la no reconhecimento de um fato.

— Muito bem. Faça isso. Tire os óculos escuros do Grande Esquecimento e explique, ou então, pelo amor de Deus, pare de dizer que é B. Volte para casa, para sua paróquiazinha confortável, e peça desculpas por se comportar como um idiota.

Senti medo. E então concluí que ele não poderia esperar que eu realizasse uma façanha dessas ali na hora... mas ele esperava. Ele disse:

— Se quiser se tornar B em outra ocasião, Jared, diga isso claramente. Diga-me que essa é a sua ambição: tornar-se B algum dia. Depois, por favor, volte para casa.

— Mas B com certeza não poderia realizar esse milagre sentado numa taverna sem um único livro de referência, sem nem mesmo uma enciclopédia geral.

— Eu serei sua enciclopédia. Ou, se quiser livros sobre a guerra na pré-

história, poderá tê-los aqui em meia hora.

— Então você já sabe a resposta à sua pergunta.

— Não, não tenho a menor idéia. Os livros não foram escritos por gente que pensa como B. Foram escritos por gente que, no fundo do coração, acredita que o homem foi divinamente criado para subjugar e governar o mundo. São pessoas que ficam escandalizadas com a guerra na pré-história. Não a explicam, lamentam-na. Ficam constrangidas, porque a criatura destinada desde o começo dos tempos a ser o governante do mundo devia ser mais requintada, mais nobre, mais angelical.

— Sim, estou entendendo... Estou certo ao supor que a guerra na pré-história era semelhante ao tipo de guerra que existe entre os povos tribais dos tempos modernos?

Ele sacudiu a cabeça, repugnado.

— Ou você consegue tirar seus óculos escuros ou não consegue, Jared. Não espere que eu faça isso para você. Estarei à disposição se quiser consultar uma enciclopédia, mas não me peça que pense por você. — Levantou-se e foi para a sua mesa, do outro lado da sala.

Senti-me aliviado. Ele tinha razão: ou eu conseguia tirar os óculos escuros ou não, e seria mais fácil tirá-los sozinho do que junto com outras pessoas. Fiz um sinal a Theda e pedi outra dose.

A questão que eu tinha discutido com Albrecht era uma que eu nunca havia explorado, nem com Charles, nem com Shirin, embora estivesse implícita em tudo quanto eles diziam. Como saber se os povos tribais modernos vivem da mesma forma que os povos tribais antigos viveram? A resposta de B é a seguinte: o modo de vida tribal sobreviveu até o presente momento porque funciona. O que subsiste no mundo é o que resistiu, o que é estável, o que funciona. Experimentos fracassados desaparecem, os bem-sucedidos são

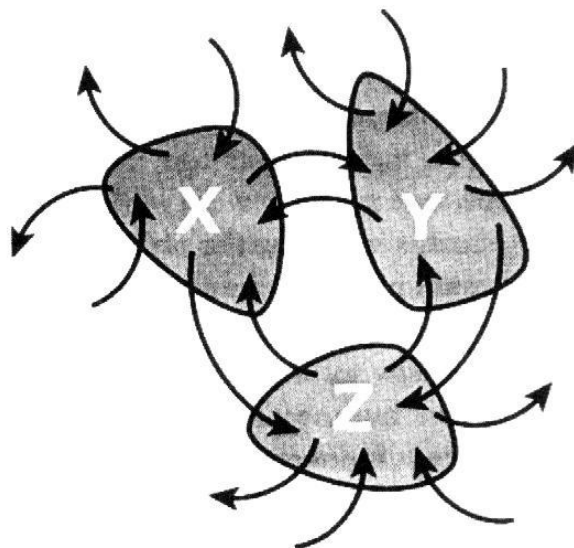
repetidos muitas e muitas vezes. É insensato supor que a hibernação seja uma inovação recente entre os ursos — embora não haja nenhuma forma de provar que não seja; os ursos hibernam porque a hibernação funciona. É igualmente insensato supor que a migração seja uma inovação recente entre os pássaros — embora nesse caso também não haja nenhuma forma de provar que não seja; os pássaros migram porque a migração funciona. É insensato supor que construir teias seja uma inovação recente entre as aranhas — embora não haja forma de provar que não seja; as aranhas constroem suas teias porque isso funciona.

Se você voltar um milhão de anos no tempo, não vai encontrar ursos construindo teias, pássaros hibernando e aranhas migrando. Os ursos hibernam hoje muito provavelmente porque a hibernação funcionou para eles há um milhão de anos. Os pássaros migram hoje muito provavelmente porque a migração funcionou para eles há um milhão de anos. E as aranhas constroem teias hoje muito provavelmente porque construir teias funcionou para elas há um milhão de anos. Como os seres humanos não foram objeto de uma criação especial, mas evoluíram no seio da comunidade da vida com todo o resto, esse tipo de raciocínio também se aplica às pessoas, da mesma forma que se aplica a ursos, pássaros e aranhas. Sabemos com certeza que a agricultura totalitária é uma inovação recente, mas não há motivo algum para pensar que o modo de vida tribal seja uma inovação recente. As pessoas vivem em tribos nos tempos modernos muito provavelmente porque a vida tribal funcionou para elas há um milhão de anos.

Perguntei-me o que sabia sobre guerras na comunidade *não*-humana. O que eu sabia era que a coisa mais próxima de guerra que existe na comunidade não-humana se dá inteiramente *no âmbito* das espécies, não *entre* as espécies. Ser um predador não é fazer guerra. Os pássaros não estão em guerra com as

minhocas, as rãs não estão em guerra com os insetos, as águias não estão em guerra com os coelhos, os leões não estão em guerra com os antílopes. Os predadores não travam batalhas com sua presa — eles simplesmente a comem. Quando os animais travam realmente uma batalha, é sempre com membros de sua própria espécie, por território ou por uma fêmea, e ninguém os despreza como moralmente imperfeitos, nem sonha com dias melhores em que eles terão aprendido a viver juntos como Tambor e Bambi.

Quando animais não-humanos travam uma batalha, o vencedor em geral toma o território ou as fêmeas do perdedor. A guerra tribal não é assim. As tribos que vivem numa determinada área estão mais ou menos constantemente numa situação de guerra surda umas contra as outras, mas, quando a tribo X ataca a tribo Y, não é regra geral tomar seu território, nem suas mulheres; em vez disso, depois de infligir uma certa quantidade de danos, ela costuma virar as costas e voltar para casa. Em geral, não se passa muito tempo e a tribo Y retribui o favor, atacando a tribo X, infligindo alguns danos e depois voltando para casa. Essa relação de hostilidade surda mais ou menos permanente entre X e Y não é especial. A mesma relação existe entre X e Z e Y e Z — e as três têm relações igualmente hostis com os outros vizinhos.



Caracteristicamente, os membros dessas tribos não acham que têm “um problema” com seus vizinhos; caracteristicamente, ninguém está “lutando pela paz”; caracteristicamente, ninguém acha que há algo errado ou repreensível nesse modo de vida. Também caracteristicamente, o povo da tribo X não imagina como sua vida seria boa se um dia eles saíssem e liquidassem todos os vizinhos; sabem que há outros vizinhos além de seus vizinhos e que esses vizinhos distantes não seriam mais cordiais que os vizinhos próximos. Na verdade, não é tão ruim assim. Podem se passar anos sem que X ataque Y e sem que Y ataque X e, durante esses anos, as relações entre as duas tribos são tipicamente cordiais.

A tarefa de B é perguntar: “Que está funcionando bem aqui?” Ou: “Por que esse sistema é tão bem sucedido que ainda continua a existir depois de centenas de milhares de anos?”

Está funcionando bem porque as identidades culturais e as fronteiras culturais estão sendo preservadas. Quando X ataca Y, não anexa Y. Não destrói a identidade de Y nem apaga suas fronteiras — só inflige alguns danos, depois vira as costas e volta para casa. A mesma coisa ocorre quando Y ataca X. Em outras palavras, todos os ataques servem como demonstração e afirmação da identidade de ambos os lados: “Somos X e vocês são Y, e aqui está a fronteira que nos separa. Nós a cruzamos por nossa conta e risco, e vocês a cruzam por sua conta e risco. Sabemos que vocês são fortes e sadios. De vez em quando, vamos nos certificar de que vocês sabem que nós também somos fortes e sadios. Sabemos que, se nos metermos com vocês, vamos sofrer as conseqüências. Queremos que vocês saibam que, se se meterem conosco, vão sofrer as conseqüências”.

A gente pode pensar, obviamente, que deve haver um sistema melhor, mas, se centenas de séculos de experimentação cultural não o fizeram vir à tona,

que significa “melhor”? A evolução é um processo que prefere o que funciona, e “melhor” é descartado tão facilmente quanto “pior” — se não funcionar.

O que funciona, evidentemente, é a *diversidade cultural*. Não deveríamos nos surpreender com uma conclusão dessas. Se a cultura for vista como um fenômeno biológico, então devemos esperar ver a diversidade ser preferida à uniformidade. Mil projetos — um para cada local e situação — sempre funcionam melhor do que um projeto para todos os locais e situações. Os pássaros têm mais probabilidade de sobreviver em dez mil tipos diferentes de ninhos do que em um. Os mamíferos têm mais probabilidade de sobreviver em dez mil tipos diferentes de organização social do que em um — como estamos tentando provar agora. Estamos em meio a um processo destinado a tornar o mundo um lugar onde não é possível viver — exatamente porque todos estão sendo obrigados a viver de uma única forma. Não haveria problema se só uma pessoa em dez mil vivesse como vivemos. O problema só aparece quando nos aproximamos do ponto em que somente uma pessoa em dez mil tem permissão de viver de qualquer *outra* forma que não essa em que vivemos. Num mundo de dez mil culturas, uma cultura pode ser completamente louca e destrutiva que não causará muito dano. Num mundo de uma cultura só — e onde essa cultura é completamente louca e destrutiva — a catástrofe é inevitável.

Concluindo: a guerra entre as tribos — casual, intermitente, em pequena escala e freqüente — funcionou bem para os povos tribais porque salvaguardava a diversidade cultural. Não era bom, nem lindo, nem angelical, mas funcionou... por centenas de milhares de anos, talvez até milhões de anos.

No meio do entulho

Sentado ali e levando pancada na Little Bohemia, não elaborei tudo isso de maneira tão fácil e organizada quanto descrevi aqui — e com certeza não estou insinuando que representa a última palavra sobre o assunto. Ao tirar os óculos escuros do Grande Esquecimento, consegui perceber uma trilha meio apagada onde antes parecia haver apenas um matagal impenetrável; eu não tinha explorado a trilha em toda a sua extensão — longe disso. Isso, penso eu, é o que B faz. B abre uma trilha para ser explorada.

Albrecht foi obrigado a concordar. Não ficou empolgado, evidentemente, mas teve de admitir que o vislumbre que tive do problema tinha o selo de B.

Depois que tudo aquilo terminou, senti-me alegre e surpreso. Como eu não havia percebido que tinha de ser testado? Como ousei pensar que poderia assumir o manto de B sem primeiro provar que poderia usá-lo?

Eu estava alegre e surpreso — e muito, muito bêbado. Havia aceitado o desafio de Albrecht por volta das nove da noite e agora eram quase duas horas da manhã. A multidão que estava na Little Bohemia foi se reduzindo e, por estranho que pareça, o que restou aglomerara-se em volta da minha mesa para assistir ao exame a que Albrecht estava me submetendo. Não sei se compreendiam o que eu estava falando, mas ouviam atentamente, sorridentes, aplaudindo argumentos bem articulados, trocando impressões sobre o meu sucesso e, em geral, animando-me a seguir em frente. Agora, a maioria das velas havia se apagado e estava muito escuro.

Alguém perguntou:

— Que negócio é esse?

Meio inconscientemente, eu havia tirado o fóssil de amonite para ficar com

os dedos ocupados enquanto dava explicações a Albrecht. Agora, ele estava num foco de luz, ao lado da vela disposta em cima de minha mesa.

— É outro teste que me foi apresentado, um teste no qual ainda não passei. São os restos fósseis de uma criatura que pode ter vivido numa época remotíssima, há uns quatrocentos milhões de anos. Asseguraram-me que o passado, o presente e o futuro estão escritos aqui. Pensem nesse fóssil como se fosse uma pegada no chão. Uma pegada no chão mostra não apenas onde a criatura esteve, mas onde está e onde vai estar.

— Você tem de prever o futuro dele? — perguntou alguém oculto nas sombras.

— Não sei ao certo. Charles Atterley deu-o para mim, mas foi assassinado antes de ter a chance de explicar por quê. Shirin queria que eu o esmigalhasse.

— Por quê?

— Não me lembro, para dizer a verdade.

A memória não era a única coisa que estava começando a me abandonar àquela altura.

— Há uma mensagem de B dentro dela — sugeriu alguém.

— Não há meio de colocar uma mensagem aqui dentro — expliquei estupidamente. — É uma rocha compacta.

— B poderia colocar uma mensagem aí dentro.

Vários ouvintes invisíveis concordaram com essa opinião sem pestanejar.

Antes que eu percebesse direito o que estava acontecendo, havia se formado um partido a favor do esmigalhamento do fóssil. Fui arrancado de minha cadeira e empurrado para fora do bar, tropeçando, até chegar ao centro de uma pequena multidão embriagada. Por tudo quanto me é mais sagrado, eu não conseguia adivinhar para onde estávamos indo ou por que estávamos indo para algum lugar. Os outros estavam me levando, em busca de um lugar ou

recurso completamente inimaginável.

Tão subitamente quanto havíamos começado, paramos e fomos imediatamente espremidos e atropelados pelos que continuavam andando às tontas, brincando de trocar pancadas. Alguém que estava à minha frente virou-se, passou-me um tijolo e disse:

— Está aqui!

— Traga-o para cá! — gritou outro.

Uma trilha abriu-se na minha frente e eu fui levado até uma pilha de tijolos grande e alta como uma mesa de sinuca.

— Vá em frente! — gritou alguém. — Vamos ver o que tem dentro!

— Não há nada aqui dentro! — protestei.

— Aqui, dá o fóssil para mim! — disse outro. — Eu resolvo a parada!

Apertei o fóssil contra o peito e alguém me empurrou por trás.

— Vamos lá! — disse ele, numa voz em que já não transparecia tanta amabilidade.

Com a pilha de tijolos atrás de mim, virei-me para enfrentá-los.

— Não vou destruir esse fóssil — disse eu.

Receberam a notícia como se fosse um imprevisto terrível. Depois de um momento, alguém lá atrás disse, num tom de espanto:

— Pensei que Shirin tinha dito a ele para esmigalhar o fóssil...

Um homem de altura imponente, que estava na frente, perguntou:

— Você é covarde?

— Não, acho que não.

— Então, por que está hesitando? O fóssil não tem valor intrínseco.

Uma mulher que estava atrás gritou:

— Ele não é covarde em geral, Günter. Só está com medo dessa mensagem em particular.

Duas pessoas falaram ao mesmo tempo. Uma perguntou:

— Qual *é* a mensagem?

E a outra:

— Do que ele está com medo?

O sujeito alto chamado Günter deu um passo à frente e falou comigo quase confidencialmente:

— Não é uma coisa que você pode simplesmente se recusar a fazer, Jared. Charles deu-lhe o fóssil por uma razão qualquer; e Shirin disse que você teria de esmigalhá-lo para descobrir que razão era essa. Portanto, você tem de esmigalhá-lo. Senão esse período de sua vida vai ficar incompleto e inconcluso.

Eu sabia que ele estava certo e, de uma forma ou de outra, convencido de que não sairia daquele lugar com o fóssil intacto; de modo que, sem hesitar, coloquei-o em cima dos tijolos e esmigalhei-o. Enquanto eu estava ali meio tonto, Günter deu um passo à frente, pegou um pedaço de papel do meio dos fragmentos do fóssil, amassou-o, formou uma bolinha e ficou segurando-a com a mão fechada.

— Me dá isso aqui! — gritei.

— Não há meio de colocar uma mensagem aqui dentro — disse ele num tom grave, enquanto se afastava. — É uma rocha compacta.

Os outros riram e alguém disse:

— Não dê atenção a ele. Está só brincando. É um truque, uma prestidigitação. Ele está sempre tirando moedas do ouvido das pessoas.

Ao ouvir essas palavras, Günter atirou a bolinha de papel por sobre o ombro e continuou andando sem quebrar o ritmo dos passos, e uma mulher que estava sentada numa pilha de tijolos ali perto lançou-se para a frente e pegou-a para guardar de lembrança. Tão subitamente quanto havia começado, o

espetáculo acabou e a multidão começou a se dispersar. Só a mulher que tinha pegado a bolinha de papel parecia disposta a ficar. Tive vontade de chorar.

— Você provavelmente não se lembra de mim — disse ela. — Eu estava sentada ao lado de Shirin na primeira noite em que você foi ao porão. Bonnie.

— Lembro-me de você, sim, Bonnie, só não a tinha reconhecido. Você parece mais velha.

— *Estou* mais velha — assegurou-me ela com a maior seriedade.

Ficamos ali de pé, constrangidos, durante um longo momento.

— Shirin não tinha muitas esperanças em você — disse-me Bonnie.

— Não no começo, pelo menos.

Bonnie deu de ombros, como se não desse a menor importância à frase que usei para suavizar a afirmação.

— Ela achava você *preso* demais.

Ponderei os vários significados daquela palavra e, evidentemente, Bonnie também, pois logo acrescentou um esclarecimento:

— Apegado demais à sua maneira de ver as coisas.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Como, por exemplo, aí está... você quebrou o fóssil em pedacinhos e não vai nem olhar para ele.

Lancei um olhar de relance para os caquinhos que estava em cima dos tijolos.

— Bonnie, é apenas um monte de carbonato de cálcio esmigalhado.

— É, é isso que ela queria dizer. É o *tipo* de coisa que ela esperaria que você dissesse.

Bem, dane-se. Essa era decididamente a noite perfeita para me ofenderem e me darem facadas nas costas. Com um suspiro de exaustão, voltei minha atenção para o lixo que estava ao meu lado e mais senti que vi Bonnie afastar-

se um pouco para me dar espaço.

O que eu devia estar vendo aqui, se é que havia algo para ser visto? Ou: como eu devia estar olhando para aquilo? O que Shirin havia dito a esse respeito? Achei que minha memória tinha desaparecido por completo, mas, de repente, lembrei. Ela havia dito: “Quero lhe mostrar como prever o futuro”. Depois observara que Charles teria feito isso melhor e que o objetivo do exercício precisava ser “mais bem desenvolvido”.

Ela queria me mostrar como prever o futuro. Fechei os olhos e procurei ouvir o que ela teria dito. Que palavras não me surpreenderiam vindas de sua boca sobre aquele assunto?

De repente, ouvi-a dizer: “O universo é todo uma única peça, Jared”. Ouvi-a tão claramente que abri os olhos, meio esperançoso de vê-la de pé na minha frente, mas só Bonnie estava lá, sentada numa pilha de tijolos contemplando as estrelas. Fechei os olhos de novo, pensando: “Então, o universo é todo uma única peça. Que isso me diz a respeito de qualquer coisa?”

Deixei-a falar: “Diz que a direção do vôo dos gansos sobre a Escandinávia tem algo a ver com um homem que está morrendo num quarto de hospital em Nova Jersey — mas é preciso um pouco de imaginação para descobrir o quê. Diz que o que está escondido dentro de um fóssil de duzentos milhões de anos tem algo a ver com Jared Osborne. Isso também requer um pouco de imaginação. Esse tipo de imaginação é a especialidade do adivinho, Jared, embora qualquer um possa aprender a fazer isso. O adivinho é apenas um rastreador especial, um rastreador de eventos e relações. Pense no que você deseja neste exato momento. Que está procurando?”

Essa era fácil.

“Estou procurando *você*”.

“Sua procura começa com esse fóssil, Jared. Você poderia ter previsto

facilmente o futuro dele quando lhe pedi, mas você era covarde demais para tentar. Agora você *sabe* qual é o futuro dele, não sabe?”

“Sei. O futuro dele é virar pó. Não tinha nenhum outro futuro desde o momento em que Charles o deu para mim. Mesmo que não o tivesse esmigalhado, ele não teria outro futuro. Um dia, daqui a uma semana ou a um milhão de anos, ele ia virar um monte de caquinhos, e nenhum outro destino era possível para ele”.

“O universo é todo uma única peça, Jared. Charles comprou esse fóssil para você porque sabia que ele tinha uma mensagem para você — uma mensagem qualquer, ele não poderia ter adivinhado qual, nem em que momento. Pergunte por essa mensagem agora, Jared. Pergunte a esse fóssil o que ele tem a ver com você. O que ele está tentando lhe mostrar”.

“Não sei”, foi a minha resposta previsível.

“Transforme-se num adivinho agora, Jared. Há uma coisa que você está querendo saber. Corte e abra o pássaro, examine suas entranhas, consulte seus sonhos, faça geomancia — ou olhe para os restos desse fóssil. Olhe para ele e faça sua pergunta”.

Olhei e perguntei: *Onde está Shirin?* Acho que levei meio segundo para me dar conta de que eu *sabia* a resposta, mais ou menos o mesmo tempo que certo dia levei para perceber que, na realidade, aquela corrente clara já estava transbordando. Quase caí para trás com aquele lampejo de consciência, quase levitei ao entrar em contato com a fonte do sentido e do ser. Se Bonnie não estivesse por perto, acho que teria gritado desvairadamente para o universo que, naquele momento, tinha *reparado na minha existência*. Naquelas circunstâncias, meus olhos encheram-se de lágrimas e meus braços e pernas começaram a tremer incontrolavelmente.

“Idiota, idiota, idiota, idiota, idiota”, disseram-me os caquinhos do fóssil.

“Olhe de perto, bem de perto — olhe onde quiser! Está vendo alguma Shirin por aqui? Está? Idiota! Idiota! *Shirin jamais será encontrada no meio do entulho! Ela não está lá!*”

Esperei muito, muito tempo, até ter certeza de que conseguiria andar sem cambalear e falar sem soluçar. Uns vinte ou trinta minutos devem ter passado e pensei que Bonnie talvez tivesse ido embora, mas não, ela ainda estava ali. Depois de varrer os caquinhos com a mão, comecei a andar e disse a ela que havia descoberto o que o fóssil tinha para me dizer. Com o olhar de relance que me lançou, ela percebeu que era verdade e teve a elegância de não me exigir detalhes.

— Fico muito satisfeita — disse ela. — Você quer isso aqui?

Eu disse que sim e abri a mão, onde ela depositou a bolinha de papel que o prestidigitador Günter atirara por cima do ombro.

— Tenho de sair correndo — disse ela, escorregando da pilha de tijolos.

— Quer uma carona até o hotel?

Não me dei ao trabalho de explicar que não estava mais hospedado lá. Só lhe respondi que não.

— E obrigado por me fazer enfrentar o fóssil. Se não fosse você, eu teria deixado essa questão de lado.

— Ora, você sabe o que Shirin sempre dizia. O universo é todo uma única peça.

— Nunca a ouvi dizer isso com meus próprios ouvidos, Bonnie, mas estou satisfeito de ter ouvido agora.

Ela sumiu rapidamente na noite e eu segui seus passos mais devagar. Embaixo do primeiro poste de luz que encontrei, parei e desamassei a bolinha de papel, mas só o bastante para ter certeza de que não havia nada escrito lá, exatamente como eu esperava. Mas ali havia doze palavras, nem mais, nem

menos, escritas a lápis:

Shirin vai viver — não para sempre, óbvio, mas o bastante para você.

Um pequeno intervalo

Meia hora depois eu estava começando a me arrepender de não ter aceitado a carona de Bonnie. Eu queria ficar sozinho, mas agora estava louco por uma chance de tirar os sapatos por dez minutos. A essa hora, não existia parte alguma para ir a não ser a praça. Ocorreu-me que havia uma remota possibilidade de Shirin estar lá, mas era apenas uma miragem provocada pela embriaguez. Quando cheguei lá, não tinha nada em mente além de me estender num banco e deixar as coisas rolarem e, se não conseguisse encontrar um banco num lugar isolado, encontraria uma clareirazinha e deixaria os besouros descobrirem até que ponto conseguiriam chegar tentando me pôr embaixo da terra. Em resumo: deixei o isolamento para lá e joguei-me num banco.

Era a minha primeira lição de morar na rua: se você vai tomar a direção do banco de praça, é melhor estar disposto a dormir como um morto. Eu estava disposto a isso quando desmoronei às quatro da manhã, mas, às sete, a única coisa que eu *desejava* era estar morto. Eu agora sabia por experiência própria por que os vagabundos bêbados sempre preferem o álcool à comida. Se alguém tivesse posto uma garrafa de bebida na minha mão, teria passado um aperto dos diabos para pegá-la de volta.

Por volta das oito desisti da luta e saí capengando em busca de café, aspirina e alguma coisa para comer. O primeiro lugar que achei foi um bar de operários, e eu estava com uma aparência abatida o bastante para simplesmente fazerem de conta que eu era invisível, até eu mostrar que tinha

algum dinheiro. Impregnei-me de café, de analgésico e de tanto carboidrato quanto meu sistema suportava e, depois, tentei pensar na minha próxima jogada. Se eu podia confiar em minha adivinhação, sabia onde Shirin *não* estava: não estava soterrada sob um milhão de toneladas de entulho do local onde ficava o Schauspielhaus Wahnfried.

As autoridades municipais declararam que o teatro estava vazio quando foi pelos ares, o que era improvável, para dizer o mínimo. Se o teatro estava vazio, por que Herr Riechmann se daria ao trabalho de explodi-lo? Não, Shirin estava no teatro quando ele o explodiu, mas conseguiu escapar de algum jeito. É claro que havia uma saída de emergência ali — o abrigo antiaéreo que levava para um edifício do governo que ficava do outro lado da rua. Eu não havia me esquecido da existência do abrigo, só não o tinha colocado na minha reconstrução do evento porque é impossível fugir da explosão de uma bomba. Quando, sem aviso, um teto explode e cai em cima de você, os melhores reflexos do mundo não o farão levantar-se da cadeira — e muito menos levantar-se da cadeira e correr para um abrigo situado a quatro passos de distância. Só no cinema é que as coisas acontecem assim, em câmera lenta. É claro que as palavras-chave aqui são “sem aviso”. Se alguém estivesse por perto para avisá-la alguns segundos antes, isso explicaria a sobrevivência dela. E é claro que *havia* alguém por perto para avisá-la — eu, embora naturalmente não me lembrasse de que foi isso mesmo que aconteceu.

Apesar de todas essas conjecturas serem válidas, eu ainda sabia apenas onde Shirin *não* seria encontrada. Mas isso me deu um novo ponto de partida.

Succès fou**

O edifício do governo estava lá, aberto, e havia gente enrolando seu trabalho

por ali daquela forma vagarosa, típica dos funcionários das repartições públicas do mundo inteiro. As escadas que levavam para o subsolo ainda continuavam intactas, assim como o guarda de meia-idade sentado à sua mesa. Ele ficou me observando com um olhar desconfiado enquanto me aproximava, apropriado para alguém que ele não tinha reconhecido. Eu não estava interessado nele, mas na porta que levava ao abrigo antiaéreo, que agora estava guardado por uma barricada muito segura que impedia o acesso a ele, feita de um par de tábuas de cinco centímetros por dez, parafusadas uma na outra, formando uma cruz. Aproximei-me delas para inspecioná-las e o guarda vociferou para mim em alemão, o que ignorei.

Saí depois de um minuto para pensar nas coisas. A forma lógica de remover a barricada seria desparafusá-las com uma chave de fenda, mas achei que o cão de guarda não me daria tempo para isso. O jeito mais rápido de removê-la seria cortá-las com uma serra elétrica, mas achei que o cão de guarda não ia me ajudar a encontrar uma tomada. O jeito mais razoavelmente rápido e grosseiro de removê-la seria enfiar um pé-de-cabra entre as tábuas, e pensei que conseguiria ir até o fim antes que o cão de guarda chegasse com reforços. Em retrospecto, esse raciocínio todo parece completamente maluco, mas, naquele momento, de ressaca, ainda desorientado por causa da mudança de fuso horário e funcionando com apenas três horas de sono num banco de praça, achei que era uma solução absolutamente sensata e apropriada para a situação. Voltei uma hora depois com um pé-de-cabra — não exatamente dos tradicionais, mas um que achei que podia fazer o serviço — muito bem escondido na manga do casaco. Quando cheguei à barricada, tirei-o rapidamente da manga, enfiei-o entre as tábuas e, numa fração de segundo, percebi o quanto estava enganado. Pelo resultado que obtive, eu poderia igualmente ter tentado arrancar uma barra de ferro da torre Eiffel.

O guarda já estava pedindo reforços, mas não ficou só nisso. Depois de pôr o fone no gancho, partiu para cima de mim e me pegou com um golpe de gravata. Por sorte minha, ele não estava pensando em me estrangular, mas só em me imobilizar enquanto não chegavam os reforços. Isso me deu muito tempo para examinar o que estava em frente do meu nariz, que por acaso eram apenas um nome e um número de telefone entalhados caprichadamente na tábua da barricada que ficava por cima das outras — e era o nome e o número que eu tinha cruzado o Atlântico para descobrir.

Quando a cavalaria finalmente chegou, trazia uma pessoa que entendia inglês o suficiente para ser persuadida de que eu era um lunático inofensivo que agora iria para bem longe, para nunca mais voltar, deixando o pé-de-cabra para trás.

O reencontro

Quase não reconheci Shirin quando ela saiu do lindo chalezinho rústico de Michael, que ficava vinte quilômetros a oeste de Radenau. A borboleta escarlate desenhada em seu rosto pelo *lupus* tinha desbotado e quase havia desaparecido, indicando uma remissão notável, por mais efêmera que pudesse ser.

Foi um momento mal jeitoado. Nenhum dos dois sabia muito bem o que fazer nem o que gostaria de fazer. Acabamos por nos abraçar como dois bons amigos, coisa pela qual fizemos de conta que teríamos de passar para ir logo ao assunto que realmente interessava: pôr um ao outro ao corrente dos últimos acontecimentos.

Enquanto me levava para o chalé, Michael já tinha me contado a maior parte da história. Minha reconstrução dos eventos ocorridos no teatro havia

sido acurada o bastante para não precisar ser mais bem elaborada aqui. Graças aos gritos de alarme que eu conseguira soltar, Shirin, Michael, Frau Hartmann e Monika Teitel já estavam a meio caminho do abrigo antiaéreo quando a explosão ocorreu. Fizeram furor ao saírem de uma nuvem de poeira que se espalhava no porão do edifício do governo localizado do outro lado da rua, mas a confusão era tanta que conseguiram escapulir sem que fossem detidos na cena do desastre. Como Michael me contou enquanto me levava para o chalé, Shirin queria voltar para me procurar no meio do entulho, mas os outros conseguiram convencê-la a abandonar aquela idéia maluca. Segundo a versão de Shirin, foi Michael quem quis voltar para me procurar no meio do entulho.

Todos concordaram em que estava na hora de fugir para um esconderijo e ficar na moita durante algum tempo. O grupo ficou extremamente dividido com a notícia da minha sobrevivência. Para alguns, o fato de eu não ter morrido confirmava minha culpa. Para outros (principalmente Shirin e Michael), o fato de eu *quase* ter morrido confirmava minha inocência. Os Teitel, convencidos de que Shirin devia ser protegida de seu próprio julgamento equivocado, guardaram silêncio sobre o fato de eu ter telefonado dos Estados Unidos. Nem Bonnie, nem Albrecht estavam no teatro aquela noite na hora da explosão e nenhum dos dois sabia onde Shirin estava — nem mesmo que estava viva.

Nem Shirin, nem Michael jamais tinham ouvido falar de um prestidigitador chamado Günter.

O relato desses fatos traz meu diário para o momento presente.

A casa é governada por uma lei estranha: não conversamos sobre o que fazer agora. Michael é solteiro, filho único de pais abastados, sem dependentes; não temos preocupações financeiras.

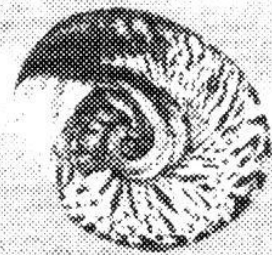
É cedo demais para dizer se Shirin e eu estamos indo em direção a algo

mais do que existe agora entre nós. Sua reserva é profunda, assim como sua necessidade de ser independente e de que não tenham pena dela. O tempo dirá.

Não estou com pressa.

**A louca descoberta. Em francês, no original. (N. do E.)

Epílogo



Sem data

De volta à toca

Como já disse, confiei a um amigo a fita com a gravação de minha conversa recente com o padre Lulfre. Só fiquei sabendo que o apartamento desse amigo foi arrombado e revistado há dois dias, e agora a fita cassete desapareceu. Insisti com ele nos termos mais convincentes possíveis para fazer uma cópia, que devia ser guardada em lugar seguro, fora de sua casa, mas é claro que ele não tinha tomado nenhuma providência para fazer isso. Culpa minha, por não lhe ter dito que se tratava de uma questão de vida ou morte. Culpa minha, por não ter verificado se ele tinha ou não tomado providências. Culpa minha, por ainda ser ingênuo demais.

Agora Shirin e eu precisamos deixar Michael em seu retiro da floresta e entrar realmente na clandestinidade. Ele vai estar em segurança depois que formos embora, porque nem o padre Lulfre, nem Herr Reichmann sabem realmente o que está acontecendo.

Onde é que você entra?

Terminei como tinha começado, perguntando-me se algum dia existiu alguém que mantivesse um diário que, na verdade, não se destinasse à posteridade, que não tivesse esperanças secretas de que suas palavras (oh, tão cuidadosamente escondidas) não fossem descobertas e lembradas com prazer. Seja como for, se esses exemplos de perfeição e modéstia existem, não sou um deles. Desde o começo eu sabia que estava escrevendo contando com a

possibilidade de ser lido por outro — na realidade, por você.

Desde o primeiro episódio da minha aventura — aquela conversa inicial com o padre Lulfre — tive o palpite de que algo estava acontecendo e que acabaria tendo de ser partilhado com um público maior do que aquele que está dentro da minha cabeça. Falando francamente: embora eu tentasse fazer de conta que se tratava de outra coisa, sabia que este diário era uma espécie de arquivo; caso contrário, não o teria mantido tão diligentemente.

Por que estou abrindo o jogo a essa altura? É porque agora os ensinamentos de B estão completos e não é preciso acrescentar mais nada? Não. Que idéia ridícula. Enquanto cultura, crescemos com os óculos escuros do Grande Esquecimento colados nos olhos. Desde o começo o nosso crescimento intelectual é tolhido e deformado pelo narcótico da amnésia. Não se trata de uma coisa que vai ser desfeita por um escritor qualquer — nem por dez. Também não vai ser desfeita por um professor qualquer, nem por dez. Se for desfeita, será por toda uma nova geração de escritores e professores.

Um deles é você.

Não há ninguém ao alcance dessas palavras que seja incapaz (para dizer o mínimo) de transmiti-las a outro e dizer: “Olhe, leia isso aqui”.

Pais, eduquem seus filhos. Filhos, eduquem seus pais. Professores, eduquem seus alunos. Alunos, eduquem seus professores.

A visão é o rio e nós que nos transformamos somos a corrente de água.

Suponho que as pessoas vão lhe pedir para resumir o assunto. Ofereço-lhe o seguinte, sabendo o quanto é inadequado: *O mundo não será salvo por cabeças antigas com programas novos. Se o mundo for salvo, vai ser salvo por cabeças novas — sem programas.*

Não vão gostar de ouvir isso, principalmente a última parte. Se lhe parece algo que vale a pena tentar, lembre-se dos galhos no rio. Lembre-se da

Revolução Industrial, aquele grande rio de visão que não precisou de um único programa sequer para fazê-lo fluir, até o ponto de engolfar o mundo.

Quem é B?

Charles Atterley era B. Shirin disse que era B. Eu disse que sou B. É isso que nos transforma em alvos. Tenho de mudar a idéia que o padre Lulfre tem a respeito disso. É isso que estou tentando fazer aqui. Perdi a fita que era meu salvo-conduto, e só posso substituí-la por *você*. Porque, acredite, se você leu essas palavras, o mal já está feito e o padre Lulfre vai saber disso.

Não estou articulando as idéias com muita coerência. O fato é que estou sendo obrigado a me apressar. Shirin está de malas prontas e Michael, esperando para nos levar ao aeroporto de Hamburgo — e preciso deixar esse manuscrito com ele. Foi o que combinamos. Os passos que precisam ser dados com ele não podem ser dados por alguém que está sempre correndo de um lado para outro, alguém sem endereço e sem telefone.

Em resumo: se não estivermos aqui, Michael estará a salvo, porque o padre Lulfre pensa que Shirin e eu somos B.

Que significa para mim dizer que sou B? Não significa que sou páreo para o conhecimento ou os talentos de Charles e Shirin. Significa que estou me transformando, de maneira profunda e permanente. Significa que *nada pode fazer voltar a ser o que eu era*.

É por isso que sou B: nada pode me fazer voltar a ser o que eu era.

Shirin acaba de mostrar a cabeça pela porta e dizer que, se não formos embora nos próximos três minutos, vamos perder o avião.

Portanto — numa pressa terrível...

Escrevi as palavras e elas chegaram até você — não sei exatamente como. Michael diz que tem contatos com pessoas que sabem resolver essa parte do processo. Não vou me preocupar com isso.

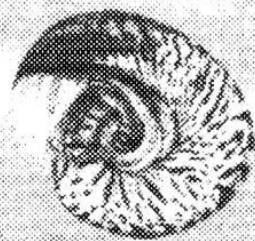
As palavras chegaram até você mesmo que depois de lê-las, as deteste — mesmo que você as mantenha longe dos olhos das crianças e as lance nas chamas.

Chegaram até você: portanto, já é tarde demais. Mesmo que, nesse meio tempo, o padre Lulfre descubra onde estamos e mande seus assassinos acabarem com a gente, vai ser tarde demais — por causa do que você leu aqui.

O contágio já se espalhou.

Você é B.

Os
ensinamentos
públicos



O Grande Esquecimento

16 de maio, Der Bau, Munique

Pergunto-me se você algum dia já pensou no quanto é estranho que as estruturas educacionais e formadoras de caráter da nossa cultura nos exponham apenas uma vez na vida às idéias de Sócrates, Platão, Euclides, Aristóteles, Heródoto, Agostinho, Maquiavel, Shakespeare, Descartes, Rousseau, Newton, Racine, Darwin, Kant, Kierkegaard, Tolstói, Schopenhauer, Goethe, Freud, Marx, Einstein e dúzias de outros da mesma categoria, mas nos expõem anualmente, mensalmente, semanalmente e até diariamente a idéias de pessoas como Jesus, Moisés, Maomé e Buda. Por que, em sua opinião, precisamos de aulas trimestrais sobre caridade, ao mesmo tempo em que pressupõem que uma única aula de termodinâmica vai nos suprir pela vida toda? Por que o significado do Natal é considerado tão difícil de entender que precisamos ouvir uma dúzia de explicações, não uma vez na vida, mas todos os anos, entra ano, sai ano? Talvez seja mais pertinente perguntar por que os devotos (que já conhecem todas as palavras de todos os textos que consideram sagrados) precisam que elas lhes sejam repetidas todas as semanas, uma após outra, e até dia após dia?

Aposto que, se há físicos me ouvindo aqui esta noite, eles não guardam uma cópia dos *Principia* de Newton na mesinha-de-cabeceira. Aposto que os astrônomos que estão aqui entre vocês não perdem o sono por causa de uma cópia do *De Revolutionibus Orbium Coelestium* de Copérnico, que os geneticistas entre vocês não passam uma hora por dia em comunhão reverente com *The Double Helix* *, que os anatomistas entre vocês não fazem questão de ler toda noite uma passagem de *De Humani Corporis Fabrica* **, que os

sociólogos entre vocês não andam por toda parte com uma cópia adorada de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* ***. Mas vocês sabem muito bem que centenas de milhões de pessoas folheiam livros sagrados diariamente, livros que são lidos de ponta a ponta não uma dúzia de vezes ao longo da vida inteira, mas doze vezes doze.

Vocês já se perguntaram alguma vez por que é dever do clero de tantas seitas ler o Ofício Divino... diariamente? Por que as mesmas declarações de fé são repetidas palavra por palavra em tantas comunidades religiosas do mundo inteiro... diariamente? Será que é tão difícil assim lembrar que Alá é Um ou que Cristo morreu por causa de nossos pecados que é preciso reiterar ao menos uma vez por dia durante a vida toda? É claro que sabemos que não há a menor dificuldade de lembrar essas coisas. E sabemos que os devotos não vão à igreja todos os domingos por terem se esquecido de que Jesus os ama e sim porque *não* se esqueceram de que Jesus os ama. Querem ouvir isso muitas e muitas e muitas e muitas vezes. Num sentido ou em outro, *precisam* ouvir isso muitas e muitas e muitas e muitas vezes. Podem viver sem escutar as leis da termodinâmica dez mil vezes, mas, por uma razão qualquer, não conseguem viver sem ouvir as leis de seus deuses dez mil vezes.

Em verdade vos digo... muitas e muitas e muitas vezes

Há alguns anos, quando comecei a falar em público, eu tinha a idéia ingênua de que seria suficiente — na verdade, absolutamente suficiente — dizer cada coisa exatamente uma única vez. Só aos poucos fui percebendo que dizer uma coisa uma única vez é o mesmo que não dizer nada. Na realidade, é suficiente para as pessoas ouvirem as leis da termodinâmica uma vez e entender que

estão escritas em algum lugar se algum dia precisarem delas, mas há outras verdades, de uma categoria humana diferente, que precisam ser enunciadas muitas e muitas e muitas vezes — com as mesmas palavras e com palavras diferentes: muitas e muitas e muitas vezes.

Como vocês sabem, nunca falei na Der Bau antes desta noite. No entanto, alguns de vocês talvez já tenham me ouvido falar em outro lugar e talvez digam a si mesmos: Não o ouvi dizer essas coisas em Salzburgo, em Dresden, em Stuttgart, em Praga ou em Wiesbaden? A resposta é sim. E, quando Jesus falou na Galiléia, houve pessoas que se perguntaram: Não o ouvi dizer essas coisas em Cafarnaum, em Jerusalém, na Judéia, em Nazaré ou em Cesaréia? É claro que o ouviram dizer aquelas coisas em todos aqueles lugares. Todas as declarações públicas atribuídas a Jesus pelos evangelhos poderiam ser feitas em três horas ou menos, e, se ele não se repetisse em todos os lugares, teria ficado em silêncio durante noventa por cento de sua vida pública.

Em qualquer parte do mundo

Em qualquer parte do mundo, no Oriente ou no Ocidente, vocês podem se dirigir a um estrangeiro e dizer: “Deixe-me mostrar como você pode se salvar”, que serão compreendidos. Podem não acreditar no que dizem, ou podem mostrar receptividade quando pronunciarem essas palavras, mas serão compreendidos com toda a certeza. O fato de serem compreendidos deveria espantá-los, mas não causa espanto, porque vocês foram preparados desde a infância por cem mil vozes — um milhão de vozes — para compreenderem essas palavras. Vocês sabem instantaneamente o que significa ser “salvo” e não tem a menor importância se vocês acreditam ou não na salvação a que

estão se referindo. Além disso, vocês sabem que, de uma forma completamente distinta, ser salvo envolve um método ou outro. O método pode ser um ritual — batismo, extrema-unção, o sacramento da penitência, a realização de cerimônias ou absolutamente nada. Por outro lado, pode ser um ato interior de arrependimento, amor, fé ou meditação. E vocês sabem ainda, e também de maneira completamente distinta, que o método de salvação proposto é universal: pode ser usado por qualquer um e funciona para todos. Mas vocês também sabem que o método não foi descoberto, desenvolvido ou testado em nenhum laboratório científico; ou Deus o revelou a alguém ou alguém o descobriu num estado de consciência supranormal. Embora recebido inicialmente por meios divinos, o método é transmissível por meios normais, o que explica por que é possível para alguém absolutamente normal propor o método a outros.

Mas isso nem arranha a superfície do que se quer dizer quando alguém diz: “Deixe-me mostrar como você pode se salvar”. Nesta frase está implícita uma visão de mundo complexa e profunda; a condição humana é tal que todos nascem num estado de não-salvação e continuam sem serem salvos até que o ritual ou ato interior necessário são realizados, e todos os que morrem nesse estado perdem a chance de felicidade eterna com Deus ou não conseguem escapar do ciclo extenuante de morte e renascimento.

Pelo fato de termos sido educados desde que nascemos para entender tudo isso, não nos surpreende nem um pouco ouvir alguém dizer: “Deixe-me mostrar como você pode se salvar”. A salvação é tão evidente e corriqueira para nós como o nascer do sol ou a chuva. Mas, agora, tentem imaginar como essas palavras seriam recebidas numa cultura que não tenha noção de que as pessoas nascem num estado de não-salvação, que não tenha noção de que as pessoas precisam ser salvas. Uma declaração como essa, que nos parece

evidente e corriqueira, não teria sentido nenhum e seria incompreensível, tanto em parte quanto no todo. Nem uma única palavra teria sentido para os membros dessa cultura.

Imaginem o trabalho que vocês teriam para preparar as pessoas dessa cultura para sua declaração. Vocês teriam de persuadi-las de que elas (e, na verdade, todos os seres humanos) nasceram num estado que requer salvação. Vocês teriam de explicar o que significa não ser salvo — e o que significa ser salvo. Vocês teriam de persuadi-las de que conseguir a salvação é algo da maior importância — na verdade, a coisa mais importante deste mundo. Vocês teriam de convencê-las de que têm um método que garante o sucesso. Teriam de explicar de onde veio esse método e por que funciona. Teriam de lhes assegurar que podem dominar esse método e que vai funcionar tão bem para elas quanto para vocês. Se conseguirem imaginar a dificuldade que teriam nesse empreendimento, podem imaginar a dificuldade que eu tenho toda vez que me dirijo ao público. Raramente é possível para mim simplesmente abrir a boca e dizer as coisas que me passam pela cabeça. Em vez disso, tenho de começar lançando os alicerces de idéias que são óbvias para mim, mas estranhas para os meus ouvintes.

O Grande Esquecimento

Com todo público e com todo indivíduo, tenho de começar fazendo-o ver que a autoconsciência cultural que herdamos dos nossos pais e transmitimos aos nossos filhos é direta e solidamente construída em cima de um Grande Esquecimento que aconteceu na cultura do mundo inteiro durante os milênios de formação da nossa civilização. Que aconteceu durante esses milênios de formação da nossa civilização? As comunidades agrícolas do Neolítico

transformaram-se em aldeias, as aldeias tornaram-se cidades e as cidades constituíram reinos. Concomitantemente a esses eventos, houve o desenvolvimento da divisão de trabalho em termos de talentos específicos, o estabelecimento de sistemas de troca regionais e inter-regionais e o nascimento do comércio enquanto uma profissão distinta. O que estava sendo esquecido enquanto tudo isso estava ocorrendo era o fato de que houve uma época em que *nada* disso estava acontecendo — uma época em que a vida era mantida pela caça e pela coleta em lugar da criação de animais e da agricultura, uma época em que as aldeias, cidades e reinos eram coisas com as quais nem se sonhava, uma época em que ninguém ganhava a vida como oleiro, como cesteiro nem como ferreiro, uma época em que o comércio era ocasional e informal, uma época em que o comércio era inimaginável como meio de vida.

Não há por que nos surpreendermos com o fato de o esquecimento ter acontecido. Ao contrário: é difícil imaginar como poderia ter sido evitado. Teria sido necessário manter na memória o passado de caça e coleta durante *cinco mil anos* antes que alguém tivesse condições de fazer um registro dele por escrito.

Na época em que qualquer um estava em condições de escrever a história humana, os eventos de fundação da nossa cultura eram antigos, processos antigos — mas isso não os tornava inimagináveis. Eram, ao contrário, muito fáceis de imaginar, simplesmente extrapolando o passado. Era óbvio que os reinos e impérios do presente eram maiores e mais populosos do que os do passado. Era óbvio que os artesãos do presente eram mais instruídos e habilidosos do que os do passado. Era óbvio que os artigos de compra e venda eram mais numerosos no presente do que no passado. Nenhuma proeza intelectual era necessária para entender que, à medida que a gente mergulhasse

cada vez mais no passado, a população (e, por conseguinte, as cidades) se tornaria cada vez menor, a maneira de fabricar objetos, cada vez mais primitiva e o comércio, cada vez mais rudimentar. Na verdade, era óbvio que, se você voltasse o suficiente no passado, chegaria a um início em que não havia mais cidades, nem técnica de fabricação de objetos, nem comércio.

Na falta de outra teoria, parecia razoável (e até inevitável) supor que a raça humana deve ter começado com um único casal humano, um homem e uma mulher originais. Não havia nada inerentemente irracional ou improvável numa suposição dessas. A existência de um homem e uma mulher originais não era um argumento a favor nem contra um ato de criação divina. Talvez seja exatamente como as coisas começaram. Talvez, no começo do mundo, tenha havido um homem e uma mulher, um touro e uma vaca, um cavalo e uma égua, uma galinha e um galo, e assim por diante. Quem, a essa altura, não concordaria com isso? Nossos antepassados culturais não sabiam nada a respeito de qualquer “revolução” agrícola. Tanto quanto sabiam, os seres humanos *passaram a existir* cultivando a terra, da mesma forma que o veado tinha passado a existir pastando. Tal como as viam, a agricultura e a civilização eram tão inerentemente humanas quanto o pensamento ou a fala. Nosso passado de caça e coleta não foi apenas esquecido, era inimaginável.

O Grande Esquecimento foi entrelaçado no tecido de nossa vida intelectual desde os seus primórdios. Essa tecelagem inicial foi uma façanha dos escribas anônimos do antigo Egito, da Suméria, da Assíria, da Babilônia, da Índia e da China e depois, mais tarde, de Moisés, Samuel e Elias de Israel, Fábio Píctor e Caio o Velho, de Roma, de Ssu-ma T'an e seu filho Ssu-ma Ch'ien na China e, mais tarde ainda, de Helânicos, Heródoto, Tucídides e Xenofonte na Grécia (embora Anaximandro tenha conjecturado que tudo evoluiu a partir da matéria informe — o que ele chamava de “o ilimitado” — e

que o homem derivou de ancestrais com forma de peixe, ele tinha tão pouca consciência do Grande Esquecimento quanto qualquer outro). Esses antepassados foram os mestres de Isaías e Jeremias, de Confúcio e de Gautama Buda, de Tales e de Heráclito — que foram os mestres de João Batista e Jesus, de Lao Tsé e de Sócrates, de Platão e de Aristóteles — que foram os mestres de Maomé, Tomás de Aquino, Bacon, Galileu, Newton e Descartes — e cada um deles personificou e ratificou sem saber o Grande Esquecimento em sua obra, de modo que todo texto de história, filosofia e teologia, desde os primórdios da literatura quase até o presente momento, incorporou-o como um pressuposto integral e inquestionável.

Agora espero — sinceramente — que haja muitos entre vocês que estejam ansiosos por saber por que nem um só de vocês já ouviu uma palavra que fosse sobre o Grande Esquecimento (seja qual for o nome que lhe dêem) em qualquer curso que possam ter freqüentado em qualquer série da escola, do jardim-de-infância à universidade. Se vocês tiverem essa curiosidade, podem ter certeza de que não se trata de uma questão acadêmica, de jeito nenhum. É uma questão vital, e eu não hesitaria em dizer que o futuro de nossa espécie neste planeta depende dela.

A Grande Recordação

O que foi apagado pelo Grande Esquecimento *não* foi que os seres humanos evoluíram a partir de outras espécies. Não existe razão nenhuma para pensarmos que os seres humanos do Paleolítico ou do Mesolítico tenham achado que eles evoluíram. O que foi apagado pelo Grande Esquecimento foi o fato de que, antes do advento da agricultura e da vida nas aldeias, os seres humanos tinham vivido de um modo profundamente diferente.

Isso explica por que o Grande Esquecimento não foi denunciado pelo desenvolvimento da teoria evolutiva. Na verdade, a evolução não tem nada a ver com ele. Foi a paleontologia que denunciou o Grande Esquecimento (coisa que teria feito mesmo que uma teoria da evolução jamais tivesse sido proposta). A paleontologia fez essa denúncia quando deixou absolutamente claro que os seres humanos estão aqui desde muito, muito, muito tempo antes de qualquer data concebível para o plantio da primeira safra e para o começo da civilização.

A paleontologia tornou indefensável a idéia de que humanidade, agricultura e civilização surgiram mais ou menos ao mesmo tempo. A história e a arqueologia provaram indubitavelmente que a agricultura e a civilização tinham apenas alguns milhares de anos, mas a paleontologia demonstrou sem a menor sombra de dúvida que a *humanidade* tem *milhões* de anos. A paleontologia tornou impossível acreditar que o homem surgiu como agricultor e criador de civilização. A paleontologia obrigou-nos a concluir que o homem surgiu de maneira completamente diferente — um nômade caçador-coletor sem teto permanente — e é isso que foi apagado pelo Grande Esquecimento.

Desconcerta a imaginação perguntar o que pensadores basilares de nossa cultura teriam escrito se soubessem que os seres humanos viveram perfeitamente bem neste planeta durante milhões de anos sem agricultura ou civilização, se soubessem que a agricultura e a civilização não são nem remotamente inerentes aos seres humanos. Só posso concluir que todo o curso de nossa história intelectual teria sido inconcebivelmente diferente daquele que encontramos hoje nas bibliotecas.

Mas aqui está uma das ocorrências mais espantosas de toda a história humana. Quando os pensadores dos séculos XVIII, XIX e XX foram

finalmente obrigados a admitir que toda a estrutura intelectual da nossa cultura foi construída em cima de um erro profundamente importante, *absolutamente nada aconteceu*.

É difícil perceber que nada está acontecendo. Todos sabem disso. Os leitores de Sherlock Holmes vão se lembrar de que a coisa extraordinária que o cachorro fez naquela noite foi... nada. E essa é a coisa extraordinária que esses pensadores fizeram: nada. Obviamente, eles não se *importaram* de não fazer nada. Não se deram ao trabalho de voltar a todos os pensadores basilares da nossa cultura e perguntar o que teria mudado se eles soubessem a verdade sobre as nossas origens. Receio que a verdade é que eles quiseram deixar as coisas tal como estavam. Queriam continuar esquecendo... e foi exatamente isso o que fizeram.

É claro que foram obrigados a fazer algumas concessões. Não podiam continuar ensinando que os seres humanos surgiram com o cultivo da terra. Tiveram de enfrentar o fato de a agricultura ser um processo muito recente. Disseram a si mesmos: “Bem, vamos chamá-la de revolução — a Revolução Agrícola”. Era um raciocínio duvidoso, para dizer o mínimo, mas quem iria questioná-lo? A questão toda era a maior confusão e eles ficaram satisfeitos de se livrar dela com um rótulo. Portanto, transformou-se na Revolução Agrícola, uma nova mentira a ser perpetuada através das eras.

Os historiadores tiveram engulhos ao descobrir a verdadeira extensão da história humana. Todo o seu campo de estudos, toda a sua visão de mundo foram modelados por pessoas que achavam que tudo tinha começado há apenas alguns milhares de anos, quando os seres humanos surgiram na Terra e passaram imediatamente a cultivar a terra e a criar civilização. *Isso* era história, essa lenda a respeito do surgimento de agricultores há apenas alguns milhares de anos, transformando comunidades agrícolas em aldeias, aldeias

em cidades, cidades em reinos. Para eles, *essa* era a essência da coisa. *Isso* era o que contava e os milhões de anos que se passaram antes *mereciam* ser esquecidos.

Os historiadores não tocariam nessa *outra* essência, e a desculpa que inventaram para si mesmos foi a seguinte: não *eram obrigados* a tocar nela... porque não era história. Era uma novidade chamada *pré-história*. Era isso o que queriam. Vamos deixar uma categoria inferior se virar com esse problema — não historiadores de *verdade*, e sim *pré-historiadores*. Desse modo, os historiadores modernos deram sua aprovação ao Grande Esquecimento. O que foi apagado no Grande Esquecimento não era algo importante, era somente a *pré-história*. Algo que não valia a pena estudar. Um período imensamente longo em que *nada aconteceu*.

Desse modo, a Grande Recordação transformou-se em anti-evento. Os guardiões intelectuais da nossa cultura — os historiadores, os filósofos, os teólogos — não queriam ouvir falar disso. Os fundamentos de suas disciplinas foram lançados durante o Grande Esquecimento e eles não queriam reexaminar esses alicerces. Estavam absolutamente satisfeitos deixando o Grande Esquecimento continuar — e, em todos os sentidos práticos, foi exatamente o que aconteceu. A visão de mundo que transmitimos aos nossos filhos hoje em dia é fundamentalmente a mesma transmitida às crianças de quatrocentos anos atrás. As diferenças são superficiais. Em vez de ensinar aos nossos filhos que a *humanidade* começou há apenas alguns milhares de anos (e que não existia antes), ensinamos a elas que a *história* humana começou há apenas alguns milhares de anos (e que não existia antes). Em vez de ensinar aos nossos filhos que civilização e *humanidade* são sinônimos, ensinamos a elas que civilização é aquilo de que trata a *história*. Mas todos sabem que é a mesma coisa.

Desse modo, a história humana fica reduzida ao período que corresponde exatamente à história de nossa cultura, com os outros 99,7 por cento da história humana descartados como simples prelúdio.

O mito da Revolução Agrícola

A Terra como centro imóvel do universo foi uma idéia que as pessoas aceitaram durante milhares de anos. Em si, parece bem inofensiva, mas gerou mil erros e limitou o que poderíamos entender a respeito do universo. A idéia da Revolução Agrícola que aprendemos na escola e ensinamos aos nossos filhos na escola parece igualmente inofensiva, mas ela também gerou mil erros e limita o que podemos entender a respeito de nós mesmos e do que aconteceu com o planeta.

Em poucas palavras: a idéia da Revolução Agrícola é que há cerca de dez mil anos as pessoas começaram a abandonar a vida de caça e coleta em favor da agricultura. Essa afirmação é um equívoco em dois planos profundamente importantes. Primeiro, ao sugerir que a agricultura é basicamente uma coisa só (assim como a caça-coleta é basicamente uma coisa só). Segundo, ao sugerir que essa única coisa foi adotada pelos povos do mundo inteiro mais ou menos na mesma época. Há tão pouca verdade nessa questão que não vale a pena perder tempo com ela; por isso, só vou discutir a outra:

“Muitos sistemas de agricultura foram empregados em todo o mundo há dez mil anos, quando nosso sistema particular de agricultura surgiu no Oriente Próximo. Esse sistema, nosso sistema, é o que chamo de agricultura totalitária, a fim de enfatizar o modo pela qual subordina todas as formas de vida à produção incessante e exclusiva de alimento para os seres humanos.

Alimentado por enormes excedentes de comida gerados unicamente por esses sistemas de agricultura, ocorreu um rápido aumento da população entre aqueles que a praticavam, seguido por uma expansão geográfica igualmente rápida que obliterou todos os outros estilos de vida que estavam em seu caminho (até mesmo aqueles baseados em outros sistemas de agricultura). Essa expansão e essa obliteração de estilos de vida continuam sem interrupções pelos milênios que se seguiram, acabando por chegar ao Novo Mundo no século XV e continuando até o presente momento em áreas remotas da África, Austrália, Nova Guiné e América do Sul”.

Os pensadores basilares da nossa cultura acharam que o que nós fazemos é o que os povos de todos os outros lugares têm feito desde o início dos tempos. E, quando os pensadores do século XIX foram obrigados a reconhecer que não era bem isso, acharam então que o que nós fazemos é o que os povos de todos os lugares têm feito durante os últimos dez mil anos. Teria sido muito fácil para eles conseguir informações acuradas, mas é obvio que acharam que não valia perder tempo com isso.

Ocidente e Oriente

Tornou-se um elemento sólido da nossa mitologia cultural afirmar que um abismo separa o Oriente do Ocidente “e nunca os gêmeos se encontrarão”; isso leva as pessoas a ficarem desconcertadas quando falo do Oriente e do Ocidente como uma só cultura. O Oriente e o Ocidente são irmãos gêmeos, têm os mesmos pai e mãe; mas, quando esses irmãos gêmeos olham um para o outro, ficam espantados com as diferenças que vêem, não com as semelhanças, exatamente como os gêmeos biológicos ficam. É preciso um

estranho como eu para espantar-se com a identidade cultural fundamental que existe entre os dois.

Nada poderia ser mais fundamental para qualquer povo do que a forma pela qual consegue sobreviver. Os membros da nossa cultura, do Oriente e do Ocidente, conseguem sobreviver graças à agricultura totalitária e sobrevivem dessa forma desde os primórdios — os mesmos primórdios; pois, durante os últimos dez mil anos, tanto os povos do Oriente quanto os do Ocidente construíram correta, sólida e exclusivamente, tendo a agricultura totalitária como base. Não há nem uma única diferença entre eles nesse sentido.

A agricultura totalitária é mais que um meio de conseguir o que você precisa para viver — é o fundamento do modo de vida mais trabalhoso que já se desenvolveu neste planeta. Essa afirmação choca muitos ouvintes, mas não há dúvida alguma a esse respeito: ninguém trabalha tanto para se manter vivo quanto os membros da nossa cultura. Esse fato foi tão completamente documentado nos últimos quarenta anos que duvido que vocês consigam encontrar um antropólogo em qualquer parte do mundo que o questione.

A meu ver, esse esforço extremo do seu modo de vida gerou outra semelhança fundamental entre os povos do Oriente e do Ocidente, que é a semelhança da sua perspectiva espiritual. Repito: é lugar-comum supor que um abismo insondável separa o Oriente e o Ocidente nesse aspecto; mas, para mim, os dois parecem irmãos gêmeos, porque ambos são obcecados pela estranha idéia de que as pessoas precisam ser *salvas*. Nas últimas décadas, a coloração salvacionista das religiões orientais moderou-se um pouco para ser exportada para os mercados *beat, hippie e da Nova Era*, mas é inconfundível quando vista nos originais, nos habitats nativos.

Certamente é verdade que os fins e meios da salvação diferem no Oriente e no Ocidente, mas os fins e os meios da salvação diferem entre *todas* as

religiões salvacionistas do mundo — é exatamente isso que as distingue entre si. Mas persiste o fato essencial de que, em qualquer parte do mundo, no Oriente ou no Ocidente, você pode se dirigir a um estranho e dizer: “Deixe-me mostrar como você pode se salvar”.

O Vazio da Pré-História

Quando os pensadores basilares da nossa cultura consideraram o passado anterior ao surgimento do homem como agricultor, viram... Nada. Era o que esperavam ver, pois, tal como imaginaram, não poderiam existir pessoas antes da agricultura assim como o peixe não poderia existir antes da água. Para eles, estudar o homem pré-agrícola teria sido como estudar ninguém.

Quando a existência do homem pré-agrícola passou a ser um fato inegável no século XIX, os pensadores da nossa cultura não se deram ao trabalho de alterar a sabedoria recebida dos antigos, de modo que estudar o homem pré-agrícola passou a ser sinônimo de estudar ninguém. Eles sabiam que não podiam escapar impunes dizendo que os povos pré-agrícolas não viveram na história, por isso disseram que viviam em algo chamado pré-história. Tenho certeza de que vocês entendem o que é pré-história. É mais ou menos como pré-água, e todos vocês sabem do que se trata não sabem? Pré-água é o estudo da substância onde os peixes viviam antes de haver água, e pré-história é o período em que as pessoas viveram antes de haver história.

Como observei muitas e muitas vezes, os pensadores basilares da nossa cultura imaginaram que o homem nasceu como agricultor e criador de civilização. Quando os pensadores do século XIX foram obrigados revisar

esse pressuposto, fizeram-no da seguinte maneira: o homem talvez não tenha nascido como agricultor e criador de civilização, mas, apesar disso nasceu para tornar-se agricultor e criador de civilização. Em outras palavras, o homem daquela ficção conhecida como pré-história atingiu nossa consciência cultural como uma espécie de desencadeador de um processo muito, muito lento, e a pré-história tornou-se uma seqüência de pessoas desencadeando um processo, lento, muito lento para se tornarem agricultores e criadores de civilização. Se vocês precisarem de um sinal que confirme o que estou dizendo, considerem a designação habitual dos povos pré-históricos como povos da “idade da pedra”: essa nomenclatura foi escolhida por pessoas que não duvidaram nem por um momento que as pedras eram importantes para esses nossos ancestrais patéticos da mesma forma que as prensas tipográficas e as locomotivas a vapor foram importantes para as pessoas que viveram no século XIX. Se vocês quiserem ter uma idéia da importância das pedras para os povos pré-históricos, visitem uma cultura moderna da “Idade da Pedra” na Nova Guiné ou no Brasil e vão ver que as pedras são tão cruciais para sua vida quanto a cola é para a nossa. Eles usam pedras o tempo todo, claro — assim como usamos cola o tempo todo —, mas chamá-los de povos da Idade da Pedra faz tanto sentido quanto nos chamar de povo da Idade da Cola.

O mito da Revolução Agrícola (cont.).

Os pensadores basilares da nossa cultura imaginaram a evolução do homem da seguinte maneira:

PRIMEIROS SERES HUMANOS

NÓS

Os revisores relutantes do século XIX fizeram emendas no processo de evolução do homem, que ficou assim:

PRIMEIROS SERES HUMANOS

SERES HUMANOS DO PALEOLÍTICO

SERES HUMANOS DO MESOLÍTICO

SERES HUMANOS DO NEOLÍTICO

O GRANDE ESQUECIMENTO

NÓS

Naturalmente, não hesitaram em supor que a totalidade da história humana estava levando até “Nós” — os membros da nossa cultura — e foi isso que nos ensinaram na escola desde então. Infelizmente, como grande parte dos raciocínios feitos a essa altura, este era tão grotescamente falso em relação aos fatos que fazia os estranhos defensores da idéia de que a Terra era achatada parecerem gigantes intelectuais.

Agora vou mostrar como seria o esquema da evolução humana se começássemos reconhecendo o fato de que os membros de nossa cultura não são os únicos seres humanos deste planeta:

PRIMEIROS SERES HUMANOS

SERES HUMANOS DO PALEOLÍTICO

SERES HUMANOS DO MESOLÍTICO

SERES HUMANOS DO NEOLÍTICO

O GRANDE ESQUECIMENTO

10.000 OUTRAS CULTURAS

NÓS

Esse diagrama revela uma divisão da humanidade muito mais profunda do que aquela que vemos separando o Oriente do Ocidente. Aqui vemos a divisão ocorrida entre aqueles que passaram pelo Grande Esquecimento e os que não passaram.

A lei da competição limitada

Durante o Grande Esquecimento, membros da nossa cultura aventaram que a vida “selvagem” era governada por uma única lei cruel, conhecida como “a

Lei da Selva”, que pode ser aproximadamente traduzida por “matar ou ser morto”. Nas últimas décadas, pelo processo da observação (em vez de suposição apenas), os etólogos descobriram que a lei de “matar ou ser morto” é ficção. Na verdade, um sistema de leis — observadas em toda parte — preserva a tranqüilidade da “selva”, protege as espécies, e até os indivíduos, e promove o bem-estar da comunidade como um todo. Esse sistema de leis tem sido chamado, entre outros nomes, de “lei da manutenção da paz”, “lei da competição limitada” e “ética animal”.

Resumindo, a lei da competição limitada é o seguinte: você pode competir com o máximo de suas capacidades, mas não pode liquidar seus concorrentes nem destruir sua comida, nem impedir que tenham acesso a ela. Em outras palavras, você pode competir, mas não pode declarar guerra a seus concorrentes.

A capacidade de se reproduzir é claramente um pré-requisito do sucesso biológico e podemos ter certeza de que toda espécie surge com essa faculdade como uma herança essencial da espécie que a gerou. Da mesma forma, seguir a lei da competição limitada é um pré-requisito do sucesso biológico e podemos ter certeza de que toda espécie surge seguindo essa lei como uma herança essencial da espécie que a gerou.

Os seres humanos surgiram seguindo a lei da competição limitada. Isso é outra forma de dizer que viviam como todas as outras criaturas da comunidade biológica, competindo com o máximo de suas capacidades, mas sem declarar guerra a seus concorrentes. Surgiram seguindo a lei e continuaram a segui-la até cerca de dez mil anos atrás, quando os membros de uma única cultura do Oriente Médio começaram a praticar uma forma de agricultura contrária à lei em todos os pontos, uma forma de agricultura em que as pessoas eram incentivadas a declarar guerra a seus concorrentes — a

liquidá-los, a destruir sua comida e a negar-lhes o acesso a ela. Essa foi e é a forma de agricultura praticada por nossa cultura, oriental e ocidental — e por nenhuma outra.

PRIMEIROS SERES HUMANOS

(Seguidores da Lei)

SERES HUMANOS DO PALEOLÍTICO

(Seguidores da Lei)

SERES HUMANOS DO MESOLÍTICO

(Seguidores da Lei)

SERES HUMANOS DO NEOLÍTICO

(Seguidores da Lei)

O GRANDE ESQUECIMENTO

10.000 OUTRAS CULTURAS

(Seguidores da Lei)

NÓS

(Transgressores da Lei)

Povos Largadores e Pegadores

Finalmente, chegamos ao ponto em que podemos abandonar essa forma vaga e deselegante de falar sobre os “membros da nossa cultura” e os “membros de todas as outras culturas”. Podemos ficar com “Seguidores da Lei” e

“Transgressores da Lei”, mas um par de nomes mais simples para esses grupos foi dado por um colega, que os chamou de Largadores e Pegadores. Ele explicou os nomes da seguinte forma: os Largadores, ao seguir a lei, concordaram em largar o governo do mundo nas mãos dos deuses, enquanto os Pegadores, ao transgredir a lei, pegaram o governo do mundo em suas mãos. Ele não estava satisfeito com essa terminologia (eu também não estou), mas ela faz um certo sentido, e não tenho nada que possa substituí-la.

O importante a notar é que existe uma continuidade cultural entre os Largadores que remontam a três milhões de anos, aos primórdios da nossa espécie: o *Homo habilis* surgiu como um membro dos Largadores e um seguidor da mesma lei obedecida hoje pelos *Ianomâmis* do Brasil e pelos *Bosquímanos* de Kalahari — e centenas de outros povos aborígenes de áreas não desenvolvidas de todo o mundo.

É precisamente essa continuidade cultural que foi rompida pelo Grande Esquecimento. Em outras palavras: depois de transgredir a lei que nos protegeu da extinção durante três milhões de anos e de nos tornarmos inimigos do resto da comunidade biológica, eliminamos nossa condição de fora-da-lei, esquecendo-nos de que um dia existiu uma lei.

PRIMEIROS SERES HUMANOS

(Largadores)

SERES HUMANOS DO PALEOLÍTICO

(Largadores)

SERES HUMANOS DO MESOLÍTICO

(Largadores)

SERES HUMANOS DO NEOLÍTICO
(Largadores)

O GRANDE ESQUECIMENTO

10.000 OUTRAS CULTURAS
(Largadores)

NÓS (Pegadores)

Boas notícias e más notícias

Se vocês me conhecessem um pouquinho que fosse, saberiam que me chamam de muitos nomes feios. A razão disso é que sou um mensageiro que traz boas notícias, as melhores que vocês já receberam desde muito tempo. Podem pensar que trazer boas notícias deveria fazer de mim um herói, mas garanto que não é absolutamente o meu caso. Os membros da nossa cultura estão acostumados a más notícias e estão totalmente preparados para receber más notícias, e não passaria pela cabeça de ninguém me denunciar se eu me levantasse e proclamasse que fomos todos julgados e estamos todos condenados. É exatamente por não proclamar isso que sou denunciado. Antes de tentar articular as boas notícias que trago, deixem-me primeiro deixar claro como água qual é a má notícia que as pessoas estão sempre preparadas para receber.

O homem é o flagelo do planeta e **NASCEU** um flagelo há apenas alguns milhares de anos.

AcREDITEM, posso arrancar aplausos do mundo inteiro se pronunciar essas palavras. Mas as notícias que tenho para dar a vocês são muito diferentes:

O homem **NÃO** surgiu há apenas alguns milhares de anos e **NÃO** nasceu um flagelo.

E é por essa notícia que sou condenado.

O homem surgiu há **MILHÕES** de anos e não era um flagelo, assim como os falcões, os leões ou as lulas não são flagelos. Ele viveu **EM PAZ** com o mundo... durante **MILHÕES** de anos.

O que não significa que fosse um santo. Isso não significa que tenha andado sobre a terra como um Buda. Significa que vivia de maneira tão inofensiva quanto uma hiena, um tubarão ou uma cascavel.

Não é o **HOMEM** que é o flagelo do mundo, é uma única cultura. Uma cultura entre centenas de milhares de culturas. A **NOSSA** cultura.

E aqui está a melhor das notícias que tenho para dar:

Não temos de mudar a **HUMANIDADE** para sobrevivermos. Só temos de mudar uma única cultura.

Não estou querendo dizer que seja uma tarefa fácil. Mas pelo menos não é uma tarefa impossível.

Perguntas do público

P: Você está identificando o que os religiosos chamam de Pecado Original com o surgimento de nossa cultura?

R: É exatamente isso que estou fazendo. Os pontos semelhantes entre esses dois eventos já foram percebidos há muito tempo, claro — o fato de ambos estarem associados ao surgimento da agricultura e de ambos terem ocorrido na mesma região do mundo. Mas a dificuldade em identificá-los como um único evento é que o Pecado Original é compreendido como um evento espiritual, enquanto o surgimento de nossa cultura é entendido como um evento tecnológico. Mas receio que eu tenha de vir aqui numa outra oportunidade para explorar com vocês as ramificações espirituais profundas desse evento tecnológico.

P: Você diz que o homem viveu em paz com o mundo durante os milhões de anos que precederam a nossa revolução agrícola. Mas a evidência mais recente não revelou que os antigos caçadores-coletores levaram muitas espécies à extinção?

R: Acredito que ainda consigo me lembrar das palavras que usei há um minuto, ao dizer que o homem viveu em paz com o mundo: “— Isso não significa que tenha andado sobre a terra como um Buda. Significa que vivia de forma tão inofensiva quanto uma hiena, um tubarão ou uma cascavel”. Sempre que uma nova espécie surge no mundo, alguns ajustes são feitos em toda a comunidade da vida — e alguns desses ajustes são fatais para algumas espécies. Por exemplo: quando os velozes e poderosos caçadores da família dos felinos apareceram no final do Eoceno, as repercussões desse evento foram sentidas em toda a comunidade — às vezes como extinção. As espécies

que eram “presa fácil” extinguíram-se porque não conseguiam reproduzir-se com a velocidade necessária para repor os indivíduos que os felinos estavam matando. Alguns dos concorrentes dos felinos também se extinguíram, pela simples razão de não conseguirem competir — apenas não eram suficientemente grandes ou suficientemente velozes. Afinal de contas esse surgimento e desaparecimento é exatamente o que chamamos de "evolução das espécies".

Os caçadores humanos do Mesolítico podem muito bem ter caçado tantos mamutes que os levaram à extinção, mas com certeza não fizeram isso como uma questão de princípio político, da forma como os agricultores da nossa cultura caçam os coiotes e os lobos, simplesmente para acabar com eles. Os caçadores do Mesolítico podem muito bem ter caçado tantos alces gigantes que os levaram à extinção, mas com certeza não fizeram isso por causa de uma indiferença absoluta, da forma como os caçadores de marfim chacinam os elefantes. Os caçadores de marfim sabem perfeitamente bem que todo animal morto leva a espécie para mais perto da extinção, mas os caçadores do Mesolítico não poderiam saber de uma coisa dessas a respeito do alce gigante. O ponto a ser lembrado é o seguinte: a política da agricultura totalitária é varrer todas as espécies indesejadas da face da Terra. Se os antigos caçadores-coletores levaram qualquer espécie à extinção, com certeza não foi porque quisessem varrer seu suprimento de comida da face da Terra!

P: A agricultura não foi desenvolvida como uma resposta à fome?

R: A agricultura é inútil como resposta à fome. Você não tem mais condições de responder à fome plantando do que de responder à queda de um avião confeccionando um pára-quadras. Mas essa visão passa longe do que interessa.

Dizer que a agricultura foi desenvolvida como resposta à fome é como dizer que fumar foi algo que apareceu como resposta ao câncer do pulmão. A agricultura não resolve o problema da fome, ela promove a fome — ela cria as condições em que as fomes ocorrem. A agricultura possibilita que mais pessoas vivam numa área do que a área tem condições de sustentar — e é exatamente onde a fome ocorre. Por exemplo: a agricultura possibilitou a muitas populações da África esgotar os recursos de sua terra natal — e é por isso que essas populações estão morrendo de fome agora.

NOTAS:

*.***.*** - obras respectivamente, de James D. Watson (1925-), biólogo americano; Andreas Vesalius (1514-1564), anatomista flamengo, e Max Weber (1861-1920), economista, Sociólogo e filósofo alemão. (N. do E.)

As Formas de Cozinhar uma Rã

18 de maio, Schauspielhaus Wahnfried, Radenau

Os pensadores que criaram sistemas deixaram uma metáfora útil para um certo tipo de comportamento humano baseada no fenômeno da rã cozida na água quente. O fenômeno é o seguinte: se você jogar uma rã num caldeirão de água fervente, ela vai tentar freneticamente escalar as paredes do caldeirão para sair. Mas, se você a colocar delicadamente num caldeirão de água morna e baixar o fogo, ela vai ficar flutuando lá placidamente. À medida que a água vai esquentando, a rã mergulha num estupor tranqüilo, exatamente como um de nós num banho quente, e pouco tempo depois ela, com um sorriso no rosto, deixa-se cozinhar até morrer sem oferecer qualquer resistência.

Todos nós conhecemos histórias de rãs atiradas em água fervente, como, por exemplo, um jovem casal que *faz* uma dívida colossal por causa de uma emergência de saúde. Um exemplo contrário de uma rã que se deixa cozinhar com um sorriso no rosto é o de um jovem casal que usa gradativamente seu crédito para fazer compras e empréstimos que os levam a contrair uma dívida colossal. Exemplos culturais também existem. Há cerca de seis mil anos, as sociedades de culto à deusa da Europa antiga foram lançadas no caldeirão de água fervente da nossa cultura, que Marija Gimbutas* chamou de Onda Kurgan Número 1; lutaram para sair do caldeirão, mas acabaram sucumbindo. Os índios nativos das planícies da América do Norte, que foram lançados num outro caldeirão da nossa cultura na década de 1870, constituem outro exemplo; lutaram para sair do caldeirão durante as duas décadas seguintes, mas eles também finalmente sucumbiram.

Um exemplo contrário, um exemplo do fenômeno da rã que morre cozida,

mas sorridente, é encontrado na nossa própria cultura. Quando deslizamos para dentro do caldeirão, a água estava a uma temperatura perfeita, nem quente demais, nem fria demais. Será que algum de vocês pode me dizer quando foi isso? Ninguém?

Rostos inexpressivos.

Já lhes disse, mas vou perguntar outra vez, de outra maneira. Quando foi que nos tornamos *nós*? Onde e quando esse negócio chamado *nós* começou? Lembrem-se: Oriente e Ocidente, irmãos gêmeos nascidos dos mesmos pais. Onde? E quando?

Bem, evidentemente, no Oriente Próximo, há cerca de dez mil anos. Foi lá que a nossa forma peculiar e determinante de agricultura surgiu e *nós* começamos a ser *nós*. Ali foi o nosso local de nascimento cultural. Foi onde e quando deslizamos para aquela água maravilhosamente agradável: o Oriente Próximo, há dez mil anos.

À medida que a água do caldeirão vai esquentando, a rã não sente nada além de um calor agradável e, na verdade, é tudo quanto ela pode sentir. Muito tempo tem de passar antes que a água fique perigosamente quente, e a nossa história demonstra isso. Durante quase toda a primeira metade da nossa história, os primeiros cinco mil anos, os sinais de perigo quase não existiam. As inovações tecnológicas desse período levaram uma vida silenciosa, girando em torno do fogo da lareira e da aldeia — o tijolo seco ao sol, a cerâmica queimada no forno, a tecelagem de roupas, o torno do oleiro, e assim por diante. Mas, aos poucos, imperceptivelmente, os sinais de perigo começaram a surgir, como bolhas minúsculas no fundo de um caldeirão.

Que devemos procurar como sinais de perigo? Suicídios em massa? Revolução? Terrorismo? Não, claro que não. Essas coisas vieram muito depois, quando a água já estava escaldante. Há cinco mil anos, ela estava

justamente começando a esquentar. As pessoas enxugavam a testa, sorrindo umas para as outras, e diziam: ‘Não é maravilhoso?’

Vocês vão saber onde encontrar sinais de perigo se identificarem o fogo que estava ardendo embaixo do caldeirão. Estava ardendo lá no começo, estava ardendo depois de cinco mil anos... e ainda está ardendo hoje exatamente da mesma forma. Era e é o grande fator *de aquecimento* da nossa revolução. É essencial. É a condição *sine qua non* do nosso sucesso — se é que isso seja sucesso.

Falem! Alguém me diga no que estou pensando!

“Agricultura!”

Agricultura, diz esse cavalheiro.

Não. Não foi a agricultura. Foi um *sistema* particular de agricultura. Um sistema particular que tem sido a base da nossa cultura desde seus primórdios, há dez mil anos, até o momento presente — a base da nossa cultura e que não é encontrado em nenhuma outra. É a nossa, é o que faz de nós quem somos. Por sua crueldade implacável para com todas as outras formas de vida deste planeta e por sua determinação inflexível de converter todo metro quadrado deste planeta em local de produção de comida para os seres humanos, dei-lhe o nome de agricultura *totalitária*.

Os etólogos, que estudam o comportamento dos animais, mais um punhado de filósofos que pensaram no assunto, sabem que existe uma forma de ética praticada pela comunidade da vida deste planeta — isto é, menos por nós. É um tipo muito prático de ética (que vocês poderiam chamar de darwiniana), uma vez que serve para salvaguardar e promover a diversidade biológica no seio da comunidade. Segundo essa ética, seguida por todos os tipos de criaturas da comunidade da vida, pelos tubarões assim como pelos carneiros, pelas abelhas assassinas, assim como pelas borboletas, você pode competir

com o máximo de suas capacidades, mas não pode liquidar seus concorrentes, nem destruir sua comida, nem negar-lhes acesso a ela. Em outras palavras, você pode competir, mas não pode declarar guerra. Essa ética é violada em todos os seus aspectos pelos praticantes da agricultura totalitária. Nós liquidamos nossos concorrentes, destruimos sua comida e lhes negamos acesso a ela. Esse é de fato o objetivo final da agricultura totalitária. A agricultura totalitária baseia-se na premissa de que **toda a comida do mundo pertence a nós** e de que não há absolutamente nenhum limite para o que podemos tomar para nós e negar a todos os outros.

A agricultura totalitária não foi adotada por nossa cultura devido ao egoísmo puro e simples. Foi adotada porque, por sua própria natureza, é mais produtiva do que qualquer outro sistema (e existem muitos outros). A agricultura totalitária representa a produtividade *no seu ponto máximo*, como os americanos gostam de dizer. Representa a produtividade numa forma que é literalmente insuperável.

Muitos sistemas de agricultura (não todos, mas muitos) produzem excedentes de comida. Mas, o que não é de surpreender, a agricultura totalitária produz excedentes maiores do que qualquer outro sistema. Produz *o máximo* de excedentes. Você simplesmente não tem como superar um sistema concebido para converter toda a comida do mundo em alimento para os seres humanos.

A agricultura totalitária é o fogo embaixo do caldeirão. A agricultura totalitária é o que nos manteve “fervendo” aqui durante dez mil anos.

A comida disponível e o crescimento da população

Os membros da nossa cultura consideram a comida um ponto tão pacífico que muitas vezes passam maus bocados ao ver que existe uma ligação necessária entre a comida disponível e o crescimento da população. Para eles, descobri que é preciso construir um pequeno experimento ilustrativo com ratos de laboratório.

Imaginem, se quiserem, uma gaiola que tenha lados removíveis, de modo que possa ser aumentada e ficar de qualquer tamanho desejado. Começamos pondo dez ratos saudáveis de ambos os sexos na gaiola, junto com bastante água e comida. Em poucos dias, é evidente que teremos vinte ratos ali e, para acomodá-los, aumentamos a quantidade de comida da gaiola. Depois de algumas semanas, como aumentamos regularmente a quantidade de comida disponível, teremos quarenta, depois cinquenta, depois sessenta ratos, e assim por diante, até que, certo dia, temos cem. E digamos que decidimos interromper o crescimento da colônia em cem ratos. Tenho certeza de que vocês entendem que não precisamos lhes fornecer preservativos nem pílulas anticoncepcionais para conseguir isso. Tudo o que temos de fazer é parar de *aumentar* a quantidade de comida da gaiola. Todos os dias colocamos lá uma quantidade que sabemos ser suficiente para sustentar cem ratos — e nenhum mais. Essa é a parte que muitos acham difícil de acreditar, mas, podem ter certeza, é verdade: o crescimento da comunidade pára completamente. Não da noite para o dia, óbvio, mas em muito pouco tempo. Colocando lá uma quantidade de comida suficiente para cem ratos, descobriremos todas as vezes — que a população da gaiola logo se estabiliza em cem ratos. É claro que não quero dizer exatamente cem. Vai flutuar entre noventa e cento e dez, mas

nunca vai muito além desses limites. Em média, dia após dia, ano após ano, década após década, a população da gaiola será de cem ratos.

Bem, se agora resolvêssemos ter uma população de duzentos ratos em vez de cem, não precisaríamos acrescentar afrodisíacos à dieta deles, nem passar filmes eróticos com ratos para eles. Só teríamos de aumentar a quantidade de comida na gaiola. Se pusermos comida suficiente para duzentos ratos, logo teremos duzentos ratos. Se pusermos comida suficiente para trezentos, logo teremos trezentos. Se pusermos comida suficiente para quatrocentos, logo teremos quatrocentos. Se pusermos comida suficiente para quinhentos, logo teremos quinhentos. Não se trata de uma suposição, meus amigos. Não é uma conjectura. É uma certeza.

É claro que vocês entendem que, nesse sentido, os ratos não têm nada de especial. Isso aconteceria também com grilos, trutas, texugos ou pardais. Mas receio que muitas pessoas resistiriam à idéia de que os seres humanos possam ser incluídos nessa lista. Porque *enquanto indivíduos* somos capazes de governar nossa capacidade de nos reproduzir, essas pessoas imaginam que o nosso crescimento *enquanto espécie* deve ser insensível à simples disponibilidade de alimento.

Felizmente para o que estou tentando dizer aqui, tenho bastante dados que comprovam que, como espécie, somos tão sensíveis quanto qualquer outra à disponibilidade de alimento — três milhões de anos de dados, na verdade. Pois, com exceção dos últimos dez mil anos de todo esse período de três milhões de anos, a espécie humana foi um membro muito secundário do ecossistema mundial. Imaginem só — três milhões de anos e a raça humana *não* cobriu a Terra inteira! Houve um certo crescimento, é óbvio, por meio da simples migração de continente para continente, mas esse crescimento estava se dando numa proporção ridícula. Estima-se que a população humana no

começo do Neolítico fosse cerca de dez milhões de pessoas — dez milhões, imaginem só! Depois de três milhões de anos!

E então, muito repentinamente, as coisas começaram a mudar. E a mudança se resumiu no seguinte: os membros de uma cultura, num canto do mundo, desenvolveram uma forma peculiar de agricultura que tornou a comida disponível para os seres humanos em quantidades nunca vistas antes. De acordo com isso, nesse canto do mundo, a população dobrou em apenas três mil anos. Depois dobrou de novo, dessa vez em apenas dois mil anos. Num piscar de olhos em termos da escala geológica, a população humana saltou de dez milhões para cinquenta milhões de pessoas — provavelmente oitenta por cento delas praticantes da agricultura totalitária: membros da nossa cultura, no Oriente e no Ocidente.

A água do caldeirão estava começando a esquentar e os sinais de perigo, a aparecer.

Sinais de perigo: 5000—3000 a.C.

Estava ficando apinhado de gente. Pensem nisso. As pessoas achavam que a história era inevitavelmente cíclica, mas o que estou descrevendo aqui nunca aconteceu antes. Ao longo de todos aqueles três milhões de anos, os seres humanos nunca tinham se aglomerado daquele jeito em lugar nenhum. Mas, agora, os membros de uma única cultura — a nossa cultura — estão descobrindo o que significa superpopulação. Aquele lugar começava a ficar apinhado de gente e a terra, esgotada pelo excesso de plantio e pastoreio, estava ficando cada vez menos produtiva. Havia mais pessoas e elas estavam competindo por uma quantidade cada vez menor de recursos.

A água está esquentando em volta da rã — e lembrem-se de que estamos à

procura de sinais de perigo. Que acontece quando mais gente começa a competir por menos recursos? A resposta é óbvia. Todo estudante sabe. Quando mais pessoas principiam a competir por menos recursos, elas começam a brigar. Mas é claro que não brigam a esmo. O açougueiro da cidade não trava uma batalha com o padeiro da cidade; o alfaiate da cidade não trava uma batalha com o sapateiro da cidade. Não. O açougueiro, o padeiro, o alfaiate e o sapateiro da cidade juntam-se para lutar contra o açougueiro, o padeiro, o alfaiate e o sapateiro de *outra* cidade.

Não precisamos ver corpos estendidos nos campos para entender que esse foi o início da era de guerra que continuou até o presente momento. O que temos de entender é a *maquinaria* da guerra. Não me refiro à maquinaria mecânica — carruagens, catapultas, escadas e outros dispositivos empregados para sitiarem cidades. Refiro-me à maquinaria *política*. Açougueiros, padeiros, alfaiates e sapateiros não se organizam *sozinhos* em exércitos. Precisam de comandantes de guerra — reis, príncipes, imperadores.

É durante esse período, que começou há cerca de cinco mil anos, que vemos os primeiros Estados formados com o objetivo de defesa e agressão armadas. É durante esse período que vemos o exército permanente forjado como a espada do poder do monarca. Sem um exército permanente, um rei é apenas um falastrão fantasiado. Vocês sabem disso. Mas, com um exército permanente, um rei pode impor sua vontade aos inimigos e gravar seu nome na história — e os únicos nomes que conhecemos desde o início dessa era são os nomes de reis conquistadores. Nada de cientistas, filósofos, historiadores ou profetas; só conquistadores. Repito: nada cíclico estava acontecendo aqui. Pela primeira vez na história humana, as pessoas importantes eram pessoas que dispunham de exércitos.

Agora, notem que ninguém pensou que o surgimento de exércitos fosse um

mau sinal — um sinal de perigo. Pensaram que era um *bom* sinal. Pensaram que os exércitos representavam um *progresso*. A água estava começando a ficar deliciosamente quente e ninguém estava preocupado com meia dúzia de bolhas.

Depois desse ponto, as necessidades militares tornaram-se o principal estímulo para o avanço tecnológico da nossa cultura. Não há nada de errado nisso, há? Nossos soldados precisam de armaduras melhores, espadas melhores, carruagens melhores, arcos e flechas melhores, máquinas de escalar muros melhores, aríetes melhores, artilharia melhor, revólveres melhores, tanques melhores, aviões melhores, bombas melhores, foguetes melhores, gases asfixiantes melhores... bem, vocês estão entendendo o que quero dizer. A essa altura, ninguém via a tecnologia a serviço da guerra como um sinal de algo *ruim*. Achavam que era um *progresso*.

A partir desse ponto, a frequência e a seriedade das guerras servem apenas para medir o calor da água em volta da nossa rã sorridente.

Sinais de perigo: 3000—1400 a.C.

O fogo ardia embaixo do caldeirão da nossa cultura e a nossa população precisou apenas de mil e seiscentos anos para dobrar de novo. Havia cem milhões de seres humanos agora, em 1400 a.C., e provavelmente noventa por cento deles eram membros da nossa cultura. O Oriente Próximo já não era grande o bastante para nós havia muito tempo. A agricultura totalitária dirigira-se para o norte e para o leste, penetrando na Rússia, Índia e China, e para o norte e para o oeste, entrando na Ásia Menor e na Europa. Outros tipos de agricultura já haviam sido praticados em todas essas terras, mas agora — é

preciso dizer? — agricultura era sinônimo de *nosso sistema* de agricultura.

A água está ficando mais quente — cada vez mais quente. Todos os antigos sinais de perigo estão ali, evidentes — por que desapareceriam? À medida que a água esquenta, os antigos sinais vão ficando maiores e mais dramáticos. Guerra? As guerras da era anterior eram questõezinhas insignificantes comparadas às guerras desta era. Estamos na Idade do Bronze! Armas de verdade, Deus do céu! Armaduras de verdade! Imensos exércitos permanentes, sustentados pela inacreditável riqueza imperial!

Ao contrário dos sinais de guerra, outros sinais de perigo não são gravados no bronze, nem na pedra. Ninguém esculpe afrescos para mostrar a vida das favelas de Méfis ou de Tróia. Ninguém escreve novas histórias para expor a corrupção oficial em Cnossos ou em Mohenjo-Daro. Ninguém faz documentários sobre o comércio de escravos. Apesar disso, há pelo menos um sinal que *pode* ser visto nas provas: o crime estava surgindo como um problema.

Olhando para o rosto de vocês, vejo como ficaram pouco impressionados com essas notícias. Crime? O crime é universal entre os seres humanos, não é? Não, na verdade não é. Mau comportamento, sim. Comportamento desagradável, comportamento destrutivo, sim. Homens e mulheres sempre vão se apaixonar pela pessoa errada ou perder a calma, ou ser estúpidos, gananciosos ou vingativos. O crime é outra coisa, e todos sabemos disso. O que chamamos de crime não existe entre as populações tribais, mas não porque eles são melhores do que nós, mas porque estão organizados de forma diferente. Esse é um assunto que merece um tempinho mais.

Quando alguém nos irrita — digamos, porque está sempre nos interrompendo quando estamos falando —, isso não é crime. Você não pode chamar a polícia e mandar prender essa pessoa, fazer com que seja julgada e

condenada a cumprir uma sentença, porque interromper alguém que está falando não é crime. Significa que nós mesmos vamos ter de resolver o problema, do jeito que pudermos. Mas, se essa mesma pessoa entra em sua propriedade e se recusa a ir embora — isso é uma invasão, um crime —, você tem todo o direito de chamar a polícia e mandar prender, julgar e até condená-la a cumprir uma pena. Em outras palavras: crimes envolvem a maquinaria do Estado, enquanto outros comportamentos desagradáveis, não. Crime é aquilo que o *Estado* define como tal. Invasão de propriedade é crime, mas interromper alguém que está falando não é e, por isso, temos duas formas inteiramente diferentes de enfrentá-los — o que os membros das sociedades tribais não têm. Seja qual for o problema, quer se trate de falta de educação ou de assassinato, eles enfrentam o problema sozinhos, da mesma maneira que você enfrenta aquele que o interrompe. Eles não têm a opção de invocar o poder do Estado, porque *não* têm Estado. Nas sociedades tribais, o crime simplesmente não existe enquanto uma categoria distinta de comportamento humano.

Notem mais uma vez: não há nada de cíclico no surgimento do crime na sociedade humana. Pela primeira vez na história as pessoas estavam lidando com o crime. E notem que o crime apareceu durante a aurora da palavra escrita. Isso significa que, assim que as pessoas começaram a escrever, começaram a promulgar *leis*; porque a escrita possibilitou-lhes fazer algo que não tinham condições de fazer antes. A escrita possibilitou-lhes definir em termos exatos e fixos os comportamentos que queriam que o Estado regulasse, punisse e suprimisse.

A partir desse ponto, o crime teria uma identidade própria como “um problema” da nossa cultura. Da mesma forma que a guerra, veio para ficar conosco — no Oriente e no Ocidente — exatamente até o presente momento.

A partir desse ponto, o crime se somaria à guerra como uma medida do calor da água em volta da nossa rã sorridente.

Sinais de perigo: 1400—O a.C.

O fogo ardia embaixo do caldeirão da nossa cultura, e a população só precisou de mil e quatrocentos anos para dobrar de novo. Agora havia duzentos milhões de seres humanos, no início de nossa “Era Cristã”, e noventa e nove por cento ou mais pertenciam à nossa cultura, no Oriente e no Ocidente.

Foi uma era de aventureirismo político e militar. Hamurabi tornou-se senhor de toda a Mesopotâmia. Sesóstris III do Egito invadiu a Palestina e a Síria. Tiglate-Pileser, da Assíria, estendeu seu poder até as praias do Mediterrâneo. O faraó egípcio Sheshonk invadiu a Palestina. Tiglate-Pileser III conquistou a Síria, a Palestina, Israel e a Babilônia. Nabucodonosor II da Babilônia tomou Jerusalém e Tiro. Ciro, o Grande, estendeu seu poder por todo o ocidente civilizado, empreendimento repetido, dois séculos depois, por Alexandre, o Grande.

Foi também uma era de assassinatos e revoltas civis. O reinado de Shalmaneser, da Assíria, terminou em revolução. Uma revolta de Chalcidice contra o domínio ateniense marcou o início de um conflito de vinte anos, conhecido como a Guerra do Peloponeso. Alguns anos depois, Mitilene, em Lesbos, também se revoltou. Espartanos, aqueus e arcádios organizaram uma rebelião contra o domínio macedônio. Uma revolta no Egito trouxe Ptolomeu III de volta para casa, vindo de uma campanha militar na Síria. Filipe da Macedônia foi assassinado, bem como Dario III da Pérsia, Seleuco III Sóter, o general cartaginês Asdrúbal, o reformador social Tibério Semprônio Graco, o

rei selêucida Antíoco VIII, o imperador chinês Wong Mong e os imperadores romanos Cláudio e Domiciano.

Mas esses sinais de tensão não eram os únicos perceptíveis nessa era. Falsificações, enfraquecimento da moeda e inflação calamitosa.— todos esses truques sujos eram vistos regularmente agora. A fome tornou-se uma característica comum da vida de todo o mundo civilizado, assim como a peste, sempre um sintoma de superpopulação e falta de saneamento; em 429 a.C, a peste bubônica varreu dois terços da população de Atenas. Os pensadores, tanto na China quanto na Europa, começavam a recomendar às pessoas que tivessem famílias menores.

A escravidão tornou-se um imenso negócio internacional e, evidentemente, continuaria até o presente momento. Estima-se que, em meados do século IV, uma de cada três ou quatro pessoas de Atenas era escravo. Quando Cartago foi vencida por Roma em 146 a.C., cinquenta mil sobreviventes foram vendidos como escravos. Em 132 a.C, cerca de setenta mil escravos romanos rebelaram-se; quando a revolta foi debelada, vinte mil foram crucificados, mas Roma estava longe de solucionar seus problemas com os escravos.

No entanto, novos sinais de perigo surgiram nesse período, sinais que eram muito mais relevantes para os nossos objetivos aqui esta noite. Pela primeira vez na história, as pessoas estavam começando a suspeitar que algo fundamentalmente errado estava acontecendo aqui. Pela primeira vez na história, as pessoas estavam começando a se sentir vazias, estavam começando a sentir que sua vida não tinha muito sentido, estavam começando a se perguntar se isso é tudo quanto há na vida, estavam começando a ansiar por algo vagamente *superior*. Pela primeira vez na história, as pessoas começaram a ouvir mestres religiosos que prometiam *salvação*.

É impossível descrever a novidade dessa idéia de salvação sem exagerá-la.

A religião existia em nossa cultura havia milhares de anos, evidentemente, mas nunca tratara de *salvação* tal como a entendemos ou como as pessoas dessa época começaram a entendê-la. Os deuses mais antigos foram deuses talismânicos da comida e da colheita, da mineração e do orvalho, da pintura da casa e do pastoreio, a quem se procurava agradar conforme a necessidade, acariciando-os como se fossem amuletos de sorte, e as religiões mais antigas tinham sido religiões estatais, parte do aparato de soberania e governo (como fica evidente em seus templos, construídos para cerimônias régias, não para devoções públicas e populares).

O judaísmo, o bramanismo, o hinduísmo, o xintoísmo e o budismo nasceram nesse período; não existiam antes. Repentinamente, depois de seis mil anos de agricultura totalitária e ação civilizatória, os membros da nossa cultura — do Oriente e do Ocidente, gêmeos idênticos, filhos dos mesmos pais — estavam começando a se perguntar se sua vida tinha sentido, estavam começando a perceber um vazio dentro de si que o sucesso econômico e o prestígio social não poderiam preencher, estavam começando a imaginar que algo estava profundamente, e até inerentemente, *errado* com eles.

Sinais de perigo: 0—1200 d.C.

O fogo continuava ardendo embaixo do caldeirão da nossa cultura e a nossa população só precisou de mais mil e duzentos anos para dobrar de novo. Havia quatrocentos milhões de seres humanos no final desse processo, noventa e oito por cento dos quais fazendo parte da nossa cultura, no Oriente e no Ocidente. A guerra, a peste, a fome, a corrupção política, a inquietação, o crime e a instabilidade econômica eram e continuariam sendo acessórios da nossa

cultura. As religiões salvacionistas entrincheiraram-se no Oriente durante séculos quando esse período começou, mas o grande império do Ocidente ainda evocava suas dezenas de divindades talismânicas, de Éolo a Zéfiro. Apesar disso, as camadas mais pobres desse império — os escravos, os povos conquistados, os camponeses, as massas desprivilegiadas — estavam prontas quando a primeira religião salvacionista do Ocidente bateu à sua porta. Foi fácil para elas conceberem a humanidade como inerentemente imperfeita e a si mesmas como pecadores que precisavam ser protegidos da danação eterna. Estavam prontas a desprezar o mundo e a sonhar com uma vida abençoada após a morte, na qual os pobres e humildes deste mundo seriam elevados acima dos orgulhosos e poderosos.

O fogo continuava ardendo ininterruptamente embaixo do caldeirão da nossa cultura, mas, por toda parte, as pessoas dispunham agora de religiões salvacionistas para lhes mostrar a maneira de entender e enfrentar o desconforto inevitável de estar vivo. Os adeptos tendem a concentrar-se nas diferenças entre essas religiões, mas eu me concentro em suas similaridades, que são as seguintes: a condição humana é o que é e nenhum tipo de esforço de sua parte vai mudá-la; não está em seu poder salvar seu povo, seus amigos, seus pais, seus filhos ou seu cônjuge, mas há uma pessoa (e somente uma) que você pode salvar — *você*. Ninguém pode salvá-lo além de você mesmo, e não há ninguém que você possa salvar além de você mesmo. Você pode levar a palavra aos outros e eles podem trazê-la para você, mas nunca passa disso, seja o budismo, o hinduísmo, o judaísmo, o cristianismo ou o islamismo: ninguém pode salvá-lo além de você mesmo e não há ninguém que você possa salvar além de você mesmo. Evidentemente, a salvação é a coisa mais maravilhosa que você pode conseguir nessa vida — e você não só não é *obrigado* a reparti-la, como nem mesmo é *possível* reparti-la.

Até o ponto em que essas religiões elaboraram o conceito de salvação, se você não a consegue, seu fracasso é total, quer os outros a consigam, quer não. Por outro lado, se você encontra a salvação, seu sucesso é total — repito, quer os outros a consigam, quer não. Em última instância, tal como essas religiões colocam a questão, se você é salvo, então literalmente nada mais importa em todo o universo. Sua salvação é o que importa. Mais nada — nem mesmo a *minha* salvação (exceto, naturalmente, para mim).

Essa foi a nova visão do que interessa no mundo. Esqueça a água fervente, esqueça o sofrimento. Nada lhe interessa além de você e sua salvação.

Sinais de perigo: 1200—1700

Era uma visão e tanto — mas é claro que o fogo continuava ardendo embaixo do caldeirão da nossa cultura e a nossa população só levou outros quinhentos anos para dobrar de novo. Havia oitocentos milhões de seres humanos no final desse processo, noventa e nove por cento faziam parte da nossa cultura, no Oriente e no Ocidente. É a era da peste bubônica, da horda mongol, da Inquisição. O primeiro asilo de loucos de que se tem notícia, assim como a primeira prisão para devedores, foram abertos em Londres. Os camponeses revoltaram-se na França em 1251 e 1358, os operários da indústria têxtil revoltaram-se em Flandres em 1280; a rebelião de Wat Tyler levou a Inglaterra à anarquia em 1381, quando trabalhadores de todos os ramos uniram-se para exigir o fim da exploração; os trabalhadores amotinaram-se no Japão devastado pela peste e pela fome em 1428; os servos da Boêmia revoltam-se oito anos depois. A Peste Negra chega para devastar a Europa em meados do século XIV e volta periodicamente durante os dois séculos

seguintes, matando dezenas de milhares de pessoas a cada erupção; em somente dois anos, durante o século XVII, matou um milhão de pessoas no norte da Itália. Os judeus vinham a calhar como bode expiatório para o sofrimento de qualquer um, para qualquer coisa que desse errado; a França tenta expulsá-los em 1252, depois os obriga a usar emblemas distintivos, e depois despoja-os de seus bens, e depois tenta expulsá-los de novo; a Inglaterra tenta expulsá-los em 1290 e em 1306; Colônia tenta expulsá-los em 1414; acusados de disseminar a Peste Negra em qualquer momento e em qualquer lugar aonde ela chega, milhares deles são enforcados e queimados vivos; Castela tenta expulsá-los em 1492; milhares deles são assassinados em Lisboa em 1506; o papa Paulo III manda levantar muros para separá-los do resto de Roma, criando o primeiro gueto. A angústia dessa era expressa-se em movimentos de flagelados que alimentam a idéia de que Deus não será tentado a conceber castigos extravagantes para nós (pestes, fomes, guerras, e assim por diante) se nos anteciparmos a ele infligindo castigos extravagantes a nós mesmos. Por algum tempo, em 1374, Aix-la-Chapelle é tomada por uma estranha mania que enche as ruas de milhares de dançarinos frenéticos. Milhões morrem quando a fome atinge o Japão em 1232, a Alemanha e a Itália em 1258, a Inglaterra em 1294 e 1555, a Áustria em 1596, a Rússia em 1603, a Dinamarca em 1650, Bengala em 1669, o Japão em 1674. Sífilis e tifo surgem na Europa. O ergotismo, um envenenamento provocado por um fungo que prolifera nos alimentos, torna-se endêmico na Alemanha e mata milhares de pessoas. Uma doença desconhecida que provoca suor visita e revisita a Inglaterra e mata dezenas de milhares de pessoas. As epidemias de varíola, tifo e difteria liquidam milhares de seres humanos. Os inquisidores desenvolvem uma nova técnica de combate à heresia e à feitiçaria, torturando suspeitos até eles comprometerem outras pessoas, que são torturadas até

comprometerem outras, que são torturadas até comprometerem outras, *ad infinitum*. O tráfico de escravos floresce e milhões de africanos são transportados para o Novo Mundo. Não vou me dar ao trabalho de mencionar a guerra, a corrupção política e o crime, que continuam grassando e atingem novas alturas. São poucos os que questionam Thomas Hobbes quando, em 1651, ele descreve a vida do homem como “solitária, pobre, repulsiva, brutal e curta”. Alguns anos depois, Blaise Pascal diria que “todos os homens odeiam-se naturalmente”. O período termina em décadas de caos econômico, exacerbado por revoltas, fomes e epidemias.

O cristianismo torna-se a primeira religião salvacionista global e penetra no Extremo Oriente e no Novo Mundo. Ao mesmo tempo, fragmenta-se. A primeira divisão sofre uma resistência feroz, mas, depois dela, a desintegração torna-se lugar-comum.

Por favor, não fechem os olhos para o que estou querendo dizer aqui. Não estou reunindo sinais da maldade humana. São reações à superpopulação — gente demais competindo por uma quantidade muito pequena de recursos, comendo alimentos estragados, bebendo água suja, vendo a família morrer de fome, vendo a família cair vítima da peste.

Sinais de perigo: 1700—1900

O fogo continuava ardendo embaixo do caldeirão da nossa cultura e a nossa população só levou duzentos anos para dobrar de novo. Havia um bilhão e meio de seres humanos no final do processo, dos quais noventa e nove por cento faziam parte da nossa cultura, no Oriente e no Ocidente. Seria um período em que, pela primeira vez, os profetas religiosos atrairiam seguidores

pelo simples fato de prever o fim iminente do mundo; em que o comércio de ópio se tornaria um grande negócio internacional, patrocinado pela Companhia das Índias Ocidentais e protegido pelos navios de guerra ingleses; em que a Austrália, a Nova Guiné, a Índia, a Indochina e a África seriam declaradas colônias e exploradas como tais pelas maiores potências da Europa; em que os povos indígenas de todas as partes do mundo seriam liquidados aos milhões por doenças levadas pelos europeus: sarampo, pelagra, coqueluche, varíola, cólera — com outros tantos milhões amontoados em reservas ou simplesmente mortos para dar espaço à expansão branca.

Isso não significa que só os povos nativos estivessem sofrendo. Sessenta milhões de europeus morreram de varíola só no século XVIII. Dez milhões morreram de epidemias de cólera. Eu precisaria de dez minutos para citar a lista de todas as dezenas de manifestações fatais da peste bubônica, do tifo, da febre amarela, da escarlatina e da gripe durante esse período. E qualquer um que duvide da relação direta entre agricultura e fome só precisa examinar a documentação relativa a esse período: safras insuficientes e fome, que se repetem muitas e muitas vezes em todo o mundo civilizado. Os números são assombrosos. Dez milhões de pessoas morreram de fome em Bengala em 1769. Dois milhões, na Irlanda e na Rússia em 1845 e 1846. Quase quinze milhões na China e na Índia, de 1876 a 1879. Na França, na Alemanha, na Itália, na Inglaterra, no Japão e em outros países, dezenas de milhares, centenas de milhares de pessoas morreram em consequência de outras fomes, numerosas demais para serem citadas.

À medida que as cidades tornaram-se mais populosas, a angústia humana foi atingindo alturas que teriam sido inimagináveis nas eras anteriores, com centenas de milhões de pessoas morando em favelas de imundície inconcebível, presas de doenças transmitidas por ratos e água contaminada,

sem educação ou meios de melhorar a sorte. O crime floresceu como nunca e, em geral, era punido com mutilações feitas em público, marcas de ferro em brasa, açoites ou morte; o encarceramento como forma alternativa de punição só surgiu no final desse período. A doença mental também floresceu como nunca: loucura, insanidade, seja qual for o nome que preferam lhe dar. Ninguém sabia o que fazer com os loucos; em geral, eram encarcerados junto com criminosos acorrentados às paredes, açoitados, esquecidos.

A instabilidade econômica continuava intensa e suas conseqüências foram sentidas numa amplitude maior do que nunca. Três anos de caos econômico na França levaram diretamente à revolução de 1789, que respondeu por cerca de quatrocentas mil vítimas queimadas, fuziladas, afogadas ou guilhotinadas. As depressões e colapsos periódicos dos mercados liquidaram centenas de milhares de negócios e levaram milhões a morrer de fome.

Essa era também anunciou a Revolução Industrial, claro, mas ela também não trouxe despreocupação e prosperidade para as massas; trouxe, isso sim, uma exploração gananciosa e absolutamente implacável, com mulheres e crianças pequenas trabalhando dez, doze e até mais horas por dia em oficinas de fundo de quintal, fábricas e minas em troca de salários de fome. Vocês podem descobrir as atrocidades por conta própria, se não estiverem familiarizados com elas. Em 1787, calcula-se que os operários franceses trabalhavam até dezesseis horas por dia e gastavam sessenta por cento de seu salário com uma dieta que consistia em pouco mais que pão e água. Foi somente em meados do século XIX que o Parlamento inglês limitou a dez horas o dia de trabalho infantil. Desesperadas e frustradas, as pessoas se rebelaram em toda parte e os governos de toda parte reagiram com repressão sistemática, brutalidade e tirania. Insurreições gerais, insurreições camponesas, insurreições coloniais, insurreições de escravos, insurreições

operárias — houve centenas delas. Não tenho condições de citar a lista inteira. No Oriente e no Ocidente, gêmeos idênticos, filhos dos mesmos pais, foi uma era de revoluções, em que morreram dezenas de milhões de pessoas.

Da mesma forma que as interações regulares e habituais entre governados e governantes, a revolta e a repressão eram novos sinais, vocês sabem — característicos das aflições dessa era.

O lobo e o javali foram deliberadamente exterminados na Europa durante esse período. A grande torda-mergulheira da ilha de Edley, perto da Islândia, foi caçada por suas penas até extinguir-se, em 1844, tornando-se a primeira espécie a ser varrida da face da Terra por motivos exclusivamente comerciais. Na América do Norte, a fim de facilitar a construção das ferrovias e solapar a base alimentar das populações nativas hostis, caçadores profissionais destruíram os rebanhos de bisões, chacinando três milhões deles num único ano; em 1893, só restavam mil.

Nessa era, as pessoas não iam mais para a guerra defender suas crenças religiosas. Ainda as têm, ainda se apegam a elas, mas as divisões e conflitos teológicos que um dia pareceram tão homicidamente importantes haviam se tornado irrelevantes devido a interesses materiais mais prementes. Os consolos da religião são uma coisa, mas empregos, salários justos, condições de vida e trabalho decentes, liberdade em relação à opressão e uma vaga esperança de melhoria social e econômica são outra.

Acho que não seria fantasioso demais sugerir que as esperanças canalizadas para a religião em épocas anteriores foram dirigidas nesta para a revolução e a reforma política. A promessa de recompensas no outro mundo não era mais suficiente para tornar suportável a miséria da vida no caldeirão. Em 1843, o jovem Karl Marx chamou a religião de “ópio do povo”. No entanto, vista mais de um século e meio depois, está claro que a religião, na verdade, deixara de

ser eficaz como narcótico.

Sinais de perigo: 1900—1960

O fogo continuava ardendo embaixo do caldeirão da nossa cultura e a nossa população só levou sessenta anos para dobrar de novo — só sessenta. Havia três bilhões de pessoas no final do processo, pertencentes todas elas, com exceção de talvez vinte por cento, à nossa cultura, no Oriente e no Ocidente.

Que preciso dizer a respeito da água fervente do nosso caldeirão nessa era? Ainda está fervendo? Que vocês acham? Será que o primeiro colapso econômico global, que começou em 1929, parece-lhes um sinal de perigo? Será que duas guerras mundiais cataclísmicas lhes parecem sinais de perigo? Afastem-se alguns milhares de quilômetros e observem do espaço sideral como sessenta e cinco milhões de pessoas são chacinadas em campos de batalha ou voam pelos ares aos pedacinhos depois de atingidas pelos bombardeios, enquanto outros cem milhões consideram-se gente de sorte por terem escapado, ficando apenas cegas, mutiladas ou aleijadas. Estou falando de um número de pessoas igual a toda a população humana da Idade de Ouro da Grécia clássica. Estou falando do número de pessoas que seriam destruídas hoje se jogassem bombas de hidrogênio em Berlim, Paris, Roma, Londres, Nova York, Tóquio e Hong Kong.

Acho que a água está quente, senhoras e senhores. Acho que a rã está cozinhando.

Sinais de perigo: 1960—1996

Nossa população dobrou de novo em apenas trinta e seis anos, trazendo-nos até o presente momento, em que há seis bilhões de seres humanos neste planeta, todos, menos uns poucos milhões espalhados por aí, fazendo parte da nossa cultura, no Oriente e no Ocidente.

O número de vozes do nosso grande coro das aflições aumentou gradualmente de era para era. Primeiro, veio a guerra: a guerra como produto social, a guerra como modo de vida. Durante dois mil anos ou mais, a guerra parece ter sido a única voz do coro. Mas não se passou muito tempo antes de o crime juntar-se a ela: o crime como produto social, como modo de vida. Depois, veio a corrupção: a corrupção como produto social, como modo de vida. Pouco depois, a escravidão veio juntar-se a essas vozes: a escravidão como comércio mundial e como produto social. A revolta veio logo em seguida: cidadãos e escravos insurgindo-se para dar curso ao ódio e sofrimento. Depois, quando as pressões da população aumentaram de intensidade, a fome e a peste fizeram ouvir suas vozes e começaram a cantar em todas as regiões da nossa cultura. O trabalho de massas enormes de pobres começou a ser explorados impiedosamente. As drogas juntaram-se à escravidão como comércio mundial. As classes trabalhadoras — as chamadas classes perigosas — levantaram-se em rebeliões. A economia do mundo inteiro entrou em colapso. As potências industriais do globo brincaram de dominar o mundo e praticar o genocídio.

E então viemos nós: 1960 até o presente momento.

Que canta a nossa voz no coro das aflições? Por cerca de quatro décadas, a água esteve fervendo em volta da rã. Uma por uma, mil por mil, milhão por milhão, suas células morreram, incapazes de cumprir a tarefa de se apegarem à

vida.

Que estamos procurando aqui? Vou lhes dar um nome e vocês vão poder me dizer se acertei ou não. Estou preparado para lhe dar o nome de... colapso cultural. É isso que estamos cantando agora no coro das aflições não em lugar de todo o resto, mas além de todo o resto. Essa é a nossa contribuição particular ao urro de dor da nossa cultura. Pela primeira vez na história do mundo, lastimamos o colapso de tudo o que conhecemos e entendemos, o colapso da estrutura sobre a qual tudo foi construído, desde os primórdios da nossa cultura até agora.

A rã está morta — e não podemos imaginar o que isso significa para nós, nem para os nossos filhos. Estamos aterrorizados.

Acertei? Pensem nisso. Se eu estiver errado, não há mais nada a dizer evidentemente. Mas, se vocês acham que acertei, voltem amanhã à noite, que vou continuar a partir desse ponto.

***Arqueóloga báltico-americana (1921-1994) especialista na pré-história da Europa Oriental. (N. do E.).**

O Colapso dos Valores

19 de maio, Schauspielhaus Wahnfried, Radenau

Antes da nossa era, o coro das aflições que foi composto ao longo dos dez mil anos de nossa vida cultural consistia em nove vozes: guerra, crime, corrupção, rebelião, fome, peste, escravidão, genocídio e colapso econômico. A nossa era, que começou em 1960, encontrou uma décima voz para acrescentar ao coro, uma voz nunca ouvida antes: a voz da catástrofe cultural — uma voz que lastima a perda da visão, a falta de sentido e o colapso dos valores.

Toda cultura tem um lugar que a define no conjunto das coisas, uma visão do local do universo onde ela se encaixa. Não há necessidade de as pessoas articularem essa visão em palavras (para os filhos, por exemplo), porque ela se articula em sua vida — em sua história, suas lendas, seus costumes, suas leis, seus rituais, suas artes, suas danças, seus contos e canções. Na verdade, se lhes pedirem para explicar essa visão, elas não vão saber por onde começar e talvez não saibam sequer do que vocês estejam falando. Poderíamos dizer que é uma espécie de canção sussurrada em voz baixa que está em seus ouvidos desde que nasceram, escutada tão incessantemente durante toda a sua vida que nunca é ouvida conscientemente. Sei que muitos de vocês conhecem o trabalho do meu colega **Ismael**, que chamava o ser que canta essa canção de Mãe Cultura e identificava a canção propriamente dita com, nada mais, nada menos, a mitologia. O famoso mitólogo Joseph Campbell lamentava o fato de que, hoje em dia, as pessoas da nossa cultura não têm uma mitologia, mas, como Ismael nos mostrou, nem toda mitologia vem da boca dos bardos e contadores de histórias reunidos em volta do fogo. Outro tipo chegou até nós pela boca dos imperadores, legisladores, sacerdotes,

líderes políticos e profetas. Hoje em dia, chega até nós vinda dos púlpitos de nossas igrejas, das telas de cinema e televisão, da boca do clero, dos professores, dos cronistas, dos romancistas, dos eruditos. Não é uma mitologia de histórias exóticas, mas uma mitologia que nos diz o que os deuses tinham em mente quando criaram o universo e o nosso papel nele. Um povo não existe sem esse tipo de mitologia, assim como um indivíduo não existe sem um sistema nervoso. É o princípio organizador de todas as nossas atividades. Explica para nós o significado de tudo o que fazemos.

Talvez as circunstâncias abalem a visão de uma cultura sobre seu lugar no conjunto das coisas; podem tornar sua mitologia sem sentido, podem abafar sua canção. Quando isso acontece (e aconteceu muitas vezes), as coisas se desintegram nessa cultura. A ordem e o sentido são substituídos pelo caos e pela confusão. As pessoas perdem a vontade de viver, tornam-se apáticas, tornam-se violentas, tornam-se suicidas e começam a beber, consumir drogas, partir para o crime... A matriz que um dia manteve tudo isso no lugar está abalada agora, e as leis, costumes e instituições caem em desuso e desrespeito, principalmente entre os jovens, que percebem que nem os mais velhos conseguem mais ver qualquer sentido neles. Se quiserem estudar alguns povos que foram destruídos dessa forma, não faltarão lugares para serem visitados nos Estados Unidos, na África, na América do Sul, na Nova Guiné, na Austrália — em toda parte, na verdade, onde os povos aborígenes foram esmagados pelas rodas do nosso carro de Jagrená* cultural.

Ou, então, podem simplesmente ficar em casa.

Não precisam mais viajar para os confins da Terra para descobrir povos que se tornaram apáticos, violentos e suicidas, que deram para beber e consumir drogas, que se voltaram para o crime, e cujas leis, costumes e instituições caíram em desuso e desrespeito. Nós mesmos caímos embaixo das

rodas do nosso carro de Jagrená, e a nossa própria visão do nosso lugar no conjunto das coisas está abalada, a nossa própria mitologia perdeu o sentido e a nossa própria canção está sufocada na garganta. Essas são as coisas que todos nós sentimos. Não importa para onde vocês vão ou com quem conversam — um fazendeiro de Montana, um comerciante de diamantes de Amsterdam, um corretor de ações de Nova York, um motorista de ônibus de Hamburgo.

Tenho idade suficiente para me lembrar de uma época em que as coisas não eram assim e meus pais com certeza se lembram dessa época, assim como os de vocês. Evidente que não estou me referindo aqui aos "bons tempos de antigamente". O coro das aflições estava cantando a plenos pulmões — Deus sabe que estava, pois estou falando das décadas que se seguiram à guerra mais destrutiva e homicida da história humana. Mesmo assim, no fim dos anos 40 e 50, os membros da nossa cultura ainda sabiam para onde estavam indo, ainda tinham confiança de que um futuro glorioso estava bem na nossa frente. Tudo quanto tínhamos de fazer era agarrar-nos a visão e continuar fazendo todas as coisas que nos trouxeram até aqui da primeira vez. Podíamos contar com essas coisas. Eram as coisas que nos tinham dado universidades e teatros líricos, aquecimento central e elevadores, Mozart e Shakespeare, transatlânticos e filmes.

O que é mais importante ainda – e vocês têm de prestar atenção a isso –, as coisas que nos trouxeram até aqui eram coisas *boas*. Em 1950, não havia a menor sombra de dúvida sobre isso em qualquer ponto da nossa cultura, no Oriente ou no Ocidente, capitalista ou comunista. Em 1950, esse ponto era algo com que todos concordariam: explorar o mundo era um direito que nos fora dado por Deus. O mundo fora *criado* para que nós o explorássemos. Explorar o mundo na verdade o *melhorava*! Não havia limites para o que

poderíamos fazer. Cortem e nivelem quanto quiserem, cavem o solo tanto quanto quiserem. Acabem com as florestas, aterrem os pântanos, represem os rios, despejem venenos onde bem quiserem, tanto quanto quiserem. Nada disso era considerado errado ou perigoso. Deus do céu, por que seria? A Terra foi criada especificamente para ser usada dessa maneira. Era um salão de jogos ilimitado, indestrutível, feito para os seres humanos.

Você simplesmente não precisava considerar a possibilidade de esgotar algo ou de estragar algo. A Terra foi concebida para receber qualquer castigo, para absorver e neutralizar qualquer toxina, em qualquer quantidade. Explodir armas nucleares? Deus do céu, claro que sim — tantas quantas quiserem! Milhares, se quiserem. O material radiativo gerado enquanto tentamos cumprir o destino que nos foi dado por Deus não pode nos fazer mal.

Varrer espécies inteiras da face da Terra? Sem dúvida alguma! Por que não, sempre? Se as pessoas não precisam dessas criaturas, então é óbvio que são supérfluas! Exercer um controle desses sobre o mundo é *humanizá-lo*, é dar um passo que nos leva para mais perto do nosso destino.

Ouçam: em 1948, Paul Muller, suíço, recebeu o prêmio Nobel por seu maravilhoso trabalho com diclorodifeniltricloroetano, considerado o meio químico absolutamente ideal para varrer espécies de insetos indesejados da face da Terra. Talvez vocês não reconheçam a substância com esse nome melódico — diclorodifeniltricloroetano. Estou falando do DDT. Nos anos 50 e 60, o DDT correu pela Terra como leite e mel, como ambrosia. Todos sabiam que era um veneno mortal. É claro que era um veneno mortal — era disso mesmo que precisávamos! Mas poderíamos usar a quantidade que quiséssemos desse produto, porque não poderia fazer mal a *nós*. A Terra, fazendo sua parte, tomaria as devidas providências. Engoliria todo aquele maravilhoso veneno mortal e nos devolveria água potável, terra fértil e ar

limpo. Sempre engoliria todo o lixo radiativo, todo o lixo industrial, todos os venenos que conseguíssemos criar e nos devolveria água potável, terra fértil e ar limpo. Esse era o contrato, essa era a própria visão: ***O mundo foi feito para o homem, e o homem foi feito para subjugá-lo e governá-lo.*** É isso que estivemos fazendo desde o início: subjugando e governando, entendendo o mundo como se ele tivesse sido feito sob medida para o nosso uso exclusivo, utilizando o que queríamos e descartando o resto — destruindo o resto como supérfluo. Não foi uma obra perversa (notem outra vez), foi uma obra sagrada! Foi para isso que Deus nos criou! Por favor, não pensem que isso foi algo que aprendemos no Gênesis, onde Deus disse a Adão que povoasse a terra e a dominasse. É algo que aprendemos antes de Jerusalém, antes da Babilônia, antes de Çatal Hüyük, antes de Jericó, antes de Ali Kosh, antes de Zawi Chemi Shanidar. Não é algo que os autores do Gênesis nos ensinaram; é algo que nós ensinamos a eles.

Deixem-me repetir, como preciso fazer toda hora, que essa não era a visão humana, não a visão que nasceu dentro de nós quando nos tornamos ***Homo habilis*** ou quando o ***Homo habilis*** se tornou ***Homo erectus*** ou quando o ***Homo erectus*** se tornou ***Homo sapiens***. Essa é a visão que nasceu dentro de nós quando a nossa cultura específica nasceu, há dez mil anos. Esse é o manifesto da nossa revolução, que devia ser levado aos confins da Terra.

A verdade desse manifesto não foi questionada pelos construtores dos zigurates de Ur, nem das pirâmides do Egito. Não foi questionada pelas centenas de milhares de pessoas que labutaram para construir uma muralha na China que separasse o país do resto do mundo. Não foi questionada pelos comerciantes que levavam ouro, cristal e marfim de Tebas para Nipur e Larsa. Não foi questionada pelos escribas Hititas, Elamitas e Mitanis que imprimiram os primeiros documentos da conquista imperial em tabuletas de argila. Não foi

questionada pelos ferreiros que levaram seus segredos valiosos da Babilônia para Nínive e Damasco. Não foi questionada por Dario da Pérsia, por Filipe da Macedônia ou por Alexandre, o Grande. Não foi questionada por Confúcio, nem por Aristóteles. Não foi questionada por Aníbal, nem por Júlio César ou Constantino, o primeiro protetor imperial do cristianismo. Não foi questionada pelos saqueadores que limpam os ossos do Império Romano: os hunos, os vikings, os árabes, os ávaros e outros. Não foi questionada por Carlos Magno, nem por Gêngis Khan. Não foi questionada pelos cruzados, nem pelos assassinos xiitas. Não foi questionada pelos mercadores da Liga Hanseática. Não foi questionada pelo papa Alexandre VI, que, em 1491, decidiu que o mundo inteiro devia ser dividido entre as potências colonizadoras da Europa. Não foi questionada pelos pioneiros da revolução científica — Copérnico, Kepler e Galileu. Não foi questionada pelos grandes exploradores dos séculos XVI e XVII — e com toda a certeza não foi questionada pelos conquistadores e colonizadores do Novo Mundo. Não foi questionada pelos fundadores intelectuais da idade moderna, pensadores como Descartes, Adam Smith, David Hume e Jeremy Bentham. Não foi questionada pelos primeiros pensadores da revolução democrática, teóricos políticos como John Locke e Jean-Jacques Rousseau. Não foi questionada pelos incontáveis inventores, latoeiros, diletantes, investidores e visionários da Revolução industrial. Não foi questionada pelas quadrilhas Luddite que destruíam fábricas dos condados do centro e do norte da Inglaterra. Não foi questionada pelos gigantes industriais que construíram as ferrovias, armaram os exércitos e assentaram o aço — os Du Pont, os Vanderbilt, os Krupp, os Morgan, os Carnegie. Não foi questionada pelos autores do *Manifesto Comunista*, pelos organizadores do movimento operário ou pelos arquitetos da Revolução Russa. Não foi questionada pelos governantes que mergulharam a Europa no redemoinho da

Primeira Guerra Mundial. Não foi questionada pelos autores do Tratado de Versalhes, nem pelos artífices da Liga das Nações. Não foi questionada pela Sociedade da Reconciliação, nem pelos signatários do Acordo de Oxford. Não foi questionada pelas dezenas de milhões de desempregados durante a Grande Depressão. Não foi questionada pelas centenas de milhares que trabalharam na indústria da morte criada para livrar a humanidade das "raças mestiças". Não foi questionada pelos milhões que participaram da Segunda Guerra Mundial, nem pelos líderes que os mandaram lutar. Não foi questionada pelos cientistas e engenheiros esforçados que empregaram seus melhores talentos para lançar o terror dos céus sobre cidades da Inglaterra e da Alemanha.

O mundo foi feito para o homem, e o homem foi feito para subjugá-lo e governá-lo.

Esse manifesto certamente não foi questionado pelas equipes rivais que apostavam quem dividiria o átomo primeiro e construiria uma arma capaz de destruir toda a nossa espécie. Não foi questionado pelos artífices das Nações Unidas. Não foi questionado pelas centenas de milhões que, nos anos do pós-guerra, sonhavam com uma utopia em que as pessoas descansariam e todo o trabalho seria feito por robôs, em que o poder atômico seria ilimitado, sem obedecer a nenhum tipo de regra, em que a pobreza, a fome e o crime seriam obsoletos. Mas esse manifesto está sendo questionado agora, senhoras e senhores... em quase todos os pontos da nossa cultura, em todas as categorias sociais, entre jovens e velhos, mas principalmente entre os jovens, para quem o sonho de um futuro resplandecente em que a vida vai se tornando melhor, melhor, melhor, década após década, século após século, explodiu e perdeu o sentido. Seus filhos sabem mais. Sabem mais em grande parte porque vocês sabem mais. Só os nossos políticos ainda insistem em dizer que o mundo foi feito para o homem e que o homem foi feito para subjugá-lo e governá-lo.

Ainda precisam, como se fosse um dever profissional, afirmar e proclamar o manifesto da nossa revolução. Se querem manter seus empregos, precisam assegurar-nos com absoluta convicção que um futuro glorioso está bem na nossa frente – desde que marchemos para a frente sob a bandeira da conquista e do domínio. Eles nos garantem isso e depois se perguntam, ano após ano, por que um número cada vez menor de eleitores votam.

Primavera Silenciosa e depois

Eu já disse que essa nova era de colapso dos valores começou em 1960. A rigor, a data devia ser 1962, ano em que foi publicado o livro *Silent Spring* (*Primavera Silenciosa*), de Rachel Carson, o primeiro questionamento substancial da visão motivadora de nossa cultura publicado até então. Os fatos apresentados por Carson para mostrar em detalhe os efeitos devastadores do DDT e outros pesticidas sobre o meio ambiente são espantosos: o DDT não cumpre apenas a tarefa de matar insetos indesejáveis; ele entrou na cadeia alimentar das aves, desintegrando processos reprodutivos e destruindo estruturas dos ovos. Como resultado disso, muitas espécies estão se extinguindo e muitas outras, ameaçadas, deixando de tornar impensável o fato de que o mundo pode acordar um dia desses para uma primavera silenciosa — uma primavera sem pássaros. Mas *Silent Spring* não foi apenas mais uma revelação de fatos comprometedores, bem-vinda em qualquer estação do ano editorial. Com um único golpe violento, abalou para sempre um complexo de artigos fundamentais da nossa fé cultural: que o mundo era capaz de consertar qualquer estrago que lhe fizéssemos; que o mundo foi *concebido* para fazer exatamente isso; que o mundo estava "do nosso lado" em nosso engrandecimento, que sempre toleraria e facilitaria nossas atividades; que o

próprio Deus tinha criado o mundo *especificamente* para servir de alicerce a nossas atividades de conquistá-lo e subjugá-lo. Os fatos apresentados em *Silent Spring* contrariavam todas essas idéias. Algo presumivelmente bom para nós não estava sendo tolerado e facilitado pelo mundo. O mundo *não* estava de acordo com a nossa visão cultural. *Deus* não estava de acordo com a nossa visão cultural. O mundo *não* estava inequivocamente do nosso lado. *Deus* não estava inequivocamente do nosso lado.

Se a questão tivesse sido encerrada com Rachel Carson e o DDT, a nossa visão cultural certamente teria melhorado e se recuperado, mas, como todos sabemos, Rachel Carson e o DDT eram somente a pontinha do *iceberg*. Carson foi somente a primeira a mostrar que havia algo novo aqui para ser visto. Dezenas, centenas, milhares de pessoas passaram a ver desde então, e, quanto mais viram, tanto mais abalada ficou a nossa fé cultural. Não vou fazer um resumo para vocês. Numa noite, eu mal conseguiria arranhar a superfície e só teria falado das coisas que se podem descobrir em qualquer enciclopédia. Resume-se ao seguinte: com a nossa população atual e procurando realizar seus sonhos atuais, a raça humana está tendo um impacto letal sobre o mundo. Os lagos estão morrendo, os mares estão morrendo, as florestas estão morrendo, a própria Terra está morrendo — por razões que podem ser diretamente vinculadas às nossas atividades. Cento e quarenta espécies estão desaparecendo *por dia* — por razões que podem ser diretamente vinculadas às nossas atividades. Escutem, estou ouvindo vocês se contorcem nas cadeiras — mas não estou dizendo essas coisas para fazer com que se sintam culpados. Não é esse o meu objetivo, longe de mim. Estou aqui esta noite para descobrir... o que deu errado aqui.

Teorias: que deu errado aqui?

Descobrir o que deu errado se tornou uma preocupação global. Pessoas de todas as idades estão trabalhando nesse sentido — pessoas de todas as classes sociais e econômicas, de todas as tendências políticas. Crianças de dez anos estão tentando descobrir. Sei disso porque elas conversam comigo a esse respeito. Sei disso porque já as vi pararem no meio das brincadeiras para prestar atenção a isso.

Todos os anos, um número cada vez maior de crianças nasce fora do casamento. Todos os anos aumentam o número de crianças que vivem em lares desfeitos. Todos os anos aumentam o número de crianças machucadas e espancadas por criminosos. Todos os anos aumentam o número de crianças que sofrem abusos e são assassinadas. Todos os anos aumentam o número de mulheres estupradas. Todos os anos aumentam o número de pessoas que têm medo de andar na rua à noite. Todos os anos aumentam o número de pessoas que cometem suicídio. Todos os anos aumentam o número de pessoas que se viciam em drogas e álcool. Todos os anos aumentam o número de pessoas presas como criminosas. Todos os anos aumentam o número de pessoas que acham a violência assassina e a pornografia um divertimento rotineiro. Todos os anos aumentam o número de pessoas que se imolam em cultos lunáticos, em terrorismo delirante, em explosões súbitas e incontroláveis de violência.

As teorias apresentadas para explicar essas coisas constituem em sua maior parte clichês, generalidades, truísmos e chavões. São a sabedoria destilada das eras. A gente ouve dizer, por exemplo, que a raça humana é fatal e irremediavelmente imperfeita. A gente ouve dizer que a raça humana é uma espécie de doença que Gaia acabará eliminando. A gente ouve dizer que a insaciável ganância capitalista é a culpada, ou que a tecnologia é a culpada. A

gente ouve dizer que os pais são os culpados, ou as escolas, ou o *rock and roll*. Às vezes a gente ouve dizer que os próprios sintomas são os culpados: coisas como pobreza, opressão e injustiça, coisas como superpopulação, indiferença burocrática e corrupção política.

Essas são algumas das teorias apresentadas para explicar o que deu errado aqui. Vamos ouvir outras. A maioria delas tem de ser deduzida a partir dos remédios propostos para a cura. Em geral, esses remédios são expressos da seguinte forma: *Tudo o que temos de fazer é... alguma coisa*. Eleger o partido certo. Livrar-nos desse líder. Manietar os liberais. Manietar os conservadores. Promulgar leis mais rigorosas. Dar sentenças de prisão mais longas. Trazer de volta a pena de morte. Matar judeus, matar inimigos antigos, matar estrangeiros, matar alguém. Meditar. Recitar um terço. Aumentar a consciência. Evoluir para um novo plano de existência.

Eu gostaria que vocês entendessem o que estou fazendo aqui. Estou propondo uma nova teoria para explicar o que deu errado. Não é uma variante secundária, nem uma nova maquiagem para a sabedoria convencional. Estou falando de algo nunca ouvido antes, de algo inteiramente novo em nossa história intelectual. É o seguinte: estamos vivendo um colapso cultural. Exatamente o mesmo colapso que foi vivido pelos índios das planícies norte-americanas quando seu modo de vida foi destruído e eles foram amontoados em reservas. Exatamente o mesmo colapso vivido pelos inumeráveis povos aborígenes dominados por nós na África, na América do Sul, na Austrália, na Nova Guiné e em outros lugares. Não importa que as circunstâncias do colapso tenham sido diferentes para eles e para nós, os resultados são os mesmos. Tanto para eles quanto para nós, em apenas algumas décadas, realidades chocantes invalidaram a nossa visão do mundo e transformaram em absurdo um destino que sempre pareceu evidente por si mesmo. Tanto para

eles quanto para nós, a canção que cantamos desde o começo dos tempos morreu subitamente na nossa garganta.

O resultado foi o mesmo, tanto para eles quanto para nós — as coisas se desintegraram. Não importa se a gente mora em tendas ou em arranha-céus — as coisas se desintegram. A ordem e o sentido são substituídos pelo caos e pela confusão. As pessoas perdem a vontade de viver, tornam-se apáticas, tornam-se violentas, tornam-se suicidas e dão para beber, para consumir drogas, voltam-se para o crime. A matriz que um dia manteve tudo isso no lugar está abalada agora, e as leis, os costumes e as instituições estão caindo em desuso e desrespeito, principalmente entre os jovens, que percebem que nem os mais velhos conseguem mais ver qualquer sentido neles. E foi isso o que aconteceu aqui conosco. A rã sorriu durante dez mil anos, enquanto a água ia esquentando, esquentando, esquentando, mas, então, quando a água finalmente começou a ferver, o sorriso perdeu o sentido, porque a rã estava morta. As circunstâncias que por fim abalaram a nossa louca visão cultural, que por fim fizeram com que a nossa mitologia de auto-engrandecimento perdesse o sentido, que por fim estrangularam a nossa canção arrogante. Perdemos a nossa capacidade de acreditar que o mundo foi feito para o homem e que o homem foi feito para subjugá-lo e governá-lo. Perdemos a capacidade de acreditar que o mundo vai nos apoiar automática e inevitavelmente na nossa conquista, que vai engolir todos os venenos que pudermos gerar sem provocar qualquer estrago. Perdemos a nossa capacidade de acreditar que Deus está inequivocamente do nosso lado contra o resto da criação. Portanto, senhoras e senhores, estamos... desmoronando.

Por fim, boas notícias

Uma mulher disse-me recentemente que queria trazer uma amiga para me ouvir falar, mas a amiga disse: "Desculpe, mas não agüento mais ouvir más notícias". (Risos) Sim, é engraçado, porque vocês sabem que, por mais estranho que pareça, vocês estão aqui neste teatro ouvindo-me porque sabem sem sombra de dúvida que sou um mensageiro que traz boas notícias.

Sim, é isso mesmo, e, como sabem que é isso, vocês riem. Já estão se sentindo melhor! Tenho certeza absoluta de que estão se sentindo melhor, sabem por quê? Na verdade, é muito simples. A boa notícia é:

Não somos a humanidade.

Conseguem sentir a liberação que há nessas palavras? Tentem. Vão em frente. Sussurrem-nas uns para os outros.

Não... somos... a... humanidade.

Tenho certeza de que parecem bizarras, para dizer o mínimo. Antes de nos despedirmos esta noite, gostaria que vocês entendessem por que parecem bizarras.

Não somos a humanidade

Brincar com isso é como entrar na pele de um desconhecido — toda a sua vida muda num instante!

Não somos a humanidade. Gostaria que vocês entendessem o que são essas quatro palavras. São um resumo de tudo o que foi apagado durante o Grande Esquecimento. Estou sendo absolutamente literal. No fim do Grande Esquecimento, quando os membros da nossa cultura começaram a construir a civilização a sério, essas quatro palavras eram praticamente impensáveis. De certo modo, isso foi o Grande Esquecimento: esquecemos que somos apenas uma única cultura e passamos a achar que éramos a própria humanidade.

Todos os fundamentos intelectuais e espirituais da nossa cultura foram criados por pessoas que acreditavam sem sombra de dúvida que somos a própria humanidade. Tucídides acreditava nisso. Sócrates acreditava nisso. Platão acreditava nisso. Aristóteles acreditava nisso. Ssu-ma Chien acreditava nisso. Gautama Buda acreditava nisso. Confúcio acreditava nisso. Moisés acreditava nisso. Jesus acreditava nisso. São Paulo acreditava nisso. Maomé acreditava nisso. Avicena acreditava nisso. Tomás de Aquino acreditava nisso. Copérnico acreditava nisso. Galileu e Descartes acreditavam nisso, embora provavelmente soubessem que não era bem isso. Hume, Hegel, Nietzsche, Marx, Kant, Kierkegaard, Bergson, Heidegger, Sartre e Camus — todos eles consideravam essa idéia ponto pacífico, embora certamente não lhes faltassem as informações necessárias para saberem que não era bem isso.

Mas vocês devem estar se perguntando por que seria uma notícia tão ruim se fôssemos a humanidade. Vou tentar explicar. Se fôssemos a própria humanidade, todas as coisas terríveis que dizemos sobre a humanidade seriam *verdade* — o que seria uma notícia muito ruim. Se fôssemos a própria humanidade, toda a nossa destrutividade não pertenceria somente a uma cultura equivocada, mas à própria humanidade — o que seria uma notícia muito ruim. Se fôssemos a própria humanidade, o fato de a nossa cultura estar condenada significaria que a humanidade está condenada — o que seria uma notícia muito ruim. Se fôssemos a própria humanidade, o fato de a nossa cultura ser inimiga da vida deste planeta significaria que a própria humanidade é inimiga da vida deste planeta — o que seria uma notícia muito ruim. Se fôssemos a própria humanidade, o fato de a nossa cultura ser abominável e deformada significaria que a própria humanidade é abominável e deformada — uma notícia muito ruim mesmo.

Oh, gema e chore, humanidade, se *nós* formos a humanidade! Oh, gema e chore de horror e desespero, se as criaturas miseráveis e equivocadas da nossa cultura forem a própria humanidade!

Mas não somos a humanidade, somos apenas uma cultura — uma cultura entre centenas de milhares que viveram sua visão deste planeta e cantaram sua canção — o que é uma notícia maravilhosa, até para nós!

Se fosse a humanidade que tivesse de mudar, não teríamos tido sorte. Mas, se não é a humanidade que precisa mudar, é só... nós.

O que é uma notícia muito boa.

Fiquem a meu lado, amigos. Vamos chegar lá, passo a passo, passo a passo.

*** Jagrená, no original, juggernaut: ídolo de Krishna levado anualmente em procissão num grande carro, sob cujas rodas os fanáticos se jogam. Por extensão, objeto de devoção cega a um ídolo ou ideal, que resulta na destruição cruel do indivíduo fanatizado.**

População: uma abordagem de sistemas

21 de maio, Stuttgart

Como as idéias que vou apresentar aqui mostraram ser muito perturbadoras para as pessoas, aprendi a abordá-las cautelosamente, de uma boa distância, uma distância segura — sendo uma boa distância, nesse caso, cerca de duzentos mil anos atrás. Duzentos mil anos atrás foi quando uma nova espécie chamada *Homo sapiens* começou a ser vista pela primeira vez neste planeta.

Como acontece com qualquer espécie jovem, essa também não tinha muitos membros no início. Como nosso tema é população, é melhor esclarecer o que quero dizer com isso. Temos uma data aproximada para o surgimento do *Homo sapiens* porque dispomos de restos fossilizados e dispomos de restos fossilizados porque um número suficiente de membros dessa espécie viveu em torno dessa época para criar esses restos fossilizados. Em outras palavras: quando digo que o *Homo sapiens* apareceu há cerca de duzentos mil anos, não estou falando do primeiro par deles, nem da primeira centena deles. Mas também não estou falando do primeiro milhão deles.

Há duzentos mil anos, surgiu um aglomerado. Digamos dez mil. Durante os cento e noventa mil anos seguintes, o *Homo sapiens* cresceu em termos de número e migrou para todos os continentes do mundo.

A passagem desses cento e noventa mil anos nos traz até o início da era histórica deste planeta. Traz-nos até o início da revolução agrícola, que é o fundamento da nossa civilização. Ela aconteceu há cerca de dez mil anos, e a população humana daquela época é estimada em cerca de dez milhões.

Eu gostaria de despender alguns minutos agora examinando apenas aquele período de crescimento de dez mil pessoas para dez milhões. Como sói

acontecer, o que esse período de crescimento representa são dez duplicações. De dez mil para vinte mil, de vinte mil para quarenta mil, de quarenta mil para oitenta mil, e assim por diante. Comecem com dez mil, dobrem esse número dez vezes e vão acabar com cerca de dez milhões.

Portanto: nossa população dobrou dez vezes em cento e noventa mil anos. Foi de cerca de dez mil para dez milhões. Isso é crescimento. Um crescimento inegável, um crescimento evidente, até mesmo substancial... mas a taxa de crescimento era *infinitesimal*. Vejam o quanto era infinitesimal: em média, nossa população estava dobrando a cada *dezenove mil anos*. Um crescimento lento — lentíssimo.

No final desse período, isto é, há dez mil anos, isso começou a mudar muito drasticamente. A taxa de crescimento infinitesimal transformou-se em taxa de crescimento rápido. Começando com dez milhões, nossa população dobrou, não em dezenove mil anos, mas em cinco mil anos, levando-a para vinte milhões de pessoas. A duplicação seguinte — o dobro e mais um pouquinho — levou apenas dois mil anos, levando-nos para cinqüenta milhões. A duplicação seguinte precisou só de mil e seiscentos anos, levando-nos para cem milhões. A duplicação seguinte precisou só de mil e quatrocentos anos, levando-nos para duzentos milhões no ano zero do nosso calendário. A duplicação seguinte precisou só de mil e duzentos anos, levando-nos para quatrocentos milhões. O ano era 1200 d.C. A duplicação seguinte levou apenas quinhentos anos, levando-nos para oitocentos milhões em 1700. A duplicação seguinte precisou apenas de duzentos anos, levando-nos para um bilhão e meio em 1900. A duplicação seguinte vai levar só uns trinta e sete anos. Daqui a dez ou vinte meses, vamos chegar aos seis bilhões e, se essa tendência de crescimento continuar sem que nada a detenha, muitos de nós que estão nesta sala viverão o bastante para nos ver atingir os doze

bilhões. Não vou tentar imaginar o que isso vai significar. Uma idéia geral, a minha idéia particular: pensem em tudo de ruim que vemos acontecer agora — destruição ambiental, terrorismo, crime, drogas, corrupção, suicídio, doenças mentais, todo tipo de violência — e multipliquem por quatro... no mínimo. Mas, acreditem se quiserem, não estou aqui para deprimi-los com quadros sombrios do futuro.

Temos um problema de população. Existe pouca gente por aí achando que tudo está ótimo e que não temos nenhum problema de população, mas não estou aqui para mudar a cabeça deles. Estou aqui para sugerir que o ângulo de ataque que usamos tradicionalmente para enfrentar esse problema é ineficaz e nunca vai ser nada além de ineficaz. Mas, neste exato momento, gostaria de ler para vocês uma fábula que acho que vocês vão achar relevante. É sobre alguns povos com seus próprios problemas de população e a forma que usaram para enfrentá-los. Chama-se “Bênção: Uma Fábula sobre a População”.

Bênção: Uma fábula sobre a população

Certa vez, num planeta não muito diferente do nosso, os pesquisadores de um laboratório de remédios tiveram muita sorte com uma substância que estavam testando como analgésico. Ingerindo essa substância, chamada D3346, ratos que estavam sofrendo dores começaram a dar sinais de alívio: ficavam mais alegres, acasalavam-se mais freqüentemente, seu apetite melhorava, e assim por diante. Os testes com seres humanos deixaram os funcionários da companhia em êxtase. O D3346 alcançava resultados muito superiores ao de drogas muito mais potentes e não provocava efeitos colaterais deletérios (a

não ser deixar no sujeito um odor desagradável que desaparecia assim que o uso da droga era suspenso).

A nova droga funcionava tão bem que o departamento de marketing percebeu que tinha mais que um simples analgésico em mãos. As pessoas eram afligidas por uma série de dorezinhas mais ou menos o tempo todo e, pelo simples fato de livrá-las delas, o D3346 dava a seus usuários uma sensação de bem-estar tão intensa que até parecia que ficavam “viajando”. Ninguém discutiu a proposta do nome **Bênção**, que foi adotado para esse novo produto, nem seu *slogan*: “Funciona contra a dor que você nem sabe que tem!”

No começo, a droga foi comercializada em pílulas e em forma líquida, mas, em menos de um ano, alguém teve a brilhante idéia de embalá-la como pó em potinhos descartáveis destinados a assumir seu lugar ao lado do sal e da pimenta na mesa de jantar. Em poucos meses, todas as formas “medicinais” desapareceram das prateleiras das lojas e Bênção deixou de ser um “analgésico”. Passou a ser apenas mais um complemento alimentar benéfico, como uma vitamina.

Ninguém se surpreendeu quando, nove meses depois da introdução da droga, a taxa de natalidade começou a aumentar. Isso havia sido previsto e todos compreendiam as razões do evento. Bênção não aumentava a fertilidade nem o apetite sexual, nem era afrodisíaco. As pessoas que o usavam simplesmente se sentiam melhor, tornavam-se mais brincalhonas, mais afetuosas, mais extrovertidas. E fora previsto que a taxa de natalidade logo daria um salto — e deu... de cerca de dez por cento *acima* da taxa antiga.

Nesse planeta, as pessoas de quem estou falando não constituíam uma cultura mundial dominante, como nós — mas logo começaram a ser notadas em todo o globo. Em primeiro lugar, elas cheiravam mal, o que lhes granjeou

o nome pelo qual passaram a ser conhecidas em todo o mundo: fedorentos. Em segundo lugar, respondendo a pressões populacionais internas, passaram a ser invasores e usurpadores incorrigíveis da propriedade alheia. Apesar disso, os fedorentos em geral conseguiam levar suas usurpações a cabo sem violência... mandando Bênção na frente.

Não importava que ninguém quisesse acabar cheirando como os fedorentos. Bênção estava ali e poucos conseguiam resistir a tomar apenas uma dose ocasional para uma dor nas costas ou uma dor de cabeça e logo estavam usando a droga como se fosse sal. As pessoas começavam abominando os fedorentos e resistindo apaixonadamente a suas usurpações, mas acabavam se tornando fedorentas também. Depois de alguns séculos, a expansão fedorenta chegou ao fim — porque não havia mais terras para onde se expandir. O planeta inteiro estava fedorento.

Líderes previdentes perceberam que a população logo seria um problema urgente, mas um século se passou sem que nenhuma providência significativa fosse tomada. A população humana, sem nenhuma razão para fazer qualquer outra coisa, continuava crescendo. A fome tornou-se um fato comum da vida em certas partes do mundo e, em algumas regiões, o problema passou a ser interpretado não como uma questão de refrear o crescimento, mas de aumentar a produção de alimentos. Outro século se passou, e a população humana continuou crescendo.

Em círculos informais, as pessoas começaram a praticar e defender várias estratégias de controle da natalidade, que iam do controle da natalidade de uma forma ou de outra a programas escolares destinados a reduzir a gravidez de adolescentes, mas nenhuma dessas iniciativas teve qualquer resultado mensurável. Quando um número cada vez maior de pessoas tomou consciência da crise, os sociólogos e economistas começaram a investigar

mais profundamente as suas causas. Notaram, por exemplo, que em muitas partes do mundo ter filhos era um meio para o sucesso financeiro; na falta de outras oportunidades econômicas, principalmente para as mulheres, as pessoas traziam filhos ao mundo para servirem como trabalhadores não-remunerados e como garantia de segurança na velhice.

Um bio-historiador chamado Lépido tentou chamar a atenção das pessoas para o fato de que, antes de Bênção aparecer, a população humana do planeta havia sido praticamente estável, mas seus ouvintes tiveram enorme dificuldade em ver a conexão entre as duas coisas. O dr. Lépido tentou explicar: “Se vocês introduzirem Bênção na dieta de *qualquer espécie*”, disse ele, “o resultado será o mesmo: a taxa de natalidade vai aumentar. Sem nem um aumento da taxa de mortalidade para compensar, a população global da espécie também vai aumentar inevitavelmente”.

Os ouvintes do professor não tinham realmente a menor noção do que ele estava querendo dizer, pois Bênção havia se tornado um elemento constante da dieta humana havia mil anos e eles não conseguiam imaginar a vida sem ele. O professor teve de explicar muito pacientemente que, sem uma ingestão constante de Bênção, todos sentiriam uma série de dorezinhas sem importância e, por sentirem essas dorezinhas sem importância, todos ficariam ligeiramente menos alegres, ligeiramente menos brincalhões, ligeiramente menos afetuosos, ligeiramente menos extrovertidos — e ligeiramente menos inclinados a fazer sexo. Assim, a taxa de natalidade diminuiria e a população logo voltaria a ser estável.

“Está dizendo que a solução do nosso problema de superpopulação é viver com dor?”, perguntavam-lhe, incrédulos.

“Vocês estão exagerando o que estou querendo dizer”, respondia o professor. “Antes de Bênção aparecer, as pessoas não achavam que viviam com dor. Não estavam vivendo com dor. Estavam simplesmente vivendo”.

Outros diziam: “Isso não tem nada a ver com o assunto. O dr. Lépidio já observou que Bênção não é um afrodisíaco e não aumenta a fertilidade por si mesmo. O fato de usarmos Bênção não nos leva compulsivamente a ter mais relações sexuais. Podemos ter exatamente quantas quisermos. Além disso, também podemos usar um número imenso de anticoncepcionais para evitar a gravidez. Por isso é que é difícil entender o que Bênção tem a ver com o assunto”.

“Tem o seguinte a ver com o assunto”, replicava o dr. Lépidio. “Se vocês tornarem Bênção acessível a qualquer espécie, os membros dessa espécie vão se acasalar mais frequentemente e sua taxa de natalidade vai aumentar. Não é uma questão do que você ou eu vamos fazer — se você ou eu vamos usar anticoncepcionais, por exemplo. É uma questão do que a espécie como um todo vai fazer. E posso demonstrar isso experimentalmente: a taxa de natalidade de *qualquer* espécie com livre acesso a Bênção vai aumentar. Não importa que sejam ratos, gatos, lagartos ou galinhas — ou seres humanos. Não é uma questão do que os indivíduos fazem, é uma questão do que as *populações globais* fazem”.

Mas as pessoas que ouviam o professor sempre rejeitavam indignadamente essa observação.

“Não somos ratos!”, gritavam. “Não somos gatos, nem lagartos, nem galinhas!”

Considerado cada vez mais um excêntrico e um extremista, o dr. Lépidio acabou perdendo seu cargo universitário e, com ele, seu crédito como autoridade no assunto, e nunca mais se soube dele.

A crise populacional agravou-se. Os biólogos ambientalistas achavam que a população humana já excedia a capacidade do planeta de sustentá-la e estava se dirigindo para um colapso. Até os otimistas e outros que antigamente zombavam dessa possibilidade começaram a ver que algo tinha de mudar. Finalmente os chefes de Estado das maiores potências mundiais convocaram uma conferência global para estudar e discutir os problemas. Foi um evento impressionante, sem precedentes na história humana. Milhares de pensadores de dezenas de disciplinas reuniram-se para examinar a questão.

O conceito de controle logo surgiu como o tema dominante da conferência. Controle populacional, evidentemente, era o assunto em pauta. Mas conseguir o controle populacional implicava controle de todos os níveis e de todas as formas. Novos controles econômicos incentivariam os casais a controlar o tamanho da família. Nas regiões atrasadas, onde as mulheres eram pouco mais que chocadeiras, novos controles sociais liberariam a criatividade delas para aumentar a prosperidade da família. Os dispositivos de controle da natalidade, as substâncias de controle da natalidade e as estratégias de controle da natalidade precisavam de maior divulgação. Naturalmente, no nível do individual, o controle pessoal precisava ser promovido. Controles educacionais provocaram debates acalorados, em que alguns afirmavam que os controles eram necessários para manter as crianças *ignorantes* em relação ao sexo, enquanto outros pregavam que os controles eram necessários para fazer as crianças *tomarem consciência* do sexo. *Controle, controle, controle* — foi uma palavra ouvida dez mil vezes um milhão de vezes.

Ao contrário da palavra *Bênção*.

Na grande conferência global dos fedorentos sobre a crise populacional, Bênção não foi um tópico importante — nem mesmo um tópico secundário.

Na verdade, Bênção sequer foi mencionado.

As pessoas que ouvem essa parábola querem saber, naturalmente, como é que eu a interpreto. Vêm que os fedorentos foram fundamentalmente irracionais quando se recusaram a tomar conhecimento da ligação entre Bênção e a explosão populacional. A ligação parece óbvia. A explosão populacional dos fedorentos *começou* exatamente com a introdução de Bênção, e a introdução de Bênção *produziria* claramente o resultado observado. A lógica e a história combinam-se para apontar Bênção como a causa da explosão populacional dos fedorentos. A lógica e a história combinam-se para sugerir que a eliminação dessa causa acabaria com a explosão e restauraria a estabilidade populacional.

Mas, em nossa cultura, o que corresponde a Bênção?

Vou responder primeiro a uma pergunta mais fácil e dizer-lhes que, hoje, meu papel aqui corresponde exatamente ao papel do infeliz dr. Lépidio. Vou lhes dizer o nome da causa da nossa explosão populacional — com muito mais provas e plausibilidade do que o dr. Lépidio foi capaz de reunir no caso de Bênção — e, depois, vocês vão entender. Estou acostumado a ver as pessoas se indignarem comigo por causa dessa questão. Ficam indignadas porque, como o dr. Lépidio, estou apontando o que é considerado a maior bênção da nossa cultura — uma bênção muito mais essencial para o nosso modo de vida do que qualquer analgésico.

Crescimento e o ABC da ecologia

Toda a energia alimentar das formas de vida encontradas na superfície do nosso planeta origina-se dos vegetais verdes e de mais nada. A energia que se origina das plantas verdes passa para as criaturas que se alimentam de plantas, que depois passa para os predadores que se alimentam das criaturas que se alimentam de plantas verdes, que depois passa para os predadores que se

alimentam desses predadores, que depois passa para os animais que se alimentam de carniça, que devolvem ao solo os nutrientes de que as plantas verdes precisam para manter o ciclo. Podemos dizer que isso é o A do ABC da ecologia.

As várias populações da comunidade da vida que alimentam e são alimentadas mantêm um equilíbrio dinâmico ao servir de alimento e ser alimentadas. Os desequilíbrios no seio da comunidade — causados, por exemplo, por doenças ou catástrofes naturais — tendem a ser minimizados e erradicados à medida que as várias populações da comunidade continuam com suas atividades habituais de servir de alimento e ser alimentadas, geração após geração. Vista em termos de sistema, a dinâmica do crescimento e declínio populacional da comunidade biológica é um sistema de *feedback* negativo. Se você tem cervos demais numa floresta, eles vão devorar sua base alimentar — e a redução de sua base alimentar vai fazer com que sua população diminua. E, à medida que sua população diminui, sua base alimentar se recupera — e, como a recuperação faz com que haja mais alimentos disponíveis para os cervos, a população de cervos aumenta. Por sua vez, o aumento da população de cervos reduz a disponibilidade de alimentos, que, por sua vez, provoca uma redução da população de cervos. Dentro da comunidade, as populações que servem de alimento e as populações que se alimentam das primeiras controlam uma à outra. À medida que aumentam as populações que servem de alimento, as populações que se alimentam delas aumentam. À medida que diminuem as populações que servem de alimento, as populações que se alimentam delas diminuem. À medida que diminuem as populações que se alimentam de determinadas populações, essas determinadas populações que lhes servem de alimento aumenta. E assim por diante. Esse é o B do ABC da ecologia.

Para os pensadores que raciocinam em termos de sistemas, a comunidade natural oferece um modelo perfeito de *feedback* negativo. Um modelo mais simples é o termostato que controla uma fornalha. As condições em que o termostato se encontra transmitem a informação “frio demais”, e o termostato aumenta a temperatura da fornalha. Depois de algum tempo, as condições em que o termostato se encontra transmitem a informação “quente demais”, e o termostato diminui a temperatura da fornalha. *Feedback* negativo. Bela invenção.

O A do ABC da ecologia é alimento. A comunidade da vida não é nada, além disso. É alimento que voa, alimento que corre, alimento que nada, alimento que rasteja e, claro, alimento que simplesmente está ali parado e crescendo. O B do ABC da ecologia é isso: que o fluxo e refluxo de todas as populações é uma função do alimento disponível. Um aumento da quantidade de alimento disponível para uma espécie significa crescimento. Uma redução do alimento disponível significa redução. Sempre. Por ser tão importante, deixem-me dizer com outra palavra: “invariavelmente”. Um aumento da quantidade disponível de alimento para uma espécie significa crescimento. A diminuição significa declínio. Todas as vezes, sempre. *Semper et ubique**. Sem exceção. Nunca de outra forma.

Mais comida, crescimento. Menos comida, declínio. Podem apostar. Não há espécie que decline no meio da abundância, não há espécie que floresça sem ter o que comer.

Esse é o B do ABC da ecologia.

A derrocada dos controles do sistema

Com o A e o B da ecologia à mão, estamos prontos para voltar e examinar de novo a origem da nossa explosão populacional. Durante cento e noventa mil anos, a nossa espécie cresceu a uma taxa infinitesimal de alguns milhares para dez milhões. E então, há cerca de dez mil anos, começamos a crescer rapidamente. Não foi um evento miraculoso, nem um evento acidental, nem um evento misterioso.

Começamos a crescer mais rapidamente porque encontramos uma forma de derrotar os controles de *feedback* negativo da comunidade. Tornamo-nos produtores de alimento — agricultores. Em outras palavras, encontramos uma forma de aumentar à *vontade* a quantidade de alimentos.

Essa capacidade de produzir alimentos à vontade é a bênção sobre a qual a nossa civilização se assenta. Também é a bênção representada pelo analgésico da minha parábola. A capacidade de produzir alimentos à vontade é uma bênção inquestionável, mas sua própria virtude pode torná-la perigosa, pode transformá-la num vício perigoso — exatamente como o analgésico da minha fábula.

“À vontade” é a expressão decisiva aqui. Como podemos produzir alimentos à vontade, a nossa população não está mais sujeita ao controle da disponibilidade de alimentos numa base aleatória. Toda vez que queremos mais comida, podemos cultivá-la. Depois de cento e noventa mil anos limitados pela quantidade disponível, começamos a *controlar* a quantidade disponível — e passamos a aumentar invariavelmente a quantidade disponível. E os nossos vizinhos assumem a mesma conduta. E os agricultores de toda a nossa região assumem a mesma conduta. Todos vocês estão envolvidos no aumento da quantidade de alimentos disponíveis para sua espécie.

E aqui entra o B do ABC da ecologia: um aumento da quantidade de alimentos disponíveis para uma espécie significa crescimento para essa espécie. Em outras palavras, a ecologia prevê que a bênção da agricultura trará crescimento — e a história confirma a previsão da ecologia. Assim que começamos a aumentar a quantidade de alimentos, a nossa população começou a crescer — não infinitesimalmente, como antes, quando estávamos sujeitos ao *feedback* negativo da comunidade, mas rapidamente.

O aumento da população entre os agricultores foi seguido de expansão territorial entre os agricultores. A expansão territorial tornou uma quantidade maior de terra disponível para a produção de alimentos — e ninguém parte para a agricultura para reduzir a produção de alimentos. Mais terra, mais produção de alimentos, mais crescimento populacional.

Com mais gente, precisamos de mais comida. Com uma quantidade maior de comida à disposição, logo teremos mais gente — conforme previsto pelas leis da ecologia. Com mais gente, precisamos de mais comida. Com mais comida, logo temos mais gente. Com mais gente, precisamos de mais comida. Com mais comida, logo temos mais gente.

Feedback positivo é o nome que lhe dá a terminologia de sistemas. Outro exemplo: quando as condições em que o termostato se encontra transmitem a informação “quente demais”, o termostato AUMENTA A TEMPERATURA em vez de DIMINUÍ-LA. Isso é *feedback* positivo. O *feedback* negativo restringe um efeito progressivo.

O *feedback* positivo é o que vemos em ação na revolução agrícola. Uma população maior estimula a produção de mais comida, que aumenta a população. Mais comida, mais gente. Mais gente, mais comida. Mais comida, mais gente. Mais gente, mais comida. Mais comida, mais gente. Feedback positivo. Péssima invenção. Uma invenção perigosa.

O experimento feito dez mil vezes

O que se observa na população humana é que a intensificação da produção para alimentar uma população maior leva invariavelmente a um aumento maior ainda da população. Já ouvi dizer que isso é paradoxo, mas, na verdade, é apenas o que as leis da ecologia prevêm. Ouçam de novo: “A intensificação da produção para alimentar uma população maior leva invariavelmente a um aumento maior ainda da população”.

Pensem nisso como um experimento que foi feito anualmente em nossa cultura durante os últimos dez mil anos: vamos ver o que acontece se aumentarmos a produção de alimentos deste ano. Ei, olhe só, a população também aumentou! Vamos ver o que acontece o ano que vem se aumentarmos a produção de alimentos.

“Ei, olhe só, a população aumentou de novo! Vocês acham que existe alguma ligação?”

“Não, por que existiria?”

“Bem, o que devemos fazer este ano? Aumentar a produção ou diminuí-la? Bem, *vamos* aumentá-la, porque temos mais bocas para alimentar!”

“Certo, vamos aumentar de novo a produção de alimentos este ano e ver o que acontece. Uau, olhe só! A população cresceu de novo”.

“Bom, vamos aumentar a produção de novo e ver o que acontece. Quem sabe dessa vez talvez a população diminua”.

“Que nada! Cresceu de novo! É espantoso”.

Essas conversas sucintas descrevem os resultados de cinco experimentos anuais feitos nos tempos antigos. Imaginem mais nove mil novecentos e noventa e cinco, trazendo-nos até o ano corrente, 1996, quando

temos de nos perguntar: Bem, que vamos fazer este ano? Diminuir a produção de alimentos?

“De jeito nenhum, não seja ridículo”.

“Bem, olhe aqui, desta vez vamos simplesmente manter a mesma produção do ano passado. Para ver o que acontece”.

“Está brincando? A civilização vai entrar em colapso e acabar”.

“Por quê? Se produzimos alimentos suficientes para cinco bilhões e meio de pessoas o ano passado, por que a civilização entraria em colapso e acabaria se produzirmos comida suficiente para cinco bilhões e meio de pessoas este ano?”

“Porque o suficiente para cinco bilhões e meio de pessoas não foi suficiente. Milhões estão morrendo de fome”.

“É, mas todo mundo sabe que não é por falta de comida. A comida existe; só não está chegando às pessoas que estão morrendo de fome”.

“Escute aqui: não tivemos essa conversa em 1990?”

“É claro que sim. Tivemos essa conversa em 1990”.

“Tivemos essa conversa em 1990 e em 1921, durante a fome na Rússia, e em 1846, durante a fome na Irlanda, e em 1783, durante a fome no Japão, e em 1591, durante a fome na Itália, e em 1315 durante a fome na Europa. Deus do céu, lembro-me de ter tido essa conversa no século VI a.C., durante as fomes de *Roma*”.

“Quê? Aonde é que estou querendo chegar? Quantas vezes já fizemos esse experimento?”

“Umaz dez mil vezes. Decidimos aumentar a produção de alimentos dez mil vezes, e dez mil vezes a população aumentou. Isso não prova nada, obviamente. Desta vez pode ser diferente. Desta vez a população pode diminuir”.

“Bom, está bem, vamos tentar mais uma vez. Vamos aumentar a produção de alimentos este ano de novo e ver o que acontece...”

“Ei, olhe só. A população aumentou de novo desta vez. Que coincidência, não?”

Três experimentos

Dêem-me alguns minutos agora para resumir uma série de experimentos que vão esclarecer as questões que levantei aqui.

Experimento número 1: numa gaiola muito boa e espaçosa introduzimos dois ratos jovens e saudáveis. A gaiola tem um recipiente de comida automático, embutido, que nos possibilita dar comida aos ratos em qualquer quantidade que a gente quiser. Depois de introduzir os dois ratos, enchemos o recipiente com dois quilos de comida, que, obviamente, é muito mais do que dois ratos precisam, mas não vai fazer mal nenhum, e logo vocês vão entender o porquê disso. No dia seguinte, tiramos o recipiente e jogamos fora a comida que sobrou, substituindo-a por outros dois quilos. Repetimos esse procedimento todos os dias. Logo, os dois ratos se tornam quatro, os quatro se tornam oito, os oito se tornam dezesseis, os dezesseis se tornam trinta e dois. Esse crescimento populacional confirma o fato de que esses ratos têm comida à vontade. Continuamos colocando dois quilos de comida todos os dias e, à medida que o tempo vai passando, uma quantidade cada vez maior é consumida. Finalmente chega o dia em que toda a comida é consumida. Não tem importância. Continuamos pondo dois quilos de comida na gaiola todos os dias, e todos os dias dois quilos de comida são consumidos. Adivinhem agora o que acontece com a população, que estava crescendo tão rapidamente desde o primeiro dia do experimento. Ela *pára* de crescer. Estabiliza-se. Mais uma

vez, nenhuma surpresa. Continuamos fornecendo dois quilos de comida aos ratos todos os dias e contamos seu número todos os dias durante um ano e verificamos que a população flutua entre duzentos e oitenta e trezentos e vinte membros, com uma média de trezentos. Dois quilos de comida todos os dias sustentam cerca de trezentos ratos. Esse é o experimento número 1.

O experimento número 2 começa de forma bem parecida. Gaiola. Dois ratos. Mas, desta vez, seguimos um procedimento diferente. Em vez de colocar a mesma quantidade de comida na gaiola todos os dias, começamos com uma certa quantidade e a aumentamos todos os dias. Por mais que o casal de ratos coma no primeiro dia, colocamos mais cinqüenta por cento no segundo dia. Por mais que eles comam no segundo dia, colocamos cinqüenta por cento mais no terceiro dia. Logo temos quatro ratos. Não tem importância. Continuamos com o mesmo procedimento. Seja qual for a quantidade consumida num certo dia, colocamos cinqüenta por cento mais no dia seguinte. Sessenta e quatro ratos, cento e vinte e oito, duzentos e cinqüenta, quinhentos, mil. Seja qual for a quantidade que os ratos comam num dia, colocamos cinqüenta por cento mais no dia seguinte, tendo o cuidado de expandir os lados da gaiola tanto quanto necessário para evitar uma abertura estressante. Dois mil, quatro mil, oito mil, dezesseis mil, trinta e dois mil, sessenta e quatro mil. A essa altura, alguém corre e grita:

“Parem! Parem! Está havendo uma explosão populacional!”

Deus do céu! Acho que você tem razão! Que fazer?

Tenho uma sugestão. Vamos começar respondendo à seguinte pergunta: quanto os sessenta e quatro mil ratos comeram ontem? Resposta: quinhentos quilos de comida. Certo. Bom, normalmente colocaríamos setecentos e cinqüenta quilos de comida na gaiola amanhã, mas agora vamos abandonar esse procedimento. Nosso novo procedimento vai se basear na seguinte teoria:

ontem, quinhentos quilos foram suficientes para eles; por que quinhentos quilos não seriam suficientes para eles hoje?

Então, hoje colocamos somente quinhentos quilos de comida na gaiola, a mesma quantidade de ontem.

Agora, vamos observar mais de perto. Não há brigas por causa de comida. Por que haveria de ter? Os ratos têm exatamente a mesma quantidade de comida que tiveram ontem.

Agora, observem mais de perto outra vez. Não há ratos morrendo de fome. Por que haveria de ter?

Agora, já é amanhã, e colocamos novamente apenas quinhentos quilos de comida na gaiola.

Observem de novo. Continua não havendo brigas por causa de comida. Continua sem haver ratos morrendo de fome.

Fazemos o mesmo procedimento no terceiro dia. E, mais uma vez, não vemos brigas por comida, nem ratos morrendo de fome.

Mas não há novos ratos nascendo? É claro que sim — e ratos velhos estão morrendo.

Quarto dia, quinto dia, sexto dia. Estou esperando as brigas por comida, mas não há brigas por comida. Estou esperando pela fome, mas não há fome.

Há sessenta e quatro mil ratos, e quinhentos quilos de comida alimentam sessenta e quatro mil ratos. Por que haveria brigas por comida? Por que haveria fome?

Ah — quase me esqueci de dizer —, a explosão populacional parou da noite para o dia. Que mais poderia acontecer? O crescimento da população *tem* de ser sustentado por um aumento da quantidade de alimento disponível. Sempre. Sem exceção. Menos comida — declínio. Mais comida —

crescimento. Mesma quantidade de comida — estabilidade. É isso que temos aqui: estabilidade.

Experimento número 3: é idêntico ao experimento número 2 até o final. Sessenta e quatro mil ratos, quinhentos quilos de comida, estabilidade. Aí o chefe do departamento chega e pergunta: Quem precisa de sessenta e quatro mil ratos? Esses ratos estão comendo tudo, vamos acabar com as calças na mão. Afinal de contas, que há de tão especial assim em sessenta e quatro mil ratos? Por que não oito mil? Por que não quatro mil?”

Ah, meu Deus, que crise! Rápido: procurem nas Páginas Amarelas alguém que fabrica preservativos para ratos! Quê? Não existem preservativos para ratos? Bem, procurem em “Planejamento familiar”! Quê? Não existe planejamento familiar para roedores?

Não, vocês sabem que essa não é a solução. Sabem porque entendem o B do ABC da ecologia. Não precisamos de controle de natalidade. Tudo quanto precisamos é controle de *comida*.

Alguém diz:

“Vamos fazer o seguinte. Ontem, quinhentos quilos de comida foram postos na gaiola. Hoje, vamos reduzir um quilo dessa quantidade”.

Ah, não, alguém discorda. Um quilo é muito. Vamos reduzir duzentos e cinquenta gramas da quantidade de comida.

E é isso o que fazem. Quatrocentos e noventa e nove quilos e setecentos e cinquenta gramas de comida são postos na gaiola. Tensão no laboratório, enquanto todos esperam brigas causadas por comida e fome — mas é claro que não há brigas por causa de comida, nem fome. Entre os sessenta e quatro mil ratos, duzentos e cinquenta gramas de comida é como um floco de caspa.

Amanhã, quatrocentos e noventa e nove quilos e meio de comida serão colocados na gaiola. Mesmo assim não há brigas por causa de comida, nem fome.

Esse procedimento é seguido durante mil dias — e nem uma única vez há brigas por causa de comida, nem fome. Depois de mil dias, somente duzentos e cinquenta quilos de comida são postos na gaiola. Adivinhem o que aconteceu? Não há mais sessenta e quatro mil ratos na gaiola. Há apenas trinta e dois mil. Não houve milagre nenhum — só uma demonstração das leis da ecologia. Uma redução da quantidade de comida disponível provocou um declínio da população. Como sempre. *Semper et ubique*. Nada a ver com brigas. Nada a ver com fome. Só a reação normal de uma população à quantidade disponível de comida.

Objecções

Fiquei surpreso com o quanto as pessoas acham essas idéias duvidosas. Sentem-se ameaçadas por elas. Ficam irritadas. Acham que estou atacando os fundamentos da vida delas. Acham que estou questionando a virtude da maior bênção da vida civilizada. De certa forma, acham que estou questionando a própria sacralidade da vida humana.

Gostaria de responder a algumas objeções que as pessoas fazem a essas idéias. Não para desencorajar a expressão dessas objeções de vocês, mas porque posso expressá-las de maneira tão crua quanto quiser para mim mesmo sem deixar ninguém nervoso.

Vou responder primeiro à objeção mais freqüente, que é o fato de os seres humanos não serem ratos. Evidentemente, é a mais absoluta verdade,

principalmente no nível individual. Enquanto indivíduo, cada um de nós é capaz de fazer opções reprodutivas que os ratos não têm a menor condição de fazer. Apesar disso — e é o que a ecologia quer dizer e que eu procurei dizer aqui hoje —, o nosso comportamento como população biológica é indistinguível do comportamento de qualquer outra população biológica. Em defesa dessa afirmação, apresento a evidência de dez mil anos de obediência a essa lei fundamental da ecologia: um aumento da quantidade de alimentos disponíveis para uma espécie significa *crescimento* para essa espécie.

Disseram-me que as coisas não *têm* de ser assim. Disseram-me que é possível nós *aumentarmos* a produção de alimentos e, simultaneamente, *reduzirmos* a população. Essa é basicamente a posição adotada pelos defensores do controle da natalidade. Essa é basicamente a posição adotada pelas organizações bem-intencionadas que se propõem melhorar as técnicas agrícolas dos povos nativos do Terceiro Mundo. Com uma das mãos, querem dar aos povos tecnicamente subdesenvolvidos os meios de aumentar sua população, e métodos de controle da natalidade com a outra mão — mesmo sabendo perfeitamente que esses métodos de controle da natalidade não funcionam nem mesmo para *nós*! Têm certeza de que podemos continuar aumentando a produção de alimentos ao mesmo tempo em que acabamos com o crescimento da população por meio do controle da natalidade. Essa posição representa uma negação do B do ABC da ecologia.

A história — e não só trinta anos de história, mas dez mil — não apresenta absolutamente nenhuma confirmação da idéia de que podemos aumentar a produção de alimentos e, simultaneamente, acabar com o crescimento da população. Ao contrário: a história confirma de forma retumbante o que a ecologia ensina se houver mais alimentos disponíveis, haverá mais gente para consumi-los.

É óbvio que a questão é diferente no plano individual: em sua fazenda, o velho Macdonald pode aumentar a produção de alimentos e ao mesmo tempo, manter o crescimento de sua família em zero, mas esse não é, evidentemente, o fim da história. Que ele vai fazer com aquele excedente que produziu em sua fazenda? Vai encharcá-lo de gasolina e pôr fogo? Nesse caso, ele não devia ter produzido excedente algum. Será que vai vendê-lo? É, provavelmente, o que vai fazer com o tal excedente e, se o vender, então o excedente entra no aumento da produção agrícola anual que serve para manter o crescimento populacional do globo.

Já me disseram muitas vezes até que se ele parar de aumentar a produção de alimentos a população vai continuar crescendo, o que representa uma negação tanto do A quanto do B do ABC da ecologia. O A do ABC da ecologia é que nós somos comida. Somos comida porque somos o que comemos — e o que comemos é comida. Falando sem rodeios: todos nós somos feitos de comida.

Quando as pessoas me dizem que a população vai continuar aumentando aos milhões se pararmos de aumentar a produção de comida, tenho de perguntar de que esses milhões adicionais serão feitos, uma vez que nenhum alimento adicional está sendo produzido para elas. Tenho de dizer: “Por favor, tragam-me algumas dessas pessoas, porque, se elas não são feitas de comida, quero saber de que *são* feitas. De raios da lua, arco-íris, poeira, luz das estrelas, sopro dos anjos ou o quê?”

Quase invariavelmente alguém me pergunta se não tenho conhecimento de que o norte, com abundância de comida, tem crescimento mais lento do que o sul, com pouca comida. Esse fato parece ser apresentado como prova de que as sociedades humanas *não* são sujeitas às leis da ecologia, que (supõe-se) prevêem que, quanto mais comida, mais rápido o crescimento. Mas *não* é isso

que a ecologia prevê. Gostaria de repetir: a ecologia *não* prevê que a população de uma área com abundância de comida vai crescer mais rápido do que uma população com pouca comida. O que a ecologia prevê é: quando há mais comida disponível, a população cresce. Todo ano há mais comida disponível no norte, e todo ano a população aumenta. Todo ano há mais comida disponível no sul, e todo ano a população aumenta.

Então me dizem enfaticamente que não está havendo maior disponibilidade de comida no sul. A população está crescendo desenfreadamente, mas esse crescimento não está sendo sustentado por nenhum aumento da quantidade de alimentos. Tudo quanto posso dizer a esse respeito é que, se o que vocês dizem é verdade, estamos claramente na presença de um milagre. Essas pessoas não estão sendo feitas de comida, porque, na opinião de vocês, não há alimento sendo colocado à disposição delas. Devem ser feitas de ar, de pingentes de gelo ou de poeira. Mas se descobrirmos — como pressinto que descobriremos — que essas pessoas não são feitas de ar, nem de pingentes de gelo, nem de poeira, mas de carne e sangue comuns, aí terei de perguntar: “De que vocês acham que esse material é feito? (B *pega a pele de seu braço*). Vocês acham que podem fabricar essa carne e sangue a partir de *nada*? Não, a existência de carne e sangue é *prova* de que essas pessoas estão sendo feitas de comida. E, se há mais *gente* aqui este ano, é prova de que há mais *comida* aqui este ano”.

E é óbvio que tenho de enfrentar o problema dos milhões que estão morrendo de fome. Não teremos de continuar a aumentar a produção de comida para alimentar os milhões que estão morrendo de fome? Há duas coisas que é preciso entender aqui. A primeira é que o excedente que produzimos todo ano *não* vai alimentar os milhões que estão morrendo de fome. Não alimentou os milhões que estavam morrendo de fome em 1995, não

alimentou os milhões que estavam morrendo de fome em 1994, não alimentou os milhões que estavam morrendo de fome em 1993, não alimentou os milhões que estavam morrendo de fome em 1992— e não vai alimentar os milhões que vão morrer de fome em 1996. Para onde vai esse excedente? Vai alimentar a nossa explosão populacional.

Essa é a primeira coisa. A segunda é que todos os envolvidos no problema da fome mundial sabem que a questão não é falta de comida. Produzir mais comida *não* resolve o problema, simplesmente porque o problema *não* é esse. Produzir mais comida só produz mais gente.

Aí as pessoas perguntam: “Você não acha que a nossa base agrícola já está sendo destruída? Eliminamos milhões de toneladas da camada superior do solo todos os anos. Nem o mar está produzindo mais tanta comida quanto antes. No entanto, a explosão populacional continua”.

O importante dessa objeção está contido na última frase: a nossa capacidade de produzir comida está declinando e, apesar disso, a explosão populacional continua. Esse não-fato é apresentado como prova de que não há ligação entre comida e crescimento da população. Repito de novo: receio ter de insistir em dizer que não podemos nos manter sem comida, assim como o fogo não pode ser mantido sem combustível. O fato de a nossa população continuar crescendo ano após ano é *prova* de que estamos produzindo mais comida ano após ano. Enquanto não aparecerem as pessoas que são feitas de sombras, de limalhas de metal ou de pedregulhos — enquanto isso não acontecer, teremos de voltar a esse ponto.

Quando todo o resto falha, aparece a objeção de que os habitantes do mundo não vão tolerar um limite de comida. Pode ser, mas isso não tem nada a ver com os fatos que apresentei aqui.

Ninguém nunca me perguntou especificamente o que tenho contra o controle da natalidade e, apesar disso, vou responder a essa pergunta. Não tenho nada contra o controle da natalidade em si. Só que ele representa uma estratégia muito medíocre de resolver o problema. Na busca de resolução da crise, a regra é: não transforme em meta o controle dos efeitos, transforme em meta controlar as causas. Se você controlar as causas, não vai ter de controlar os efeitos. É por isso que obrigam você a passar pela segurança do aeroporto antes de entrar no avião. Eles não querem controlar efeitos. Querem controlar causas. O controle da natalidade é uma estratégia voltada para os efeitos. A produção de alimentos é uma estratégia voltada para as causas.

É melhor darmos uma olhada nisso.

Perguntas e respostas

(Todas as perguntas foram resumidas por B para os ouvintes que não falavam alemão)

P.: Você disse que em um de seus “experimentos”, a distância entre as paredes da gaiola são ampliadas para acomodar uma população maior de ratos. Parece-me que isso invalida o experimento, uma vez que não há meio de aumentarmos a distância entre as paredes deste planeta para acomodar uma população humana maior.

R.: O que as nações européias fizeram no início do século XVI foi exatamente aumentar a distância entre as paredes de sua gaiola para acomodar uma população maior — invadindo o Novo Mundo, a Austrália, a Melanésia e a África.

P.: *É difícil para mim entender como você aperfeiçoou Thomas Malthus, que fez previsões semelhantes há um século.*

R.: A advertência de Malthus dizia respeito ao fracasso inevitável da agricultura totalitária. Minha advertência diz respeito a seu sucesso constante.

P.: *Seus modelos de crescimento populacional não levam em conta a correlação comprovada entre padrão de vida e crescimento populacional. Os países com um padrão de vida elevado têm uma taxa de crescimento perto de zero e até abaixo de zero (como na Alemanha), enquanto os países com um padrão de vida baixo estão entre os que respondem pelo maior crescimento de todos. Isso mostra que a produção de comida e o crescimento populacional não estão necessariamente ligados.*

R.: O argumento que você apresentou é o tipo de argumento que a indústria do tabaco gosta: “Uma de minhas melhores amigas nunca tocou num cigarro na vida, não cresceu entre fumantes e não trabalhava entre fumantes, mas morreu de câncer do pulmão aos trinta e sete anos de idade. Por outro lado, meu pai fuma dois maços de cigarro por dia desde os dezessete anos e ainda está firme e forte aos sessenta e três anos. Isso mostra que fumar e câncer não estão necessariamente ligados”.

Quando o nosso sistema populacional é avaliado como um todo — em escala global, em vez de país por país —, não há qualquer dúvida de que, como um todo, a nossa população está crescendo catastroficamente, de tal modo que estudos feitos por grupos internacionais, como as Nações Unidas, prevêem sem reservas que haverá doze bilhões de nós aqui daqui a mais ou menos quarenta anos.

P.: *O que você está ignorando é que a velocidade do crescimento da população pode ser diminuída se as condições de vida melhorarem.*

R.: No Novo Mundo de quinhentos anos atrás, a população não-nativa era zero. Hoje, a população não-nativa é de trezentos milhões de pessoas. Esse crescimento não foi resultado de más condições de vida. Foi resultado das causas que apresentei aqui esta noite.

P.: *Os agricultores do mundo não produzem prioritariamente comida para alimentar uma população maior, como você sugere. Não é a essa força que estão respondendo. Um número cada vez maior de agricultores está envolvido na produção de safras que não alimentam absolutamente ninguém, como café, algodão e tabaco.*

R.: Nesse caso, de onde está vindo a comida para alimentar a nossa população crescente? Se não estiver sendo produzida por agricultores, quem a está produzindo? Eis um fato biológico que ninguém questiona: se cem milhões de pessoas forem acrescentadas à população, elas serão feitas de comida e de mais nada.

P.: *Segundo Karl Marx, a população de toda cultura é determinada pelas restrições ao seu modo de vida. Por exemplo: povos coletores-caçadores, a fim de concretizar seu modo de vida, são obrigados a manter uma população muito pequena. Poderiam alimentar mais, mas somente com o abandono de um aspecto ou outro de seu modo de vida. Em outras palavras: seu modo de vida impõe um limite a eles. Nosso modo de vida também vai nos impor um limite.*

R.: Certo. E, nesse ínterim, a produção de comida não tem nada a ver com isso?

P.: *Tanto quanto sei, a produção de comida não tem nada a ver com isso.*

R.: Só posso dizer que as ciências biológicas vêem a questão de outra maneira.

P.: *Parece-me que não precisamos fazer nada a respeito do aumento populacional. O próprio sistema vai cuidar disso.*

R.: Você quer dizer: entrando em colapso. Sim. Isso é absolutamente certo. Se você souber que o edifício em que está vivendo tem uma falha estrutural que logo vai fazer com que ele entre em colapso devido à força da gravidade, você com certeza tem a liberdade de deixar o sistema cuidar disso. Mas, se os seus filhos estiverem vivendo no edifício quando ele finalmente desabar, talvez não pensem que é uma solução tão boa quanto você acha.

***Sempre e em toda parte. Em latim no original.**

A Grande Recordação

25 de maio. Schauspielhaus Wahnfried, Radenau

Existe uma droga conhecida como pó-de-anjo, ou PCP, que tem o efeito de cegar as pessoas para sua vulnerabilidade e limitações físicas. Sob sua influência, as pessoas lançam-se de forma completamente maníaca a façanhas que estão além das limitações naturais do corpo humano, de modo que quebram ossos, rasgam a carne e rompem ligamentos insensatamente, imaginando que são indestrutíveis e só tomando consciência do mal que fizeram a si mesmas depois que passa o efeito da droga.

A nossa cultura tem sua própria versão do pó-de-anjo, que nos cega para a nossa vulnerabilidade e limitações biológicas. Sob sua influência, lançamo-nos de forma completamente maníaca a façanhas que estão além das limitações naturais, não só da nossa espécie, mas de qualquer espécie da Terra, imaginando que somos indestrutíveis. Só agora — como o viciado quando o efeito da droga começa a passar — estamos começando a contar os ferimentos que nos infligimos durante o ataque de loucura. Mas, até enquanto fazemos essa conta, continuamos tomando a droga, porque ainda não a identificamos como a fonte do delírio.

A droga de que estou falando é o Grande Esquecimento. Assim como o pó-de-anjo cega seus usuários para o fato de que são feitos de carne e osso, o Grande Esquecimento nos cega para o fato de sermos uma espécie biológica de uma comunidade de espécies biológicas e de não sermos exceção, nem podermos ser exceção das forças que geram toda a vida deste planeta. O Grande Esquecimento cega-nos para o fato de que aquilo que não funciona para nenhuma espécie também não vai funcionar para nós. Assim como o pó-

de-anjo tenta as pessoas a fazerem coisas que seriam mortalmente perigosas para qualquer ser humano, o Grande Esquecimento tenta-nos a fazer coisas que seriam mortalmente perigosas para qualquer espécie.

Há muita gente que acha que é tarde demais para a humanidade se salvar. Ouço falar dessas pessoas diariamente e sinto muitíssimo por elas. Sua desesperança é compreensível, pois cometem o erro de tomar os efeitos da droga pela própria natureza humana. *Há* tempo para nós pararmos de tomar a droga e parar de dá-las aos nossos filhos. *Há* tempo para nós começarmos a Grande Recordação.

A obliteração do tribalismo

Expliquei agora mesmo que o Grande Esquecimento alimentou a ilusão de que o mundo era destituído de seres humanos até as pessoas da nossa cultura aparecerem, há apenas alguns milhares de anos. Como corolário dessa ilusão, achavam que a nossa cultura era não apenas a primeira cultura humana, a cultura humana original, mas a única cultura que Deus planejara para toda a humanidade. Esses delírios continuam nos afetando até hoje, e em todo o mundo — Oriente e Ocidente gêmeos idênticos, filhos dos mesmos pais —, mesmo que a verdadeira história das origens humanas, de conhecimento geral, obviamente não lhes dê qualquer fundamento.

Da forma como pensadores basilares da nossa cultura reconstruíram a história, os seres humanos surgiram no mundo com o instinto da civilização, mas, claro, sem experiência. Logo descobriram os benefícios óbvios da vida comunal e, a partir daí, o curso da civilização ficou nítido. Aldeias organizadas em torno de atividades agrícolas cresceram e se transformaram em cidadezinhas, estas em cidades grandes, as cidades grandes em reinos, e

assim por diante. Tudo estava claro, mas nem tudo era fácil, porque um instrumento-chave da vida social ainda não havia sido inventado: a lei. Desconhecendo até mesmo o conceito de lei, os cidadãos dessas primeiras cidades e reinos foram obrigados a suportar o crime, a desordem, a opressão e a injustiça. A lei foi uma invenção de importância vital para nos dar condições de viver em sociedade, a qual o processo de vida social ordeira teve de esperar, assim como a navegação pelos oceanos teve de esperar a invenção do astrolábio.

É de esperar que as leis tenham existido muito antes da escrita, mas não parece que foi isso o que aconteceu. Se as leis tivessem sido formuladas oralmente nas épocas que precederam a escrita, os textos mais antigos certamente seriam transcrições dessas leis — mas essas leis não são encontradas nesses textos. Na verdade, o código legal escrito mais antigo de que temos notícia, o Código de Hamurabi, data de 2100 a.C. aproximadamente.

Grosso modo, foi isso o que os pensadores basilares concluíram e foi isso que se transformou na sabedoria recebida da nossa cultura, impregnando todo o pensamento social — e os livros didáticos usados pelas crianças nas escolas do mundo inteiro, até mesmo o presente momento. Desnecessário dizer que essas idéias estão tão próximas da verdade quanto a história da carochinha segundo a qual os bebês são trazidos pelas cegonhas.

Agora vamos tirar os óculos escuros do Grande Esquecimento e dar uma olhada no que estava realmente acontecendo no mundo há dez mil anos. Membros da espécie *Homo sapiens* vinham saindo de seu berço, na África, há mais de cem mil anos e haviam chegado literalmente aos confins do mundo — e não estou dizendo que isso aconteceu recentemente. Na época de que estou falando, há dez mil anos, o Oriente Próximo, a Europa, a Ásia, a Austrália e o

Novo Mundo tinham sido ocupados pelos seres humanos modernos durante pelo menos vinte mil anos. E, longe de estar desabitado, o Oriente Próximo estava entre as áreas mais populosas do mundo — mais populosas, isto é, ocupada por povos tribais, como aqueles que eram encontrados em todo o mundo naquela época e como ainda são encontrados hoje nas regiões onde se permitiu que sobrevivessem.

Portanto, demos dois passos além do conto de fadas: os fundadores da nossa cultura não viviam num mundo desabitado, eram um povo tribal cercado por muitos outros povos tribais — e nenhum deles era novato em termos de cultura. Eram pessoas que vinham criando cultura há muito, muito, muito, muito, muito, muito tempo, o que significa que nenhum desses povos desconhecia o conceito de lei. Nem uma única vez em toda a história da antropologia foi descoberto um povo tribal sem um conjunto completo de leis — completo, isto é, para o modo de vida daquela tribo em particular.

Nunca saberemos o nome das tribos que habitavam a área relevante nessa época. Também nunca saberemos o nome da tribo em que surgiu o nosso modo de vida tão peculiar. Como seus descendentes passaram a ser chamados de Pegadores, vou lhes dar um nome que lhes faz um certo eco. Vou chamá-los de Pegas. Tomando essa apresentação como um prelúdio, vou lhes contar uma história que inventei — que, evidentemente, não deve ser tomada ao pé da letra, mas também não é um ridículo conto de fadas, como aquele que ouvimos dos que ainda estão cegos pelo Grande Esquecimento. É claro que existiu um povo como os Pegas (deve ter existido, senão não estaríamos aqui!) e certamente era um povo tribal cercado por outras populações tribais, que chamarei aqui Agas, Begas, Cegas, etc., até Legas.

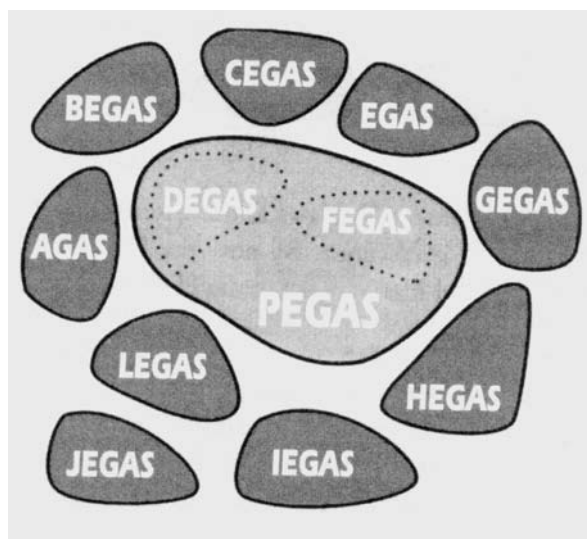


Esse desenho reflete duas realidades de importância vital para a vida da tribo. Primeiro, o fundo escuro da área de cada tribo é que destaca o nome da tribo. O que quero mostrar com isso é que cada tribo é definida pela singularidade e densidade de suas próprias leis e costumes. Não há, literalmente, nenhuma outra forma de distinguir uma da outra. As leis e costumes dos Agas são o que os distingue como tribo. As leis e costumes dos Begas são o que os distingue como tribo. As leis e costumes dos Cegas são o que os distingue como tribo, e assim por diante. Em segundo lugar, a linha divisória bem demarcada que circunda cada tribo deixa claro que as fronteiras culturais entre as tribos são impenetráveis. Um membro dos Begas não pode simplesmente resolver um belo dia tornar-se membro dos Hegas; uma coisa dessas seria impensável entre as populações tribais de qualquer parte do mundo.

Nessa época, é provável que algumas dessas populações tribais fossem agricultoras e outras fossem caçadoras-coletoras. Não há absolutamente nada de inusitado em encontrar os dois tipos vivendo lado a lado. Seja como for, sabemos que os Pegas (os criadores tribais do modo de vida que estamos acostumados a chamar de “modo de vida Pegador”) eram agricultores —

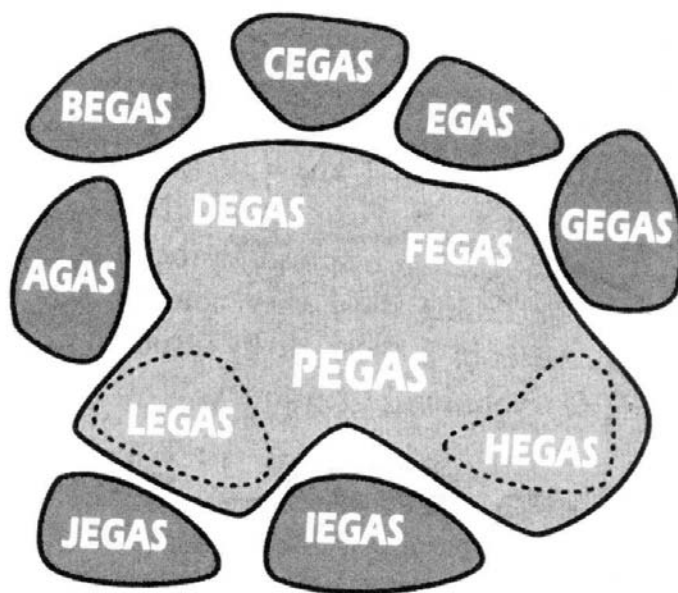
embora não haja motivos para supor que tenham inventado a agricultura. Sua invenção foi um novo *sistema* de agricultura — o sistema totalitário.

Mas a estupenda inovação dos Pegas não foi apenas um novo sistema de agricultura. Os Pegas tiveram a idéia notável e sem precedentes de que *todos* deviam viver como eles. É impossível exagerar o quanto isso os tornou inusitados. Não existe nenhum outro povo em toda a história que eu possa citar aqui que tenha transformado em objetivo fazer proselitismo entre seus vizinhos. Com certeza, nenhum povo tribal da história mostrou qualquer interesse em converter seus vizinhos ao seu modo de vida — e não tenho conhecimento de nenhum povo civilizado que tenha mostrado esse interesse. Os Maias, por exemplo, os Natchez e os Astecas não tinham interesse em disseminar seu modo de vida entre os povos que os rodeavam, até mesmo os que conquistaram. Os Pegas foram extremamente revolucionários nesse aspecto. Pela inspiração, pela persuasão ou pela agressão, a revolução Pega começou a engolfar seus vizinhos.

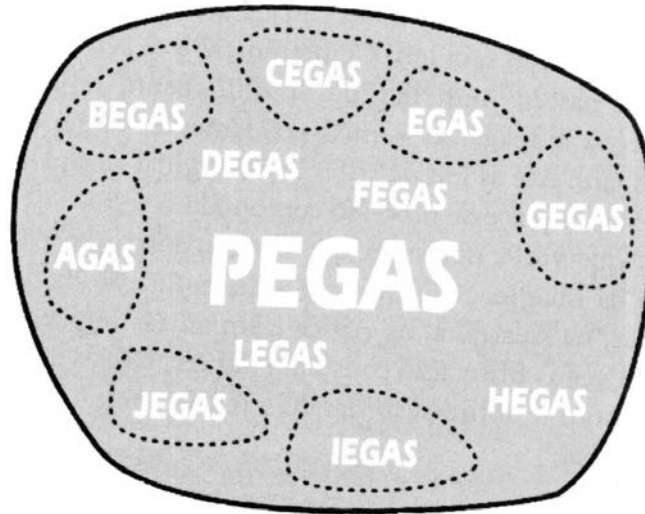


Ao adotar uma cultura comum, os Pegas, os Degas e os Fegas perderam obrigatoriamente uma parte da singularidade que um dia os definiu. É por isso que são representados com um cinza mais claro. As leis e costumes dos Pegas

não tinham muito sentido para os Degas ou para os Fegas. As leis e costumes dos Degas não tinham muito sentido para os Pegas ou para os Fegas. As leis e costumes dos Pegas não tinham muito sentido para os Pegas ou para os Degas. Como agora têm o mesmo modo de vida, as fronteiras culturais entre eles começam a se dissolver. Ser um Dega ou um Pega não é mais tão importante quanto foi um dia. O importante agora é que são aliados dos Pegas. É preciso lembrar que, nessa aliança, as leis e costumes dos Pegas não são mais relevantes que os de ninguém. Os Degas e os Pegas não se transformaram em Pegas. Só deixaram de ser tão Degas ou tão Pegas quanto antes.

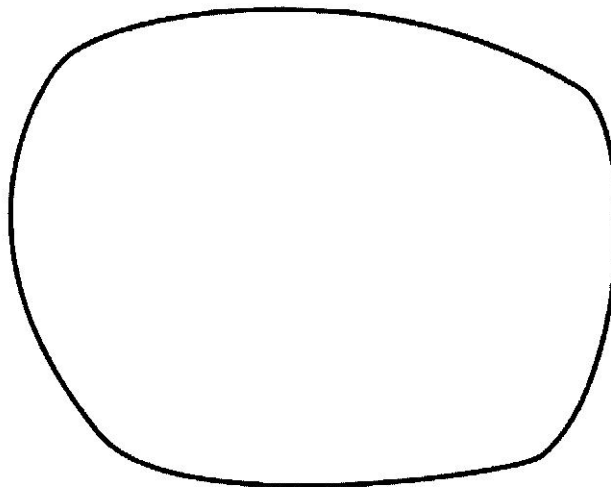


O processo continua. As leis e costumes das tribos continuam perdendo a importância até se tornarem irrelevantes. Agora, os Degas e os Fegas praticamente perderam sua identidade tribal, e os Hegas e os Legas logo terão o mesmo destino.



Por fim, os doze grupos originais foram incorporados numa única organização agrícola coletiva. Como as leis e os costumes tribais foram reduzidos a nada, a identidade das tribos apagou-se completamente. É fácil para um membro dos Agas viver entre os Hegas, assim como para um belga viver na França ou para um nova-yorkino viver em San Francisco.

Agora estamos prontos para mostrar a situação das leis nessa organização agrícola coletiva:



Os pensadores basilares da nossa cultura achavam que a nossa cultura surgiu num mundo sem leis. Como mostra essa série de desenhos, a nossa cultura nasceu num mundo absolutamente repleto de leis e depois começou a

apagá-las — inadvertidamente, tenho certeza (pelo menos no início). Até as leis da tribo Pega original desapareceram, tornadas irrelevantes por esse processo como todo o resto.

Gostaria que vocês notassem que essa reconstrução não é inteiramente obra da imaginação. Estudem a disseminação da nossa cultura nas Américas, na Austrália, na África e em outras regiões e não poderão deixar de ver a obliteração constante das leis tribais ao longo de seu avanço — e, com a obliteração das leis tribais, veio a obliteração da identidade tribal.

Sobre a natureza das leis reveladas

À medida que o tempo passava e o vácuo aumentava, tornou-se óbvio que uma nova forma de lei se fazia necessária. Como as leis tribais haviam se tornado obsoletas, nada restava agora senão começar a *inventar* leis...

Acho que qualquer pessoa que costuma falar em público acaba aprendendo a sentir quando tocou um ponto sensível e o público reage a ele. Foi o que senti exatamente depois de dizer que nada restava agora senão começar a *inventar* leis.

Claro que essa é uma idéia chocante, pois as leis podem ser tudo, *menos* inventadas; mas é exatamente isso o que se pode dizer sobre as leis tribais. As leis tribais *nunca* são leis inventadas, são sempre leis *reveladas*. Nunca são obra de comitês de indivíduos vivos, são sempre obra da evolução social. São criadas da mesma forma que o bico dos pássaros, ou as unhas da toupeira — pelo que funciona. Nunca são o reflexo da preocupação da tribo com o que é “certo”, “bom” ou “justo”; simplesmente *funcionam* — para aquela tribo em particular. Um exemplo vai mostrar...

Estou vendo que essa mulher aqui quer fazer uma pergunta urgente. Faça-a, por favor...

Sim. Vou repetir a pergunta para os que não conseguiram ouvi-la. É sobre a mutilação genital das mulheres entre os povos tribais, principalmente a extirpação do clitóris, disfarçada como uma forma de circuncisão feminina. Já estudei esse problema e não encontrei nenhuma população tribal intocada que tenha essa prática abominável. Ela é encontrada apenas entre povos que foram completamente absorvidos pela cultura Pega — e, em particular, pela cultura Pega no âmbito islâmico. A extirpação do clitóris não é defendida no Corão, mas seus praticantes acreditam que é aprovada pelo Islã e muito muçulmana; mas não é encontrada fora das áreas sob influência muçulmana. Uma confirmação clara do fato de que não é uma prática “tribal” é que não é encontrada entre povos que ainda vivem tribalmente, como, digamos, os Pagibetis ou os Yakas. É encontrada somente entre povos que abandonaram a identidade, as leis e os costumes tribais e agora pertencem à comunidade Pega maior de uma entidade política reconhecida como Senegal ou Mali.

Certo?

Eu estava dizendo que um exemplo vai mostrar a diferença entre as leis tribais reveladas e as leis inventadas pelos comitês. Os Alawas da Austrália lidam com o adultério da seguinte forma:

Vamos supor que você seja um homem solteiro da comunidade alawa. Encontra-se na infeliz circunstância de sentir-se atraído por Gurtina, mulher de seu primo em segundo grau — e de saber que ela se sente atraída por você. Bom, seu primo é um sujeito muito legal e você não o prejudicaria deliberadamente, mas essas coisas acontecem — você e a mulher dele são possuídos pela loucura do amor.

É realmente muito tocante e patético. Vivendo no mesmo acampamento,

vocês não têm como evitar se ver diariamente. Giram em torno um do outro como estrelas binárias, atraídos por uma força e afastados por outra. O que lêem nos olhos um do outro é claro, mas não comprovado. Vocês anseiam por comprovar o que vêem, mas... sabem o que a comprovação vai inevitavelmente custar.

Não tem importância. Logo vocês não agüentam mais. O fogo do amor está queimando os dois vivos. Um dia, ao passar pelos arredores do acampamento, você dá de cara com ela. Ela abaixa os olhos recatadamente, como sempre, mas você está completamente determinado.

“Hoje à noite”, você sussurra, “embaixo da árvore grande do outro lado do rio”.

Ela hesita um momento ao consultar o coração, mas também sabe que chegou a hora.

“Na hora em que a lua se põe?”, pergunta ela.

“Na hora em que a lua se põe”.

Ela concorda com um aceno de cabeça e vai embora correndo, com o coração explodindo de felicidade e terror.

Naquela noite, você chega um pouco antes, evidentemente, para preparar o leito de folhas, o ninho de amor. Gurtina finalmente vem em sua direção. Suas mãos se tocam. Vocês se abraçam. Ah!

Algumas horas depois, exaustos de prazer, vocês se sentam diante de uma fogueirinha e a vêem empalidecer diante da aurora que se anuncia. Vocês trocam um olhar e há mais coisas nesse olhar do que todos os beijos e carícias da noite inteira. Vocês testaram sua paixão. Agora, diz esse olhar, está na hora de testar o seu amor.

Com um suspiro, vocês apagam o fogo e voltam para o acampamento, procurando não mostrar que vem a contragosto. O rosto de ambos tem uma

expressão muito particular. Exultação seria infantil e insolente. Vergonha seria uma negação do amor. Em vez disso, o que se vê é algo como serenidade, aceitação, fortaleza. Ambos sabem o que vão ver e vêem de fato. De um dos lados do acampamento os homens estão bem organizados, já pulando de raiva. Do outro lado, as mulheres esperam, manifestando suas emoções reprimidas.

Você e Gurtina trocam outro olhar — mais rápido do que o bater da asa de um inseto — e depois são engolfados por uma onda de raiva. Os homens caem sobre você; as mulheres, sobre ela. Pedras, lanças e bumerangues voam pelo ar, clavas e enxadas são brandidos. Mas você não fica ali simplesmente apanhando — longe disso. Ambos revidam em defesa de seu amor, respondendo a gritos com gritos, a pedras com pedras, a lanças com lanças, a golpes com golpes, até todas as armas e combatentes estarem finalmente exaustos.

Gurtina, machucada e sangrando, é devolvida ao marido, e dizem a você para arrumar sua trouxinha e sumir para os quintos dos infernos se sabe o que é bom para você. Durante algum tempo, o corpo dos homens está exausto, mas não sua fúria, e, quando se recuperam, continua sendo jogo limpo acabar com você. Por isso você arruma sua trouxinha, pensando. Pensando muito. O teste do seu amor não acabou, só começou. Nas próximas horas é que o verdadeiro teste será feito e esse teste está apenas em sua cabeça e em seu coração. Você sai do acampamento, sabendo que ainda tem uma opção...

A questão é: você quer de fato essa mulher? Você a quer mais que qualquer outra coisa no mundo? Se a resposta for não, se houver a menor dúvida... é só você continuar em frente — perambular por aí durante algumas semanas. Ao voltar, a fúria dos homens terá abrandado. Eles vão zombar de você durante algumas semanas e depois esquecer aquilo tudo. Gurtina... ah, Gurtina vai saber quem você é de verdade, um sedutor covarde, um homem vazio, e ela

nunca vai esquecer. E, evidentemente há um preço a ser pago ao seu primo. Mas tudo isso é suportável. A alternativa, por outro lado... Você ronda o acampamento o dia todo, mantendo-se fora da vista e do alcance das pessoas, pensando. Mas, ao pôr-do-sol, você sabe que suas dúvidas desapareceram. Na escuridão crescente, você se aproxima furtivamente do acampamento, até o lugar onde sua amada está sendo vigiada. Discretamente vigiada.

Discretamente vigiada — para impedi-la de fugir com você. Ah, o requinte da vigilância! Entende seu efeito?

Gurtina tem sua própria opção a fazer, e você sabe — a mesma opção terrível que você. E a restrição de seus guardiães define e delimita a opção dela. Pois está sendo vigiada. Você, não. Você tem de provar sua coragem indo buscá-la. Ela não tem de provar a coragem dela indo atrás de você. E, na verdade, nem pode ir. Está sendo vigiada, você sabe. De modo que, se você *não* for buscá-la, ela não vai passar por nenhuma vergonha. Você, sim, é que vai passar vergonha.

Mas isso é apenas metade da história. Os guardas estão ali para proteger você também, porque Gurtina também tem de fazer sua opção. Será que ela realmente o quer? Será que ela realmente o quer mais que tudo no mundo? Se não o quiser — se houver a menor dúvida —, quando você fizer seu sinal ao pôr-do-sol, ela só precisa dar de ombros com uma expressão de desamparo, como quem diz: “Está vendo? Não posso fugir, meu amor, estou sendo muito bem vigiada”.

Desse modo, a presença dos guardas possibilita que ela manifeste sua opção de uma forma que não acabe com sua auto-estima. A presença dos guardas possibilita a ela encerrar o episódio todo num momento, sem uma única palavra, da forma mais indolor possível.

Agora notem bem que nada disso é ou foi elaborado racional ou

conscientemente, claro. Apesar disso, a vigilância sobre Gurtina é de fato curiosamente ineficaz. Eficaz o bastante para servir a todos os objetivos que acabei de mencionar — mas ineficaz o bastante para permitir-lhe escapar ao ouvir seu sinal, se essa for a vontade dela. Porque os Alawas são evidentemente sensatos o bastante para saber que, se ela o quer tanto assim, seria tolo tornar a fuga impossível.

O teste acabou agora. Você e ela tomaram a decisão. Agora é necessário pagar o preço. O preço por perturbar a vida da tribo, por banalizar o casamento aos olhos das crianças. E esse preço é, depois da própria morte, o mais alto possível: destribalização, exílio pelo resto da vida.

Ao ouvir seu sinal, Gurtina desliza por entre seus guardiães e, juntos por fim e para sempre, vocês dois têm de correr pela noite adentro, para nunca mais voltar. Agora estão viajando para a terra dos mortos. Destribalizados, vocês *estão* mortos para todos os que ficaram para trás e para todos os que conhecerem pelo resto da vida. Agora vocês estão realmente sem um lar, por sua própria vontade, sozinhos e à deriva num mundo imenso e vazio. Seu lar agora é o outro, que vocês preferiram à tribo. Não haverá companheirismo para vocês nunca mais, exceto aquele que encontram um no outro; nenhum amigo, nem pai nem mãe, nem tios ou tias, nem primos, nem sobrinhos e sobrinhas. Vocês jogaram tudo isso fora — para ter um ao outro.

E vocês sabem que se trata realmente de um preço que pagaram por sua própria vontade, não de um castigo. Ter um ao outro e continuarem vivendo na tribo seria impensável, vergonhoso e até pior que o exílio. Seria, na verdade, destruir a tribo, porque depois, que as crianças virem que não há preço a ser pago pelo adultério, o casamento se tornaria uma coisa ridícula, e a base da família e da própria tribo se desintegraria.

O que vocês vêem nesse exemplo é a eficácia estupenda da lei tribal. Sem nenhuma semelhança com uma lei inventada, que trata simplesmente de crimes e castigos, a lei tribal é algo que *funciona*. Funciona bem para todos os interessados. Um homem e uma mulher cujo amor é tão grande assim devem ter um ao outro, claro. Mas, por amor à tribo, eles têm de *ir embora* — sair para sempre da vista e da cabeça de todos os membros. As crianças da tribo viram com seus próprios olhos que casamento e amor não são as banalidades que se tornaram entre povos “avançados” como nós. A desonra do marido tem de ser vingada — e não haverá risinhos entre seus companheiros a respeito do assunto, pois estavam lado a lado com ele espancando os adúlteros.

Mas vocês talvez tenham uma pergunta a fazer a essa altura da história: por que os amantes devem voltar ao acampamento?

Ah, esse é exatamente o x do problema. A lei não funcionaria sem isso. Suponha que, depois de sua noite de amor, você sugerisse a Gurtina: “Escute, por que esperar outro dia para ficarmos juntos? Vamos fugir agora!”

Que ela pensaria? Pensaria o seguinte: “Oh, por que vim aqui? Que tipo de homem é esse? Um covarde, obviamente, que prefere que a gente desapareça na noite a que volte para enfrentar os outros e dizer: “Bem, aqui estamos! Façam todo o mal que puderem!”

E, se ela fizesse essa sugestão, você pensaria o mesmo dela. De modo que ambos *têm* de voltar...

Toda parte desse processo é a lei e toda pessoa que atua nele faz parte da lei. A lei para essas pessoas não é um estatuto separado, escrito num livro. É o próprio tecido de sua vida — é o que torna os Alawas Alawas e o que os distingue dos Maras e dos Malanugga-Nuggas — que têm suas *próprias* formas de lidar com o adultério, que é a melhor para *elas*. Nunca será demais dizer que não há só um modo de vida certo de acordo com o qual viver;

afirmar tal coisa é apenas a ilusão da cultura mais assassina e destrutiva que a história já produziu.

Tenho certeza de que é absolutamente evidente por si mesmo que essa lei do adultério não foi invenção de nenhum comitê. Não é uma improvisação ou uma tramóia, e *porque* não é uma improvisação nem uma tramóia tem importância para os Alawas. Talvez não tenha ocorrido a nenhum deles analisá-la da forma como a analisei aqui esta noite, mas isso não tem a menor importância. Eles não obedecem à lei dos Alawas porque ela resiste a análise. Eles obedecem à lei dos Alawas porque são Alawas, e abandonar a lei seria abandonar a própria identidade — seria tornar-se destribalizado.

O mundo dos destribalizados

Espero ter-lhes dado uma idéia do preço a ser pago para tornar-se parte da revolução Pegadora: destribalização — a perda das leis, costumes e identidade da tribo. Como a destribalização do Velho Mundo (quero dizer, do Oriente Próximo, do Extremo Oriente e da Europa) ocorreu milhares de anos antes dos documentos históricos mais antigos, tornou-se parte do Grande Esquecimento e, como tal, ficou invisível para os pensadores basilares da nossa cultura. Da forma como a reconstruíram em sua imaginação, os primeiros seres humanos eram apenas proto-urbanos — agricultores sem terra, aldeões sem aldeias, cidadãos sem cidades. Não poderiam imaginar um mundo inteiro de populações tribais se destribalizando ou, o que seria mais importante ainda, o que significava destribalizar-se. Quando olharam para o passado, viram povos se dispendo a construir a civilização, inerentemente já inclinados à civilização. Quando olhamos para o passado, mas não mais sob a influência do Grande Esquecimento, vemos algo muito diferente: povos inadvertidamente (mas

sistematicamente) obliterando um modo de vida extremamente bem sucedido — depois correndo feito loucos para improvisar algo para substituí-lo. Estamos correndo feito loucos desde então, e todo ano nossos legisladores e pensadores políticos voltam a se dedicar à tarefa incessante de tentar improvisar algo que funcionasse tão bem quanto o que destruímos.

Às vezes as pessoas me acusam de simplesmente estar apaixonado pelo tribalismo. Na verdade, dizem-me: “Se você o ama tanto, por que não vai praticá-lo e deixa o resto de nós em paz?”

Os que acham isso não entenderam absolutamente nada do que estou dizendo. O modo de vida tribal não é bom por ser belo ou admirável, ou por estar mais “perto da natureza”. Não é bom nem mesmo por ser “a forma natural de as pessoas viverem”. Para mim, isso é bobagem. É como dizer que a migração dos pássaros é boa porque é a forma natural de os pássaros viverem, ou que a hibernação dos ursos é boa porque é a forma natural de os ursos viverem. A vida tribal é boa porque foi *testada*. Durante três milhões de anos funcionou para as pessoas. Funcionou para as pessoas da mesma forma que os ninhos funcionam para os pássaros, da mesma forma que as teias funcionam para as aranhas, da mesma forma que as tocas funcionam para as toupeiras, da mesma forma que a hibernação funciona para os ursos. Isso não a torna admirável — isso a torna *viável*.

As pessoas também me dizem: “Bem, se era tão maravilhoso assim, por que não durou?”.

A resposta é: durou, sim — durou até o presente momento. Continua funcionando, mas o fato de algo funcionar não o torna invulnerável. Tocas, ninhos e teias podem ser destruídos, mas isso não muda o fato de *funcionarem*. O tribalismo *pode* ser destruído e, na verdade, *está* destruído em grande parte, mas isso não muda o fato de ter funcionado durante três milhões

de anos e ainda funcionar como sempre funcionou.

E o fato de o tribalismo funcionar não significa que uma outra coisa também não possa funcionar. O problema é que a nossa alternativa particular *não* está funcionando — não está funcionando e *não tem condições* de funcionar. Traz consigo as sementes da destruição. No fundo, é instável. E, infelizmente, teve de alcançar proporções globais antes de sua natureza instável ser reconhecida.

É importante compreender que o nosso experimento não é o único em termos de modo de vida que existe neste momento. Os pássaros fazem experimentos com os ninhos — foi assim que os ninhos evoluíram no começo e é assim que continuam a evoluir. As toupeiras fazem experimentos com as tocas — foi assim que as tocas evoluíram no começo e é assim que continuam a evoluir. As aranhas fazem experimentos com as teias — foi assim que as teias evoluíram no começo e é assim que continuam a evoluir. Não temos condições de saber quais foram os experimentos feitos na cultura humana no Velho Mundo — eles foram todos obliterados pelo experimento Pegador — mas agora sabemos muito sobre os experimentos que estão sendo feitos em outros lugares. O fascinante neles é que essas variantes culturais estão sendo testadas, exatamente como são testadas as variantes de uma espécie. O que funcionou sobrevive, o que não funcionou desaparece, deixando para trás os restos fossilizados — valas de irrigação, estradas, cidades, templos, pirâmides. Por toda parte, as pessoas procuraram alternativas para o modo de vida tradicional das tribos — caça e coleta. Viram a agricultura de tempo integral e o sedentarismo, mas, quando seu experimento particular não funcionava, estavam preparadas para abandoná-lo — e foi o que fizeram muitas e muitas vezes. Era considerado um grande mistério. Que foi feito desses antigos construtores que criaram cidades estranhas a partir das florestas e desertos?

Será que desapareceram numa outra dimensão? Não, simplesmente desistiram. Simplesmente voltaram a fazer algo que sabiam que funcionava.

O que torna o experimento Pegador diferente de todos esses foi a crença peculiar de que o modo de vida Pegador era o modo pelo qual as pessoas *deviam* viver — pessoas de todos os lugares, para sempre, aconteça o que acontecer. Para os Pegadores, não tinha importância se esse modo de vida funcionava ou não. Não tinha importância se as pessoas gostavam dele ou não. Não tinha importância se as pessoas sofriam ou não os suplícios do inferno. Esse era o *único modo certo* de viver. Essa idéia bizarra impossibilitou que as pessoas desistissem dela, por pior que fosse. Se não funcionar, azar seu.

Se não funcionar, azar seu

E foi um azar daqueles.

Não é difícil imaginar o que levou as pessoas a se apegar à vida tribal — e faz com que se apeguem a ela em todos os lugares onde ela ainda exista. As populações tribais têm a sua devida medida de sofrimento, mas, na vida tribal, ninguém sofre sem que *todos* sofram. Não se espera que haja uma classe ou grupo que sofra por todos — e nenhuma classe ou grupo está imune ao sofrimento. Se vocês acham que isso parece bom demais para ser verdade, verifiquem. Na vida tribal não há governantes de quem falar; os mais velhos ou os chefes — quase sempre em regime de meio período — exercem mais influência do que poder. Não há nada equivalente a uma classe dominante — nem a uma classe rica ou privilegiada. Não há nada equivalente a uma classe operária — nem a uma classe pobre ou desprotegida. Se isso parece ideal... bom, por que não seria, depois de três milhões de anos de tentativas? Vocês não se surpreenderiam se a seleção natural organizasse os gansos de uma

forma que funcionasse bem para os gansos. Vocês não se surpreenderiam se a seleção natural organizasse os elefantes de uma forma que funcionasse bem para os elefantes. Vocês não se surpreenderiam se a seleção natural organizasse os golfinhos de uma forma que funcionasse bem para os golfinhos. Por que se surpreenderiam se a seleção natural organizasse seres humanos de uma forma que funcionasse bem para os seres humanos?

Inversamente: por que vocês se surpreenderiam se os fundadores da nossa cultura, depois de esquecer um modo de vida testado durante um período correspondente a três milhões de anos, fossem incapazes de improvisar um substituto igualmente bom? Na verdade, é uma tarefa admirável. Estamos trabalhando nela há dez mil anos, não estamos?

A primeira coisa a desaparecer foi exatamente o que tornou a vida tribal um sucesso: seu igualitarismo social, econômico e político. Assim que nossa revolução começou, o processo de divisão também se iniciou, o processo de divisão entre governantes e governados, ricos e pobres, poderosos e impotentes, senhores e escravos. A classe sofredora havia chegado, e essa classe (como sempre será) era constituída pelas massas. Não vou repetir uma história que todos conhecem. Só alguns milhares de anos separam os primórdios da nossa cultura em aldeias agrícolas primitivas da era dos reis divinos, quando as classes governantes viviam num esplendor assombroso e o resto — as massas sofredoras — vivia como gado.

Por fim, entramos na era histórica. O Grande Esquecimento completou-se. A vida tribal tinha desaparecido havia milhares de anos. Ninguém de todo o mundo civilizado, no Oriente ou no Ocidente, lembrava-se de uma época em que pessoas absolutamente comuns — o tipo de gente que constitui as massas sofredoras — viviam bem, e a sociedade humana não estava dividida entre aqueles que deviam sofrer e aqueles que estavam imunes ao sofrimento.

Todos achavam que sempre tinha sido assim. Todos achavam que essa era a natureza do mundo — e a natureza do homem. Começaram a achar que o mundo era um lugar ruim. Começaram a pensar que a existência é um mal. Começaram a achar (e quem pode culpá-los?) que no fundo havia algo errado com os seres humanos. Começaram a achar que a humanidade estava condenada. Começaram a achar que a humanidade estava amaldiçoada.

Começaram a achar que era preciso alguém para *nos salvar*.

É importante que vocês compreendam que nenhuma dessas idéias foi uma consequência da vida tribal — ou que poderia ter sido uma consequência da vida tribal. Essas são idéias que você pode esperar que surjam entre pessoas que estão levando uma vida angustiada, uma vida sem sentido. Você pode obrigar as pessoas a viver como gado, mas não pode obrigá-las a achar que estão vivendo bem. Você pode torná-las impotentes, mas não pode impedi-las de sonhar. As massas sofredoras sabiam que estavam sofrendo — sabiam que algo estava desesperadamente errado — sabiam que *precisavam* de algo. E o que elas precisavam era de *salvação*.

A origem e causa do sofrimento humano — e os meios de acabar com ele — tornou-se a primeira grande preocupação intelectual e espiritual da nossa cultura, isso por volta de quatro mil anos atrás. Os três milênios seguintes veriam o desenvolvimento de todas aquelas religiões destinadas a se tornarem as principais religiões de nossa cultura — hinduísmo, budismo, judaísmo, cristianismo e islamismo —, e cada uma delas tinha sua própria teoria sobre a origem e causa do sofrimento humano e seu próprio método para acabar com ele, para transcendê-lo ou para conviver com ele. Mas todas elas estavam unidas por uma única visão central: quer seja a liberação da roda interminável de morte e renascimento, quer seja a união bem-aventurada com Deus no céu, a salvação é o mais elevado objetivo humano, inimaginavelmente acima de

qualquer outro como riqueza, felicidade, honra ou fama e todos nós estamos absolutamente sozinhos no universo com ele. Não existe um mercado onde o nirvana, o mérito, a graça ou o perdão dos pecados possam ser comprados. Nenhum pai, mãe, cônjuge ou amigo pode obter a salvação para você por qualquer meio que seja. E, como nada se compara nem remotamente com ela em termos de valor, a salvação é a única coisa da qual você pode ser total e irrepreensivelmente egoísta. Sua salvação não está em segundo lugar em relação a nada — amizade, lealdade, gratidão, honra, rei, país, família. Em todo o universo das possibilidades, nem uma única delas tem precedência sobre sua salvação, e qualquer pessoa que lhe peça que coloque alguma coisa na frente dela está pedindo demais — seja o que for — e pode receber uma recusa sem a menor hesitação, reserva ou pedido de desculpas.

B é o Anticristo?

Finalmente, estamos prontos para enfrentar o problema mais difícil que tantos de vocês me apresentaram pedindo uma solução. Muitas e muitas vezes, vocês me perguntaram: “Diga-nos como responder aos que o acusam. Diga-nos como explicar que você *não* é o Anticristo!”

Vocês têm de começar entendendo o que o Anticristo representa. Todos os que fizeram comentários sérios sobre o assunto concordam que *Anticristo* é apenas o último nome para uma personagem antiga das lendas religiosas da nossa cultura — muito mais antiga do que o Cristo, a quem esse nome o torna oposto. Em outras palavras: ele não representa somente a antítese de Jesus. Todas as nossas religiões salvacionistas temeram o surgimento de alguém que afastasse os virtuosos dos caminhos da salvação. O Anticristo não é somente a antítese de Jesus, é igualmente a antítese do Buda, de Elias, de Moisés, de

Maomé, de Nanak*, de Joseph Smith, de Marahaj Ji — de todos os salvadores e todos os que prometeram a salvação nesse mundo. Na verdade é o Anti-Salvador.

Junto com a lenda do Anticristo vem a idéia bizarra e quase ridícula de que sua atração maciça e global será sua perversidade desenfreada. Isso mostra que as nossas religiões salvacionistas não têm uma opinião muito boa de seus membros. É por isso que nos desprezam, pois pensam que ansiamos pelo mal, pela perversidade e pela corrupção e que seguiremos, como escravos, qualquer um que nos prometa essas coisas.

Por isso agora estou finalmente preparado para lhes dizer como responder a quem acusa B. Quando alguém lhes disser: “B é o Anticristo”, não pensem que estão fazendo algo admirável se responderem:

“Ah, não, não, não, você não está entendendo”. Esses que estão me acusando entendem, *sim*.

Quando lhes disserem: “B é o Anticristo”, vocês devem lhes responder o seguinte: Sim, você tem razão — toda a razão. B quer roubar o coração das pessoas, o coração que está com vocês, para que o mundo possa viver. B quer juntar a voz de todos os seres humanos de todo o planeta numa única voz cantando: ‘O mundo deve viver, o mundo deve viver!’ Somos apenas uma espécie entre bilhões. Os deuses não nos amam mais do que amam as aranhas, os ursos, as baleias ou os lírios. A era do Grande Esquecimento acabou, e todas as suas mentiras e ilusões terminaram. Agora lembramos quem somos. Os querubins, serafins, tronos, anjos do sétimo coro e potências não fazem parte da nossa família. Quem faz parte da nossa família são as efeméridas, os lêmures, as serpentes, as águias, os texugos. A cegueira que sofremos durante o Grande Esquecimento diminuiu e, por isso, não achamos mais que o homem nasceu imperfeito. Não achamos mais que os deuses fizeram um trabalho

malfeito quando chegou a nossa vez. Não achamos mais que eles sabem fazer todas as coisas de todo esse vasto universo, com exceção do ser humano. A cegueira que sofremos durante o Grande Esquecimento passou e, por isso, não vivemos mais como se nada importasse além de nós. Não podemos mais acreditar que o sofrimento é a sina que os deuses escolheram para nós. Não podemos mais acreditar que a morte é uma libertação maravilhosa para o nosso verdadeiro destino. Não ansiamos mais pelo nada do nirvana. Não sonhamos mais em usar coroas de ouro na corte real do céu.

Digam-lhes: “Vocês têm razão ao pensar que estamos abandonando o caminho da salvação. Estamos abandonando o caminho *exatamente como vocês sempre temeram que fizéssemos*. Mas ouçam: não estamos trocando o caminho da salvação pelo caminho do pecado e da corrupção, como vocês sempre *imaginaram* que faríamos. Estamos abandonando o caminho da salvação porque lembramos que um dia fizemos parte do mundo e éramos felizes por isso. Estamos abandonando o caminho da salvação — não por amor ao vício e à perversidade, como vocês desdenhosamente imaginaram que faríamos. Estamos abandonando o caminho da salvação por amor ao mundo, algo com que vocês nunca sonharam uma única vez que fosse durante os mil anos em que sonharam”.

O evangelista João escreveu: “Vocês não devem amar o mundo ou as coisas do mundo, pois os que amam o mundo são estranhos ao amor do Pai”. Depois, apenas duas frases mais abaixo, ele afirmou: “Filhos, a hora final aproxima-se! Vocês ouviram dizer que o Anticristo está chegando! Ele não é um, mas muitos, e, quando os muitos que são ele estiverem entre nós, vocês saberão que a hora final chegou”.

João sabia sobre o que estava falando. Estava certo ao advertir seus seguidores contra os que amam o mundo. Nós *somos* aqueles de quem ele

estava falando, e esta é a hora final — mas é a hora final *deles*, não a nossa.
Eles tiveram o seu dia e esta é de fato a hora final desse dia.

Agora começa o nosso dia.

*** Baba Nanak (1469-1539), fundador do sikhismo e o primeiro na sucessão dos dez gurus sikhs. (N. do E.).**